



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

ALCIDÉIA MARGARETH ROCHA TRANCOSO

CATIMBÓ ZEN: EXISTÊNCIAS COMPARTILHADAS
UMA FILHA DA FOLHA E OS EXUS ZAMBARADO E CALUNGA DA CALUNGA GRANDE EM ARTE,
CLÍNICA, EDUCAÇÃO, ALEGRIA E CURA

Campinas
2024

ALCIDÉIA MARGARETH ROCHA TRANCOSO

CATIMBÓ ZEN: EXISTÊNCIAS COMPARTILHADAS

**UMA FILHA DA FOLHA E OS EXUS ZAMBARADO E CALUNGA DA CALUNGA GRANDE EM ARTE,
CLÍNICA, EDUCAÇÃO, ALEGRIA E CURA**

*Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em
Educação da Faculdade de Educação da Universidade
Estadual de Campinas como parte dos requisitos
exigidos para a obtenção do título de Doutora em
Educação, na área de concentração Educação.*

Orientadora: Profa. Dra. Alik Wunder

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE
DEFENDIDA PELA ALUNA ALCIDÉIA MARGARETH ROCHA
TRANCOSO [DÉA TRANCOSO], ORIENTADA PELA PROFA.
DRA. ALIK WUNDER.

Campinas
2024

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

T686c Trancoso, Alcidéia Margareth Rocha, 1964-
Catimbó Zen : existências compartilhadas - uma filha da folha e os Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande em arte, clínica, educação, alegria e cura / Alcidéia Margareth Rocha Trancoso. – Campinas, SP : [s.n.], 2024.

Orientador: Alik Wunder.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP),
Faculdade de Educação.

1. Exu. 2. Existências compartilhadas. 3. Metodologia das sutilezas. 4. Filosofia da diferença. I. Wunder, Alik. II. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Zen Catimbó : shared existences - one daughter of leaf e os "Exus" Zambarado and Calunga da Calunga Grande en art, clinic, educacion, joy and healing

Palavras-chave em inglês:

Êsù

Shared existence

Methodology of subtleties

Philosophy of difference

Área de concentração: Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Alik Wunder [Orientador]

Antônio Carlos Rodrigues de Amorim

Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel

Ana Maria Godinho Gil

Ana Lúcia Gomes da Silva

Data de defesa: 27-03-2024

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-6480-1689>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3316047200602725>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

TESE

ALCIDÉIA MARGARETH ROCHA TRANCOSO

CATIMBÓ ZEN: EXISTÊNCIAS COMPARTILHADAS
UMA FILHA DA FOLHA E OS EXUS ZAMBARADO E CALUNGA DA CALUNGA GRANDE EM ARTE,
CLÍNICA, EDUCAÇÃO, ALEGRIA E CURA

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Alik Wunder
Prof. Dr. Antônio Carlos Rodrigues de Amorim
Profa. Dra. Ana Carolina Arruda de Toledo Murgel
Profa. Dra. Ana Maria Godinho Gil
Profa. Dra. Ana Lúcia Gomes da Silva
Prof. Dr. Kristoff Silva

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2024

Dedico esta tese à Ítalo Naddeo, em memória.

GRATIDÃO! LAROYÊ! MOJUBÁ!

Pombagiras e Exus que seguem teimando em doutorar nas brechas: Pandora, Eva, Lilith, Maria Navalha, Maria Padilha, Cigana, Cigana da Calunga, Rosa Negra, Sofia, Yel Luzbel, Tiriri Onã, Tranca Ruas, Zé Pelintra, Zambarado, Calunga da Calunga Grande, Calunga da Calunga Pequena, Zé Mulatinho, Sete, Tronqueira, Tatá Caveira, Camisa Listrada, Marabô, Sete Cadeado, Onã. Povo do Centro Espírita Umbandista Pai José de Aruanda [CEU]: João Bosco de Oni, Andréa de Ojá, Carol, Bruno, Juliete, Alex, Felipe, Argremon, Virgílio, Ivna, Rosinha. Lúcio Flávio Villar: amizade que insiste no maravilhoso.

Gilles Deleuze&Félix Guattari que habitam nosso desejo de continuar produzindo intervalos por onde a vida possa se infiltrar e florescer. Michel Foucault: não tenho palavras para agradecer o seu cirúrgico modo de nos obrigar a rever os liames entre verdade e sujeito, desencravando-os da gleba castiça do cogito e enlinhando-os na precariedade da vida errante, pensando-os a partir do erro: que revolução, Michel, que revolução! Giorgio Agamben: Agam, eu te amo! Ailton Krenak: *taru andé* que cola minha cabeça no corpo para que eu siga colando meu corpo nos mundos atribulados de Exu.

Silvia Paes, a feiticeira que me orientou no Mestrado em Estudos Rurais na inesquecível Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri: grata pelo Devir-Deleuze que me torna cada vez mais radicalmente viva! Alan Faber do Nascimento, meu orientador no mesmo mestrado [sim, eu tive essa sorte: dois orientadores fabulosos], que partilhou comigo seu amor pelo método e pela construção de técnicas metodológicas artesanais, corporificadas e emancipatórias. Alik Wunder, minha orientadora do doutoramento, para quem não tenho adjetivos, só verbos: deleuzear, lapoujadar, ingoldiar, cocciar, krenakear, indigenar, escutar, acolher, ler, reler, escrever, desenhar, cantar, compor, alinhar, realinhar, silenciar. Que beleza é a sua pajelança! Antônio Carlos Rodrigues de Amorim, nosso AC: minha admiração pelo educador corajoso, gregário e ressonante. Meus colegas de Humor Aquoso: viva a nossa intrépida Linha 8! Ana Lúcia Gomes e Juliana Salvadori, do Grupo de Pesquisa Diversidades, Discursos e Formação na Educação Básica e Superior [DIFEBA/CNPq], da Universidade do Estado da Bahia: gratidão imensa pelo convite para colaborar com os estudos deleuzeanos e pós-deleuzeanos do Mestrado em Educação e Diversidade. Ana Godinho Gil, minha interlocutora no Estágio de Doutorado Sanduíche, pelo Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, me empurrou para um abissal Deleuze e seu duplo Deleuze&Guattari, tingindo mais Exu neles, qualificando meu mergulho e ampliando as possibilidades de escriturar as **Existências Compartilhadas** de modo intensivo, sem achatar as estéticas.

Francisco Trancoso de Oliveira: grata pela aventura do pensamento como uma arte do cotidiano, meu filho amado. Margarida Rocha Trancoso, minha mãe, essa rosa do deserto, resistente e alegre, que segue me educando para o básico: produzir alegria.

Coordenação de Pessoal de Nível Superior [CAPES]: obrigada!

Laroyê, Exu, mojubá!

Os seres humanos foram criados, mas também os profetas, os iconoclastas, os artistas, os loucos, os poetas, os monstros. Tudo existe lado a lado como desenhos gigantes que mudam o tempo todo. Da mesma maneira, devem existir inúmeras realidades. Não apenas a realidade que percebemos com a nossa obtusa sensibilidade, mas um tumulto de realidades arqueando-se uma em cima da outra, por dentro e por fora, pensando e sentindo...

Ingmar Bergman

O sétimo selo

É que acreditar já não é acreditar num outro mundo ou num mundo transformado. É simplesmente acreditar no corpo. É entregar o discurso ao corpo e, para isso, atingir o corpo, antes mesmo que as coisas sejam nomeadas.

Gilles Deleuze

Cinema 2: a imagem-tempo

RESUMO

Essa pesquisa é uma **Oficina Híbrida Aberta** que abriga uma tese de Doutorado em Educação pela Unicamp/FE, na Linha 8: Linguagem e Arte em Educação, experimentando *levar a sério* o que agencia o exercício de pensamento, método e produção de vida e conhecimento em Exu e em Deleuze&Guattari: o *cromatismo generalizado* e suas espantosas e incômodas encruzadas transdisciplinares. Um *cromatismo generalizado* que é o polímata e exaustivo paradigma da terra. Nele, gaia é um território artístico, a partir da floresta como usina de lisérgias e delírios. Nele, a **Movimentação do Movimento** é a pulsão filosófica de Exu, a partir de amplos devires que nos espelham e nos esperam. Gaia, Exu e Sofia [como os cartógrafos de Suelly Rolnik] trabalham com tudo que está ao alcance para produzir **Existências Compartilhadas** que perseverem a vida. Aqui, os compartilhamentos são com a **OLD** [Ontologia Lisérgica em Devir] Déa Trancoso, um estar gaiano cuja aventura é reativar o que Deleuze chama de elo entre o humano e o mundo. A peripécia, então, é **gerar pensamento como arte, clínica, educação, alegria e cura. [Filosofia como política, produção e remédio]**. Guattari pergunta como sairemos disso que fraturou o elo entre as humanidades e o mundo. Por onde ouvir? Por onde ver? No ofertório dos Exus Zambarado e Calunga da Calunga Grande, há o **Catimbó Zen**, uma *ecologia de práticas* que ativam a possibilidade de restituir nossa crença novamente naquilo que nos acontece, propondo modos corporificados de [re]inventar a graça como necessidade soberana [mental, política, social e espiritual], o desejo de Ana Godinho Gil. É uma crença religiosa? Não. **Acreditar, aqui, é acreditar no elo entre a cabeça e o corpo e entre o corpo e a produção de brechas**. Aqui, como em Deleuze&Guattari e Godinho Gil, o sujeito é o próprio elo [a brecha]. Mas, a tarefa, à primeira vista óbvia e simples, é árdua e não acaba nunca. Estamos entre as ruínas de uma terra arrasada pelo hipercapitalismo. A guerra contra a natureza empreendida pelas máquinas capitais é o elo rompido e já é mais catastrófica do que quaisquer outras tragédias. A devastação segue estilizando o elo: matando, interrompendo e depauperando o nascimento [e a duração] de **Vitalidades Odaras** criativas e produtoras. A pergunta de Guattari se atualiza em emergência: Como escapar? Como advogar a vida? Como advogar a vida no campo da educação? Como criar um cotidiano de clínicas heterogêneas [como pede Godinho Gil] para colocar em funcionamento as tais partes melhores de nós, ativando-as em grandes atos coletivos [como pede Guattari]? A **Metodologia das Sutilezas** pode ser um dispositivo mais corriqueiro para pesquisas em ciências humanas e sociais como pede Giorgio Agamben? Como viver e produzir conhecimento a partir desse postulado que atravessa o pensamento imanente [desde antes de Spinoza] e vira premissa da ética ecosófica guattariana: a cabeça colada no corpo e o corpo colado no mundo? Como cantar e dançar por entre ruínas? Talvez, devamos começar [segundo Ailton Krenak e o **Catimbó Zen** de Exu] manufacturando um corpo *taru andé* radicalmente vivo para refazer a amizade com a terra, o verdadeiro sujeito.

Palavras-chaves: Exu, Modos de Existência, Existências Compartilhadas, Metodologia das Sutilezas, Estéticas Pós-Deleuzeanas.

ABSTRACT

This research is an **Open Hybrid Workshop** that hosts a doctoral thesis in education by Unicamp/FE, in Line 8: Language and Art in Education, experimenting *with taking seriously* what drives the exercise of thought, method, and the production of life and knowledge in Èsù and in Deleuze&Guattari: *generalized chromatism* and its astonishing and uncomfortable transdisciplinary intersections. A *generalized chromatism* that is the polymathic and tiresome paradigm of the earth. In it, gaia is an artistic territory, stemming from the forest as a factory of both lysergy and delirium. In it, the **Moving of Movement** itself is Èsù's philosophical drive, based on broad becomings [devenir] that mirror and await us. Gaia, Èsù and Sofia [as the cartographers of Suely Rolnik] work with everything within reach to produce **Shared Existences** that persevere life. Here, the sharings are with the **OLD** [lisergic ontology in becoming] Déa Trancoso, a gaian mode whose adventure is to reactivate what Deleuze calls the link between what is human and the world. **The adventure, then, is to generate thought as art, clinic, education, joy and healing.** Guattari asks how will we get out of this that fractured the link between the humanities and the world. From where to listen? Here to see? In the exuberant offertory of the Èsù's "Zambarado" and "Calunga da Calunga Grande" there is **"Zen Catimbó"** as a set of practices that activate the possibility of restoring our belief again in what happens to us, as desires the *organless body* of Deleuze&Guattari: proposing embodied ways of [re]inventing grace as a sovereign necessity [mental, social and political] as Ana Godinho Gil desires. Is it a religious belief? No. To believe, here, is to believe in the link between the head and the body and between the body and the production of gaps. Here, as in Deleuze&Guattari and Godinho Gil, the subject is the very link. But the task, at first glance obvious and simple, is arduous and never-ending. We are amidst the ruins of a land ravaged by hypercapitalism. The war against nature undertaken by capital machines is the broken link and is already more catastrophic than any other tragedies. Devastation continues to shatter the link: killing, interrupting and impoverishing the birth [and duration] of creative, productive and **"Odaran Vitalities"**. Guattari's question is updated in an emergency: how to escape? How to advocate for life? How to advocate for life in the field of education? How to create an everyday life of heterogeneous clinics [as Godinho Gil asks] to set in motion the best parts of us, activating them in large collective acts [as Guattari asks]? Can the **Methodology of Subtleties** be a more commonplace device for research in human and social sciences as Giorgio Agamben asks? How to live and produce knowledge from this postulate that runs through immanent thought [since before Spinoza] and becomes a premise of guattarian ecosophic ethics: the head linked to the body and the body linked to the world? How to sing and dance amidst ruins? Perhaps we should start [according to Ailton Krenak and Èsù & **"Zen Catimbó"**] by manufacturing a radically alive *"taru andé"* body to remake friendship with the Earth, the true subject.

Keywords: Èsù, Modes of Existence, Shared Existences, Methodology of Subtleties, Post-Deleuzian Aesthetics.

LISTA DE IMAGENS

Imagens 1, 10, 15, 27, 29, 71: cards avulsos em bricolagem da série “Mandiga digital” especialmente produzidos para a tese por Raíssa Padial Corso, 2020.

Imagens 2, 3, 4, 5, 6: registros fotográficos por Geovana Jardim em Pied-de-Port, França, 2022.

Imagens 7, 8, 9, 12, 13, 14, 16, 28, 31-51, 53, 54-69, 70: produções autorais confeccionadas entre 2020 e 2024^ψ. Destaques para: 28 [bricolagem sobre ponto riscado do Exu Zé Pelintra, 2019], 31-51 [desenhos para o exercício “Flechas gaianas para um solstício de verão”, 2021], 52 [registro fotográfico do céu do dia 21 de dezembro de 2021 visto da janela do meu quarto em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, América do Sol, na terceira hora grande, 18h em ponto] e 54-69 [fabulações sobre o eu legião], 70 [excel *cores audíveis* para cartas ao vento].

Imagens 17, 19, 23, 24, 26, 52: registros fotográficos de Marcelo Oliveira em viagem que desceu o Rio Jequitinhonha para a produção do álbum “Tum tum tum”, da nascente, no Serro, Alto Jequitinhonha, à Almenara, Baixo Jequitinhonha, 2000.

Imagem 11: e-mail de Alik Wunder, recebido em 29 de dezembro de 2020.

Imagens 20, 21, 22: registros fotográficos de mestras/mestres por Lori Figueiró, 2008-2020.

imagem 25: escultura em cerâmica “A mulher amamentando”, da artesã Isabel Mendes da Cunha, de Araçuaí, Médio Jequitinhonha, premiada pela Unesco. Acervo do Museu da Casa do Pontal, Rio de Janeiro, Brasil, América do Sol, 2004.

Imagem 18: mapa pictórico do Vale do Jequitinhonha por Rômulo Vianna. Parte integrante do livro “Estórias de luz – narrativa fotográfica do Vale do Jequitinhonha”, de Marcelo Oliveira, 2009.

Imagem 30: desenho de Padu [Padaursa] feito especialmente para Monja Lib, 2018.

LISTA DE ÁUDIOS

Áudio 1: “Keô Elegbara – abertura”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Voz: Lúcio Flávio Villar.

Áudio 2: “Qual palavra?”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Voz e contracantos: Daísa Munhoz.

Áudio 3: “Corpo”, faixa do álbum “Serendipity”, 2012 [Déa Trancoso]. Sitar indiano: Gabriel Guedes, voz: Déa Trancoso.

^ψTécnicas utilizadas: esboços a lápis realizados com a mão esquerda e desenhos finais realizados com a mão direita [dica de Zambarado], a partir de tintas aquareláveis tradicionais fosca/brilhosa e orgânicas feitas de terras e vegetações do Vale do Jequitinhonha, glitter, tinta para pintura a dedo, cola colorida, lápis de cor aquareláveis, borra de café, pigmentos de flores e folhas, materiais de maquiagem [sombras, batom, lápis de contorno de olho, blush, pó compacto etc], esmaltes, pincéis de tamanhos variados, cotonete de ouvido, algodão, espumas, papel laminado, papel para aquarela gramatura 300 em tamanho A4 e A5.

Áudio 4: “O voo de Sofia”, faixa do álbum “Canções guardadas nas dobras do tempo”, 2023 [Déa Trancoso e Regina Machado]. Guitarras: Luíza Brina, vozes: Déa Trancoso e Regina Machado.

Áudio 5: “Balanço” [Arnaldo Black e tetê Espíndola, faixa do álbum “Gaiola”, 1985 [Tetê Espíndola]. Voz: Tetê Espíndola, piano: Egberto Gismonti.

Áudio 6: “Sunyata”, faixa do álbum “Canções guardadas nas dobras do tempo”, 2023 [Déa Trancoso e Regina Machado]. Voz: Déa Trancoso, Violões: Regina Machado e Luíza brina.

Áudio 7: “Cosmogênese”, faixa do álbum “Canções guardadas nas dobras do tempo”, 2023 [Déa Trancoso e Regina Machado]. Voz e Cuatro venezolano: Déa Trancoso, Violões: Regina Machado e Luíza brina.

Áudio 8: “Deixa a porta aberta” [Déa Trancoso]. Faixa do álbum “Vozes da esperança”, 2021. Violão, cuatro venezolano e ukelele: Jorge Ribbas, trombone: Feldman Oliveira, bateria: Cláudio Montevérdi, percussão: Cássia Maria, voz: Déa Trancoso, coro: Déa Trancoso, Socorro Lira, Breno Ruiz e Cássia Maria. Canção selecionada em edital público nacional.

Áudio 9: “Rainha”, faixa do álbum Tum Tum Tum, 2007 [Déa Trancoso]. Voz: Déa Trancoso, violões: Tabajara Belo.

Áudio 10: “Monja Lib, a mulher que vomitava desertos”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Voz: Titane.

Áudio 11: “Carta de Pandora ao Sapiens Sapiens”, faixa inédita especialmente gravada para a tese, 2024 [Déa Trancoso]. Violão de seis cordas de aço e voz: Déa Trancoso.

Áudio 12: “Terra em transe”, faixa inédita, 2023 [Déa Trancoso e Ceumar]. Violão de seis cordas de nylon e voz: Ceumar. Gravação caseira.

Áudio 13: “Koan”, faixa inédita, 2021 [Déa Trancoso e Isabel Nogueira]. Sonoridades eletrônicas: Isabel Nogueira, voz: Déa Trancoso.

Áudio 14: “Catimbó”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Vozes: Pedro Morais e Raquel Coutinho.

Áudio 15: “Jurema”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Arranjo, vozes e contracantos: Manu Saggiaro e Daísa Munhoz.

Áudio 16: “Navodaya”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Voz: Déa Trancoso, ping-pong eletrônico: Kristtof Silva.

Áudio 17: “Disco voador”, faixa inédita especialmente gravada para a tese, 2024 [Déa Trancoso]. Violão de seis cordas de aço e voz: Déa Trancoso.

Áudio 18: “Keô Elegbara – encerramento”, faixa do álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”, 2020 [Déa Trancoso]. Voz: Átila Naddeo.

LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 1: “Desmundo – a dessubjetivação da filha de Júpiter”. Imagens e vídeo: Lucas Bois, voz: Déa Trancoso. Trecho especialmente gravado para o projeto “Onírika”, de Deh Muss.

Vídeo 2: “Carta de Bob Dylan a Gilles Deleuze”, faixa da web-série “Cartas ao vento”, gravada em Istambul [parte asiática]/Turquia, durante Estágio de Doutorado Sanduíche, encerrando os **Processos Metodológicos Autodemandados** para o Exame de Qualificação. Captação de imagens e vídeos: Geovana Jardim, concepção, quatro venezolano e voz: Déa Trancoso.

LISTA DE LINKS PARA ESPECTAÇÃO COMPLEMENTAR

Álbum “Tum tum tum”/2000-2008, coordenado presencialmente pelo Exu Zambarado:

https://www.youtube.com/watch?v=p65gaorkaso&list=OLAK5uy_lbE8fGsgXEb-Njn5c0N1_xRt6qPgm1Yhg

Álbum “Serendipity”^Ψ/2012, coordenado pelo Exu Zambarado em carta deixada para ser aberta 11 anos depois de sua partida:

https://www.youtube.com/watch?v=89rs5Y5vQ6E&list=OLAK5uy_lyy6xcrvdJ8-9vGvIxaX1iPOqXQrTrS8M

Álbum “Flor do jequi”/2012, coordenado presencialmente pelo Exu Zé Mulatinho:

https://www.youtube.com/watch?v=EWNPJ8uhTyE&list=OLAK5uy_kXj63yV3ePpH2RtvuFSEhclW_izeQYIQ

Álbum “Líricas breves para a construção de uma alma”^Ψ/2020, coordenado presencialmente pelo Exu Calunga da Calunga Grande:

https://www.youtube.com/watch?v=rAR2x9F8V0U&list=OLAK5uy_m-HG9S-0_VV0XulDCKLTOyJ0U_FOOXypw

Exercícios de pré-qualificação: web-série “Cartas ao vento”/2022, coordenada presencialmente pelo Exu Calunga da calunga Grande:

<https://www.instagram.com/stories/highlights/17966036144243525/>

Álbum “Canções guardadas nas dobras do tempo”^Ψ/2023, em parceria com Regina Machado, coordenado presencialmente pelo Exu Calunga da Calunga Grande:

https://www.youtube.com/watch?v=euvDQtlb0ks&list=OLAK5uy_mnCxfCkm9y6BZwR3ExxzKy6WRQak6W3CQ

“Borum” [trecho] – canção do álbum inédito “Eu vejo o mundo nos olhos de exu”/2024, coordenado presencialmente pelo Exu Calunga da Calunga Grande:

<https://www.instagram.com/p/CrJnen7vcrw/>

Sobre Deleuze e Spinoza – experiência de partilha pública dos cadernos de campo, fazendo parente com o Instagram:

https://www.instagram.com/p/CqyldZ5OOq_/?img_index=1

^ΨA maioria das letras das canções desse disco foram produzidas em parceria com Zambarado no “Exercício de letramento poético para um Bemtevi”. Destaque para “Minha voz”, um poema escrito aos 18 anos e musicado aos 40, através de melodia que recebi do próprio Zambarado, em sonho de olhos fechados. Canção gravada, também, por Ná Ozzetti no álbum “Embaralar”, em 2014, com participação especial de Mônica Salmaso:

https://www.youtube.com/watch?v=63BwRt_v9-U

^ΨPrêmio Flávio Henrique de Música 2021- Categoria Compositoras.

^ΨPrêmio Flávio Henrique de Música 2024- Categoria Compositoras.

Calunga da Calunga Grande sobre estética – experiência de partilha pública dos cadernos de campo, fazendo parente com o Instagram:

<https://www.instagram.com/p/CqdWTYgsYM2/>

Exercícios de pré-qualificação: Gira Nordestina com o repertório de “Cartas ao vento”, antes de viajar para o Estágio Sanduíche:

<https://www.instagram.com/p/Cf7Yvmivs0r/>

Abertura da gira, no Cariri:

<https://www.instagram.com/p/Cg6mZAzuFIN/>

Aula magna na Universidade do Estado da Bahia:

<https://www.instagram.com/p/ChjzJouNzc/>

O cromatismo generalizado num tapete artesanal produzido com técnicas autorais:

<https://www.instagram.com/p/CYgaW2MrAFq/>

Ressonâncias entre exu e emanuele coccia:

<https://www.instagram.com/p/CPlzhbFnC85/>

Canção “Deleuze, o Exu Odara” – confeccionada entre o mestrado e o doutorado:

<https://www.instagram.com/p/COmJ-qSHhYr/>

John Cage – 4’33:

https://www.youtube.com/watch?v=gN2zclBr_VM

John Cage – dream:

<https://www.youtube.com/watch?v=9hVFCmK6GgM>

Arvo Pärt e Joroen Van Veen – Tintinnabuli:

<https://www.youtube.com/watch?v=m6xEktSFhe0>

SUMÁRIO

ENTRETEMPOS

Abertura: o dervixe sufi no meio do redemoinho – 18

Exortações de Foucault para uma Jornada de Exu – 19

Entrevista à Revista Usina – 20

Alertas da bruxa para o feitiço da leitura, da visão e da escuta – 21

Pied-de-Port: revisitando Exu 25 anos depois – 30

Enteléquias de Exu – 31

Zazen 1 [Keô Elegbara] – 45

Cromatismo generalizado – 46

Zazen 2 [Qual palavra?] – 49

Lavando palavras – 50

Nômade – 54

Zazen 3 [Corpo] – 55

Zazen 4 [O voo de Sofia] – 57

Zazen 5 [Cosmogênese] – 120

Zazen 6 [Deixa a porta aberta] – 121

Zazen 7 [Monja Lib, a mulher que vomitava desertos] – 172

Zazen 8 [Desmundo, a dessubjetivação da filha de Júpiter] – 208

Zazen 9 [Carta de Pandora ao Sapiens Sapiens] – 209

Zazen 10 [Terra em Transe] – 241

Tempestade de conceitos – 242

Zazen 11 [Carta de Bob Dylan a Gilles Deleuze] – 258

Zazen 12 [Koan] – 259

Zazen 13 [Medicina] – 269

Zazen 14 [Jurema] – 276

Zazen 15 [Disco voador] – 289

Zazen 16 [Keô Elegbara] – 310

Meditatios – 303

Encerramento: o pássaro da deusa Kali sobrevoa a linha do horizonte – 311

SUMÁRIO

BRECHAS

Instauração – 58

Anáfora – 122

Catáfora – 210

Dijina – 216

Fabulações da consciência sem sujeito – 221

Catimbó zen – 243

Koans – 260

Viagem a Vajucá – 270

Xamã de si mesmo – 277

Exu mulher – 285

Educação do futuro – 290

Referências – 312

Exu no terreiro é rei; na encruza, ele é doutor!

Trecho de Ponto Tradicional para Exu, ensinado a mim pelo Exu Zambarado, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, América do Sol, 1996.

Foi na mata do grotão que eu achei o meu irmão. Era um toco meio anum, não “tava” em lugar nenhum. Sem sair do seu lugar, não “tava” em lugar nenhum...

Linha ancestral de Catimbó de Encantaria, ensinada a mim pelo Exu Calunga da Calunga Grande, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, América do Sol, 2020, para ativar a Lembrança de Si Mesmo.



“ler é meditar, meditar é cuidar de si, cuidar de si é o primeiro e mais longo ato político”, nos diz michel foucault.

essa tese é uma **jornada de exu**, conduzida por bemtevi, zambarado e calunga da calunga grande, com o propósito de produzir um *corpo taru andé radicalmente vivo*. você pode entrar nessa experiência de muitos modos.

caso você decida entrar radicalmente vivo, siga todas as orientações.

metodologia das sutilezas: estética, corpo e imanência em exu

<https://revistausina.com/2022/12/15/estetica-corpo-e-imanencia-em-exu-entrevista-com-dea-trancoso/>

ALERTAS DA BRUXA PARA O FEITIÇO DA LEITURA, DA VISÃO E DA ESCUTA

ESCREVO ESSA TESE EM MODO MISTO: LINHAS, CARTAS, LÍRICAS, CANÇÕES, DESENHOS, BRICOLAGENS, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, PORTAS, PORTAIS E OUTRAS MUMUNHAS QUE ENTRAM E SAEM DA **OFICINA HÍBRIDA ABERTA** À MEDIDA EM QUE A VIDA VAI ATRAVESSANDO O CORPO E A **METODOLOGIA DAS SUTILEZAS**^Ψ, A PESQUISA.

NO CATIMBÓ, DIZEMOS: VAMOS ABRIR A MESA E PUXAR AS LINHAS? PUXAR LINHAS NO CATIMBÓ VAI ATÉ A BARRA DO DIA. OS EVENTOS COMEÇAM, GERALMENTE, NA DERRADEIRA HORA GRANDE [MEIA-NOITE] E VÃO ATÉ A PRIMEIRA HORA GRANDE SEGUINTE [SEIS DA MANHÃ]. QUANDO PRODUZI MEU PRIMEIRO ÁLBUM MUSICAL, TUM TUM TUM, CONVERSEI COM UM PAJÉ KATUKINA DA BOCA DO ACRE, REGIÃO NORTE, QUE ME DISSE ALGO MUITO BONITO SOBRE ARTE, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO:

NO CATIMBÓ, AS CANTIGAS SÃO DENOMINADAS LINHAS. OS MESTRES TRANSMITEM SEUS ENSINAMENTOS ATRAVÉS DAS LINHAS. OS ENCANTADOS ACREDITAM QUE QUANDO ENTOAM SUAS LINHAS TODA A ANCESTRALIDADE NASCE DE NOVO NA BOCA DE QUEM CANTA, PRODUZINDO NOVAS LINHAS [PAJÉ SHANENAWA, 2003, S/P].

AS LINHAS SÃO MODAIS E APRESENTAM GRANDE RIQUEZA POÉTICA, MELÓDICA E RÍTMICA. SÃO MAIS DE 1.200, SEGUNDO CÂMARA CASCUDO E MÁRIO DE ANDRADE. ALGUNS MÚSICOS BRASILEIROS CONSIDERAM O CATIMBÓ [EXPRESSÃO MUSICAL] COMO SENDO A MÚSICA MAIS GENUINAMENTE BRASILEIRA.

NO CATIMBÓ ZEN, NOSSA AVENTURA É PUXAR LINHAS DE ARTE, CLÍNICA, EDUCAÇÃO, ALEGRIA E CURA PARA GERAR DESENCAIXES: OUTRAS CONFIGURAÇÕES, OUTRAS REGRAS DE ESTRUTURA E OUTRAS POSSIBILIDADES DESCRITIVAS QUE POSSAM **GESTAR NOVAS ESTÉTICAS:** SINTAXES E FLUÊNCIAS PRÓPRIAS QUE SE MOVIMENTAM A PARTIR DO QUE AINDA NÃO SE SABE – COMO PRESCREVE A BULA DA *FILOSOFIA DA DIFERENÇA*. O QUE AINDA NÃO SE SABE VENTA A GRAMÁTICA, NAVEGANDO A LÍNGUA E A LINGUAGEM DE MODO INTENSIVO.

NÃO HÁ APRESENTAÇÃO FORMAL DOS CONCEITOS. ELES APARECEM, DESAPARECEM E REAPARECEM – PREGAM, DESPREGAM E REPREGAM PARA QUE O MÉTODO E TEORIA POSSAM IR SE DANDO A VER. OS AUTORAIS ESTÃO SUBLINHADOS E EM NEGRITO E OS DE OUTROS

^ΨNUM POST DO FACEBOOK, FALANDO SOBRE O MEU CONTENTAMENTO COM A METODOLOGIA CONFECCIONADA PARA A DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, A PESQUISADORA CARIOCA JOANA ORTIGÃO DISSE, NOS COMENTÁRIOS, QUE O QUE EU FAZIA ERA METODOLOGIA DAS SUTILEZAS. ACHEI GENIAL E, AGRADECIDA, ADOTEI COMO NOMENCLATURA DOS MEUS ESTUDOS SOBRE O MÉTODO. A CARNE DO CONCEITO ESTÁ MATURANDO.

PENSADORES, EM ITÁLICO. ALGUMAS VEZES, A ESCRITURA OS DERRETE COMO COISA SUA, DESEJANDO QUE O LEITOR TAMBÉM POSSA SE APROPRIAR DELES [O GRANDE DESEJO DE NIETZSCHE E DELEUZE], PESQUISANDO SUAS NASCENTES E CORREDEIRAS A *POSTERIORI*.

HÁ, TAMBÉM, UM ABECEDÁRIO EM ZIGUEZAGUE QUE VAI LAVANDO PALAVRAS E CONCEITOS, MOVIMENTANDO FORÇAS POR DETRÁS DO TEXTO. ELE ESTÁ FORA DE QUALQUER ORDEM, CORPO 12, CENTRALIZADO EM ESPAÇAMENTO SIMPLES, NUMA CAIXA ESPECIAL. LAVAR PALAVRAS É UMA GRANDE E FELIZ BRINCADEIRA DA FILOSOFIA DE DELEUZE QUE PODE SE TORNAR UMA CLÍNICA MAIS CONSTANTE PARA A EDUCAÇÃO: CAÇAR FONTES POR DETRÁS DAS FONTES GREGAS MAIS CONHECIDAS, JUNTAR E PERMEAR *SPEECH ACTS* DA PALAVRA/LINGUAGEM COMO AÇÃO E VIDA QUE LÍNGUAS MAIS ANTIGAS PROPÕEM, LAVANDO A NÓDOAS DAS LÓGICAS DOMINANTES QUE FORAM SE IMPREGNANDO NELAS.

OS LINKS COM DICAS DE ÁUDIOS, VÍDEOS OU TEXTOS TAMBÉM VÃO SURGINDO AO LONGO DA ESCRITURA COMO GUIAS. É OBRIGATÓRIO CLICAR NELES PARA COMPLETAR A ESPECTAÇÃO. HÁ, TAMBÉM, UMA LISTA DE LINKS COMPLEMENTARES NÃO OBRIGATÓRIOS COM O INTUITO ABRIR ESPAÇO PARA PÓS-LEITURAS/ESPECTAÇÕES QUE OUTROS TEMPOS *KAIRÓS* POSSIVELMENTE PEDIRÃO.

LAVANDO PALAVRA: ESPECTAÇÃO

ATO DE LER UM LIVRO, VER UMA IMAGEM, ASSISTIR A UM FILME OU OUVIR UMA MÚSICA, NÃO COMO SUJEITO RECIPIENTE QUE ABSORVE PALAVRAS, IMAGENS, VIBRAÇÕES OU MOVIMENTOS, MAS VITALIDADE QUE, NA CAPTAÇÃO, ATRAVESSA A CRIAÇÃO, COCRIANDO FORÇAS E ABRINDO REALIDADES JUNTO COM A MOVIMENTAÇÃO DAQUELE MOVIMENTO.

AS FALAS DOS EXUS, DOS ENCANTADOS E DE OUTROS *MODOS DE EXISTÊNCIA* [OU OS MEUS DIÁLOGOS COM ELES] ESTÃO EM NEGRITO, ESPAÇAMENTO SIMPLES, SEM ASPAS, COM TRAVESSÃO COLADO À PRIMEIRA PALAVRA, SEM PÁGINA, COM ASSINATURA, LOCAL E DATA. LINHAS QUE ZIGUEZAGUEIAM PELAS FOLHAS COMO EXU ZIGUEZAGUEIA PELAS BRECHAS.

QUANDO APARECEM PELA PRIMEIRA VEZ, OS AUTORES SÃO NOMEADOS PELO NOME COMPOSTO. DEPOIS, PODERÃO SER CHAMADOS APENAS PELO PRIMEIRO OU ÚLTIMO NOMES.

PARA EFEITO PURAMENTE ESTILÍSTICO, CALUNGA DA CALUNGA GRANDE PODERÁ SER GRAFADO ALGUMAS VEZES COMO CCG E ZAMBARADO COMO OW.

VIVEIROS DE CASTRO SE REFERE A DELEUZE COMO “O AUTOR DUAL”. FALAR DE DELEUZE É FALAR DE FÉLIX GUATTARI. EMBORA, AQUI, O MEU DELEUZE ESTEJA, MUITAS VEZES, SOLO, GUATTARI TOMA A LINHA DE FRENTE, A PARTIR DA SUA VISIONÁRIA ÚLTIMA ENTREVISTA AO JORNAL FRANCÊS *DIPLOMATIQUE*, CONCEDIDA UM POUCO ANTES DE SEU FALECIMENTO – DICA PRECIOSA QUE RECEBI DE MINHA PROFESSORA DE DOUTORADO SANDUÍCHE, ANA GODINHO GIL, E QUE DEIXOU ESSE ESTUDO AINDA MAIS DELIRANTE. AFINAL, NÃO É TODO DIA QUE A GENTE GANHA UM TEXTO ESCRITO HÁ 31 ANOS INDAGANDO UM *ZEITGEIST* QUE PODERIA SER O ESPÍRITO DO NOSSO TEMPO PRESENTE. GUATTARI TEM ESSE ENORME TALENTO DE FALAR EXTEMPORANEAMENTE DE PRODUÇÃO DE INTERVALO POR SOBRE O CAOS.

EM SONHO, RECEBI A ORIENTAÇÃO DE LER NA FONTE E CUMPRI. LI SPINOZA EM SPINOZA, LEIBNIZ EM LEIBNIZ, BERGSON EM BERGSON, SOURIAU EM SOURIAU, DELEUZE EM DELEUZE, GUATTARI EM GUATTARI, FOUCAULT EM FOUCAULT, LAPOUJADE EM LAPOUJADE, AGAMBEN EM AGAMBEN, INGOLD EM INGOLD, COCCIA EM COCCIA, KRENAK EM KRENAK, KOPENAWA EM KOPENAWA, HARAWAY EM HARAWAY, STENGERS EM STENGERS, ANA GODINHO GIL EM ANA GODINHO GIL, JOSÉ GIL EM JOSÉ GIL, VIRGÍNIA WOOLF EM VIRGÍNIA WOOLF, COMO UM LETRAMENTO FILOSÓFICO, EMARANHANDO O MEU PENSAMENTO E O DE EXU COM O DOS PENSADORES PARA EXPERIMENTAR O **PENSAMENTO COLEGIADO** – TOQUE DE OURO DO CÓDIGO DE ÉTICA DO MEU AMADO SPINOZA E *MODUS OPERANDI* FILOSÓFICO DE DELEUZE.

SPINOZA NOS ENSINA QUE NASCER É UMA IMANÊNCIA MIÚDA QUE VAI ACONTECENDO A DESPEITO DO CAOS OU DE QUALQUER OUTRA COISA GRANDE. ESSE DOUTORAMENTO NASCEU ANTES MESMO DE NASCER, AINDA COM O MESTRADO NA BARRIGA, E FOI SENDO PARTILHADO [ANTES MESMO DO GRANDE *THE END* DA QUALIFICAÇÃO E DA DEFESA] NAS PÁGINAS VIRTUAIS DO INSTAGRAM E FACEBOOK, TRANSFORMADAS EM CADERNOS PÚBLICOS DE CAMPO – ATITUDE QUE EMANUELE COCCIA ADVOGA COMO UMA METODOLOGIA [E ATÉ MESMO UMA CLÍNICA] EDUCACIONAL POSSÍVEL E DESEJÁVEL DAQUI PARA A FRENTE. RECEBI DOS LEITORES CONTRIBUIÇÕES INESTIMÁVEIS, ABRINDO CONEXÕES COM OUTROS GRUPOS DE PESQUISA AO REDOR DO MUNDO COM OS QUAIS **CATIMBÓ ZEN** PASSOU A COLABORAR. E SE UMA AULA É, PRIMEIRO, UMA EMOÇÃO, COMO DIZ DELEUZE, AQUI ESTÁ UM LUGAR FORA DA SALA DE AULA

ONDE A AULA PODE ACONTECER DE MODO EMOCIONANTE, HETEROGÊNEO E COTIDIANO. ESSA EXPERIÊNCIA PODE SER UM CAMINHO PARA A PERGUNTA DE ANA GODINHO SOBRE QUAIS HETEROGÊNEOS COTIDIANOS PODEMOS PRODUZIR. PODEMOS PARTILHAR UMA TESE NO INSTAGRAM, INSTAURANDO UM EXAME DE QUALIFICAÇÃO MAIS AMPLO À MODA DE UM PLEBISCITO POPULAR, POR EXEMPLO.

O **CATIMBÓ ZEN** VEM INVENTANDO E EXECUTANDO **EXISTÊNCIAS COMPARTILHADAS** COMO *MESOPOLÍTICAS* QUE ACONTECEM NOS HETEROGÊNEOS ENTRETEMPOS COTIDIANOS DA VIDA: OFICINAS, CONCERTOS MUSICAIS, RODAS DE CONVERSA, AULAS MAGNAS SOBRE A **METODOLOGIA DAS SUTILEZAS**, VIVÊNCIAS, DEPOIMENTOS PARA *PODCASTS*, TEXTOS DE APRESENTAÇÃO DE LIVROS DE POESIA, RELEASE PARA LANÇAMENTOS DE DISCOS, MEDIAÇÃO DE MESAS REDONDAS, COMPOSIÇÃO DE CANÇÕES, PRODUÇÃO DE POEMAS, ARTIGOS E ENSAIOS, PARTICIPAÇÃO EM SEMINÁRIOS, CURSOS E RODAS DE LEITURA. O PENSAMENTO, ANTES SÓ PENSADO, FALADO E ESCRITO, AGORA, É, TAMBÉM, CANTADO E PERFORMADO. O PALCO, ANTES APENAS DA ARTISTA, É, AGORA, CONSTANTEMENTE INVADIDO PELA CIENTISTA CUJO DELÍRIO É CONTINUAR PRODUZINDO CONCEITO SEM PARAR.

CATIMBÓ ZEN NASCEU E AINDA ESTÁ NASCENDO SOB A ÉGIDE DE LUAS MUTANTES. **CADA ESCRITURA CONVOCA A CONSTRUÇÃO DE UMA ALMA POLIGLOTA** PARA AS SUAS VARIADAS LÍNGUAS E UM CORAÇÃO CUIDADOSO QUE *LEVE A SÉRIO O CROMATISMO GENERALIZADO*, ESSE CONCEITO QUE ESTÁ NO QUE EU CHAMO DE LADO B DE DELEUZE&GUATTARI, ENTREGUE DE MODO QUASE SARCÁSTICO NUMA ENTREVISTA, MAS QUE REVELA MUITO DA FILOSOFIA CALEIDOSCÓPICA DOS DOIS E QUE EU VEJO PULSAR COM MUITA BELEZA E FORÇA NOS EXUS, EM DONNA HARAWAY, A BRUXA AMERICANA, EM KRENAK, NOSSO FILÓSOFO-RIO, E EM KOPENAWA, NOSSO FILÓSOFO-GAIA.

CATIMBÓ ZEN NASCEU E AINDA ESTÁ NASCENDO SOB A ÉGIDE DE LUAS MUTANTES. DESDE 2016, VENHO AMADURECENDO O CONCEITO DE **METODOLOGIA DAS SUTILEZAS**. POR ISSO, ALGUMAS ESCRITURAS^ψ COMEÇARAM AINDA EM **“O MASTRO É O CENTRO DO MUNDO: A COSMOLOGIA DE JOÃO DO LINO MAR, CAPITÃO DOS CATOPÊS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE BOCAIUVA, MINAS GERAIS”**, MINHA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO PELA UFMG, E

^ψESPECIFICAMENTE NOS CAPÍTULOS “METODOLOGIA DAS SUTILEZAS” E “VALE DO JEQUITINHONHA: INTERSUBJETIVAÇÃO, INTERCULTURALIDADE E ENCANTARIA”.

FORAM AMPLIADAS, APROFUNDADAS COM ESTA TESE. EM 2020, CRIEI PELA PLATAFORMA WORDPRESS O BLOG “**METODOLOGIA DAS SUTILEZAS**” ESPECIALMENTE PARA O DOUTORAMENTO DAR VAZÃO AO EXERCÍCIO DE PENSAMENTOS E ESCRITAS GERADOS PELAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE ESTUDO, COMEÇANDO A EXPERIMENTAR AQUILO QUE EMANUELE COCCIA ADVOGA COMO UMA METODOLOGIA DESEJÁVEL EM PESQUISAS EM ARTE, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO: PARTILHAR PUBLICAMENTE O DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO EM ESPAÇOS DA INTERNET.

TUDO ESTÁ CONECTADO. SOMOS REALMENTE TODOS UM. E É A PARTIR DESSAS FORMULAÇÕES [JOGADAS NA CESTA DOS MEMES QUE DEVEM SER IGNORADOS PELA SUA SUPOSTA SUPERFICIALIDADE CLICHÊ] QUE DONNA HARAWAY PRODUZ UM PENSAMENTO CIRÚRGICO DE QUE AQUELES QUE TÊM OS PÉS FINCADOS NA TERRA SOFREM AS CONSEQUÊNCIAS DUPLAMENTE: DA CAPTURA DE SUAS *SUBJETIVIDADES DISSIDENTES* PELO HIPERCAPITALISMO [A CONFIANÇA NO SOMOS TODOS UM, POR EXEMPLO] E DAS AÇÕES NEFASTAS DAQUELES QUE VEEM A TERRA COMO SE ESTIVESSEM FORA DELA. ASSIM, TANTO *CROMATISMO GENERALIZADO* QUANTO CATIMBÓ ZEN SE PROPÕEM A PENSAR NÃO APENAS A PARTIR DOS MACROS MODELOS GLOBAIS DE PROBLEMAS. ELES TECEM UM CUIDADO QUE PRECISA ACONTECER NO ENTORNO MENOR, COM AQUELES COMPANHEIROS QUE TORNAM A VIDA POSSÍVEL, COMO DIZ LINDAMENTE HARAWAY.

EXU É UM DESSES COMPANHEIROS DO ENTORNO MENOR.

O CONVITE DESSA ESCRITURA É, ENTÃO, PARA QUE O LEITOR ACEITE A VERTIGEM DOS FIOS DE EXU QUE SE MISTURAM E SE REPETEM MAIS E MAIS A CADA PARÁGRAFO. A RECOMENDAÇÃO É QUE A LEITURA/ESPECTAÇÃO SEJA BASEADA NO ESPÍRITO BERGSONIANO “CAPAZ DE ABORDAR O TEXTO APENAS COMO UMA EMOÇÃO, FINGINDO QUE NADA SABE”. TALVEZ, ASSIM, AVISTE-SE AS COISAS INVISÍVEIS DA CALUNGA GRANDE [O MAR] E O MAR REVELE QUE A PALAVRA DO CONCEITO É, NO FUNDO, GUARDIÃ DO AMOR, QUE FILOSOFIA É MÉTODO, POLÍTICA E REMÉDIO, COMO SONHOU O VELHO NIET, QUE VIVER É SE LEMBRAR DAS IMPLICAÇÕES DE SE ESTAR SUSPENSO NO AR NAS ASAS DE TERRA E QUE ESTAR NAS ASAS DE GAIA É UMA GRANDESSÍSSIMA AVENTURA!

A CARTOGRAFIA DA BRUXA DA OFICINA HÍBRIDA ABERTA DO CATIMBÓ ZEN É UMA MOVIMENTAÇÃO POLÍMATA QUE MOVIMENTA PENSAMENTO IMANENTE POR MEIO DO QUE

VAI ACONTECENDO [A *ECOLOGIA DE PRÁTICAS* DE STENGERS]. A BRUXA CONFLUI ARTE, MAGIA, FILOSOFIA [ESPECIALMENTE NO CAMPO DA ESTÉTICA: ESTÉTICAS PÓS-DELEUZEANAS], CIÊNCIAS, LITERATURA, A PARTIR DO **DIREITO INALIENÁVEL QUE QUALQUER CORPO ENCARNADO NA TERRA TEM À EXPERIÊNCIA**. GAIA, AQUI, É UM TERRITÓRIO ARTÍSTICO PRODUZINDO CORPOREIDADES/CORPORALIDADES QUE GERAM EXPERIÊNCIAS COM OUTRAS COISAS ÔNTICAS, ESPISTÊMICAS, CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS.

A BRUXA NAVEGA *MODOS DE EXISTÊNCIA* PARA ALÉM DO QUE SE NOMEIA DE SUJEITO REAL, PESSOAL, HUMANO, JULGADOR E VERIFICÁVEL, ABRINDO CAMINHOS A EXISTÊNCIAS DE PASSAGEM: HÍBRIDAS, ÍNFIMAS, FLUIDAS, “IRREAIS”, VULNERÁVEIS, VIRTUAIS, NÃO HUMANAS, MAIS QUE HUMANAS, MULTIESPECÍFICAS, COISIFICADAS, INTENSIVAS, INVERIFICÁVEIS, QUE EXERCITAM VOOS INSÓLITOS PARA ESCAPAR DOS RADARES DAS LÓGICAS UTILITÁRIAS DOS PODERES DOMINANTES.

OS CONCEITOS AGENCIADOS SÃO:

EXUS ZÉ PELINTRA & ZAMBARADO & CALUNGA DA CALUNGA GRANDE: CATIMBÓ, CAMBONO/CAMBONAGEM, EXPERIÊNCIA, ENCANTES, CORPO, PENSAMENTO, ATENÇÃO, EMOÇÃO, SENSACÃO, INTUIÇÃO, ESCRITA, ARTE, CLÍNICA, EDUCAÇÃO, ALEGRIA E CURA.

MESTRE BOM FLORAL & RÃ AZUL: CATIMBÓ, CAMBONO/CAMBONAGEM, ENCANTES, ALEGRIA, RETOMADA BORUM KRENAK.

CABOCLO SETE FOLHAS & CABOCLA JUREMA: CATIMBÓ, CAMBONO/CAMBONAGEM, ENCANTES, CLÍNICA E EDUCAÇÃO.

CÂMARA CASCUDO: CATIMBÓ, CAMBONO/CAMBONAGEM.

ANTÔNIO SIMAS & LUIS RUFINO: CAMBONO/CAMBONAGEM.

BENEDICTUS SPINOZA: CORPO, PENSAMENTO, INTUIÇÃO, LIBERDADE.

GOTTFRIED LEIBNIZ: MÔNADA, PREGÂNCIA, DESPREGÂNCIA, REPREGÂNCIA.

GILLES DELEUZE & FÉLIX GUATTARI: CROMATISMO GENERALIZADO, FILOSOFIA DA DIFERENÇA, AION, ACONTECIMENTO, CORPO SEM ÓRGÃOS, DEVIR, ACREDITAR NOVAMENTE NO MUNDO, IMANÊNCIA, CAMPO TRANSCENDENTAL, VIDA, EEE.

GUATTARI: SUBJETIVIDADES DISSIDENTES, SUAVIDADES DISSIDENTES, CAPITALISMO MUNDIAL INTEGRADO [CMI], CABEÇA COLADA NO CORPO E CORPO COLADO NO MUNDO.

MICHEL FOUCAULT: TÉCNICAS DE SI, CUIDADOS DE SI, IMANÊNCIA, VIDA, CORPO UTÓPICO.

PETER BERGER: ALTERNAÇÃO BIOGRÁFICA.

PETER BERGER AGENCIANDO CHARLES MILLS: ARTESANATO INTELECTUAL.

BEMTEVI & MONJA LIB & ZAMBARADO & CALUNGA DA CALUNGA GRANDE: A LEMBRANÇA DE SI MESMO [ARTES DA EXISTÊNCIA – PRESENÇA, CORPO E VOZ EM EXU], A TERRA COMO TERRITÓRIO ARTÍSTICO, PENSAMENTO COMO ARTE, MODOS LISÉRGICOS [ODARAS] DE EXISTÊNCIA, PARADIGMA TELÚRICO, ONTOLOGIA LISÉRGICA EM DEVIR [OLD], LÓGICAS DE COMUNHÃO.

HENRI BERGSON: ATUAL, VIRTUAL, INTENSIVO, ALEGRIA COMO DEVIR QUE NOS ESPERA, DURAÇÃO.

TIM INGOLD: LINHA, LAÇOS ENTRE IMAGINAÇÃO E REALIDADE, EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO, INTERSUBJETIVIDADE, O DESENHO COMO ESCRITA, RELEITURA DO EEE EM COMCOMCOM.

ÉTIENNE SOURIAU: VIRTUAL, MODOS DE EXISTÊNCIA, PATUIDADE, INFÂNCIA DAS COISAS.

EMANUELE COCCIA & OVÍDIO: METAMORFOSE.

BEMTEVI AGENCIANDO COCCIA: EU LEGIÃO.

DAVID LAPOUJADE: ARTE, VITALIDADE.

LAPOUJADE AGENCIANDO SOURIAU: EXISTÊNCIAS MÍNIMAS.

LAPOUJADE AGENCIANDO WILLIAM BLAKE: EXPERIÊNCIA, CONFIANÇA.

LAPOUJADE AGENCIANDO BERGSON: EMOÇÃO, TEMPO.

AILTON KRENAK: CORPO TARU ANDÉ, CORPO SONHO.

MONJA LIB AGENCIANDO AILTON KRENAK: CORPO TARU ANDÉ RADICALMENTE VIVO.

GIORGIO AGAMBEN: INOPEROSIDADE, ARQUEU, PARADIGMA, ASSINATURA, EXPERIÊNCIA.

DIDI-HUBERMAN: EMOÇÃO, EXPERIÊNCIA, ESCRITA.

DONNA HARAWAY: FAZER PARENTE, ENTORNO COMPANHEIRO.

ISABELLE STENGERS: MESOPOLÍTICA, LEVAR A SÉRIO, ECOLOGIA DE PRÁTICAS, INTRUSÃO DE GAIA.

ANA GODINHO GIL: O SUJEITO É O ELO, GRAÇA, O LUGAR QUE SE HABITA, HETEROGENEIDADES COTIDIANAS.

JOSÉ GIL: LABORATÓRIO DE DESASSOSSEGOS.

OLD DÉA TRANCOSO & EXU AGENCIANDO JOSÉ GIL: GABINETE DE DESASSOSSEGOS.

OLD DÉA TRANCOSO & EXU AGENCIANDO GIORGIO AGAMBEN: CONHECIMENTO MÁGICO ANTIGO [CMA].

OLD DÉA TRANCOSO: CATIMBÓ ZEN, METODOLOGIA DAS SUTILEZAS, EXISTÊNCIAS COMPARTILHADAS, OFICINA HÍBRIDA ABERTA, PENSAMENTO COLEGIADO, ESTÉTICAS PÓS-DELEUZENAS, ESTÉTICAS DE UM CORPO NO AGORA, CANÇÃO COMO MÉTODO.

NAÇÃO GUARANI & ALIK WUNDER & OLD DÉA TRANCOSO: PENSAMENTO CANTADO.

OS PRODUTOS GERADOS SÃO:

UMA TESE ESCRITURADA, DESENHADA, CANTADA, AQUARELADA E BRICOLADA COM MATERIAIS DIVERSOS. CONCLUÍDA.

DOIS ÁLBUNS MUSICAIS: 1. “CANÇÕES GUARDADAS NAS DOBRAS DO TEMPO” [EM PARCERIA COM A PAULISTA REGINA MACHADO]. CONCLUÍDO COM PATROCÍNIO DO FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE. 2. “DIJINA” [EM PARCERIA COM O PARAENSE RENATO TORRES]. EM ANDAMENTO.

UMA PERFORMANCE TEATRO-MUSICAL: “EU VEJO O MUNDO NOS OLHOS DE EXU”. EM ANDAMENTO. EXPERIMENTO NO. 1 REALIZADO ATRAVÉS DO EDITAL PÚBLICO “CURSOS SOLO EM FOCO” – FUNDO MUNICIPAL DE CULTURA DE BELO HORIZONTE EM PARCERIA COM A FUNARTE/MG. EXPERIMENTAÇÕES EM ANDAMENTO PARA REGISTRO AUDIOVISUAL.

UMA WEB-SÉRIE: “CARTAS AO VENTO”, EXPERIMENTANDO, A PARTIR DE GUATTARI E ANA GODINHO GIL, ESTÉTICAS DE UM CORPO NO AGORA. CONCLUÍDA DURANTE ESTÁGIO DE DOUTORADO SANDUÍCHE.

UM DOCUMENTÁRIO DE CURTA METRAGEM: “A LEMBRANÇA DE SI MESMO: AS ARTES DA EXISTÊNCIA – PRESENÇA, ALMA, CORPO E VOZ EM EXU”. EM ANDAMENTO.

UM VÍDEO EXPERIMENTAL: TRECHO DE “DESMUNDO, A DESSUBJETIVAÇÃO DA FILHA DE JÚPITER”, EM PARCERIA COM O PROJETO ONÍRIKA, DE DEH MUSS. CONCLUÍDO.

UM LIVRO DE TEXTOS POÉTICOS: “MONJA LIB, A MULHER QUE VOMITAVA DESERTOS”. EM ANDAMENTO.

E, COMO ÚLTIMO ALERTA, A BRUXA CHAMA A ATENÇÃO PARA DIZER QUE A PARTIR DA PRÓXIMA PÁGINA, TODO O TEXTO É APRESENTADO EM LETRA MINÚSCULA, SEGUINDO UMA DICA DO EXU ZAMBARADO, QUANDO COMPREI MEU PRIMEIRO CADERNO DE CAMPO [A PEDIDO DELE], AINDA EM 1994, PARA COMEÇAR A PRIMEIRA PESQUISA [COORDENADA POR ELE] SOBRE O SEMBA NO BRASIL CUJO PONTAPÉ INICIAL FOI UMA ENTREVISTA COM O ENORME SAMBISTA DE BREQUE KID MORENGUEIRA. ELE DITOU ATÉ AS PERGUNTAS QUE EU DEVERIA FAZER E FINANCIOU A VIAGEM AO RIO DE JANEIRO E A SÃO PAULO PORQUE, DE QUEBRA, SUGERIU QUE EU TENTASSE UM ENCONTRO COM FERNANDO FARO, DA TV CULTURA. CONSEGUIMOS OS DOIS FEITOS! GRANDE ZAMBARADO!

-BEMTEVI, ESCREVA EM LETRA MINÚSCULA PARA DEIXAR CLARA A MOVIMENTAÇÃO DO MOVIMENTO COMO MANDA O FIGURINO DE EXU E DO CATIMBÓ ZEN, DESLOCANDO QUEM LÊ, A PONTO DE NÃO SE SABER MAIS COMO ACONTECE EXU OU GAVIÃO OU ZAMBARADO OU BEMTEVI OU BOM FLORAL. A PONTO DE NÃO SE SABER QUEM É QUEM: TUDO É, ENTÃO, APENAS PALAVRA FÍLMICA QUE PASSA [ZAMBARADO, BELO HORIZONTE, 1997].

O CATIMBÓ ZEN DE EXU PARECE QUERER ABRAÇAR O MUNDO, O LEITOR PODE PENSAR. SIM. ASSIM COMO O *CROMATISMO GENERALIZADO* DE DELEUZE&GUATTARI O CATIMBÓ ZEN QUER ABRAÇAR MUNDOS.



pied-de-port

[san.jean.pied.de.port] é uma cidade da baixa navarra [região basca francesa dos pireneus atlânticos] que faz fronteira com a espanha.

zambarado dizia que a pequena comuna lembrava o vale do jequitinhonha. nos tempos atuais, pied-de-port, “pé da porta” ou “em pé no porto” – em tradução livre do próprio zambarado – é, também, entrada alternativa para o “caminho de santiago”. em 1997, o exu me deu um koan: “bemtevi, vá ao pé da porta, peça um marc [a cachaca francesa], dê um gole e jogue o resto para trás, sem olhar para trás”.

em 2022, 25 anos depois, numa mônada dobrada do tempo, cumpri a dica (<https://www.instagram.com/p/CKJlFXSDXU/>), dentro das **atividades metodológicas autodemandadas** do estágio de doutorado sanduíche. passei um fim de semana em pied-de-port fazendo ressonâncias entre exu, spinoza, gilles deleuze, félix guattari, étienne souriau, david lapoujade, tim ingold, giorgio agamben, ailton krenak, davi koppenawa, alik wunder, ana godinho gil, donna haraway, isabelle stengers, eee, comcomcom: índices heterogêneos instaurando *modos de existência* nômades para novos jeitos de viver que perguntam por onde ver, por onde ouvir, como acreditar novamente no que nos acontece, como colar a cabeça no corpo e refazer o elo entre o corpo e o mundo.

enteléquias de exu: o antes de tudo

antes de tudo, e como cuidadora de *modos de existência* que fui me tornando, proponho alguns alinhamentos para que o leitor possa deslizar pelas enteléquias de exu e os seus mundos fractais, sobrepostos e superpovoados.

exu zé pelintra

embora zé pelintra tenha dito que me conheceu ainda adolescente, apresentada aos exus por meu pai, aos 17 anos, eu só entrei em contato com ele no final dos anos 90, ao ser interpelada na praça da liberdade, em belo horizonte, por um desconhecido que dizia portar um bilhete dele para mim. depois, numa dobra do tempo, reencontrei pelintra, em meados de 2015, numa cerimônia de caboclagem de jurema.

de lá para cá, estabelecemos um contato mais constante na sede do centro espírita umbandista casa pai josé de aruanda [ceu], em belo horizonte, onde o exu calunga da calunga grande também trabalha. zé pelintra, de poucas palavras e gestos eloquentes e certos, fala direto ao timo cujo ponto, na acupuntura da medicina chinesa, é chamado de “o centro da sinceridade”. sua gargalhada é bem característica e sua ginga de exímio dançador encanta pesquisadores ao redor do mundo. há notícias de pesquisas sobre suas corporalidades/corporeidades até no moma de nova iorque. pelintra é o único exu com entrada liberada nas cerimônias de catimbó.

exu zambarado/ow/gavião

conheci zambarado no início dos anos 90. ele coordenava um trabalho de “artes da existência: presença, alma, corpo e voz” [expressão dele], na garagem de uma casa, situada à avenida carandaí, em belo horizonte, minas gerais, brasil, américa do sol. essa garagem era chamada algumas vezes de “porão” e o trabalho, de “estalagem”. havia um grupo de aproximadamente 40 participantes mais assíduos. **“aqui é um território para se conferir o peso da bagagem, bemtevi, e bagagem é alma, corpo e voz; bagagem é presença”.**

a metodologia do exu era dividida em quatro partes: **reuniões semanais** [toda quinta-feira], **atendimentos particulares** [de terça a sexta], **reuniões de mulheres** [uma quarta-feira por mês] e reuniões mensais fora da cidade, chamadas de **trabalho de mato**.

com exceção dos particulares, as demandas eram tratadas publicamente. os participantes usavam o dispositivo **“mostrar os dentes”** [inventado por ele] que consistia em falar sobre

qualquer assunto se expondo para o coletivo. era uma espécie de orientação comunitária para o projeto “artes da existência”. talvez, pelo meu explícito interesse nos mundos tão fractais de exu, e pelo exercício filosófico que eu me dispunha a praticar, zambarado tenha me convidado para um primeiro **atendimento particular** que durou quase cinco horas, à moda de um memorial. isso se transformou, então, numa prática de longos encontros que me renderam gordos cadernos de campo, comprados por sugestão dele.

a **reunião de mulheres** possuía algumas premissas. a principal era a de que, segundo zambarado, do desenvenenamento do feminino, sistematicamente envenenado pelo *sistema-mundo*, depende a produção de alegria como uma micropolítica capaz de criar outras faixas de realidade em massa. para ele, é mister que as mulheres produzam encontros.

os **trabalhos de mato**, realizados durante um fim-de-semana, apresentavam um conjunto de corporeidades/corporalidades para o dia e para a noite: disciplinas de alimentação, exercícios físicos, meditação e clínica esquizoanalítica coletiva.

durante o tempo em que estive no trabalho, ow e gavião foram *modos de existência* de zambarado com aparições constantes. ow era um chamamento usado quando se queria ressonar com os seus **graus odaras** [mais leves e poéticos] e gavião aparecia quando ele estava em agência fora do corpo de seu cavalo^ψ, frequentemente na mata [mas, também, na cidade]: no galho de um arbusto, num mourão de cerca, num voo rasante, num pio característico. geralmente, uma aparição repentina, causando uma espécie de suspiro reverente [acompanhada de uma sensação de tribo] em quem conseguia captar a vibração.

dentre as muitas coisas que partilho a respeito desse exu, vale acrescentar a frase de franz kafka que ele declamava, em francês, sempre que nos encontrávamos, revelando sua filosofia: “**alors, ouvrez-vous: laissez émerger l’être humain**”: então, abra-te: que surja o ser humano!

exu calunga da calunga grande/rinoceronte do mar

há entre zambarado e calunga da calunga grande uma dobra de tempo de aproximadamente 15 anos. o cavalo de calunga da calunga grande foi um dos participantes do trabalho de zambarado.

^ψnomenclatura usual para a pessoa que recebe ou trabalha com virtuais nos terreiros brasileiros. diz-se, também, *médium* ou *aparelho*.

seu *modo de existência* à época, “luz”, além de fazer seu próprio trabalho, funcionava como uma espécie de secretário que registrava o conteúdo das reuniões nos seus inúmeros cadernos.

[zambarado era, é e sempre será uma imensa e potente universidade aberta]. certa vez, ele disse que bemtevi e luz desenvolveriam um longo exercício juntos. depois que zambarado se foi, bemtevi e luz seguiram seus caminhos. tempos mais tarde, por volta dos anos 2014/2015, já participando das atividades do ceu, surge calunga da calunga grande, que foi se tornando interlocutor na criação de meu filho, nas atividades de pensamento para o mestrado e, por fim, virou um dos sujeitos de estudo dessa pesquisa.

quando a faculdade de educação da unicamp me convidou para fazer o show de abertura do congresso de leitura, em 2017, calunga me disse: - **vá, cante alto para exu e, se der, grite!** eu ainda não havia defendido a dissertação e, ali, estreitei os laços com a professora alik wunder e conheci a professora portuguesa ana godinho gil, deleuzeana que me disse gostar da palavra catimbó. passei muito tempo com essa fala de ana. chamou a minha atenção o fato de uma europeia ter destacado justamente essa palavra entre todas que falei e cantei. pensei: o deleuze dela é parecido com o meu. cantei e gritei o nome de tranca ruas [o grande doutor dos doutores] dentro do território dos doutores, declamando pequenos trechos do último texto de deleuze: “imanência: uma vida...”. ana me disse que havia participado, na França, de um estudo sobre esse texto e achou a minha leitura muito interessante. na sequência, defendi a dissertação e, em seguida, fui selecionada para o doutorado, já pensando num estágio sanduíche em Portugal para ressonar deleuze&guattari, exu e catimbó, a palavra que ana tanto gostara.

assim, acordando devires, eu e calunga da calunga grande fomos construindo uma agenda filosófica para o doutoramento. destrinchávamos leituras, mesmo antes de começarem as aulas. em 2019, mergulhamos em deleuze, agamben, lapoujade, souriau, bergson, nietzsche, krenak, kopenawa. em 2020, a pandemia suspendeu o tempo e nós passamos a nos corresponder por sonho. em 2021, tafuiamos dentro de zambarado, spinoza, deleuze, lapoujade, souriau, isabelle stengers e donna haraway.

uma das minhas teses dentro da tese é a de que calunga da calunga grande seja mais um dos *modos de existência* de zambarado que ganhou mais realidade devido às características de um cavalo disponível ao serviço dos **devires de intervalo** num mundo cada vez mais estilizado que

exige a presença dos graus odaras^Ψ de exu, bastante evidentes no pensamento e no trabalho de calunga da calunga grande.

de raras aparições, rinoceronte do mar é um *modo de existência* desse exu cuja clínica educacional é a labilidade^Ψ e o texto poético. calunga da calunga grande elege a labilidade, a poesia e a gratidão como grandes *planos de imanência* para se estar na terra.

déa trancoso/bemtevi/monja lib/borum krenak

déa trancoso é uma old [ontologia lisérgica em devir], nomenclatura de caráter lúdico, inventada por zambarado, durante um colóquio particular com bemtevi, às gargalhadas. a old é uma beatnik zambaradiana^Ψ que acolhe e cuida de inúmeros *modos de existência*, entre eles, bemtevi, a ultrapássara portadora de augúrios^Ψ, e monja lib, a velha ninja: modos que ***insistem mais no corpo***, usando essa maravilhosa formulação de étienne souriau para definir o que seja um virtual pedindo [e, às vezes, exigindo] realidade; batalhando pelo direito de existir.

bemtevi é jovem e cheia de vigor, faz faxinas para complementar a renda mensal, pega no pesado, carrega pianos e gosta do pensamento como arte. monja lib é uma anciã com refinado gosto filosófico, vive pianinho e agencia a vida a partir da palavra. monja lib tem milhares de seguidores no instagram, já ganhou editais artísticos e até publicou um livro de pequenos textos de prosa poética. borum krenak é a indígena em retomada, o grande presente da tese, um *duplo* da old déa trancoso. segundo calunga da calunga grande, elas são estoicas e estão sempre **em posição de teoria**, um conceito calunguiano do qual falaremos mais à frente.

^Ψzambarado e a old déa trancoso consideram o grau odara como uma fase clínica aguda [corpo sem órgãos] de exu: um conjunto de atenções e oficinas filosóficas aplicadas ao cotidiano como práticas educacionais para produzir alegria mesmo por sobre os escombros do hipercapitalismo.

^Ψcerto nomadismo capaz de escapar das dominações molares e viver em vãos moleculares inventados.

^Ψzambarado amava os beatniks. ele os chamava de “os radicalmente vivos”.

^Ψconteúdos que os áugures, sacerdotes romanos, captavam do céu, a partir do canto e do voo das aves.

rã azul

a rã azul é uma *personagem conceitual* criada por calunga da calunga grande para fins de desenvolvimento de técnicas de sonhar com os olhos abertos e acordar dentro do que chamamos de sonho de olhos fechados. ela dobra o tempo para um tratamento de saúde iniciado por zambarado, detalhado em capítulo adiante. rã azul e bom floral se tornaram orientadores da **old** na retomada borum krenak, assim como um “**pós-doc dentro do doutoramento**” [expressão deles].

bom floral

a primeira vez que ouvi falar de bom floral foi num **trabalho de mato**. zambarado me disse que eu era da tribo de bom floral e que um dia ia “**me enrolar numa folha**”. na sequência, um gambá fez xixi na minha cabeça. zambarado considerou o xixi como uma espécie de batismo: bom floral havia me reconhecido como uma vajucana do reino de okê ajucá [ou vajucá]. de lá para cá, pesquiso, por conta própria, a presença de bom floral em alguns catimbós brasileiros.

câmara cascudo se refere a ele em “meleagro: notas de encantaria do catimbó no brasil” como “um sorridente velho bebedor de cauim que nunca encarnou”. zambarado também acreditava que bom floral nunca tenha encarnado e dizia que o velho, além de exímio ventríloquo, é dono de técnicas milenares para diminuir e aumentar o tamanho do corpo físico de acordo com exigências e emergências do lugar onde se habita. “**a lembrança de si mesmo**”, a oficina que ganhei de zambarado, propõe um exercício chamado ioiô, inspirado nesse talento ancestral do mestre bom floral. o cantor e compositor dércio marques me disse, certa vez, que o cantor e compositor baiano joão bá era um dos *modos de existência* de bom floral. depois do xixi do gambá, sonhei com bom floral e acordei com a letra e a melodia da canção “bom floral” [dedicada a ele], gravada pela cantora paulista carol ladeira, no disco “mar de vento”, em 2016:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=P_SCKW_SHRJDC](https://www.youtube.com/watch?v=P_SCKW_SHRJDC).

sete folhas

é um *modo de existência* da jurema que me apareceu num sonho e me encomendou um disco. [há sempre um virtual me pedindo canção]. o caboclo foi *insistindo no corpo*, na voz e na vida: virou um capítulo da tese e estamos produzindo juntos um álbum intitulado “dijina”, palavra trazida por ele. foi sete folhas que me levou para uma viagem a vajucá [o tal reino encantado,

segundo zambarado e calunga da calunga grande], convocando rã azul e bom floral para serem os orientadores da retomada borum krenak.

antes de tudo, é mister teimar que **exu é um nômade que se desterritorializa e se reterritorializa quando, onde e como quer**. há o exu dos meus cadernos de campo, há o exu que *insiste no corpo* e na voz da old, há o exu que instaura *modos de existência* e também insiste nos corpos e nas vozes desses modos. há, também, o exu dos outros participantes do trabalho de zambarado e é bem provável que eles não encontrem o exu deles aqui. é assim mesmo. **exu compartilha existências freneticamente e está sempre insistindo para que algum corpo o incorpore como um movimento e um método para se estar radicalmente vivo na terra.**

exu vem depois que o corpo escuta os 4'33" de silêncio da música de john cage ou a técnica tintinnabuli de arvo pärt. o que se segue é tão pouco usual que não temos mais certeza do que quer que seja: silêncio, som ou música. não temos mais certeza de ter um corpo porque **"a vida não é um bem que possuímos, a vida é uma pretensão"**, diz souriau. exu ocupa essa minúscula pretensão, quase invisível, no mapa mundi: a membrana viva da sensibilidade dolorosa e maravilhosa dos inúmeros canais de silêncio – inseparáveis dos canais da música [voz, instrumentos etc] –, gravados por dércio marques no álbum "segredos vegetais", de 1988, e que ele dizia ser para, num infrassom de mi bemol, abrir brechas nas consciências, driblando o miserável ego e sua comparsa, a inércia. não é possível saber do zen, ver o zen, ser o zen ou estar com o zen sem escutar "segredos vegetais", talvez o maior álbum já produzido no mundo, uma experiência zen-derciana, onde nada é definitivo: tudo é esboço, tudo está inacabado, tudo é bandoleiro, tudo é dandei de abismo, no qual linhas de fuga em mi bemóis metafísicos subjacentes saltam intermitentes, aumentando as belezas de "lírio de vereda" vocacionadas ao corpo humano. "segredos vegetais" pede uma escuta atenta e telúrica de folha e flor, de sonho e baleia, de ipê e mar, do começo ao fim, sem interrupções.

"segredos vegetais" é uma meditação zazen navegando um exu por dentro:

[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=DWISUWV9XW8&T=1171S](https://www.youtube.com/watch?v=DWISUWV9XW8&t=1171s)

[depois de ouvir, descanse o tempo necessário].

qualquer corpo que se senta em frente a um exu pode afetá-lo e intensificá-lo, e ser afetado e intensificado por ele, no que o catimbó zen chama de existências compartilhadas. desse modo,

a primeira proposta do catimbó zen de exu é uma prática clássica do zen: **o zazen: sentar-se em modo agudo de educação da atenção, a proposta buda de tim ingold**. um exu seria, mixando zambarado, calunga da calunga grande e suely rolnik, **aquilo que usa tudo que está disponível, um cartógrafo que**

se apropria de tudo que encontra pelo caminho para realizar seu trabalho, sem preconceitos, sem racismos e sem fascismos, mas que não deve ser confundido com uma espécie de colonizador que traz na bagagem mapas e valores preestabelecidos, mas como alguém aberto a percorrer e descrever novos trajetos e caminhos que se apresentam como possíveis, munido, sempre, de um olhar de estrangeiro [rolnik, 2018, p. 65].

nessa tese [e na vida], exu tem promovido estudos sobre as artes da existência: presença, alma, corpo e voz: clínica, educação, alegria e cura: oralidades e escrita: potências de linguagem e regeneração. existências intensificando modos. presença abrindo passagens e reduzindo o poder que a inércia tem de atrapalhar a manufatura do *corpo taru ande radicalmente vivo*. acontecimentos de tábua de beirada, de fio de navalha, de cisão poética, parindo, especialmente, a *educação da atenção* como uma prática zazen a ser incorporada na didática docente. um quarto logos que, inspirado na explícita fase zen dos últimos textos de deleuze, guattari e foucault, utilizam a produção de brechas e os *cuidados de si* como dispositivos micropolíticos incubadores de macromovimentos.

esse **dionisíaco exu zazen** trabalha para intensificar a micropolítica mais antiga que se tem notícia [o amor] a partir das artes da existência. nessas artes, a desafiante estética de calunga da calunga grande **[o amor está sempre pronto para ser incorporado]** quer ganhar mais corpos, adquirir mais voz e angariar mais realidade. sim, porque, segundo os principais pesquisadores de uma ciência dura chamada matemática, a questão da existência [e, portanto, do conhecimento, da política e da coabitação] é inescapavelmente metafísica e amorosa.

calunga da calunga grande fez um belíssimo koan sobre exu:

-exu é um lugar que se habita entre quem recebe e quem vê quem recebe, quando quem vê quem recebe, vê [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2018].

antes de tudo, essa escrita é uma escrita de corrupção: produz tonturas. é, também, uma escrita de sonho, pois o sonho é um grande escritor. o sonho não só como aquilo que aparece quando dormimos, mas algo que se levanta junto com o dia e apresenta um estatuto de vozes e políticas para o corpo. é uma escrita sensível, pois a vida sensível é uma grande escritora.

é uma escrita assumidamente de sonho e vida porque vida e sonho são as mesmas coisas.

falo muito de mim nessa pesquisa, mas advirto que não se trata de mim.

trata-se de uma cambona e uma cambona está a serviço de como as experiências de seus *modos de existência* podem clinicar os corpos e educar a atenção. trata-se de um corpo e de uma voz simpáticos aos afetos das existências compartilhadas e dos devires. corpos e vozes disponíveis aos exercícios espirituais da filosofia como um modo de vida.

essa movimentação dos movimentos aberrantes de exu [que são o próprio exu e suas existências compartilhadas] – o mv2 leibniziano^ψ que influencia gilles deleuze e, mais tarde, david lapoujade – pode ser bastante cansativa. no entanto, **preciso declarar que sou uma cambona-pesquisadora circunscrita naquele tipo de grupo que vai abrindo a picada um campo de saber ainda por se fazer, viver e sistematizar**, o que pode ser, segundo o próprio deleuze, muitíssimo maçante. é também sobre isso que stengers está falando em seu singelo conceito *levar a sério*: do extremo cansaço físico [além de outras tragédias] que filosofias pensadas e instauradas, mas não vividas e implementadas, causam à humanidade. porque filosofia é método, política e remédio.

instaurar novas sensibilidades ou um novo campo do conhecimento parece, num primeiro momento, uma tarefa fácil. mas, não é bem assim. requer entrega, ação e paciência sem precedentes. ser engajadora, cuidadora e disseminadora de exu no intensivo e expressivo mais do que no argumentativo e explicativo para **advogar uma filosofia que é método, política e**

^ψ não se trata apenas de questões relativas ao movimento em si [descartes: o movimento se conserva e se comunica universalmente: em termos matemáticos notado como mv], nem de uma força que movimenta o movimento [a análise infinitesimal leibniziana contesta descartes e afirma que não é o movimento e, sim, a força: em termos matemáticos notado como mv²]. trata-se da movimentação do movimento [zambarado e toda a sua cartografia colaborativa presente nessa tese: nem o movimento, nem a força que movimenta o movimento, mas a sua movimentação pelo tubo metamórfico]. lapoujade diz, agenciando bergson, em “potências do tempo”, que o tempo só pode ser conhecido através da emoção profunda. emoção não como sensação ou sentimento ou mesmo intuição, mas como sua própria movimentação. assuntos aparentemente diferentes para uma mesma técnica epistemológica e metodológica: a movimentação de alguma criação, vitalidade, produção ou conceito pelo tubo metamórfico. tanto a terra [e gaia, seu fluido mais sutil] quanto a vida [e o corpo, seu fluido mais denso] são exaustivas movimentações do movimento.

remédio pode ser até mesmo violento. souriau diz que tem muita violência na instauração. por isso, ele produz um conceito tão maravilhoso quanto o *infância das coisas* nos convidando a viver, escrever e ler como se nada soubéssemos. desse modo, entrar no texto em modo *infância das coisas* pode aliviar o cansaço da especulação.

o eu, aqui, é “a imanência: uma vida...” como no título do último texto de deleuze. um *aion* nomeado. uma old. um macroconceito que todo mundo pega, aperta, amassa, estica e rasga. uma impessoalidade da pessoa circulada, circundada, investida, revestida, expandida e encolhida. depois, largada sobre o sofá. quem é esse quem? a fresta? a floresta? a água? o sol? a terra? o maaaaaaaarrrrrrrr! a lua... alguém? a pedra? estrela. céu. chão. multidão? eu. você. ou não. o léu errante: o terrante coração. mil corpos. o algoz. tu! ele! nós! a voz... as pessoas... quem? quantas hecatombes agem sobre esse si? o sangue de quantas mulheres antecede esse desastre patriarcal? cadê o amor? que se ressuscite, então, com a sua razão flor!

as existências compartilhadas entre esse mim que não sou eu e exu mostram possibilidades de clínica para a educação e falam [nem sempre de modo explícito e retilíneo] de clínica e educação como coisas indissociáveis. arte, clínica, educação, alegria e cura como modulações educacionais simultâneas. oralidades e escrituras. mas, não há soluções condensadas num potinho para guardar na geladeira ou mesmo uma lista de procedimentos *step by step* a serem aplicados em massa. a dica de ouro é educar a atenção para catar a filosofia como modo de vida [o catimbó zen] que vai escorrendo pela pesquisa [texto e subtexto], no meio das experiências que exu propõe, praticando, de antemão, a *mesopolítica* de stengers já na leitura do texto.

siga à risca o modo de leitura/especulação indicado, pois estaremos praticando um longo zazen e zazen é uma cadeira clínica do zen na qual exu se senta e a educação também pode se sentar. um conjunto de experimentos muito semelhante ao *corpo sem órgãos* artaud-deleuzeano, onde exu, catimbó zen e zen são as mesmas coisas: intensivos-expressivos modos de estar na terra e de produzir conhecimento, e não escolas religiosas ligadas ao ocidente ou ao oriente. **uma ecologia de práticas que ajudam a colar a cabeça no corpo e o corpo na produção de brechas: outros mundos possíveis.** há, entretanto, de fato, certos orientalismos. zambarado sempre dizia que era “um varredor de porta de escola”. talvez, ele estivesse falando do zen. talvez, ele tivesse *fazendo parente* entre o povo da jurema [os encantados] e o povo do zen, já que a expressão

catimbó zen foi uma nomenclatura criada por ele, proferida em situações nas quais ele assumia o papel literal de professor em relação a bemtevi.

um varredor de porta de escola já está com a cabeça colada no corpo e o corpo colado no mundo. não há nenhum nirvana fora do alcance de sua vassoura ou longe da sua capacidade física e metafísica de desbastar o lixo.

catimbó zen, como o leitor vai reparar ao longo da escritura, é uma estranha colcha de retalhos de três pontas: filosofia como modo de vida, *educação da atenção* e exercícios espirituais capazes de retomar a arte perdida da respiração, colocando-a, de modo definitivo, dentro do cotidiano. o tridente *educação da atenção*, exercícios espirituais e filosofia como modo de vida existe muito antes de pierre hadot, spinoza, nietzsche, michel foucault, tim ingold e até mesmo antes do zen. são intensidades que o corpo [re]ativa para produzir refúgios [e é disso que foucault está se dedicando a falar antes de morrer]. *cuidados e técnicas de si* como lento, mas poderoso, ato político. deleuze diria em modo zen: habitar o centro de tudo, mas não ser o centro de tudo, podendo, então, construir linhas reais entre ética e política. félix guattari chama isso de *subjetividades dissidentes* [puxar a respiração suave e consciente para coordenar o corpo em situações limite, por exemplo]. no zen, é zazen: sentar e praticar a arte da respiração como força política cotidiana para si, para a terra e para o mundo. catimbó zen é um *cromatismo generalizado* que propõe novas agências e novas relações entre os agenciamentos.

então, alguém me diria: continuamos falando do indivíduo? não. essa respiração ativa, esses refúgios, não pertencem ao indivíduo [o cpf fixo e estabelecido no mundo capital, o sujeito agenciado pela linguagem e pelas máquinas de guerra das macro forças]. pertencem à pessoa. e indivíduo e pessoa não são as mesmas coisas aqui.

gosto muito de um aforisma do malinês amadou hampaté bâ: **“as pessoas da pessoa são múltiplas na pessoa”**. um spinoza relido de modo elegante que vai dar na obra desbundante de fernando pessoa que, segundo seus biógrafos, produziu 136 [ou mais] modos de existir, conferindo grandes ou pequenos feitos públicos a cada um. vai dar, ainda, num minucioso étienne souriau, com suas estéticas de menos, caindo no colo de um persistente deleuze, com suas dialogias, seus orientalismos entre imanência, *campo transcendental* e devir, fazendo acontecer a criação, o pensamento e a sistematização disso que, iluminado por lapoujade nos trazendo souriau à tona [gracias, lepu!], sabemos se tratar do que chamamos de *modos de*

existência – o grande conceito souriaurano relido por essa tese como construto: os modos como pessoas, eus legiões, ligados, ressonantes ou [como querem a filosofia africana e o zen] responsáveis por todas as outras pessoas e, também, pelos rumos do planeta terra, o *plano de imanência* que nos habita, afinal, como diz calunga da calunga grande, **“não são vocês que habitam a terra, a terra é que habita vocês e, se ela é um território artístico, vocês são artistas, com todas as implicações que isso acarreta: navegar sensações e *ultrassensações* para aprender a sentir para além do si de si”**.

viver é não saber sentir, é sentir de maneira confusa, misturando (porque uma sensação **(um modo)** contém múltiplas outras). **só a arte permite aprender a sentir**, sentir melhor, sabendo o que se sente e sentindo mais intensamente. neste sentido, **a arte prolonga a vida**. a construção do eu pressupõe assim um devir-outro, e as sucessivas duplicações da consciência que intelectualizam a emoção. o eu é antes de mais uma sensação [gil, 2020, p. 219, grifo meu].

uma sensação que intelectualiza emoções [que fernando pessoa chama de *ingenuidades do vivido não artístico*] para se dobrar, de início, e se multiplicar em tantas mil mais [para se entregar à arte e “produzir a grande poesia”]. um processo, segundo josé gil, análogo ao nomadismo: um **devir-heterônimo-outrem** que se junta a *outros outrens* para produzir mais *outrem* e estar à altura de *outrem*.

fazer existir e não julgar, estando à altura de outrem (deleuze, 1995, 2015).

o esforço de experimentar a sugestão deleuzeana de não julgar pode ser bastante cansativo durante uma instauração. por isso, o convite é: não arruíne o devir, metamorfoseie-se junto com exu e o zen que transitam por essa escritura. mas não exu que vence demandas nos terreiros do mundo e, sim, **exu como um método de se estar na terra**. mas não o zen que nos provoca reconhecimentos e silêncios cósmicos e, sim, **o zen que, ao contrário do que dizem as suas próprias escrituras, nos faz pensar a partir da entrega aos abismos**. no abismo não dá tempo de fazer nenhum julgamento e é o abismo [ou o fio da navalha, como diz zambarado] que não deixa o medo nos paralisar durante a nossa obrigação vital de produzir *outrem*. o medo, grande companheiro dos corpos, do berço à cova, não acha solo fértil no fio da navalha e, assim, *outrem* pode driblar, nascer e proliferar. nascer sem que nós consigamos reter nenhuma imagem a seu respeito nem a respeito do abismo ou do que quer que seja. nascer sem que nós retiremos do fio da navalha os seus singulares cortantes. são os seus singulares cortantes [os duplos funcionamentos do *acontecimento* em deleuze] e as suas **dinâmicas do impossível** que arrefecem o julgamento: criam, revelam e porfiam *outrem*.

outrem como nos alerta deleuze é a intenção, o exercício e a expressão da criação de outros mundos possíveis [diferença e multiplicação de mais diferença]. *outrem* como nos alerta exu é a movimentação do movimento. zen, como diz zambarado, é cuidado intempestivo de um si fora de si procriando *outrem*.

antes de tudo, é bom apresentar o catimbó zen como uma *ecologia de práticas* que possibilitam ao corpo acreditar novamente no que lhe está acontecendo, manufaturando-o para existências delirantes, lisérgicas, impensadas e germinadas, mesmo sob ruínas do hipercapitalismo que estilhaça nossos tempos. essas novas e impensadas manufaturas do corpo é que irão acender cada vez mais novos devires, ativando o genoma humano e incrustando-o no coração de gaia. juntos, corpos gaianos e gaia, reintegrarão a terra, novamente, no concerto geral das nações do pluriverso. segundo zambarado, a terra encontra-se desgarrada do restante do cosmos por motivos de indignidade humana e suas pedagogias do hediondo. é em *outrem* que existências mais suaves, mais sensíveis e mais odaras são arquitetadas, fabricadas e eclodidas para o serviço de criar, produzir e perseverar a vida. gaia é *outrem* da terra. o corpo humano tem talento para se tornar *outrem* de gaia. essa é a sua potência. todavia, colar a cabeça no corpo, ao modo guattari, se abrir aos *modos de existência*, como nos pede souriau, construir almas como nos pedem zambarado e fernando pessoa, incorporar o amor, como nos convida calunga da calunga grande, e produzir *outrens* em deleuze&guattari são tarefas lentas, laboriosas e extenuantes que exigem um *corpo taru andé radicalmente vivo* que, acima de tudo, em posição de teoria [educação da atenção], faça da respiração uma aliada nesse exigente plano de persistir na vida.

antes de tudo, é importante falar, também, das minhas parcerias nessa tese:

raíssa padial corso: bricolagens produzidas para a pesquisa – série “mandiga digital”.

geovana jardim: registros fotográficos em pied-de-port/frança e captação de imagens da web-série “cartas ao vento” em istambul/turquia.

marcelo oliveira e lori figueiró: registros fotográficos no vale do jequitinhonha.

padu [padaursa]: desenho feito especialmente para a monja lib.

regina machado: parceira no álbum “canções guardadas nas dobras do tempo” e intérprete na canção “o voo de sofia”.

renato torres: parceiro no álbum “dijina” e intérprete na canção “medicina”.

ceumar: parceira e intérprete na canção inédita “terra em transe”.

isabel nogueira: parceira e instrumentista na canção “koan”.

titane: intérprete na canção “monja lib”.

manu saggioro e daísa munhoz: arranjadoras e intérpretes na canção “jurema”.

daísa munhoz: arranjadora e intérprete na canção “qual palavra?”.

socorro lira: parceira na produção musical da canção “deixa a porta aberta”.

renato negrão: parceiro na canção inédita “plim vargae”.

lucas bois: vídeo com trecho de “desmundo, a dessubjetivação da filha de júpiter” para o projeto “onírika”, da cantora e compositora deh muss.

por fim, encerro esse prelúdio lembrando de que a finalização e a defesa dessa tese se dá no ano em que plutão entra no signo de aquário para um domicílio de 20 anos. falaremos mais de astrologia e plutão, mas, por enquanto, reitero a agência plutônica sobre novos modos coletivos de existir: as *técnicas de si* que a uesta^Ψ movimentou durante os últimos 20 anos de plutão em capricórnio produzirão^Ψ na roda da fortuna^Ψ novos códigos de coabitação e coexistência entre as diferenças de gaia durante os próximos 20 anos de plutão em aquário: a obrigatoriedade do exercício de uma **cidadania multiespecífica e cósmica** daqui para frente.

o corpo taru andé radicalmente vivo como uma brecha de exu que propõe novas agências e novas relações entre os agenciamentos. *o corpo taru andé radicalmente vivo* agindo o tempo todo como um samurai capaz de realmente transformar radicalmente o mundo, a partir da respiração praticada, de modo artístico, disciplinado e ininterrupto, nas quatro horas grandes do dia^Ψ, como postulava o exu zambarado.

^Ψo ponto mais escuro, fundo e básico da encarnação: poéticas da alma, do corpo e da voz relacionadas ao trabalho sobre si – capricórnio.

^Ψse não de boa vontade, na marra; à revelia dos humanos.

^Ψo ponto mais alto e mais iluminado da encarnação: prestação de serviços à comunidade e produção de humanidade – aquário.

^Ψ6h, meio-dia, 18h, meia-noite.

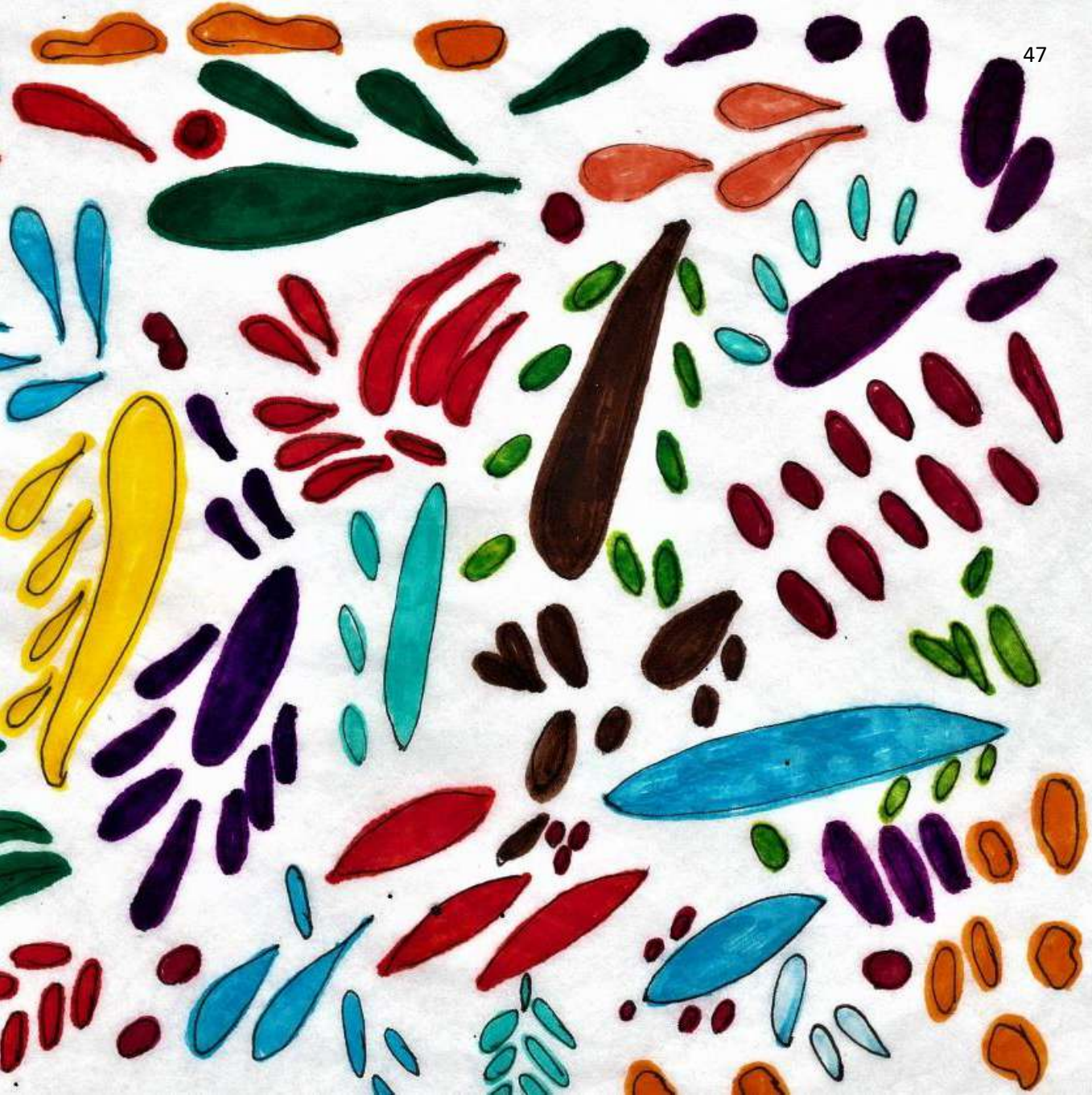
zazen 1

realize 7 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

<https://drive.google.com/file/d/1KyUoc4CX0eZ7cv5KVuZq9UAckvOwlXoz/view?usp=sharing>

depois de ouvir, respire fundo com calma e continue a leitura.

cromatismo generalizado: a vida na flecha de gaia



o que queremos é um cromatismo generalizado [deleuze&guattari]

requer um
corpo não
julgador
[deleuze]



requer um
corpo
disposto a se
tornar
radicalmente
vivo
[calunga da
calunga
grande]



cromatismo generalizado é a vida na flecha de gaia:
pensamento, intervisão xamânica, filosofia,
regeneração e cura na medicina do conceito
[monja lib]

zazen 2

realize 11 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/1U7Zp_tLWRyx2TqAmKFluxCcaeKfgTRFW/view?usp=sharing

depois de ouvir, respire fundo com calma, encerre a leitura por hoje e só recomece amanhã.

lavando palavra: corpo

certa pessoalidade do impessoal, passagem, esboço de mundos, tecnologia de percepção: modos de perceber fazendo para perceber de novo e fazer novamente: infância, espiral, experimentação bruta de experiência pura, ponto zero, imanência, máquina de fazer existências compartilhadas. a história do corpo circula por aí, mas vou cartografar o corpo do músico e educador letieres leite que se conecta com o corpo epistêmico de exu, krenak, kopenawa, souriau, deleuze&guattari e muitos outros pensadores do campo imanente. para pensar alma, corpo, voz e música, letieres diz que a música popular articula gestos invisíveis que o padrão eurocêntrico da notação musical não consegue acolher. ao longo dos anos, ele foi descobrindo que a única máquina capaz de notar essas “partituras etéreas” é o corpo. não apenas o cérebro comandando uma escrita, mas o raro uso da ginga [axé] como epistemologia. então, ele começou a treinar o corpo das pessoas para funcionar como um caderno de notação dos ritmos, incluindo os microtons e os microritmos invisíveis da cosmogonia sonora dos povos africanos, buscando infâncias que estão entre a palma, o canto, o gingado e o axé [a alma]. segundo letieres, somente a ginga e o axé do corpo [suas linhas musculares, emocionais, sensitivas, espirituais], com a disponibilidade de todos os seus membros em escutar os movimentos, pode traduzir o que está “acontecendo” com o som. lembrando que as cosmologias musicais africanas não apresentam a separação por barras de compassos. elas são circulares: qualquer lugar é o modo, de qualquer ponto da linha do círculo, pode-se estabelecer o um [um dos fundamentos quânticos]. tudo é o um e o um é o todo. o um está passando no todo e tudo que está passando no todo é um: esse é o método de letieres leite para ensinar música: a ginga e o axé do **corpo taru andé radicalmente vivo**, diriam ailton krenak e monja lib.

lavando palavra: modos de existência

giro há milênios, tantos, que ainda não sei se sou falcão, tempestade ou canto. [rainer maria rilke]

pode-se dizer que o sujeito seja a única forma de existência possível? não pode haver experiências, no curso das quais o sujeito não seja mais dado, em suas relações constitutivas, no que há de idêntico a ele mesmo? **não haveria, então, experiências nas quais o sujeito pudesse dissociar-se, quebrar a relação consigo mesmo, perder sua identidade?** [foucault, 2010, p. 298, grifo meu].

se tudo se torna esboço, é preciso depreender a consequência que se impõe: não há mais seres, só há processos; ou melhor, as únicas entidades a partir de agora serão atos, mudanças, transformações, metamorfoses que afetam esses seres e os fazem existir de outro modo. **a melhor maneira de solapar uma existência é fazer de conta que ela não tem nenhuma realidade. nesse sentido, fazer existir é sempre fazer existir contra uma ignorância ou um desprezo, defender o sutil contra o grosseiro.**

souriau vê o artista, o filósofo, o pensador ou o escritor como o advogado de existências frágeis, de existências que reivindicam existir de outro modo, de existências que querem conquistar mais realidade [lapoujade, 2017, p. 61-91, grifo meu].

souriau diz que os modos de existência [as virtualidades] insistem no corpo e que os artistas, os pensadores, os filósofos e os escritores são grandes criadores de preexistências [os terrenos, ambientes e arquiteturas necessárias à existência dos modos]. eu acrescento a essa lista os narradores. no meu corpo de artista-cientista-narradora insistem bemtevi, instaurada junto com o exu zambarado [tempos depois, em sonho, ele acrescentou meia-noite, como me avisou o congadeiro joão lopes, do jatobá]; papoula, instaurada junto com o exu zé mulatinho, quando ele coordenou o álbum “flor do jequi”; navodaya, instaurada junto com satyaprem; a velha: instaurada junto com o exu onã; a nordestina, instaurada junto com o exu zé pelintra; fia déia, instaurada junto com a preta velha mãe luísa, de quem fui cambona por alguns anos; passupreto xamã, instaurado junto com joão do lino mar; monja lib, instaurada junto com o exu calunga da calunga grande; runuwã borum krenak, instaurada junto com o caboclo sete folhas, o mestre bom floral e a rã azul. desses modos de existência, ganharam mais realidade bemtevi e monja lib.

“eu sou?”. dúvida existencial sobre a própria existência, dúvida fundada sobre o exame direto da existência humana, interrogação instável e tão cheia de perplexidade: “eu sou?”. ao fazer essa pergunta, considere e aceite a possibilidade de responder que não, você não é. **então, quem é você? não sei** [souriau, 2017, p. 121, tradução minha, grifo meu].

spinoza diz que os modos são existências de outras coisas em nós. zambarado segue a cartilha do indiano osho. para ele, **modos de existência são processos de iniciação à liberdade, alando o corpo de asas que sempre foram suas.** entretanto, zambarado, calunga da calunga grande, souriau, foucault e lapoujade chamam a atenção para o fato de que a força de um virtual é o problema, a questão, e que

se quisermos ver os mais belos reinos se abrirem em profundidade, é necessário correr riscos e correr esses riscos toda vez. sempre. **é necessário se tornar uma morgana**, a deusa com extraordinários poderes de mudar de forma. **os modos de existência se fabricam e são sempre luminosas soluções para um problema, uma questão, uma demanda. eles são a soma de exigências espirituais para elevação de um ser a um estar** [souriau, 1939, p. 353, tradução minha, grifos meus].

lavando palavra: plano de imanência

é o primeiro crivo no caos e fabrica conexões e ressonâncias. cada pensamento deverá abrir portas para o infinito porque pensar é seguir a linha de fuga do voo da bruxa. então o que há? **há transcendência cada vez que houver religião e há imanência cada vez que houver filosofia.** o tempo filosófico é um tempo grandioso de coexistência de planos que podem se separar e se reunir. por isso, não se trata de pensar o plano de imanência, mas vê-lo, senti-lo, ou melhor, querer vê-lo e saber senti-lo. **o queremos mesmo, mais do que tudo, é fundar um plano de imanência radical, sem espaço algum para a transcendência.** uma coisa completamente nova, passível de ser povoada por novos afetos. **o plano de imanência é uma cartografia, não a estrada; é a encruzilhada, não o rumo** [deleuze&guattari, 1991, p. 45-73, grifos dos autores].

lavando palavra: educação da atenção

no mundo aberto, para deixar a última palavra com deleuze&guattari, “não há nenhuma linha separando a terra e o céu; não há nenhuma distância intermediária, nenhuma perspectiva ou contorno, a visibilidade é limitada; e, no entanto, há uma topologia extraordinariamente fina que se baseia não em pontos ou objetos, mas sim em *hecceidades*, em conjuntos de relações (ventos, ondulações de neve ou areia, o canto da areia ou o estalido do gelo quebrando)” (deleuze&guattari, 2004, p. 421).

essas *hecceidades* não são o que nós percebemos, elas são aquilo com que percebemos. em suma, perceber o ambiente não é reconstituir as coisas a serem encontradas nele, ou discernir suas formas e disposições congeladas, mas juntar-se a elas nos fluxos e movimentos materiais que contribuem para a sua – e nossa – contínua formação. **isso é educação da atenção: pensar a educação a partir de um compromisso ontológico com a vida** [ingold, 2015, p. 142-143, grifos meus].

nômade

a vida sopra rápida!

um passo começa em taipé e termina em nova iorque. o ar gelado da sibéria entra quente nas narinas da amazônia. exu desobedece pitágoras e leibniz e muda o estatuto do sujeito: abre as *mônadas* e acrescenta janelas e milhões de andares ao prédio filosófico de deleuze. como um buda sentado sobre nossas cabeças, o sol nos lembra de que o eu não é individual e nem é para dentro. gaia nos cospe violentamente para fora. a metamorfose, o paradigma da terra, propõe realidades dramáticas: a lagarta bovina se incrusta no casulo de onde a borboleta lépida se desvencilha sem olhar para trás. os corpos sufis radicalmente vivos giram como rodam os corpos *taru andé* dos torés boruns-krenaks que aconteciam às margens de um doce ex-rio brasileiro. um barco desliza nas águas do bósforo e o sol nasce sobre a cabeça de constantinopla. viver é a taxonomia dos otomanos, mas grita o frenesi caótico dos bizantinos.

a vida modula rápida!

o vento volatiliza os sóis, translaciona gaia, espirala a vida, deriva mundos e as tribos contam suas literaturas intermináveis. o sumiê desenhado pelas brumas de uma montanha sagrada no tibet parece descrever uma paixão sem sintomas acontecida no cairo. a delicada arte ebru praticada em istambul alcança o barro de um coração artesanal no vale do jequitinhonha. imóvel há nove luas, um dervixe medita num quadrante zodiacal para ajudar júpiter a produzir alegrias dissonantes capazes de interceptar, como um escudo, os meteoros destinados a explodir a terra. humano, a substância pretensamente principal, possui obsolescência programada num dispositivo que causa seu desaparecimento em 3, 2, 1... a produção do conhecimento não começa na grécia antiga: no fundo dos volumosos rios mesopotâmicos, raras filosofias acádias ativam outras pineais, forçando outros modos de pensar.

a vida sonha rápida!

nas dobras entre o hermetismo e a era comum, o deus bailarino de trismegisto, apolônio de tiana e spinoza [tangível e mutável] desliza nas cordas bambas do mundo, como qualquer mortal, alheio à platônica perfeição das ideias. as ciciantes místicas nômade da suméria brilham sem pudor numa oficina híbrida aberta que advoga [e leva a sério] um tal polímata *cromatismo generalizado* [clínica, educação, alegria e cura – artes da alma, do corpo e da voz: existência e presença] que não aspira às monolíticas verdades das universidades cartesianas. o amor... ah, o amor... o amor está sempre pronto para ser incorporado, mas faltam corpos... exu acertou um alvo ontem com uma pedra que só jogou hoje. a pedra de exu trinca uma brecha, outra brecha, mil brechas, dez milhões de brechas para nos lembrar de que **a vida atravessa rápida!**

zazen 3

realize 7 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/1zm-kymBYxYglm7UYBvEc_4vuSz9TCf_U/view?usp=sharing

depois de ouvir, respire fundo com calma e só continue a leitura depois de dormir uma noite.



İnceliklerin metodolojisi

419 488 71

zazen 4

realize 11 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

<https://drive.google.com/file/d/1Ulхозfmf2QFUE2jw83m974G7uy6dnTaC/view?usp=sharing>

depois de ouvir, respire fundo com calma e continue a leitura.

instauração – crivar e peneirar para produzir

metodologia das sutilezas

a orientadora sonha

cartas astrológicas apócrifas

memoriais descritivos [autobiogeografias]

zambarado diz que “**o importante não é conhecer e, sim, estar impelido ao conhecimento**”.

e, ainda, que o conhecimento produz em nós uma necessidade de “**botar o couro à prova**”.

deleuze diz que “é necessário inventar os próprios intercessores”.

souriau e lapoujade dizem que a filosofia exemplifica bem o que seja instaurar, já que os filósofos não fazem outra coisa além de crivar e peneirar o caos para produzir intensivos. souriau fala de uma “arquitetura intensiva”. para ele, é possível, até mesmo, calcular as invariantes – diversidades contidas na filosofia daquele cosmos estudado: decisão, oposição, mediação, evasão, destruição. exu pulsa na primeira, na quarta e na última: decisão, evasão e destruição. a primeira, a lei do ponto de vista, não do autor, porém, da estrutura da filosofia desse cosmos, chamada por lapoujade de **decisão**, é uma arquitetura que se dá a partir de uma certa ordem que não deverá ser confundida com fundamento porque essa certa ordem vai existindo de modos [re]inventados. o corolário é: a construção desse cosmos é acarretada pelas decisões que ele próprio acarreta a cada instante. e, por mais que seja um cosmos, nem tudo pode entrar por sua porta ampla: é sempre necessário fazer o que ele chama de sacrifício de possibilidades. tanto em zambarado quanto em calunga da calunga grande, a primeira teoria sacrificada é a de que exu é um guru. não há nenhuma possibilidade de exu ser transformado em um guru pelas existências que o compartilham, pois exu é uma porta menor [intempestiva]: só é possível ressonar em exu em coisas muito ínfimas e um guru é uma coisa muito vasta, um universal. zambarado pediu atenção a isso muitas vezes. a **evasão** diz do estranhamento introduzido por uma dinâmica de torção daquele cosmos que o impede de se fechar sobre uma suposta perfeição de verdades absolutas: ranhuras próprias de *devir-com*, de aberturas para o engano. zambarado criava reiterados mecanismos para impedir sua eleição ao posto de mestre espiritual/guru, concluindo-os com a frase célebre: - **eu sou apenas um varredor de porta de escola**. por fim, a **capacidade de destruir**, sem nenhum pudor [e lapoujade insiste sobremaneira em “sem nenhum pudor”], conceitos filosóficos cristalizados que gravitam aquele cosmos. aqui, cabe, novamente, o cuidado de zambarado em refutar reputações de guia ou mentor: - **eu não tenho nem corpo, sou apenas uma voz...** cabe, ainda, repelir a tese nefasta de que exu é o diabo. exu não é binário [di]. exu é um tridente que inaugura o três e o três é a curva que rege a produção de suas fractalidades: *modos de existência* cuja vocação final é sempre a contraguerra.

assim, instaurar é advogar precariedades cada vez mais intempestivas. e ir se tornando intempestivo é produzir [ou reconhecer] o **corpo artístico**. e reconhecer o corpo artístico é, **antes de tudo testemunhar gaia como um território artístico, o koan zen de zambarado**.

no **catimbó zen**, testemunhar gaia como um território artístico é estar na terra como um corpo radicalmente vivo que esboça e improvisa a vida no grau máximo.

qual o *plano de imanência* desse grau máximo *taru andé*?

o *plano de imanência* tanto do maravilhoso de zambarado&calunga da calunga grande quanto do esplendor de souriau e lapoujade é a fabricação diária do combustível que persevera a vida: a alegria como território que deve sempre ser produzido, modulado e habitado.

metodologia das sutilezas

como doutorar, advogando arte, clínica, educação, alegria e cura [linguagem e regeneração]
como acontecimentos indissociáveis?

como doutorar para um doutor cuja dramaturgia monadológica traz para a cena
transdisciplinaridades inusitadas e incessantes?

como doutorar sem achatar as estéticas daquilo que se doutora?

a **metodologia das sutilezas** é um método cartográfico que nasce a partir de leituras autóctones da *filosofia da diferença* e se associa a outros *reruns* que experimentam modos pós-paradigmáticos corporificados e emancipatórios de produzir conhecimento nos quais o corpo está unido ao que estuda.

como?

~~em arte~~em intuição~~em meditação~~em observação~~criando uma testemunha artística capaz de se relacionar com a terra como um território artístico~~

~~em arqueu~~em assinatura~~em paradigma~~

~~em artesanato intelectual~~em alternância biográfica~~

~~em experiências cartográficas íntimas diárias: saudação ao sol para escrituras matutinas intuitivas [zen.yoga], técnicas peripatéticas para revisão de texto longe do texto [caminhadas, descendo e subindo 320 degraus de uma escadaria, em modo cone]~~

~~com um *corpo gravador* zambaradiano e yanomami: o corpo primeiro escreve em si mesmo e grava, depois, o coração edita, e, só, então, a mão registra nos moldes clássicos [palavras, desenhos, sons etc]~~

~~fazendo *mesopolítica* na *micropolítica*: stengers e haraway na brecha de deleuze: o entre, o entremeio, o entretempo, o entremundo, o por meio do que está acontecendo~~

em “signatura rerum – sobre o método”, agamben usa o termo *rerum* [em latim, literalmente “das coisas”] para elencar importâncias na hora de produzir caminhos autorais em pesquisas de ciências humanas e sociais que, para ele, ainda não têm coragem de assumir o **conhecimento mágico antigo** [speech acts – linguagem que beira a magia] para pensar sobre o método e criar metodologias artesanais, emancipatórias e vivas.

”e os speech acts, em que a linguagem parece beirar a magia, são apenas a relíquia mais vistosa da natureza arcaica assinatorial da linguagem. qualquer pesquisa em ciências humanas tem necessariamente a ver com assinaturas [magias]. aprender a reconhecê-las e a manuseá-las é urgente para o pesquisador. deleuze diz que duas coisas são imprescindíveis: ver o problema e escolher os conceitos para abordá-los. eu acrescento que conceitos implicam assinaturas. especialmente nas ciências humanas, os conceitos são, em sua grande maioria, assinaturas de uma magia falada ao longo da história” [agamben, 2019, p. 108-114].

foucault diz em “arqueologia do saber” que falar já é fazer algo, falar é a expressão de um pensamento que também já é ação. desse modo, o que agamben traz nos seus estudos sobre o método são as coisas [*reruns*] que devem nos importar na hora de pesquisar em ciências humanas e sociais, entre elas, as assinaturas mágicas do que ele chama de “ciências divinatórias”: geomancia, quiromancia [a arte de calunga da calunga grande], fisiognomonía, hidromancia, piromancia, necromancia, astronomia e astrologia.

é na magia falada da astrologia, por exemplo, que a tradição mágico-médica funda as suas raízes [agamben, 2019, p. 76].

agamben considera a astrologia uma assinatura [portanto, um conceito] privilegiada e derivadora. já walter benjamin, em seus últimos textos, chega a ponderar que a felicidade estaria intimamente ligada à capacidade de ver e fazer a magia.

lavando palavra: método

pelo latim e pelo grego é o “por meio de”.

o sânscrito/acádio diz da movimentação de algo que vai à frente e volta atrás, sugerindo uma movimentação de potências em múltiplas direções e escalas.

karl marx diz em seus estudos inacabados sobre o assunto que método é o próprio sujeito de estudos e é por meio dele que caminhos metodológicos são produzidos, que, também, é o pensamento de giorgio agamben:

contrariamente à opinião comum, o método efetivamente partilha a impossibilidade de ser separado do contexto em que atua. não existe um método válido para qualquer âmbito [agamben, 2019, p. 8].

então, vejam só, as etimologias da palavra método juntam dois materialismos aparentemente divergentes no campo da filosofia. mesmo que o materialismo de marx pressuponha o conceito como modo de intervenção histórica direta na realidade, na definição do que seja método ele se aproxima do materialismo francamente especulativo praticado hoje por donna haraway e isabelle stengers, por exemplo. por mais que os marxistas ortodoxos não gostem do exercício especulativo, definir o método como o próprio sujeito de estudos é uma liberdade que, no mínimo, redefine termos e modos de produção do que seja objetividade científica. haraway e stengers seguem pelo meio exercitando livrar a produção científica da mancha meramente objetiva que aborda o mundo pelo desencantamento, eliminando as turbulências complexas e ruidosas que são paradigmas desse mesmo mundo. o físico niels bhor disse, certa vez, que a objetividade científica cartesiana [simplista e reducionista] definitivamente não toca, nem de raspão, naquilo que a gente consegue extrair da observação do que chamamos de realidade.

desse modo, **método está mais para um flow heraclitiano do que para um cogito de descartes.**

na aula que ministrou no brasil, pelo atelier paulista, por ocasião do lançamento do livro “a alteração dos mundos”, em 2022, e celebrando os 10 anos da editora n-1, david lapoujade começou fazendo três perguntas ao público:

será que, de fato, percebemos as potências da arte?

será que isso que chamamos de arte realmente diz respeito a ofícios humanos ou a vitalidades que intensificam a vida onde ela já está invisível de tanta desvitalização da sensibilidade capturada e agenciada pelo hipercapitalismo?

a arte seria, então, aquilo que advoga aumentar a realidade de existências mínimas que necessitam de mais esplendor num mundo cada vez mais unívoco e fosco?

em lapoujade, a arte é uma intensidade mais forte do que a própria vida. ela criva o que a vida tem de impessoal, experimentando, no que ele chama de *realidade intermediária*, vitalismos que estão lá na ponta ou que ainda nem existem ou que jamais existirão. zambarado dizia que “a arte é uma saudade do futuro”. seguindo, então, essa sugestão devírica do exu, puxamos potências e *patuidades*^ψ da arte e da terra como um rerum iniciático porque mais forte do que a própria vida é gaia. desse modo, faz todo sentido a tese de exu de que a terra seja um território artístico. e, se aos *terrano*s não é dada a chance de escapar da terra como diz bruno latour, também não há como esquivar-se da arte, pois, se ela produz devir, como diz exu, a deficiência histórica dessa produção de consciência sem sujeito tem custado muito caro à humanidade, como previu sidarta gautama em seu último discurso.

agamben [agenciando paracelso, jacob böhme, walter benjammim e michel foucault] oferece à metodologia das sutilezas outros *reruns* que, contrariando o exercício comum, efetiva o método como um fluxo impossível de ser separado dos conteúdos que ele navega. a filosofia mais genuína, então, é o durante, os termos de sua passagem, com atenção para o fato de que, especialmente para pesquisas de ciências humanas e sociais, uma arqueologia corajosa e capaz de retomar linhas pouco tematizadas, liberando a vida que está presa ali n’alguma cristalização do tubo metamórfico, é muitíssimo bem-vinda.

^ψaquilo que transtorna o corpo e que só a arte é capaz de oferecer. segundo souriau, somente isso que transtorna o corpo pode instaurar nele modos [métodos] radicalmente vivos.

exu está entre essas linhas pouco tematizadas. especialmente como epistemologia. vamos, então, mergulhar exu no trio agambeniano que deve fazer parte dos estudos básicos sobre o método: ***paradigma, arqueu e assinatura***.

a **metodologia das sutilezas** é uma encruza pós-paradigmática. entretanto, vamos cruzar linhas aristotélicas e kantianas para clarear o que seja um **paradigma** aqui: movimentos analógicos que variam quantidades e qualidades físicas e extrafísicas entre exus e **existências compartilhadas** sem induzir nem deduzir, indo de uma singularidade a outra singularidade, como usinas que nunca param de fazer diferenças, através da experiência [e do experimento como experiência]. o *código pós-paradigmático* de exu, segundo zambarado e calunga da calunga grande, “é tudo na hora e é com tudo que está à mão, disponível no momento”, assim como o cartógrafo de rolnik. essa formulação [“é tudo na hora e com tudo que está à mão, disponível no momento”] também poderia ser configurada como premissa fundamental para o *cromatismo generalizado* de deleuze&guattari.

sendo assim, o paradigma de exu é que, para além de ser uma ontologia intensiva lotada de existências terrenas compartilhadas, ele é um método e um modo de se estar radicalmente vivo na terra. um *taru andé* que instaura e persevera vida junto com gaia, produzindo conhecimento, abrindo brecha, fissura, rachadura, intervalo, interstício, *aion* e outros *reruns* minúsculos. **exu é um *taru andé radicalmente vivo* e esse *taru andé* passa de uma entidade de ancestralidade africana que resolve demandas para um entretempo onde demandas podem ser demandadas e resolvidas por quaisquer **corpos autodemandados** e **xamãs de si mesmos** que queiram compartilhar existências com ele ou *fazer parente* com outras encantarias de gaia.**

vento, mercúrio e ganesha

três arqueus/assinaturas/paradigmas de exu interessam à **metodologia das sutilezas**: vento, mercúrio e ganesha.

o que dizer do **vento**?

o vento sopra carícias e bofetões sobre sóis, luas, estrelas, águas, corpos e coisas criadas e incriadas. o vento é uma mágica invisível, uma mística venenosa da natureza cega e cegante, vaporizando vagas e minúsculas silhuetas que, vez ou outra, o olho nu consegue captar. o vento é um exu impessoal que transporta e repete mônadas de mundos anteriores e bafeja devires e

diferenças a mundos pluriversais ainda não chegados. ermo. solidão. pré-literatura. cosmogênese. cidadania cósmica sempre em trânsito.

o que dizer de **mercúrio**?

a biofísica diz de um mercúrio volátil cuja volatilidade teria sido adquirida em intenso e veloz trânsito de choques com vênus, marte e terra. possivelmente, esses choques empurraram sua órbita para perto do sol. desde 2018, uma missão conjunta entre europeus e japoneses investiga alguns mistérios que envolvem seu surgimento e funcionamento. por exemplo: os cientistas não consideram sua composição química apropriada para alguém que vive tão perto do sol e a missão se encheu de muitas perguntas. será que os sumérios lhe conferem o título de deus da escrita devido ao grafite presente em sua superfície? por que seu centro não é exatamente no centro e, sim, mais ao leste? por que, mesmo tão perto do sol, mercúrio preserva pequenos blocos de água congelada em sua superfície e um grande bloco no seu centro?

eu tenho outras: será que, sendo um exu, mercúrio sabe acidentar, desviar e bifurcar para continuar se comportando como um transiente? será mercúrio um transiente carregado de pequenas liberdades que servem à movimentação da comunidade desse sistema solar? os caldeus falam de um mercúrio instável cuja instabilidade é própria daquilo que transita e comunica diferenças. a astrologia lhe deu uma imagem em movimento que se alterna entre um hermes com asas nos pés e um hermes que carrega incrustado um caduceu com asas e duas serpentes, lembrando o tridente de exu.

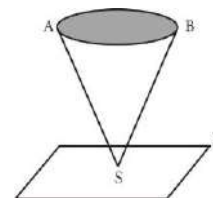
zambarado dizia que essa imagem tinha a ver com **“o abracadabra: a lembrança da potência de cura que a palavra possui”**. mais tarde, encontrei, numa entrevista de rubem alves a carlos rodrigues brandão, um rastreamento etimológico do termo abracadabra que remonta à aurora da literatura persa: “eu crio e curo quando falo e escrevo”. lisergia? pode ser. mas lisergia que fomenta hipóteses para biofísicos, cosmólogos, filósofos, mecânica quântica, antropologia, possibilitando que o *cromatismo generalizado* cumpra aquilo que é a sua vocação na ciência e na educação: produzir esse estranha cica chamada **transdisciplinaridade**.

[por falar nela, zambarado sugeriu que eu comesse a estudar física com urgência por ser uma matéria fabulosa e fabular. nado nesse encontro de saberes pelas lambadas terapêuticas que suas águas promovem no corpo: mergulhos de contracorrente me levaram ao pensamento imanente de giordano bruno, plotino, spinoza, paracelso, hermes trismegistro, jacob böhme,

albert einstein, isaac newton, henri bergson, auguste blanqui, stephen hawking, carlo roveli, roger penrose, luis pingueli rosa, mário novello, ervin lászló, attila grandpierre, nelson job: intensos rizomas entre física e filosofia que, afinal, são almas gêmeas].

erwin lászló, que também é músico, faz ressonâncias entre a física e os *registros akáshicos*, um conceito da cosmologia oriental que trata de memórias cósmicas – uma fumaça que pairaria no ar e que, de tão sutil, resistiria até aos escombros do caos da atividade humana sobre a face da terra, como marcel proust advoga no livro “em busca do tempo perdido” e helena blavatsky já formulara em “a doutrina secreta”. essa vibração rebate lá nos bergsonianos conceitos de *virtual*, *atual* e *intensivo*, no famoso cone que bergson cria para mostrar, de maneira muito didática, como a memória se atualiza. krenak relê bergson com a formulação genial: “o futuro é ancestral”, que virou título de seu último livro.

imagem criada por henri bergson que aparece em “matéria e memória”, p. 178, visitada por deleuze e muitos outros pensadores do campo imanente para pensar tempo, duração, memória, virtual, atual e intensivo, e, também, imanência, campo transcendental, devir, vida – características, funcionamentos e estéticas de um corpo no agora.



absp é bergson dando uma imagem para a sua tese de que o agora [uma virtualidade] atualiza a memória. é um diálogo entre *atual*, *virtual* e *intensivo*. **abs** é toda experiência acontecida com um corpo no mundo e **p**, o campo de envolvimento onde se dá o encontro e a movimentação entre *atual* e *virtual*, onde o tempo acontece, carregado pela emoção [já que ele acredita que só é possível conhecer o tempo através da emoção profunda], e onde deleuze e deleuzeanos jogam suas luzes. lembrando que essa emoção bergsoniana não é um sentimento substantivo, mas movimentação, como pensa didi-huberman, que inventa uma nova e genial grafia para a palavra, tornando visível a movimentação do seu movimento: *e-moção*.

há um acontecimento se movendo no gerúndio.

relendo o cone, eu penso em outros *reruns* para a largura, a altura e a espessura bergsonianas, presentes em seu *atual/virtual/intensivo* [passado/presente/devir]: velocidade, emaranhamento e simultaneidade; molar, molecular e quântico; átomo, elétron e fóton; sensação, *e-moção* [movimentação por um tempo-espaco alterados] e intuição. penso, também, que bergson qualifica e amplia o que seja diferença para deleuze, quando distingue, com a ajuda do cone, multiplicidade qualitativa da *duração* [seu potente conceito] da

multiplicidade quantitativa/numérica do espaço [o atual]. a multiplicidade da *duração* é intensiva, contínua, irredutível, heterogênea e produz diferenças de natureza e comportamento.

attila grandpierre, aluno de lászló, integrou a banda húngara “dançando com o sol” nos anos setenta^ψ e defende a tese de que o sol emite luzes de auto-organização, abrindo ciclos de frequências aos seres que estão sob sua influência direta, mesmo que estes seres não tenham a mesma densidade dele [o sol] como advoga blanqui. estudos apontam que o dna das células humanas também produzem modos auto- organizativos para sincronizar processos vitais. isso ressoa em “diferença e repetição”, quando deleuze diz que a diferença vai borbulhando [como um alien] naquilo que se repete, à revelia daquilo que se repete. isso ressoa em zambarado, quando ele diz que, depois da liberdade [e, por conseguinte, do amor, seu correlato] e da alegria, a solidariedade é aquilo que completa a triangulação encarnativa. ser solidário, no pensamento zambaradiano, é [ou deveria ser] um valor intrínseco a quem está com a cabeça debaixo do sol.

outras perguntas me surgem: a solidariedade é uma lisergia que o sol disponibiliza aos corpos humanos? o sol seria, então, um grande opiáceo?

a **assinatura** de gaia está entre as assinaturas de vênus e marte, a quem a alquimia antiga confere as palavras amor e guerra, respectivamente. há pesquisas astrofísicas recentes que indicam marte como possível território onde a vida como conhecemos já pudesse ter acontecido, pois terra, vênus e marte seriam uma espécie de trilogia que compartilhou primórdios de uma mesma mãe: uma nuvem de gás e poeira cósmica composta especialmente de hélio e hidrogênio, além de oxigênio, silício, alumínio, carbono e ferro.

seguindo zambarado, lászló, grandpierre e lapoujade, seria mercúrio o exu que puxa a terra para linhas amorosas [usando as frequências solares de mesmo ciclo] e que comunica a ela os desastrosos destinos de marte [a extinção das possibilidades de vida], usando elementos da **cidadania cósmica** das *memórias akáshikas*? seria mercúrio um exu artístico e arte-educador, puxador e carreador, que intensifica solaridades e se propõe a criar linhas de comunicação entre o amor e a guerra, para que o amor, densidade não inata à terra, segundo calunga da calunga

^ψatualmente, vocalista de “legistas galopantes”, um grupo de rock que enuncia sua música como sendo “uma caminhada onírica pela floresta guiada pelo sol”.

grande, possa navegar e se naturalizar em nós como algo que possamos incorporar livremente, e a qualquer momento, para continuar com as nossas cabeças sob o sol?

grandpierre consegue incríveis ressonâncias. no artigo “biologically organized quantum vacuum and the cosmic origin cellular life”, ele deixa claro que advoga **consciência não como coisa única, mas como presenças que se originam de uma vacuidade quântica**, pensamento que vibra junto com o conceito de vida em deleuze e outros deleuzeanos [ingold entre eles]. o sol de grandpierre parece ter características de um grande orixá e mercúrio assume posições de um kafka desse orixá – seu duplo menor: o exu mensageiro cuja velocidade e intimidade inatas de receptor/distribuidor de solaridades cria possibilidades de produção de *modos de existência* mais próximos dos solidários e coletivos atributos solares.

o que dizer de **ganesha**?

ganesha é o **arqueu** oriental de exu e seu fascínio está no reino do pensamento, da oralidade e da escrita – uma **ética das palavras**. palavra como enteógeno [zé pelintra]. paracelso diz que as palavras são assinaturas porque a língua é um **arqueu** poderoso. segundo ele, três assinadores se destacam: o ser humano, a natureza [a floresta] e as estrelas. böhme escancara a insuficiência do modelo semiótico e diz que o signo só dá sinal de vida quando uma *assinatura* o anima. calunga da calunga grande diz que *assinatura* é arte do corpo animado que cria uma agenda paralela que, por vezes, se não educamos a atenção, pode passar ao largo da consciência. segundo ccg, essa agenda paralela propõe acontecimentos fora do ordinário e, geralmente, só é acessada quando a velhice depõe os hormônios do comando geral do corpo.

agamben fala em *assinatura* como um “lugar onde ler e escrever invertem” relações e entram numa zona indeterminada: leitura vira escrita e escrita vira leitura. em hugo hofmannsthal, a *assinatura* permite que se leia também o que não está escrito. a força dos espíritos estão juntas na imagem, não é assim que deleuze diz? zambarado advoga o espírito da água como a *assinatura* mais eloquente da terra. podemos ler a terra no espelho das águas. fabulando mais ainda, eu me lembrei de coccia dizendo que no princípio não era o verbo, mas as árvores refletidas no espelho das águas. no princípio, então, era a imagem. árvores assinam no espírito da terra. talvez, brote daí a *intrusão de gaia* de stengers: quanto mais desmatamento, mais gaia se torna intrusiva e insubmissa: afinal, seu espírito está cada vez mais seco! a árvore está no centro das emergências climáticas. desse modo, além de material, a questão é

inescapavelmente espiritual. o poeta rainer maria rilke diz que “se nos rendêssemos à inteligência da terra, poderíamos nos erguer enraizados como árvores”.

mas voltemos a ganesha...

zambarado me contou que ganesha protagonizou uma narrativa espetacular sobre a amizade entre arte, linguagem e educação. [mais tarde, encontrei uma versão dessa narrativa no livro “exu não é o diabo”, de alexandre cumino].

o criador do mahabharata, o maior texto poético já produzido, com mais de um milhão e oitocentos mil versos, tinha tudo na cabeça, porém não se sentia capaz de escrever. conversando com um sábio ancião local sobre a demanda, este lhe indicou ganesha como escritor. ganesha aceitou o trabalho, mas sob condições surpreendentes: só escreveria se as palavras saíssem da boca do criador num jorro rápido e chegassem às suas mãos antes de serem interceptadas pelas cabines taxonômicas da mente. só escreveria caminhando pela manhã e se a fala e a escritura brotassem no corpo, ao mesmo tempo. zambarado dizia que das manhãs jorram escrituras intuitivas. calunga da calunga grande fala de uma escrita “mais quente e com menos julgamentos” no período matutino, quando o corpo ainda está sob agências do sono que, para ele, se alia ao sonho para arrefecer o ego, o eu duro do cpf e do rg.

ganesha determina, então, horários para as caminhadas nas quais o criador deveria cuspir o pensamento sem dar tempo de as palavras virarem ideias. ganesha parece estar falando de captar, mais do que forçar, o próprio trânsito daquilo que passa. [que zambarado e lapoujade estão chamando de movimentação do movimento]. em ganesha, então, a vida, o pensamento e a escrita são as mesmas coisas: potências em trânsito. a escritura de ganesha refaz laços entre imaginação e realidade [como se soubesse de ingold] e preserva velocidades entre o pensamento e as mãos [como se soubesse de calaunga da calunga grande], desbancando, como böhme, a primazia do modelo semiótico sobre todas as coisas, assinando, de modo muito vivo, um texto [e um método] também muito vivo que, por vezes, consegue ver e dizer, simultaneamente, até mesmo aquilo que não pode ser visto e nem dito. ganesha propõe a escritura como esboço, um “estar em vias de” deleuzeano.

zambarado falava de caminhar diariamente como arte, clínica, educação, alegria e cura, um método para o corpo autodemandado e xamã de si mesmo porque caminhando os pensamentos descem para a batata da perna e a batata da perna agencia o cérebro moendo as

sinapses e gerando novas potências tanto para a fala quanto para a escrita. em vajucá, o reino encantado do mestre bom floral [que, segundo zambarado, seria um *corpo sem órgãos* – eu me lembro dele chamando bom floral de “**peneira vazada, sem aros**”], caminhar é uma metodologia vital que faz os raios telúricos intuitivos lançados por gaia chegarem com mais proficiência e rapidez aos corpos. os habitantes de vajucá chamam a batata da perna de “**carne tenra movimentável**”, pois, ali, as flechas gaianas se enterram com maciez, forçando as sinapses a percorrerem outros caminhos para pensar. para os vajucanos, na batata da perna, há outro coração. há uma passagem sobre william wordsworth, considerado um dos maiores poetas da fase romântica da língua inglesa, dizendo que ele andou mais de 180 mil milhas em sua vida porque acreditava na profunda conexão intuitiva entre caminhar, pensar e escrever.

meditação e caminhada não estão juntas nos escritos de aristóteles. ele fala das duas possibilidades separadamente. mas, o leitor as conecta imediatamente. peripatético [em grego: “itinerante”] faz referência aos “peripatoi” – os arcos do liceu de atenas. a técnica metodológica peripatética é literalmente caminhar. então, casei caminhada [corpo em movimento] com respiração [corpo que testemunha atentamente a entrada e a saída do ar] e meditação [corpo que passa por entre as frequências de velocidades mais rápidas, ganhando intimidade com padrões vibratórios mais sutis]. desde o mestrado, então, antes de começar a ler ou escrever, observei a respiração, meditei durante uma hora e caminhei sete quilômetros, diariamente.

nessas práticas [exercidas como um método combinado], respirei, intuí, ressoei, modulei, revitalizando sensibilidades e instaurando outras. percebi que quando eu escrevia depois do zazen matutino de saudação ao sol [zen/yoga], a escritura fluía sem perder as tais velocidades entre a cabeça e as mãos, a la ganesha. percebi, ainda, que quando eu subia ladeiras em cone, ou seja, com passos lentos e transversais, meu pensamento produzia certa modulação que conseguia alcançar o texto à distância, promovendo, na lentidão das passadas cônicas que mastigam o oxigênio que entra e sai, uma revisão/edição menos ortodoxa. uma revisão incrivelmente minuciosa ia sendo registrada junto com o funcionamento físico da própria caminhada. o *corpo gravador* [um conceito de zambarado que encontrei também em joão do lino mar^ψ e kopenawa&bruce] entrava em ação sempre que eu subia em cone. a técnica consiste em não anotar nada em lugar nenhum, liberando o corpo para gravar apenas aquilo

^ψcapitão dos catopês de são benedito e nossa senhora do rosário de bocaiúva, minas gerais, e meu sujeito de estudos no mestrado.

que a “**caixa do peito**” e a batata da perna [os corações] puxarem, criando uma espécie de banco de memória de linhas cardíacas. meu primeiro álbum autoral, serendipity foi feito a partir dessa metodologia, por sugestão de zambarado, que deixou as dicas anotadas numa carta para ser lida depois de sua partida: só entraram no disco as 14 canções que ficaram na “**caixa do peito**”. pesquisando mais, encontrei em hannah arendt um conceito que ela chama de *força diagonal* e fiquei pensando que, talvez, minhas subidas em cone ativaram essa força.

muito mais do que os cientistas das ciências humanas e sociais, os cientistas das chamadas ciências duras são categóricos com o tamanho do naco da intuição e de outras sutilezas no bolo da produção de conhecimento. especialmente os matemáticos e os físicos não têm nenhum pudor em afirmar que o ato intuitivo pode fermentar, dobrar e selar qualquer equação.

a metodologia das sutilezas é intuitiva e se dobrou na respiração, na caminhada, no exercício musical, nas leituras, nas aulas, na escritura, na atenção de alcançar frequências de velocidades mais rápidas, determinada a subir no vento para girar com ele. o corpo intuitivo e xamânico, agenciado e agenciante, é, talvez, a coisa mais próxima de um *corpo sem órgãos* que, ao final, e ao cabo, como esclarece deleuze, não é um conceito, mas um conjunto de habilidades e liberdades para produzir brechas e multiplicar mundos. com a metodologia das sutilezas navegamos a maior aventura da encarnação: a liberdade de ver. um ver de arte, clínica, educação, alegria e cura que habita o coração do tempo expandido do agora – o instante: respirar, contemplar e meditar [corpo silencioso], caminhar [corpo em movimento] e vibrar em frequências de velocidades mais rápidas [corpo intuitivo].

calunga da calunga grande diz que a metodologia das sutilezas respira, medita, vê e está disposta a criar intimidades com as sutilezas que acontecem acima das corriqueiras [e densas] ondas de 30/40 metros. ela junta diferentes realidades e navega no entre: nas canaletas muito delicadas dos entre-intra-mundos. conversa de passarinho. papo de lesma. rosa perfumada. encanto. encantação mesmo...

-um dos olhares mais raros, bemtevi, é aquele que consegue perceber o durante: o que está acontecendo dentro do tubo metamórfico; o gerúndio [zambarado, belo horizonte, 1998].

sobre a sintaxe da metodologia das sutilezas, talvez possamos estudá-la naquilo que tem serendipidade: nas escrituras monadológicas de manóel de barros [*a pulga debaixo da folha por detrás da árvore*], jorge luis borges [*o aleph dos meus olhos no aleph dos olhos do mundo e, outra vez, o aleph do mundo*]

no aleph do sol nos teus olhos] e mestre bom floral [vajucá amanhece e a luz sombreia a floresta roxa; nunca se viu tanto fúcsia se tornando verde-água, verde-cana, verde-elfo e verde-caboclo]; no sumiê^ψ dos mosteiros zen-budistas; nas sibilas rascantes da extinta prosódia acádia; na sonoridade da movimentação dos movimentos dançantes dos pankararus; nas coisas capazes de alterar o lugar de onde se pensa; nos ínfimos; nas pequenas frestas; em certa saudade do futuro que traz o misterioso e inexprimível “algo doce” deleuzeano que o vedor canalha de charles dickens consegue ver. na metodologia das sutilezas, a serendipidade é o vrrruuum da flecha de gaia varando o vento e movimentando o ato intuitivo, da floresta até o corpo.

serendipity, palavra de origem anglo-saxônica, recriada por horace walpole, numa carta de 1754, vem de “os três príncipes de serendip”, conto de fadas persa, no qual os protagonistas descobrem coisas que não estavam procurando. john barth faz um lindo uso náutico do termo: “não se chega a serendip traçando um caminho para lá. você tem que partir com convicção para outro lugar e perder o rumo, fazendo colisões improváveis, abrindo portas para subjacências não percebidas, completando uma intuição”. o meu encontro com serendipity se deu em “tutaméia”, de joão guimarães rosa que, por sua vez, conheceu a palavra em “a montanha mágica”, de thomas mann.

a metodologia das sutilezas é, então, uma arte polímata e serendíptica de criar um vedor que vê [por aprendizado, observação, ressonância ou clarividência] e carrega o que vê em arte e ciência. artes e ciências de intervalo: artes e ciências menores intempestivas escavadas no entre, misturando sensibilidades e cuidando para que essa mistura seja capaz de aumentar a realidade do amor como um poder que pode instaurar *modos de existência* mais hábeis em coexistir e coabitar junto com as diferenças de gaia.

na *filosofia da diferença* circulam espinoza, leibniz, bergson. na metodologia das sutilezas circulam exus, conhecimento mágico antigo, ciências divinatórias, pensamento imanente, encontro de saberes: fluxos de atração e repulsão que afetam e são afetados, sempre dispostos a desmanchar limites e configurações, transitando subjacências e sorvendo tutaninhos e reentrâncias: bioluminescências que se fortalecem e se ampliam toda vez que alguma filosofia

^ψtécnica chinesa de pintura [em tinta preta e branca], originária dos mosteiros budistas [dinastia sung, 960-1274]. na ida, o papel branco e silencioso é o yin, o movimento da mão no pincel já com a tinta é o yang e o repouso da tinta e do movimento da mão no oco do pincel, na volta, é novamente yin.

referente aparece, aumentando fricções exunianas e oldtrancosianas no corpo de spinoza, deleuze&guattari e outras deleuzeanices.

reiterando: a metodologia das sutilezas é uma oficina híbrida aberta cartográfica e pós-dicotômica que se desenha no desenvolver da investigação, reatando laços entre realidades e imaginações [admitindo sempre o plural], com vistas não a uma consciência harmônica, e, sim, ao esforço permanente de potencializar as tensões: consciências e diálogos que não queiram tirar uma unidade de dentro das diferenças, mas que possam acolher as diferenças dentro das diferenças. o “parlamento de fios” de ingold que, relido pelo exu calunga da calunga grande, movimenta linhas de intuição, gentileza e gratidão como oitavas acima dos sentidos.

a mediadora desse *cromatismo generalizado*, que atravessa e é atravessado, sou eu, a cambona^ψ cuja *cambonagem* cospe marafo [cachaça] curtido em arte, clínica, educação, alegria e cura, com um modo próprio, quase sempre intuitivo, de confluir junto com a magia, a mística, o conhecimento mágico antigo, a ciência, a filosofia, a literatura e a fabulação, virando outras chaves, a partir da “alternação biográfica”, uma técnica de peter berger na qual o cambono [o pesquisador] realiza a pesquisa através de suas próprias memórias. *cambonagem* no sentido trazido por simas e rufino: o pesquisador [cambono] é um corpo praticante: pratica a arte do inacabado: corpo aberto a lógicas de encruza, crivando [e crivado de] narrativas díspares e, muitas vezes, até antagonicas. um explícito dionisismo.

sua língua não é homogênea e, sim, uma heterogeneidade desequilibradora: gargalha, acende vela, bebe e cospe cachaça nos terreiros, nas universidades e nas esquinas para reinventar a vida. o cambono captura almas que escapam da boca e escreve palavras que se erguem ao ar e se afundam na terra: suavidades criadoras que nos agenciam muito antes do hipercapitalismo conseguir estraçalhar os nossos corações. o cambono é como deleuze falando para toda gente, do velho ao jovem, do aluno ao intelectual acadêmico, maculando a reputação da filosofia em alianças escabrosas fora dos desígnios da própria linguagem nos fazendo ver algo que se passa no corpo antes mesmo das palavras, antes mesmo dos sentidos. o cambono é deleuze enrabando filósofos por detrás para fazer filhos azuis em *cromatismos generalizados* do seu ainda desprezado, mas potente, lado b. pesquisa, exu, cambono, conceito, *devoir* e deleuze são

^ψalguém a serviço do pai e da mãe de santo e dos médiuns incorporados que pode realizar, também, diversos trabalhos avulsos no terreiro durante uma gira.

belezas de contrapelo, produzindo e movimentando, ao invés de mais-valia capital, mais-vida para perseverar a própria vida – a vocação da universidade como “região ultrasensível” de foucault. tanto bergson quanto deleuze repetem, sistematicamente, em textos oficiais, entrevistas e aulas ministradas que a questão da filosofia não é saber se o conceito é certo ou errado ou possuidor de um rigor cartesiano vestido de uma objetividade destruidora de encantarias. o importante para eles é se o conceito sabe se abrir e se movimentar em várias direções, se é interessante e, principalmente, se é belo. suas filosofias não opõem sensível e científico ou arte e ciência. suas filosofias estão comprometidas em criar e produzir junto com a arte. junto com a arte, especialmente.

a metodologia das sutilezas possui, entre outros desafios, o de falar para a própria academia no fio da navalha. fio de navalha, quase sempre, constrangedor: acolhe a incerteza e o paradoxo como parte da equação que nascerá, não da trajetória entre perguntas e respostas, e, sim, da trajetória entre perguntas [desejavelmente feita a la souriau e einstein: num modo *infância das coisas*] e pistas. pistas apresentadas sempre de maneiras mais criativas e artesanais, e multiplicadas em outras perguntas. se estamos numa longa transição epistemológica, então, é bom que aprendamos a liquidificar, editar, mixar e masterizar transdisciplinaridades e atravessamentos, permitindo uma invasão de si mesmo pela lisergia inflorestante e seu vasto belvedere bricolado, no qual ciência e universidade estão cada vez mais perto da vida, produzindo reencantamentos para uma coexistência e uma coabitação multiespécie: heterogêneos cotidianos, como vislumbra ana godinho, cabeça colada no corpo e o corpo colado no mundo, como advogam ganesha e guattari.

desprezar e normatizar as potências divinatórias do corpo é um fetiche que varou os séculos. um cabresto que mantém a produção de conhecimento presa a padrões epistemológicos que negam o encontro de saberes e o conhecimento mágico antigo das mestranças populares como corpos científicos autônomos. na metodologia das sutilezas, contradição, paradoxo, intimidade, encantaria, cura, magia e amor são palavras que brilham intrépidas nas teorias que nascem, assumindo a precariedade das tecnologias utilizadas por exu para produzir arte, clínica, educação, alegria e cura. essas cartografias voláteis ainda não sabem tudo a respeito do como, mas observando as cosmologias dos povos originários ao redor do mundo [e os cientistas que insistem em ressonar filosofia e física, antropologia e biologia, arte e ciência] vislumbramos algumas pistas de que o paradigma do como é polímata, é *cromatismo generalizado*.

a cambona transgride, não “para desfigurar o conceito convenientemente” [a linguagem positivista dos corredores acadêmicos] e, sim, para produzir conhecimento em conduta de gaia ciência^ψ, ventilando frestas tênues, desempoeirando cômodos, derrubando paredes para alargar ambientes, desobstruir veias, injetar mais sangue para a livre oxigenação de perigos que possam contribuir para o exercício de outras configurações teóricas do impossível: lisergias.

o paradigma da terra é a floresta e o paradigma da floresta é a lisergia. esse desconcertante pensamento zambaradiano ganha força e imagem nessa tocante narrativa de coccia, por ocasião de sua presença na amazônia brasileira, durante uma residência artística, organizada por lilian fraiji, coordenadora da plataforma labverde, em parceria com o instituto nacional de pesquisas da amazônia [inpa]:

encontrei não apenas uma, mas uma série de amazônias. muito diferentes umas das outras: ambíguas, heterogêneas e, muitas vezes, incompatíveis. nesses territórios, onde diferentes espécies e cosmologias coabitam, a felicidade e a tragédia se entrelaçam constantemente de maneira assustadora. a floresta não é um espaço natural onde tudo corre bem. floresta é laboratório tecnológico ao ar livre onde o planeta inventa e continuará inventando seus modos de existência materiais e espirituais, à nossa revelia (coccia, 2023, s/p, via instagram).

exu, gaia e floresta são lisergias polímatas que produzem suas próprias luzes e vivem de suas próprias luzes. a arte é, então, a liberdade que nos aguarda sobre a face da terra, como sugere benjamim, ou a alegria a priori que, segundo bergson, também nos espera. a arte é, então, o nosso fazer e perceber floresta para produzir alegria e viver de alegria, a tese de zambarado. produzir e viver de uma luz e de uma alegria que até por sobre escombros encontrará brechas para continuar incidindo sobre qualquer que seja o fluido que anima a corpo. a arte é, então, nosso “laboratório tecnológico”, como diz coccia, para regenerar e perseverar a vida em *modos de existência* mais amigos do planeta.

^ψ existem dois significados igualmente muito interessantes: 1) o feliz saber, a alegre ciência. 2) as festas romanas para honrar saturno [saturnálias], nas quais, além da troca de presentes [a alegria], havia trocas de lugares sociais na comunidade [inversões de poder].

compostagens metodológicas: rastros, restos, fricções, arrepios e outros intercâmbios

1. **vereda grande:** lembrança de que estamos num planeta que está suspenso no ar.
educação da atenção: observação do ar que entra e sai do corpo. habitar fluxos de alegria já existentes [a medicina e a beleza do reino vegetal. por exemplo, as propriedades curativas do rosmaninho – *lavandula stoechas* – um arbusto de origem mediterrânea, presente no cerrado brasileiro, verdadeiro arsenal em favor da vida], criação de novos fluxos de alegria [respirar junto com o que acontece com o corpo educa a atenção, como nessa canção que nasceu quando meu corpo estava prostrado e envenenado pelo vírus chikungunya. de repente, eu me lembrei de guattari e convidei alguma *suavidade dissidente* para me auxiliar naquela dura travessia].
 como sempre, a canção me socorreu.

alquimia / é quando a vida convida e então / nasce o dia / você acorda e abre o coração /
 alquimistas / misturam tudo que a vida traz / chikungunya / tristeza e dor / quem regenera
 é o rosmaninho / um ser superior / a alegria / dá em você um banho de alecrim / na bacia /
 você se cura / e vai até o fim / a magia / em pleno caos inventa um jardim / quem diria /
 que dá pra ser tão delicado / em plena guerra / e em plena guerra / cai e levanta / enfrenta
 a fera / e assim vivendo / você declara a paz na terra [déa trancoso, inéditas, 2023].

2. **transdisciplinaridades e interepistemias:** estudos multiespecíficos, artesanatos intelectuais, conhecimento mágico antigo, mecânica quântica, filosofia, memória, encontro de saberes, literaturas, artes [incluindo as artes vitais e domésticas: respirar, caminhar, suar, cantar, aprender a tocar um instrumento para prazer próprio, ler, plantar, colher, contemplar, meditar, escutar, ver, cozinhar, costurar, lavar pratos, pendurar roupas, varrer casa, subir em árvore, escrever sonhos, desenhar emoções, sensações e intuições], pré-literaturas, xamanismos, oralidades, práticas corporificadas e emancipatórias, agenciamentos, repertórios intuitivos, mesopolíticas, micropolíticas, operações subjetivas cotidianas para desativar bombas de miséria, corpo de contraguerra radicalmente vivo.

3. **heterogenias cotidianas:**

- 3.1. **contemplação – corpo madrugador:** acordar de madrugada, com a eletricidade em baixa e o silêncio em alta, para observar o céu. inspirar a estrela dalva e expirar gratidão. horário sugerido por zambarado: 4:45. trilha sonora: arvo pärt.

- 3.2. **meditação – corpo autodemandado:** escuta cuidadosa do corpo durante uma hora de prática zazen diária. qualquer horário. trilha sonora: galina ivanovna.

- 3.3. caminhadas peripatéticas – corpo em movimento:** 7km por dia. descendo ladeira [400 degraus] e subindo em cone [800 passos]. observação combinada entre batimentos cardíacos e performance da batata da perna sobre o resto do corpo, especialmente sobre o fluxo dos pensamentos. melhor horário: terceira hora grande [18h], trilha sonora: alceu valença.
- 3.4. ver – corpo xamânico:** enxergar, escutar, sentir, perceber, intuir, ressoar. sair da primazia semiótica e entrar nos olhos da nuca: traçar linhas entre os olhos “reais”, os ouvidos, o ajna^Ψ e o sahaswara^Ψ. horário sugerido por calunga da calunga grande: última hora grande [meia-noite]. trilha sonora: djuena tikuna.
- 3.5. dizer – corpo gravador:** velocidades entre o pensamento alongado e a escritura, entre as sinapses e as mãos. anotar tudo que vier à cabeça [intuições, arrepios, lampejos, sopros, reflexões, conexões, relações, sonhos], sem julgamento; de modo não lapidado. escrever de manhã, após saudação ao sol, lapidar de noite, após subir ladeiras em modo cônico. transformar instagram e facebook em cadernos de campo [sugestão de coccia] para partilhar a pesquisa e receber contribuições públicas, sistematizando agenciamentos. trilha sonora: dércio marques.
- 3.6. leituras de encruza: consteladas e ressonantes:** sem pretensão de entender o autor, disponibilizar o corpo aos choques elétricos da leitura, abrindo páginas aleatoriamente e lendo mais de um livro ao mesmo tempo para embaralhar pensamentos e conceitos.
- 3.7. cadernos de campo:** escritos incidentais entre 1994 e 2022, a partir de convivência com os exus zé pelintra, zambarado, zé mulatinho e calunga da calunga grande.
- 3.8. caderno de sonhos:** escritura de sonhos de olhos abertos e olhos fechados, referenciais do catimbó zen. coordenados pelos exus, esses cadernos resultaram em vários tipos de escrituras: textos, poemas, prosa poética, leitmotiv, rabiscos de textos para possíveis canções e letras de canções que viraram discos.
- 3.9. marcações breves:** escritas rápidas em pedaços de papel, livros, cadernetas e cadernos aleatórios.

^Ψtambém conhecido como chacra do terceiro olho.

^Ψtambém conhecido como chacra coronário ou do alto da cabeça que na cosmologia africana é o ori e na sabedoria popular é a moleira.

- 3.10. notas:** escritas e áudios digitais itinerantes no aplicativo notes do celular.
- 3.11. estudo de acervo próprio:** áudios de conversas e canções, fotos, vídeos, caderninhos e lembranças.
- 3.12. campos silenciosos e anônimos:** caminhadas semanais da minha casa até três territórios nos quais zambarado realizou seu trabalho, em belo horizonte, sentar na calçada para meditar, ler ou sonhar no meio das paisagens sonoras: avenida carandaí, rua oriente, rua arturo toscanninni.
- 3.13. artesanias:** rabiscos, desenhos, esboços, performances, discos, vídeos, repertórios, poemas, *personagens conceituais*, *modos de existência*, organogramas, fluxogramas, tabelas e canções a partir da exposição diária do corpo aos conceitos.
- 3.14. exercícios semanais de atenção e alegria, depuração e nutrição:** ioiô e caminhada xamânica com o velho tupinambá – solo e em grupos que acompanham a produção da dissertação e da tese pelas redes sociais.
- 3.15. oficinas “a lembrança de si mesmo: artes da existência – presença, corpo e voz em exu”:** ofertada a grupos específicos que buscam laborar corporeidades e vocalidades para o trabalho de si [experiência de esquizoanálise coletiva].
- 3.16. oficina “metodologia das sutilezas – cartografias emancipatórias de pesquisa”:** ofertada a pesquisadores, professores, artistas e interessados em geral.
- 3.17. abertura para arrepios,** lampejos, incidentes, estalos, expressões, rastros, restos, arrepios e outras éticas.

pinceladas rápidas sobre:

a escrita

-bemtevi, você se lembra de dizer muitas vezes que seu corpo estava dentro de um grande não sei? eu te perguntava: qual é a sensação do seu corpo aí dentro? certa vez te pedi para cantar uma música que conseguisse me aproximar de sua sensação e você cantou “balanço”, de arnaldo black e tetê espíndola. essa ficou sendo a nossa canção. toda vez que você canta, paro para escutar. ela me lembra de outra coisa que te disse muitas vezes: escreva junto com a arte! a arte sabe dar o laço. há uma torcida, tão antiga quanto os laços entre realidade e imaginação, especialmente entre os matemáticos, para que a ciência se associe definitivamente à arte e se torne viva. que sua escrita seja como a indomável tetê espíndola com sua voz de vento que balança o mar, bemtevi [zambarado, belo horizonte, 1999].

<https://www.youtube.com/watch?v=GvBADJ5XSZQ>

o desenho

zambarado dizia para eu nunca abandonar a menina de 14 que fui porque ela desenhava para viver e, para ele, fazer algo com as próprias mãos para viver é um modo de produzir alegria. ingold defende o desenho como uma escrita que precisa ser urgentemente exercitada nos textos acadêmicos como prática de reencantamento do elo entre a cabeça e o corpo e entre o corpo e o mundo. o doutoramento atualizou a menina de 14 anos. estética, aqui, então, não é somente uma palavra ligada à contemplação vertical das belas artes dos gênios escolhidos, mas possibilidades de reencantamento e regeneração.

a canção ou o *pensamento cantado*

falarei a respeito do *pensamento cantado* mais adiante. por enquanto, adianto que, aqui, ele se aproxima do desejo de deleuze de fazer filosofia como bob dylan faz canções, onde a filosofia possa se tornar isso que descansa no colo da canção e a canção, um *plano de imanência* por onde a filosofia movimenta sua medicina.

a arte perdida da respiração e a metodologia das sutilezas

clarice lispector nos arrebatava ao dizer que o corpo só respira [ou existe] na sequência dos instantes [o agora]. se espírito [em latim] é aquilo que respira, se respirar é existir no tempo expandido do agora, como clarice quer, então, nós somos uma fresta. uma fresta encantada que respira. desse modo, estamos falando o tempo todo, sim, de metodologia das sutilezas.

lavando palavra: ver

sobre o ver nessa tese, transcrevo um trecho de rubem alves, publicado, em 2004, na sua coluna do jornal folha de são paulo:

“acho que estou ficando louca. um dos meus prazeres é cozinhar. corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria! entretanto, faz uns dias, eu fui fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. mas, olhei para a cebola e tive um susto. tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica’. eu lhe disse: veja o que pablo neruda disse de uma cebola: ‘rosa de água com escamas de cristal’. você ganhou olhos de poeta. ver é muito complicado. william blake afirmou: ‘a árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê’. sei disso por experiência própria. quando vejo ipês floridos, vejo uma epifania do sagrado. mas uma mulher decretou a morte de um ipê porque ele sujava seu chão. seus olhos só viam o lixo. adélia prado disse: ‘deus de vez em quando me tira a poesia: olho para uma pedra e vejo uma pedra’. drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. a pedra que ele viu virou poema. há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. o ato de ver não é coisa natural. precisa ser aprendido. nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação é exercitar o ver”.

lavando palavra: lisergia

partindo da etimologia grega que liga lisergia a *deulon*, chega-se ao latim *daemon*, de traduções literais: diabo e demônio. porém, há sentidos mais inextricáveis: sensória, sensorial. e ainda sabores mais complexos: divindade, espírito. nestes últimos, diotima, a filósofa a quem sócrates chamava de sua mestra maior, dizia de *daemon* como potência dos entretempos, um deus micropolítico das vitalidades transitórias. agamben chama a atenção para as funções do termo diabo no governo dos vivos: desvitalizar *daemon*, porque há que se reduzir singularidades ao dualismo que fundamenta a guerra cognitiva da dupla infalível estado-religião. seguindo diotima, agamben e spinoza, para quem deus é singularidade sobre singularidade produzindo mais singularidade e diferença, então, aqui, lisergia também está no paradigma da terra como uma usina de diferenças que mistura sangue e seiva de multiplicidades de singularidades visíveis e invisíveis. desde sempre, é a floresta, esse coletivo de visíveis e invisíveis, o alvo principal do *império etéreo* deformador, degenerador e matador de que falam antônio negri e michel hardt. se, seguindo a dica de zambarado, a bruxa sobe e voa mais alto, podemos chegar a **fios mesopotâmicos da língua acácia que ligam lisergia à circulação dos ventos que sibilam, fermentam e compostam imanências**. a lisergia, também, como um dos pressupostos de uma metodologia das sutilezas e de uma *filosofia da diferença* cujas ética e lógica advoguem a produção de diferença como uma prática de liberdade. zambarado dizia que a terra é uma grande feiticeira lisérgica e que o caldeirão da feitiçaria é a floresta porque a floresta reúne e concentra, mais do que qualquer outro território, diferenças e liberdades [passagens, transitoriedades, estares e seres] em coexistência e coabitação obrigatórias.

lavando palavra: fabulação

os mais de três bilhões de letras inscritas no genoma humano já poderiam indicar a vida como um longo verso. isso que chamamos de eu não é nada puro. está atravessado, somente na boca, por milhares de outros bichos estranhos a ele. o *eu legião* é eee [deleuze] e comcomcom [ingold]. talvez, por isso, zambarado advogasse o corpo como uma fábula: “o corpo é um oráculo de letras, bemtevi. por isso, a dica é: nunca deixe de escrever!”.

a orientadora sonha

não existe isso de eu vou sonhar. assim como as águas são o rio, eu sou o sonho. [ailton krenak, numa live pelo instagram, 2023]



Déa Trancoso <deatrancoso@gmail.com>

um sonho: o rio, o céu e um xamã-cineasta

1 mensagem

Alik Wunder <alík.wunder@gmail.com>

29 de dezembro de 2020 às 17:39

Para: dea trancoso <deatrancoso@gmail.com>

Um sonho – o rio, o céu e o xamã-cineasta

Imagem 1: Visão de dentro de um barco, do alto desde o mastro

um barco grande navega por um rio turbulento
águas turvas e corredeiras
o barco por vezes desce, por vezes sobe
as ondas formadas pela tormenta
o marrom do rio se mistura com o cinza das nuvens
são muitas pessoas dentro deste barco
descendo o rio em alta velocidade
buscam acompanhar, com alegria,
um homem que voa muito rapidamente sobre o rio
é o rio araguaia

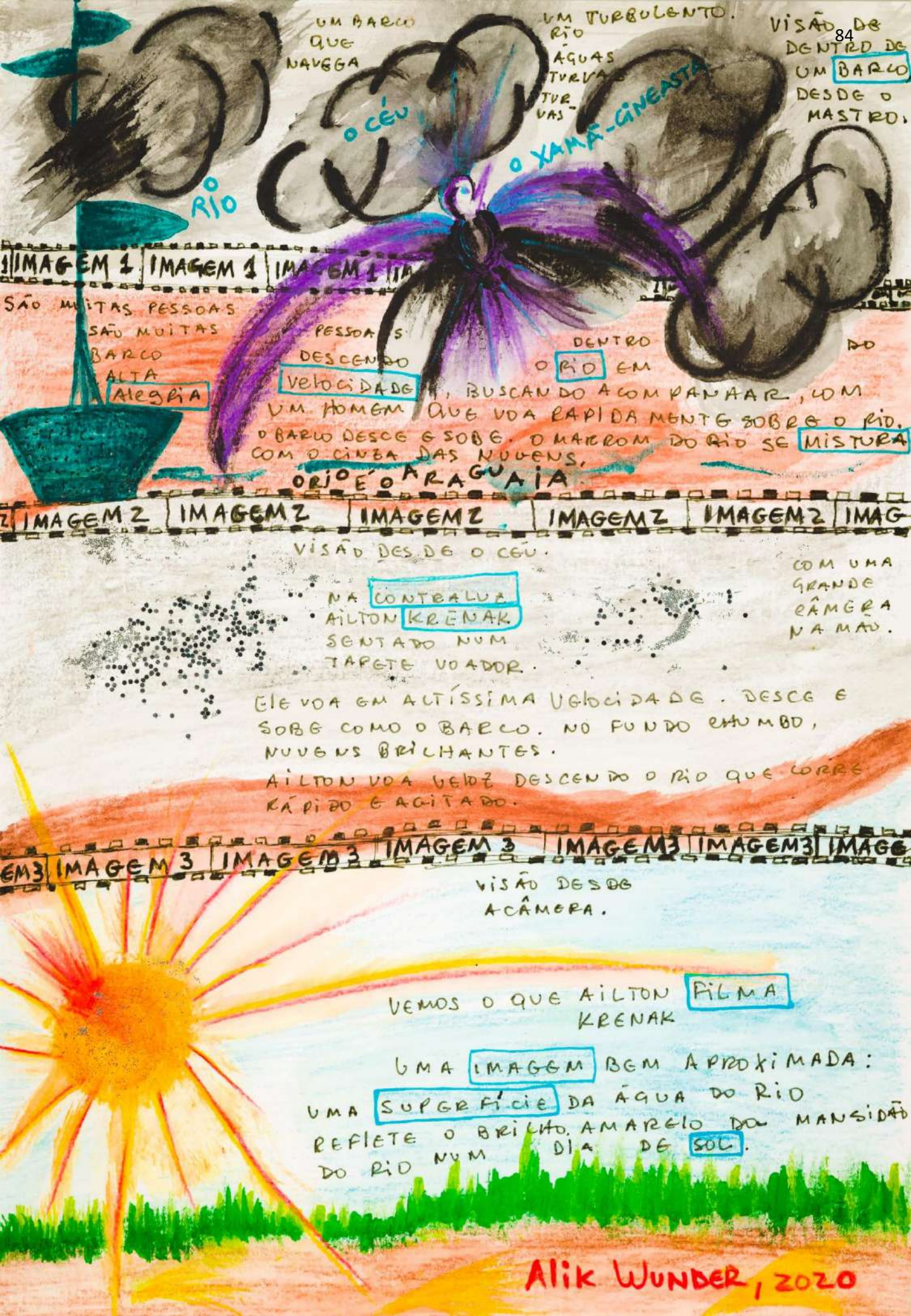
Imagem 2: Visão desde o céu

No contra luz, em primeiro plano, Ailton Krenak
com uma grande câmera filmadora nas mãos
sentado em um tapete voador invisível
ao fundo, um cinza chumbo e uma luz clara das nuvens brilhantes
ele voa em altíssima velocidade descendo o rio
que corre rápido e agitado em meio a tormenta

Imagem 3: Visão da câmera

Vemos o que ele filma
uma imagem bem aproximada
a superfície da água do rio reflete brilhos amarelos
um rio manso,
em um dia de sol

Alik Wunder



UM BARCO
QUE
NAVEGA

UM TURBULENTO.
RIO
ÁGUAS
TURVAS
TURVAS

84
VISÃO DE
DENTRO DE
UM BARCO
DESDE O
MASTRO.

RIO

CÉU

O XAMÁ-GINEASTA

IMAGEM 1 IMAGEM 1 IMAGEM 1 IMAGEM 1

SÃO MUITAS PESSOAS
SÃO MUITAS
BARCO
ALTA
ALEGRIA

PESSOAS
DESCENDO

VELOCIDADE

DENTRO

O RIO EM

BUSCANDO ACOMPANHAR, COM
UM HOMEM QUE VOA RAPIDAMENTE SOBRE O RIO.
O BARCO DESCE E SOBE. O MAIOR DO RIO SE MISTURA
COM O CINZA DAS NUVENS.
ORIO É O ARAQUAIA

IMAGEM 2 IMAGEM 2 IMAGEM 2 IMAGEM 2 IMAGEM 2 IMAGEM 2

VISÃO DESDE O CÉU.

NA CONTRALUZ
AILTON KRENAR
SENTADO NUM
TAPETE VOADOR.

COM UMA
GRANDE
CÂMERA
NA MÃO.

Ele voa em altíssima velocidade. Desce e
sobe como o barco. No fundo em um
NUVENS BRILHANTES.

AILTON VOA VELOZ DESCENDO O RIO QUE CORRE
RÁPIDO E AGITADO.

IMAGEM 3 IMAGEM 3 IMAGEM 3 IMAGEM 3 IMAGEM 3

VISÃO DESDE
A CÂMERA.

VIEMOS O QUE AILTON FILMA
KRENAR

UMA IMAGEM BEM APROXIMADA:
UMA SUPERFÍCIE DA ÁGUA DO RIO
REFLETE O BRILHO AMARELO DA MANSIDÃO
DO RIO NUM DIA DE SOL.

Alik Wunder, 2020

duas cartas astrológicas apócrifas

astrologia como uma ciência do chão [emanuele coccia, 2020, p. 208]: o louco ciborgue pós-pandêmico – tarô de refazer a amizade com gaia

astrologia como uma brecha que plante a terra no céu [déa trancoso&monja lib, belo horizonte, 2020]: a medicina de obaluaê – tarô de cura e regeneração

CARTA DO TARÔ DO SUJEITO PÓS-PANDÊMICO NO⁸⁶
JOGO DA VIDA NA TERRA : O LOUCO - ARCANO XXII

UMA RELEITURA:

O CIBORQUE LOUCO
DE PENSAMENTO
ÁRVORE E CUSPE
FLOR, RASPA DO
PRA URANO NO
TERCEIRO OLHO.

UMA INTUIÇÃO QUE
EXPERIMENTA AS
INTENSIDADES DAS
DIFERENTES
SINGULARIDADES
PROPOSTAS PELA
VIDA. UMA DIFERENÇA
QUE CAPTA O
MOVIMENTO DAS COISAS
E REALIZA MAIS
DIFERENÇA.

HENRI
DEA
6504

1907





SER ESPÉCIE,
NESTE MOMENTO,
É TER O CORAÇÃO
NA TEMPESTADE
O PAPEL DA CIÊNCIA
É ~~toronar~~ A CIÊNCIA
UMA ALEGRIA
DISPONÍVEL
PARA AS PESSOAS.

DONNA HARAWAY,
2020

CARTA DE OBALUA E
AO MODO MUNDO :

CARÍSSIMOS,
O SUJEITO DA ERA
DE AQUÁRIO É UM
VERBO : CURAR.

ASS: ATOHABA.

memoriais descritivos [autobiogeografias]

carta para a minha mãe: ditôla de mainha

vale do jequitinhonha: interculturalidade, intersubjetivação e encantaria



carta para a minha mãe

belo horizonte, 27 de março de 2020. pandemia, aniversário de 57 anos e saudade. lua nova com predominância das vibrações de áries e capricórnio, justamente nossos signos solares. tempo de observar que as sementes do eu-criança [áries] brotarão nos jardins do eu-adulto [capricórnio].

querida caprica,

hoje sonhei sobrevoando o baixo jequitinhonha para ver de novo a porta por onde a old déa trancoso entrou no planeta: vai-quem-quer, a rua de nome nômade, a 200 metros da beira do rio jequitinhonha, em sua parte mais navegável e caudalosa, aí em almenara [o farol do jequi], ao lado da praça do sapo. logo me veio aquela história de você me chamar de professora desde os quatro anos e eu te devolver com a característica prosódia infantil: “ditôla de mainha”. talvez seja porque ser professora era um ofício de grande distinção que os pais desejavam especialmente para filhas mulheres. no entanto, penso que você, tendo nome de flor, margarida, que, segundo o conhecimento mágico antigo, é aquela que pressente chuva, conseguiu sentir, a muitas milhas de distância, o perfume daqueles pontos críticos de que fala deleuze. você ativou uma docência no *aion* que, embora eu nunca tenha acolhido, o porvir sempre colocou nas minhas esquinas.

íntima das montanhas, como são as cabras, você não se surpreendeu, quando, depois do diploma do antigo científico, e cursando o magistério por insistência sua, fui indicada por gilbertinho, respeitado professor de língua portuguesa e literatura brasileira da cidade, para substituí-lo durante uma temporada, voltando à mesma escola da minha formação básica como professora. então, lá estava eu fazendo *filosofia da diferença* sem saber: caçando jeito de partilhar meu amor por essas duas disciplinas através da música e de machado de assis, meu primeiro mestre. a aula inaugural, numa turma de oitavo ano do ensino médio, inaugurou o ofício docente. mimeografei uma das narrativas mais leibnizianas de um dos alephs mais antigos da literatura brasileira: brás cubas.

brás chega ao céu e é recebido pela natureza que, monadologicamente, faz passar, diante dos seus olhos, todas as belezas e as feiúras de todos os séculos produzidos pela civilização. seus olhos, mesmo mortos, tomam um choque de tensão tão alta que morrem mais uma vez.

a resposta foi compelir-me a ver séculos velozes e turbulentos, gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. cada século trazia sua porção de sombra e luz, de apatia e de combate, de verdade e erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas e de novas ilusões; em cada um deles rebentavam a verdura de

uma primavera, e amarelecia depois, para renovar mais tarde. o homem nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e a tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte, que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia à esfera das nuvens. meu olhar viu enfim chegar o século presente, e, atrás dele, os futuros. aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas, ao cabo, tão miserável como os primeiros [assis, 1994, p. 12].

a escrita frenética de machado nesse trecho do genial livro “memórias póstumas de brás cubas” aponta para um possível conhecimento do “tratado sobre a monadologia” de leibniz. porém, essa hipótese só me visita agora. até então, eu nunca tinha ouvido falar de leibniz nem “na feira vendendo crueira”. no entanto, amei leibniz em machadão.

hoje, eu acrescentaria um trecho de “o aleph” de jorge luis borges:

o diâmetro do aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava ali, sem diminuição de tamanho. cada coisa era infinitas coisas, porque eu via de todos os pontos do universo. vi os sobreviventes de uma batalha, vi numa vitrine um baralho espanhol, vi as sombras oblíquas de algumas samambaias no chão de um jardim-de-inverno, vi tigres, êmbolos, bisões e exércitos, vi todas as formigas que há na terra, vi um astrolábio persa, vi a circulação de meu sangue escuro, vi a engrenagem do amor e a transformação da morte, vi o aleph, de todos os pontos, vi no aleph a terra, e na terra outra vez o aleph e no aleph a terra, vi meu rosto e minhas vísceras, vi teu rosto, e senti vertigem e chorei, porque meus olhos tinham visto aquele objeto secreto e conjectural cujo nome os homens usurpam, mas que nenhum homem contemplou: o inconcebível universo (borges, 2005, p. 148-150).

e, ainda, essa canção de minha autoria, inspirada na mônada machadiana e leibiniziana:

fui dançarina num mercado do oriente, dormi na cama de exu que era faquir, mulher de alma fugidia: impermanente, xamã de um xeique num harém de agadir, anoiteci num burburinho de ijexá, na festa santa de oxum em salvador, raiou o dia e eu, então, fui me banhar no sal das águas da calunga de yemanjá, meu corpo todo salpicado de cristais, água lustral que na sibéria é solidão, cavei o gelo só para enxergar o chão e a vi a lótus dentro do meu coração, comi poeira no sertão do ceará e li a mão de um soldado no irã, atravessei sete portais no himalaia, vaguei em chipre e esbarrei em gengis khan, eu vi o amor na ponta da estrela do sul e aprendi a levitar num mutirão, me equilibrei no fio de excalibur e acordei num sol da quinta dimensão [trancoso, 2020, s/p].

propondo a leitura dramática desses três escritos, refaço o plano de aula da minha iniciação docente, soprando as mônadas de brás que abrem as de aleph que sobrevoam as da dançarina oriental que acorda um sol de cinco dimensões que esquentam o território artístico de uma gaia que prega, desprega e reprega como sempre reitera a filosofia monadológica de leibniz.

entretanto, diferente de leibniz, minhas mônadas são deleuzeanas:

múltiplas e abertas.

mainha, eu já te falei de zambarado, o exu? de você para ele eu falei. ele te chamava “cabra telúrica dos ares rarefeitos”. pois bem, zambarado me abriu muitas mônadas. ainda em 1994, ele me propôs uma viagem que alterou para sempre o meu modo de existir:

-eu proponho que você desça o rio jequitinhonha, observe, veja, conte estórias e venda a matéria para algum jornal.

zambarado, como um aleph, abre mônadas para me arremeter às espirais de um devir-rio, sempre me fazendo escrever.

-uau! mas, zambarado, quem vai financiar essa empreitada?

-eu pago tudo. no futuro, você poderá dizer que seu mecenas foi um exu. o que interessa é que você fale do seu jequitinhonha ao mundo.

então, já morando na cidade grande que não tem sapos na praça, a menina do vai-quem-quer retomou o rio e foi conhecer suas outras linhas, seus outros movimentos, suas outras imagens, suas outras forças por detrás, suas outras beiras. o texto, produzido a partir do serro, cabeça do rio, em minas gerais, até belmonte, a cauda que deságua no mar da bahia, foi publicado pelo jornal estado de minas, causando grande alegria no exu que, para celebrar o feito, até dançou, coisa que eu ainda não tinha presenciado. um dia antes da minha partida, zambarado disparou:

-o rio jequitinhonha é o *xapiri* de vocês.

xapiri era uma novidade da qual me esqueci rapidamente e só fui me lembrar com “a queda do céu”, de kopenawa&bruce. mas, fechado o livro, me esqueci novamente e só fui me lembrar com as aulas da professora susana dias, em 2021. pregância, despregância e repregância.

já na porta de saída da salinha que o exu ocupava ainda escutei:

-nunca se esqueça do mestre dos espelhos!

-mestre dos espelhos? quem é?

-você vai saber quando reencontrar com os fios d’água do seu *xapiri*.



em 2016, 22 anos depois, João do Lino Mar, capitão dos catopês de Bocaiúva, Alto Jequitinhonha, o mestre dos espelhos, fez da jovem jornalista, egressa da PUC Minas, uma mestra em estudos rurais. Como você está vendo, Mainha, eu fui me tornando uma **cientista de beira de rio**, sempre agenciada pelos exus. Mônadas estão sempre se abrindo e se multiplicando.

Margara, encerro, então, essa cartinha com uma mônada zambaradiana que tem muito a ver com *modos de existência* próprios do nosso vale do Jequitinhonha. Zambarado dizia que os pés na terra geram um modo de pensar e os pés na água geram outro modo de pensar. Ele sugeriu refazer a brincadeira de criança de ir por terra e voltar por água. Ir por terra, atravessando os terreiros de pequenos sítios da agricultura familiar que, até hoje, caracterizam o baixo Jequitinhonha, e voltar pela água bela, o grande córrego do rio Jequitinhonha, para pensar “invertendo as rotas previstas” como indica Deleuze.

Mainha, desejo que você esteja bem e sempre acompanhada de sua contagiante alegria. De sua filha, Dedéa.



-o rio é um grande orixá. bata paô para ele! o rio tem para dar. peça a ele! quem sabe os guerreiros-mirins aguadeiros que moram nas nascentes dos rios consigam mediar um acordo de paz entre os humanos e a natureza [Calunga da Calunga Grande, Belo Horizonte, 2017].

vale do jequitinhonha: interculturalidade, intersubjetivação e encantaria

são 52 cidades perdidas no sertão mineiro. terra esquecida! terra explorada! altar de superstição, riquezas de pedras que brotam do chão. oi rebuçadas de sangue e beleza [rubinho do vale e tadeu martins].



resumo: o ensaio advoga o vale do jequitinhonha como um território de mestranças cujos saberes ancestrais são visíveis em sua gente: povos originários, negros do rosário, pequenos produtores rurais da agroecologia familiar, erveiros, benzedeiros, presepeiras, lavadeiras, artesãos, artistas, poetas, escritores, contadores de história, educadores populares, catimbozeiros, anciãos e anciãs. essa mestrança produz sofisticadas conexões entre arte, magia, ciência, filosofia e literatura: clínica, educação, alegria e cura: linguagem e regeneração – encantarias que são disciplinas legítimas do que a pedagogia descolonizadora da americana catherine walsh chama de “universidade intercultural aberta” –, apresentando uma “cosmogonia outra”, uma “ontologia outra”, uma “epistemologia outra” e uma “metodologia outra”. essa mestrança cria, então, o que walsh denomina de “civilização alternativa”.

palavras-chave: vale do jequitinhonha, encantaria, intersubjetivação, interculturalidade crítica, metodologia das sutilezas.

reza forte para abrir o corpo antes de entrar no jequi

se o jequitinhonha é um altar de superstição, como dizem os poetas, comecemos, então, rezando um deleuze: vamos lavar a palavra superstição nesse trecho de “despertar” [do álbum “tropeiro de cantigas”, de rubinho do vale/1982] para enxergar algumas linhas de ressonâncias entre o acádio, o sânscrito e o egípcio, que precedem a etimologia grega: **“engrenar a partir do sensível contido nos acontecimentos”**. esse enunciado está dizendo de um sensível que parece brotar de um trânsito entre mundos, de conversações onde encante é algo intrínseco à estrutura do real, acontecimento corriqueiro no assombroso reino vegetal, a **central de encantaria** de zambarado&calunga da calunga grande. o termo superstição exhibe, então, à luz dos claridentes saberes populares do vale do jequitinhonha, intensivos esplendores que, [re]existindo ao desprezo e à desclassificação da ciência cartesiana, realiza outras sinapses.

laroyê!

entrada

os sujeitos interculturais e intersubjetivados do vale do jequitinhonha [do congado diaspórico aos sertanejos indígenas, passando pelos herdeiros do sangue miscigenado] portam uma língua de espírito complexo e corpo fugidio: os encantos. as encantarias dos anônimos mestres populares do vale do jequitinhonha reúnem magia, mística, arte, filosofia, ciência, metáfora, imaginação, literatura^ψ e outros ingredientes que fogem à compreensão racional que o ocidente teima em universalizar. **essas encantarias revelam um povo micélico cuja interculturalidade crítica propõe outras tecnologias de produção de conhecimento**. micélio é o nome do coletivo de hifas [linhas] emaranhadas de um fungo. o mapa desse emaranhamento mostra que seus infinitos cruzamentos se potencializam em outras tantas mais ramificações. é uma **cartografia colaborativa** do prodigioso mundo vegetal. é nessa arquitetura filamentosa que são produzidas as alianças de coexistência. o termo ganhou a minha atenção, através de ingold e sua filosofia multidisciplinar sempre de mãos dadas com os estares gaianos. aliás, a crescente eficácia e a

^ψliteratura na concepção de roland barthes: a linguagem não submetida ao poder, aquilo que corrige a distância entre a grosseria da ciência cartesiana/unívoca e a vida singular/lisérgica e multívoca. nossas ciências, aqui, são com c minúsculo, intempestivas, ínfimas e sempre no plural: brechas, intervalos e rachaduras por onde escorrem aberrantes coisas e corpos que escapam.

comentada beleza da filosofia da antropologia, com sua capacidade de alongar o pensamento e ampliar as sinapses, vem justamente de seu teimoso exercício polímata e interestespecífico.

lavando palavra: intersubjetivação

relações e caminhos que não pretendem tirar uma unidade harmônica da reunião das diferenças, criando, exaustivamente, um campo para admitir, acolher e garantir [gentilmente] diferenças nas diferenças. josé castiano chama a atenção para a liberdade de ação e negociação permanente que a intersubjetivação possui. tim ingold diz que “a intersubjetivação não é alcançada, nem dada, mas uma emergência do verbo humano: os devires estão sempre humanando, os devires estão sempre se correspondendo”. a intersubjetivação é, então, para ele, “o emaranhado de fios dessa correspondência”.

encantaria, assim, é uma produção das vitalidades de gaia – humanas, não humanas e mais que humanas. **existências compartilhadas** que partem de outros trajetos corporais, movimentam outras linhas cardíacas, operando com o epigenoma, para inventar outros procedimentos científicos, outras linguagens, e fazer outros caminhos por onde se caminhará com outras pernas. calunga da calunga grande chama a atenção para a liberdade de ação e negociação permanente da *intersubjetivação*, a partir da gentileza e da gratidão [para ele, a sétima e a oitava acima dos sentidos] como éticas para uma prática de coexistência e coabitação.

desse modo, produzir [e ressonar] saberes é feito de muita coisa. atitudes móveis como a ginga. sutilezas impalpáveis como o axé. vibrações sensíveis da mão no couro do tambor. a lembrança de saúde que uma erva do cerrado emana. a sabedoria alquímica de quem sabe reconhecê-la e tirar dela o extrato para uso medicinal. a beleza cinematográfica das sempre-vivas no meio do mato. as frequências mais rarefeitas das cores do rosário de maria que podem influenciar até comportamentos. o mistério daquilo “que não devemos nem mesmo procurar saber”.

oralidades e corporalidades como epistemologia estão presentes em muitas filosofias. eu destaco três: diana taylor, krenak e deleuze. em deleuze, o corpo é uma máquina micropolítica de contraguerra, geralmente lenta a curto prazo e, possivelmente, eficaz a longo. diana diz que corpo é performance [*presentificação*] – episteme, repertório e método de um agora que está passando e não simulacro ou mero objeto de análise. krenak afirma, com sua voz coletiva, que o corpo é um *taru andé* que canta e dança para suspender o céu. para krenak e monja lib, um

corpo taru andé radicalmente vivo [o corolário da monja ao conceito do povo krenak] é a única tecnologia capaz de fazer as tais alianças interespecíficas de coexistência e coabitação, imprescindíveis para a continuidade da experiência humana na terra.

esse “jeito outro” dessa “coisa outra”, que se constrói a partir do que walsh chama de “particularidade da diferença”, é um grande trunfo dos povos excluídos das narrativas hegemônicas. é com esse trunfo que eles [re]existem. são com esses *modos de existência* – a ginga e o axé – que eles desterritorializam a ferida colonial, reterritorializando a dor em alegria, numa pedagogia libertadora, a partir da ancestralidade sábia desse *corpo taru andé radicalmente vivo* de que fala o povo krenak e monja lib.

as interculturalidades, mesmo por dentro de paradigmas e estruturas dominantes (necessidade resultante da colonialidade), geram “outro” conhecimento. “outro” pensamento orienta as esferas política, social e cultural. essa “coisa outra” opera afetando (e descolonizando), tanto estruturas e paradigmas dominantes quanto a padronização cultural que constrói o conhecimento “universal” do ocidente [walsh, 2009, p 14].

um pensamento outro orientando as esferas política, social e cultural, diz walsh. eu acrescento que esse pensamento outro alcança também dimensões espirituais que acontecem principalmente nas práticas e clínicas educacionais heterogêneas do cotidiano corriqueiro, fora das instituições. as *interculturalidades* do vale do jequitinhonha subvertem a ordem colonial [europeia e ocidental], descolonizando ontologias e cosmogonias: as figuras centrais do poder encantado, por exemplo, inauguram linhas inusuais de atração entre mundos: a alegria da rosa do rosário perfuma o caboclo das matas da jurema; os reis e as rainhas são indígenas e africanos.

no jequitinhonha tem mestrância nas festas populares. a diversão [etimologicamente, aquilo que se movimenta em várias direções, portanto, aquilo que movimenta diferenças] garante o direito ao encanto como possibilidade de um corpo escapar aos radares do *sistema mundo*. no jequitinhonha, encanto é festa e festa é luta! na disputa do corpo com a morte, vence a alegria subversiva, preta, indígena, congadeira e miscigenada! **alegria de spinoza: a coragem do corpo em direção à vida.** e não é esse o caso de crispim, com seus *modos de existência* agroecológicos e suas inovações tecnológicas, recebidas do sensível, bem no meio da perversa monocultura do eucalipto, lá em turmalina? crispim sonha com a estrutura completa de um poço artesiano [medidas, local etc] e, no dia seguinte, numa técnica da biofísica [o sonho manifesto – que, provavelmente, ele nunca ouviu falar], materializa o aquífero sertanejo. há alegria mais produtiva do que ter no sonho um professor? mas, cuidado! não reduza isso a coisa do além.

isso é produzido na amizade do corpo com a terra. a intuição, matéria de sonho, nada mais é do que uma **flecha gaiana**: o espírito da terra flecha o pensamento sensível e a educação acontece. essa é a tese de calunga da calunga grande.

essas *intersubjetivações* são, também, *inoperosidades*: políticas do corpo e para os corpos. e

o chão ontocosmológico dessas inoperosidades produz fissuras por onde outras epistemias nascem. **inoperosidades são modos de existência** capazes de colocar o corpo para fora dos usos utilitários do capitalismo, fazendo frente, também, às suas ruínas [agamben, 2014, p. 153].

podemos falar, então, de encante como *interculturalidade* de “princípios ideológicos” (walsh, 2009): a mestrança popular atua como uma universidade livre e descolonizadora cujo “posicionamento crítico fronteiriço” (ibid) possibilita

ocupar e reconceitualizar espaços, antes negados, mirando **a criação de uma civilização alternativa** [walsh, 2009, p. 30].

essa “civilização alternativa” recoloca em pauta “o pensamento decolonial, silenciado pelas interpretações oficiais” (mignolo, 2007). **a universidade livre vai se tornando, assim, “um mundo onde cabem outros vários mundos que afirmam que outros mundos são possíveis no mundo”** (ibid). a *inoperosidade* e a *interculturalidade crítica* funcionam, portanto, como *planos de imanência* por onde um povo de ancestralidade negra, indígena e miscigenada – às voltas com históricas violências e enormes mínguas – produz, inacreditavelmente, pequenas e contínuas frestas de liberdade e [re]existência.

destaco, a seguir, alguns mestres e algumas mestras.

joão do lino mar: bocaiúva – alto jequitinhonha

joão do lino mar, o capitão de catopês de nossa senhora do rosário e são benedito de bocaiúva, o mestre dos espelhos de zambarado, era um sujeito admirado pelo seu espírito livre, gentil, generoso e gregário. ele olhava diretamente nos olhos. eu me lembro de pensar, ao sustentar alguns de seus olhares, que olhar nos seus olhos era assistir um filme e fazer um download. em algumas vezes, a minha cabeça crescia e parecia que ia explodir. noutras, uma melancolia intensa me assaltava no meio das madrugadas. eu reclamava disso, durante nossos encontros.

ele apenas ria:

você está fazendo um curso chamado João do Lino Mar. um curso chamado Pretinhos do Rosário. um curso chamado Nêgo das Antigas. a cada olhar que você consegue sustentar, eu coloco um caderno dentro de sua cabeça. isso pode doer e causar outros reboliços [João do Lino Mar, sem data, s/p].

agora, eu agencio João do Lino Mar em Deleuze & Guattari, produzindo um João Sensibiliza:

nos personagens conceituais [os Sensibiliza], os conceitos não são apenas pensados, mas percebidos e sentidos [Deleuze & Guattari, 1991, p. 171].

tempos mais tarde, depois que João se encantou, ele sonhou junto comigo e ampliou os sentidos da frase que me disse no banco da praça:

você ainda vai falar muito de mim. quando você falar, diga que sou da Santa dos Homens Pretos e toquei tambor de Chama dos Nêgo das Antigas [João do Lino Mar, sem data, s/p].



assim como o Catimbó e os Encantados^Ψ, Lino Mar, o homem da Santa dos Homens Pretos^Ψ, o mestre dos Espelhos de Zambarado, acreditava que o conhecimento é recebido das dobras do tempo – os tais tambores de luz, como ele dizia.

^Ψsegundo os Kalankó, ameríndios xamânicos do estado de Alagoas, encantado é o indígena ancestral que morre e se reintegra à natureza. essa expressão é encontrada, também, entre indígenas de outras nações que bebem um chá preparado com a folha da jurema, arbusto de médio porte, da família das leguminosas, com propriedades psicoativas, comum no nordeste brasileiro [há ocorrências também no Vale do Jequitinhonha], durante ritual intitulado por eles de toré ou catimbó. de acordo com pesquisas que fiz para a produção do cd "tum tum tum"/tum tum tum discos/2006, alguns pajés chamam a jurema de "rainha" e dizem alcançar "estados avançados de consciência" com a bebida. para eles, os encantados são os guardiões da terra, têm a permissão de viajar pelo tempo, jamais brigam com o grande poder e saltam sobre a morte levando o corpo físico junto. câmara cascudo (1951) e Zambarado & Calunga da Calunga grande falam do "salto sobre a morte" como uma propriedade específica dos encantados. giorgio agamben (2014) fala de um "corpo glorioso" que atravessaria a morte.

^Ψexpressão utilizada tanto pelos pesquisadores de países lusófonos quanto pelos devotos. já "pretinhos do rosário" é utilizada apenas pelos devotos.

o catimbó é o melhor e mais nítido exemplo dos processos de convergência afro-branca-ameríndia. as três águas descem para a vertente comum, reconhecíveis, mas inseparáveis em sua corrida para o mar [cascudo, 1951, p. 13].

todo “mestre” aprendeu com outro. ensino oral, aprendizagem direta, assistindo, perguntando, repetindo gestos, orações e fórmulas. naturalmente, a melhor técnica pertence sempre ao mais curioso perguntador. **e o corpo da “ciência” não é inamoldável. os “mestres” são modificáveis e atravessam a “ciência”.** há segredos pessoais, descobrimentos, achados, conclusões que, muitas vezes, se escondem e não aparecem no curso. é preciso ter paciência de jó para cavucar em terras inóspitas. cada geração tem livros, histórias diversas, interdependências, influências simpáticas, convergências, sincretismos que se amalgamam. o curso pode ser feito em poucos anos ou demorar muito. **as “universidades” mais conceituadas são belém do pará e manaus. os “mestres” citam constantemente os grandes nomes da pajelança amazônica, falando dos poderes extraordinários possuídos pelos velhos “pajés” de cinco, sete e nove fôlegos, sabedores de todas as raízes, folhas e cascas da flora secreta, entendedores da fala dos bichos e respeitados por toda coisa viva e morta** [cascudo, 1951, p. 45, grifos do autor].

“meleagro”, a obra-prima do enorme pesquisador brasileiro câmara cascudo, de onde tiro as citações acima, foi o primeiro livro que zambarado me indicou como estudo do catimbó no brasil e daquilo que viria a ser o álbum “tum tum tum”. conversei com muitos pajés, especialmente com o acreano etégûyrá, de quem falarei mais à frente.

corpo e voz

o corpo e a voz de joão do lino mar eram **“de maria”**. as palavras em negrito foram pronunciadas com orgulho no nosso primeiro encontro. a mãe de joão **“não pegava barriga”**, como diz o dito local. joão **vingou**. assim que nasceu, **“ainda nos panos”**, foi oferecido à santa. sua vida foi um longo repertório próprio de reconhecida trajetória no congado mineiro.

um cientista encantado parecido com o catimbozeiro de câmara cascudo (1951), querido pelos seus e procurado por toda sorte de pessoas [inclusive, por mim] para dicas e aconselhamentos.

sobre maria brasilina escreveu josé carvalho: “para sua casa, em terra santa, fardo, havia uma romaria constante de pessoas que vinham dos mais remotos lugares do rio Amazonas e seus afluentes. até pessoas das mais altas classes sociais de belém e manaus lhe foram consultar o oráculo. entre elas, viu-se, um dia, a esposa de um governador do Amazonas” [cascudo, 1930, p. 33].

um líder comunitário que durante 50 anos zelou pelo **“bom andamento do seu povo nos dias corriqueiros e de festa”**, nos dizeres dele, ou, talvez, um sibilino, com capacidades de vidência, nos dizeres de hrozný e pascucci, em perspectiva trazida por maria cláudia magnani (2016), onde “sibila é a velha que fala pela emanção do deus”, conectando dois termos da babilônia, antes do domínio caldeu: *sibu* [velho] e *ilu* [deus].

é sugestivo relatar uma passagem, por ocasião de uma segunda visita que fiz a ele, em companhia do fotógrafo marcelo oliveira.

lino mar disse, abruptamente:

vocês [eu e marcelo] vão se casar e terão um filho [joão do lino mar, sem data, s/p].

ficamos boquiabertos; quase constrangidos.

“mas, joão, eu tenho namorada” [fala do marcelo].

meu filho, meu sonho de olho aberto não falha nunca. ele diz que vocês vão se casar e terão um filho. outros sinos vão tocar e vocês receberão outros sinais no restante da viagem [joão do lino mar, sem data, s/p].

o segundo sinal soou em minas novas: mestre antônio tamborzeiro disse que seria menino. o outro, recebemos de sá luíza, centenária benzedeira de araquai, que se encantou com 111 anos. ela nos presenteou [já na saída da visita] com um cordão de são francisco^ψ. o terceiro sino era o nome. no ano seguinte, realmente nos casamos e tivemos um filho. quando francisco nasceu, o capitão batia seu “tambor de chama”, em são paulo. lucélia pereira, sua filha e contramestra, hoje atual capitã, deu-lhe a notícia. ele sorriu:

conta outra, essa é velha. o que me interessa, agora, é o nome. como o menino vai se chamar? sá luíza já escolheu [joão do lino mar, sem data, s/p].

ficamos casados 14 anos. francisco já tem 22.

eduardo viveiros de castro (2007) descreve a mística introvisão de um xamã como sendo uma narrativa repleta de “densidade poética”:

o xamã humano não é sacerdotal, mas uma capacidade ou funcionamento. pois se, como sustentava sócrates, todo indivíduo capaz de raciocinar é filósofo, amigo potencial do conceito, **então todo indivíduo capaz de sonhar é xamã, “amigo potencial da imagem”** [viveiros de castro, 2007, p. 319-338, grifo do autor].

vamos ressonar joão e kopenawa.

o yanomami davi kopenawa é outro xamã de densa poesia. a vitalidade do seu fraseado pode ser convertida imediatamente em conceito: além da beleza, premissa primordial de deleuze e bergson, preserva complexidades emocionais, intelectuais, espirituais e sutis das palavras.

^ψcordão de algodão cru trançado com uma amarração especial e utilizado como amuleto de proteção.

palavras que não aceitam ser espremidas, acepilladas, encarceradas ou envenenadas. as palavras de um xamã alargam o corpo, cintilam as sinapses e vazam o cérebro.

quando o sol se levanta no peito do céu, os *xapiri* dormem. nossa noite é seu dia. de modo que, quando dormimos, os espíritos, despertos, dançam e brincam na floresta. assim é. são muitos mesmo, pois não morrem nunca. **só os xamãs conseguem vê-los. os espelhos sobre os quais dançam são imensos.** seus cantos são magníficos e potentes. os espíritos se deslocam por toda floresta, como nós, quando caçamos. **eles voam.** também se banham nos rios, mas o fazem em águas puras que só eles conhecem. **para vê-los de verdade leva muito tempo. tanto quanto o filho de vocês leva para aprender os desenhos de suas palavras.** é muito difícil. contudo, quando faço dançar meus *xapiri*, às vezes os brancos me dizem: “não se vê nada! só se vê você cantando sozinho! onde é que estão seus espíritos?”. são palavras de ignorantes. **as máquinas dos brancos fazem delas peles de imagem que os seus cantores olham, sem saber que nisso imitam coisas vindas dos *xapiri*. por isso, os brancos escutam tantos rádios e gravadores! mas nós, xamãs, não precisamos desses papéis de cantos. preferimos guardar a voz dos espíritos no pensamento. assim é. transmito essas palavras, pois eu mesmo vi, após nossos maiores, os inumeráveis lábios moventes das árvores de cantos e a multidão dos *xapiri* se aproximando delas** [kopenawa&albert, 2010, p. 110-115, grifos meus].

viveiros de castro (2007) aponta a narrativa de kopenawa como sendo, já em si mesma, xamanismo de potência e clareza inequívocas:

se o xamanismo é essencialmente uma diplomacia cósmica dedicada à tradução entre pontos de vista ontologicamente heterogêneos, então o discurso de davi kopenawa não é apenas uma narrativa sobre certos conteúdos xamânicos – a saber, os espíritos que os xamãs fazem falar e agir –, **ele é uma forma xamânica potente em si mesma, um exemplo de xamanismo em ação**, no qual um xamã tanto fala sobre os espíritos para os brancos, como sobre os brancos a partir dos espíritos, e ambas estas coisas através de um intermediário, ele mesmo um branco que fala yanomami [viveiros de castro, 2007, p. 319-338, grifos do autor].

vai chegar a hora em que a senhora vai começar a fazer música sua. a senhora vai ter que cantar muito até gravar tudo na cabeça. o que ficar na cachola, bem; o que não ficar, amém. o gravador é a cachola [joão do lino mar, sem data, s/p].

cachola é como os sertanejos chamam o encontro da cabeça com o corpo, é a cabeça colada no corpo. e assim foi. serendipity, meu primeiro disco totalmente autoral, foi gravado a partir desse método compostado entre as cosmologias yanomami, linomariana e zambaradiana. “por fim, entram da boca para dentro do peito, a casa”, dizem kopenawa&bruce (2010). passei muito tempo fazendo canções entrarem pela boca, quando, em 2012, finalmente, registrei, num cd, as 14 que ficaram dentro da casa do peito. lino mar xamanizou **metodologia das sutilezas** para o meu caminho artístico-científico. kopenawa era o devir porque exu é um método.

o virtual não é mais uma virtualidade caótica, mas virtualidade consistente, entidade que se forma sobre um plano de imanência que corta o caos. um devir que mostra o ainda por vir e já chegado na estranheza de uma intuição intelectual. os tempos se sucedem e os entretempos se superpõem. são variações, modulações, intermezzi e singularidades de uma nova ordem infinita [deleuze & guattari, 1991, p. 204].

agora, eu inverte a ordem e agencio deleuze&guattari em João do Lino Mar: produzindo um deleuze&guattari sensibilia. eles parecem dizer que o corpo xamânico é um xamã de si mesmo cujo duplo é a própria Gaia. essa é a nova carne política das ciências menores do intervalo: “singularidades de uma nova ordem infinita”. o corpo xamânico é, então, um modo autônomo de produzir conhecimento.

helenasiqueira torres: são gonçalo do rio das pedras – alto jequitinhonha

dona helenasiqueira é conhecida pelo presépio permanente que tem no quarto que foi de sua mãe, em são gonçalo do rio das pedras. certa vez, durante um jantar oferecido ao fotógrafo e memorialista lori figueiró e amigos [eu entre eles], numa conversa sobre o assunto “o que é ser sábio”, declarou, de repente, à queima-roupa:

tem gente que sabe porque tem a força da evidência [helenasiqueira, 2017, s/p].

mas, dona helenasiqueira raramente viaja. se ela raramente viaja, não frequentou a universidade, não leu filosofia clássica, nunca ouviu falar de pierre bourdieu, com o seu “poder de fazer ver e de fazer crer”, como chegou a uma conclusão tão profundamente filosófica, numa frase tão poderosamente onto-epistemológica, que poderia estar nos livros de deleuze e foucault?

deleuze (2017) diz, comentando foucault, que uma determinada “concepção histórica possui suas próprias evidências”. dona helenasiqueira e outras mestranças são concepções históricas circunscritas numa determinada concepção histórica do vale do jequitinhonha que figueiró (2016) chama de “final de uma era”. figueiró registra, há mais de 20 anos, rastros dessa era. seus livros tornam públicas a [re]existência, a inventividade e a alma de um povo excluído e esquecido: relicários de uma região que aparece nas estatísticas como uma das mais pobres do mundo, mas que sabe gingar e criar pequenas correias de ar, dando passagem a liberdades, vitalidades e riquezas incriveis.

os resquícios desse “final de era” são captados pelo fotógrafo no fogão de lenha de dona flora de turmalina, na benção de sá luiza e dona generina de araquai, na alegria centenária de dona ilídia de são gonçalo do rio das pedras, na culta e criadora loucura de lira marques e



dona zefa de araquai, no candombe aberto ao público de minas novas, nos sorrisos do barro das artesãs de campo alegre, nos talentosos saberes de dona helena, nossa elegante elfa preta. nas mulheres, nos homens e nas crianças anônimas do ermo sertão.

os sujeitos intersubjetivados do jequitinhonha são as próprias evidências da existência e do exercício dessa outra ontocosmologia que produz e evidencia outras “forças de evidência”. é a filosofia de dona helena roçando deleuze, foucault e mignolo.

josefa alves reis: araquai – médio jequitinhonha

dona zefa, já encantada, nasceu em poço verde, fronteira entre alagoas, sergipe e bahia, mas adotou o vale do jequitinhonha como sua terra e foi mestra na arte de esculpir, respeitando as características naturais das madeiras da região: imburana, vinhático, cabiúna, jataípeba, cedro, braúna. suas pessoalíssimas esculturas são admiradas no brasil e no exterior. muitos colecionadores da França, Alemanha, Estados Unidos, Holanda, Itália e Suíça possuem peças dessa artista que, além de escultora, exerceu os ofícios de benzedeira e exímia contadora de causos. sua casa vivia cheia de visitantes e amigos, ávidos para ouvi-la. era uma pensadora nata. a formulação a seguir, registrada por Figueiró, em 2017, numa visita, é tão bergsoniana...

todo artista, lori, não é muito certo, não. uma força divina toma conta da pessoa e trabalha com a pessoa. eu tiro por mim. eu não sou certa e estou vendo aqui que você também não é muito certo. é a força da loucura. ela faz tudo. todo artista tem o dom da natureza, essa loucura semeada no solo divino pelo santo olho verdadeiro [zefa, 2018, s/p].

se bergson ouvisse dona zefa ficaria encantado. bergson (2006) diz em “o pensamento e o movente” que os artistas veem a realidade de maneira “direta” e possuem uma “extensão das faculdades de perceber”, mostrando outros sentidos e produzindo outras consciências “em nós e fora de nós”. segundo ele, a intuição acesa [a inteligência que dobra] do artista nos impele ao movimento. em “evolução criadora”, bergson (2005) conclui que, no homem comum, a intuição se tornou “vaga e descontínua”, uma “lâmpada quase extinta”, reacendida “vez por outra” e por apenas “alguns instantes”. mas, nos artistas, a visão é direta. há mil olhos em zefa como na canção “sunyata”, minha e de regina machado, que está no álbum, de 2023, “canções guardadas nas dobras do tempo”.

<https://drive.google.com/file/d/1J2W30868-7Q1SDI4MAIQAM5FIB9N0OKD/view?usp=sharing>



a lâmpada intuitiva está acesa e as percepções, expandidas. a loucura de zefa na realidade direta de bergson fabricando outros mundos possíveis de mignolo.

maria lira marques borges: araquai – médio jequitinhonha

lira marques, considerada uma das maiores artistas plásticas do mundo, esculpe no barro o que ela chama de “meus bichinhos do sertão”. expressões oníricas, muitas vezes, fora do tempo e do espaço, como um recorrente bicho de três pernas:

- dona lira, esse bicho só tem três pernas!
- sim!
- como esse bicho vai andar, dona lira?
- não sei.
- ele se vira?
- é. ele se vira!
- afinal, ele está vivo e, quem está vivo, sabe se virar, né?
- é. quem está vivo sabe se virar!

[lira em diálogo com a old déa trancoso, 2017, s/p].

lira marques, com sua veemente loucura, acende [e mantém sempre acesa] a lâmpada. é definitivamente uma artista da constelação de zefa e bergson:

eu brinco com os meus bichinhos e digo para mim mesma: está vivo! eu vou fazendo, fazendo, até que parece que alimpa a minha cabeça. **eu me sinto levinha, me dá até tontura... eu fico oca...** eu faço aquilo qu’eu mesma contemplo. eu gosto de estuciar (inventar) muita coisa. o que dá certo, eu prossigo e digo: que bonito, meu deus, tá vivo mesmo! **é um modo de ver.** parece que um trem pega na mão da gente e vai. é o olho do antepassado. só pode ser [lira, 2016, s/p, grifos e parêntese meu].



os antepassados de lira refazendo laços entre imaginação e realidade [como sugere a sofisticada e contemporânea filosofia de ingold] na realidade direta de bergson e nos olhos de outros mil mundos possíveis de mignolo.

lucélia pereira: bocaiúva – alto jequitinhonha

a capitã dos catopês nossa senhora do rosário de bocaiúva, lucélia pereira, diz que

os catopês marcam a entrada do indígena africano na irmandade de nossa senhora do rosário. indígenas, caboclos, mestiços, mamelucos, condutores e guardiães da alegria no reinado. onde não tem moçambique, o catopê é a autoridade que escolta a força, o poder e o espírito do trono coroado [capitã lucélia, 2000, s/p].

repare que a guarda da alegria é do miscigenado e, desse modo, alegria, então, é domínio de diferenças presentes nas estruturas dos territórios encantados: uma pedagogia a ser guardada, conduzida e distribuída pela diferença.

ela confessa que

dançar o rosário de maria é tudo que um corpo pode desejar para ficar alegre [capitã lucélia, 2000, s/p].

repare, ainda, que ela não fala em dançar para o rosário e sim “dançar o rosário”. linguagem direta e postura extraordinária que sugerem profundidade poética e conceitual de uma narrativa xamânica consciente e agenciada no [e pelo] corpo.

a capitã, em concordância com agamben (2015), pensa que alguns mistérios sagrados devem permanecer guardados:

existe o que pode ser falado e escrito e o que nunca deve ser dito ou registrado. várias **grandezas do rosário** de maria foram (e ainda são) proibidas. esse é um dos motivos pelos quais eu não acho correto falar em demasia. o mau uso das coisas e das palavras é uma realidade humana. **o ciclo do rosário de maria é misterioso e uma parte será sempre mistério** [lucélia, 2000, s/p, grifos dela].

saber é também não saber: resguardar os mistérios [agamben, 2009, p. 198].

as ressonâncias entre lucélia e agamben nos apontam que os outros mundos possíveis de mignolo pressupõem, também, outra concepção de comunicação: comunicação além da linguagem, escancarando a interdependência entre todos os seres do planeta ou como diz deleuze (1998) “constituindo outras ordens de simpatia e produzindo dissensos eternos”. o resto é mistério.



que se pode saber sobre o que a capitã chama de “ciclo do rosário de maria” é que ele é tanto o terço, rezado três vezes, quanto os meses da festa, de abril a outubro. o resto é mistério.

narrativas autobiográficas de uma arqueira zen do jequi^ψ

eu e o rio jequitinhonha escrevemos, desde cedo, uma história de amor e sedução. nasci a duzentos metros dele. fui menina de sua beira. do lado de cá da ponte, era o nosso encontro com o rio diurno, quase compreensível. do lado de lá, casos de salvamentos aflitos, trampolins [perdição dos meninos do ginásio], jiboias hipnotizantes, ilha do pão, sete voltas, água bela, redemoinho. o mistério líquido do rio incompreensível corria por dentro de nós e vazava. debaixo da ponte, volume grande na enchente, pedras na seca. em cima da ponte, o palco-arrisca-a-vida-ao-vento dos loucos caminhantes do meio-fio.



o jequitinhonha quente e mítico, com suas ruralidades impregnadas de memórias ativadas pelo “sol na moleira”, como dizemos por lá. o jequitinhonha selvagem da poeira vermelha, da falta de compromisso político de muitos, dos jagunços, dos coronéis, da dedicação e ação concreta de outros, da ausência, do esturricamento, da riqueza, da pobreza, da fala musical do povo e da venda guimaraniana de seu ldirico e dona iaiá, em araçuai. esse jequi selvagem era, de algum modo, absorvido pela cidade grande, mas nunca totalmente compreendido.

o rio, seus córregos e afluentes, e nossa natureza jequitinhonhezamente intrínseca ao capitão joão do lino mar, aos mestres ulysses [os três], à benzedeira sá luíza, às artesãs lira e zefa e às elfas dona ilídia e dona helena, ao coral trovadores do vale, com os seus mais de 50 anos de existência, ao coral araras grandes, aos meninos de araçuai que chamaram a atenção até de milton nascimento, a seu antônio tamborzeiro, com seu porte físico de divindade mágica que parece ter saído direto das narrativas xamânicas de tolkien para nos livrar das maldades.

^ψtexto original produzido em viagem que desceu o rio jequitinhonha por sugestão de zambarado, revisado no mestrado e no doutorado, gerando o depoimento “rio jequitinhonha, o grande xapiri”, publicado pela revista climacom, e esse memorial que se transformou em meu primeiro artigo, publicado no livro “saúde, espiritualidade e arte”, organizado pela professora silvia paes, a convite da universidade federal dos vales do jequitinhonha e mucuri.

o rio, os mestres encantados, as encantarias, as histórias do “peixe que virou cobra” e do “bicho da fortaleza”. natureza do rosário, do tambor, do vento, dos espelhos, das danças e dos cantos catopeicos. natureza de reisados, bois de janeiro, cantadores, cantadeiras, dançadores, dançadeiras, lavadeiras, benzedeiros e catimbós. natureza do barro, das mãos no barro, das bonecas de barro feitas pelas mãos ganhando prêmios no mundo.

dona isabel mendes, a pioneira ceramista e bonequeira do médio jequitinhonha, certa vez teve sua boneca principal, “a mulher amamentando”, premiada pela unesco cuja cerimônia de entrega do prêmio seria em paris. o sebrae-mg, a instituição que deveria organizar a sua ida até a França, lhe perguntou quais eram suas necessidades para a viagem, afinal, ela já era uma senhora idosa. ela respondeu, com a simplicidade constrangedora dos sertanejos: “eu quero levar minha boneca no colo”.

o vale do jequitinhonha é um dos maiores reservatórios de alegria que conheço. talvez seja legado da *interculturalidade crítica*, especialmente miscigenada pelas presenças indígena e africana.

luis santiago (1999), em “o vale dos boqueirões: a história do vale do

jequitinhonha”, faz um levantamento das culturas que estão na base da formação humana da região, quando, em 1700, bandeirantes paulistas encontraram indígenas das nações puris, maxacalis, pataxós, boruns e camacãs. os boruns, chamados de maneira pejorativa de botocudos, foram, segundo santiago, os “senhores absolutos das matas que margeiam o rio jequitinhonha, entre as cidades de itaobim, em minas, e itapebi, na bahia”. Santiago (1999) acrescenta, ainda, à equação, a população escrava, de origem africana, trazida para a mineração, dona de técnicas autorais de resistência: a capacidade de “assimilação de elementos culturais de outros povos”:



no brasil, isso fica claro nas religiões afro-brasileiras que mesclam elementos bantos e yorubás em manifestações católicas e mesmo em culturas indígenas (mães d’água, caboclos, catimbós e outros). no vale do jequitinhonha, foram os escravos e os negros

livres que deram origem às festas do congado e do reisado, às irmandades do rosário, aos catopês, bois de janeiro, caboclinhos, marujadas, entre outras expressões culturais [santiago, 1999, p. 218].

várias componentes da cultura caipira brasileira ainda são encontradas no vale do jequitinhonha. formas de parceria agrícola [a meação], a importância da farinha de mandioca na agricultura de subsistência e comercial, práticas de mutirão, o associativismo, as estruturas familiares e comunitárias de trabalho, as produções artesanais, os dialetos ancestrais e regionais com sentidos mais amplos, mais ricos e cheios de nuances que extrapolam os padrões da norma culta da língua portuguesa, os ritos de passagem, as celebrações de vida e morte, os compromissos de honra, as encantarias do pensamento e da palavra fora dos cânones normativos. vitalidades autóctones próprias de uma cosmogonia defensora de outros modos de vida.

esse jequitinhonha quase mítico se revela na canção abaixo:

a folia começa no altar da igreja / desce as calçadas, cruza a praça e se embandeira / rua acima, rua abaixo / sobe e desce ladeira / e volta à igreja, cumprida a penitência / depois da reverência aos santos da irmandade inteira / lá vai mestra diôla, porta-bandeira da crença / vai na frente, vai rezando / o pendão da fé empunhando / vai puxando as incelença / é o fogo da fé que incandeia o fervor dos foliões / mais que o facho dos faróis, mais que a tocha dos canhões / mais que o clarão das velas, das veladas procissões // [gonzaga medeiros, 2010, álbum “a poesia na praça”, independente].

nestes versos, o poeta gonzaga medeiros revela o espírito do lugar: a “coisa outra” de um brasil de dentro, de um brasil profundo.

congado mineiro – um breve olhar

as chamadas festas do rosário [ou congado, nomenclatura mais utilizada] acontecem em todo brasil, mas podemos dizer que fazem parte, especialmente, das tradições afro-mineiras, com eventos anuais entre os meses de abril [são benedito] e outubro [nossa senhora do rosário].

os devotos dizem, então, que o “reino está aberto”.

a ingoma^Ψ vai bater.

a ingoma vai chorar.

segundo rubens alves da silva (2016),

^Ψtambor. em zulu, pode significar canção.

estas manifestações têm a duração em geral de três a quatro dias, seguidas de atividades rituais intensas: alvorada (rezas e danças ao som de tambores, ao pé do cruzeiro, durante a madrugada), levantamento de mastros em frente à capela de referência da irmandade, apresentações em casa dos homenageados da festa (reis, rainhas, príncipes, princesas, juízes ou alguém especialmente eleito pelos devotos/organizadores), desfile de cortejo do reinado pelas vias públicas, celebração da “missa conga”, passagem das coroas (substituição dos reis do ano ou dos reis/juízes festeiros – mais comuns em algumas cidades do interior mineiro) e, por fim, a cerimônia do descimento do mastro que marca o encerramento do evento. em algumas cidades, é depois da descida do mastro que ocorre a passagem das coroas do rei e da rainha do ano para os sucessores do ano seguinte [alves da silva, 2016, p. 3-13].

muniz sodré (1998) diz que as irmandades do rosário foram incentivadas como uma maneira de vigiar “mais de perto, e institucionalmente”, os negros escravizados, mas foi ali, nos vazios [intervalos] do que ele chama de “espaço permitido”, que também se delineou a resistência:

entretanto, nesse espaço permitido (as irmandades), porque inofensivo dentro da perspectiva branca, **os negros reviviam clandestinamente os ritos, cultuavam os deuses, retomavam as linhas do relacionamento comunitário.** a cultura negra brasileira emergia tanto de formas originárias quanto dos vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica vigente [sodré, 1998, p. 24, grifos do autor].

josé ramos tinhorão (2000) registra raízes da festa que remontam ao ano de 1600, em recife velho, e afirma que há relatos de uma primeira apresentação de catopês, em junho de 1760, no rio de janeiro, por ocasião da celebração de um casamento de membros da coroa portuguesa. o catopê [que também pode ser grafado como catopé, catupé, catupê, catopê] é o último grupo a aparecer na longa fila que compõe o reinado, durante as apresentações públicas. é considerado o “sétimo irmão” por alguns devotos e pesquisadores, mas ocupa o sexto lugar na coreografia, pois, na maioria das cidades que mantêm essa tradição, os tambores do candombe são restritos, não desfilam e são batidos um dia ou uma semana antes dos festejos. rara exceção a essa regra acontece na cidade de minas novas, médio jequitinhonha, onde o candombe é público e é batido antes, durante e depois da festa.

em “vamo fazê maravilha”, glaura lucas (2011) relata, ao transcrever uma fala de joão lopes, capitão-mor de moçambique da irmandade de nossa senhora do rosário do jatobá, em belo horizonte, que

“o candombe é o pai de todos os reinados aqui da terra”, ou seja, dos vários tipos de guarda que se veem ainda hoje nas festas públicas: congo, moçambique, cabodo, marujo, vilão, catopê. o candombe é a origem, o ritual que era realizado nas senzalas e em outros recantos possíveis, com dança conduzida pelos sons dos tambores de mão, da puíta, o tambor de fricção, e dos guaiás, os chocalhos de cesto [lucas, 2011, p. 64].

já a capitã lucélia pereira pensa diferente: “o catopê não é o sétimo irmão do congado; ele é o quarto irmão”. para lucélia, somente o catopê tem autonomia de conduzir o trono coroadado, quando o moçambique está impedido. ela diz que o irmão caçula é o vilão. joão do lino mar vai mais longe e considera o catopê como o **“pai da congada”**. ele dizia que o verdadeiro nome que nossa senhora deu aos catopês, quando estes trouxeram a santa da praia, foi **“pretinhos do rosário”**. ou seja: o irmão número um, os primeiros “pretinhos do rosário”, segundo a cosmologia linomariana, foram os catopês.

nossa senhora colocou um dom na gente. nós somos os pretinhos do rosário. nós somos o pai da congada [joão do lino mar, sem data, s/p].

sobre joão lopes, tenho lembranças importantes para esse memorial. quando o conheci, fui convidada por ele para ver a cerimônia dos tambores do candombe, coisa rara no jatobá, onde o candombe é um evento muito íntimo, geralmente restrito aos dirigentes e pessoas autorizadas. o candombe do jatobá foi batido na sexta-feira. no domingo, dia da festa de nossa senhora do rosário, já na dispersão, ele me viu e, imediatamente, disse: “esse filá que você está usando é meu!”. eu respondi: “ué, capitão, acabei de ganhar de um amigo”. ele retrucou: “mas, exu está dizendo que é meu porque é um filá de mestre!”.

sem entender muito bem o que acontecia, mas sem alternativa, dei-lhe o filá, inebriada por uma sensação que me acompanhou por alguns anos, mas que demorei perceber sua sensibilia.

hoje, mergulhada em exu, spinoza, deleuze&guattari, lapoujade, souriau, haraway, kopenawa, krenak, walsh, mignolo e nêgo bispo, vejo que, ali, fui descolonizada por essa “cosmogonia outra”, pois ver um candombe [a epistemologia central descolonizadora do indígena africano] é experimentar outros modos de estar na terra, outras faces de quem somos, do que estamos fazendo aqui e de quais são as coisas que nos pedem mais vida, que nos pedem que as advoguemos: as alianças e compostagens realmente necessárias.

desse modo, minha paga para esse presente tão descolonizador foi dar o filá^ψ de mestre para um capitão-mor.

^ψpequeno gorro cônico. na filosofia africana, é vestimenta de omulu, orixá da morte, e obaluaê, orixá da cura. o amigo, que havia me dado o filá, é o ator mineiro wellison pimenta.

em câmara cascudo (1959), o congado é um auto^ψ popular que rememora as danças guerreiras da rainha angolana, do século 17, njinga nbandi [conhecida como rainha ginga], que defendia ferozmente a autonomia de seu reinado contra o domínio português. porém, o congado [com certeza a maior festa popular do estado de minas gerais e um elemento fundante da cultura brasileira] parece ser mais profundo que a definição de cascudo.

rubens alves da silva (2016) concluiu, depois de ouvir seus muitos entrevistados, que, para traduzir esse evento tão complexo, a melhor definição poderia ser: “o congado é uma festa de muita religiosidade”. a beleza dessa religiosidade aparece no depoimento do cantor, compositor e congadeiro maurício tizumba, capitão da guarda de moçambique do bairro aparecida [os carolinos], em belo horizonte:

eu nasci congadeiro e ao mesmo tempo artista. pra falar de religião, como moçambiqueiro, (eu) acredito nesta religião de matriz africana (o congado). não uso *mise-en-scène*. este *mise-en-scène* tá dentro de mim. eu não uso (o congado) como fonte. eu não faço pesquisa. isso é meu! não consigo separar. (eu) gostaria que tivesse uns pretos velhos congadeiros aqui falando [alves da silva, 2016, p. 7].

o reinado do rosário e suas implicações espirituais, éticas e estéticas vão da música à comida, das regras individuais e coletivas de conduta a visões muito particulares do funcionamento dos mundos e da vida. a partir dos códigos, ritos e elementos de sua cartela devocional, funda-se um caráter, como afirma a cantora titane. esse caráter é responsável, por exemplo, por aquilo que eu estou chamando de **terceira margem da música mineira** e que recebe influência direta dos elementos da *interculturalidade* do congado [e tem no vale do jequitinhonha uma das suas ricas expressões e geografia] na maneira de conceber, produzir e atualizar a canção em minas gerais. as matrizes filosóficas, sonoras e cênicas do congado participam até mesmo da significativa estrutura matricial que o clube da esquina se tornou. [há sempre uma batida de tambor e uma viola subliminar nas esquinas do clube]. e minas gerais apresenta um celeiro de artistas, de gerações diversas, que bebem nessa poderosa e descolonizadora estética afro-indígena.

^ψ“enredo teatral popular. bailados e cantos, tratando de assuntos religiosos ou profanos. lapinhas, pastoris, fandango ou marujadas, chegada ou chegada de mouros, bumba-meu-boi, boi, boi calemba, boi de reis, congadas ou congos” (cascudo, 1959, p. 298-300).

pelo menos três nomes são principais na cartela devocional dos congadeiros: nossa senhora do rosário, são benedito e santa efigênia. segundo câmara cascudo (1959), efigênia [ou ifigênia] era a santa de devoção de chico rei, figura central da origem do reinado, cuja história inspira pesquisadores, músicos e cineastas.

chico rei era um monarca-guerreiro da nação do congo, sumo sacerdote do rei zambiapungo, que foi dominado juntamente com a família e outras pessoas de sua aldeia por traficantes de escravos e trazidos para o brasil na condição de cativo. na longa viagem de travessia do atlântico, a bordo do navio negreiro, a esposa e a filha dele morreram, sendo seus corpos jogados no mar. quando a embarcação chegou ao brasil, chico foi vendido ao dono de uma lavra, no arraial da vila rica (hoje, ouro preto), ficando, assim, separado dos dois filhos. na vila rica, ele conseguiu posteriormente reverter sua condição de subalternidade. comprou a carta de alforria e, também, uma mina de ouro do ex-senhor. muito persistente, extraiu muito ouro. e, assim, comprou também a liberdade dos dois filhos e de outros companheiros. chico rei acreditava que tudo isso era também obra da milagrosa santa egípcia efigênia e da nossa senhora do rosário, das quais passou a ser devoto, sem deixar a crença no deus zambi. ele mandou construir uma igreja para homenageá-las. foi nela que se casou novamente e onde recebeu, dos escravos libertados, a coroa de “rei congo do brasil”, comemorada com cortejo e festa, que, mais tarde, deu origem à tradição do reinado, ou congado, em minas gerais [alves da silva, 2016, p. 2-3].

joão do lino mar contava um caso engraçadíssimo [zambarado também me contou] a respeito do “poder de são benedito”: um dia o papa veio ao brasil e contratou um motorista negro. o papa tinha um compromisso muito longe de onde estava hospedado e pediu ao motorista para andar mais rápido. o motorista se negou a passar de 80 km por hora. o papa, impaciente, pediu para guiar o carro. o motorista tranquilamente entregou-lhe o volante e passou para o banco de trás. o papa, guiando a 140 km, foi interpelado por um guarda rodoviário que o mandou parar. quando o guarda viu quem era, enviou uma mensagem ao seu coordenador:

- chefe, peguei um cara “voando”, o que faço?
- quem é? um deputado?
- não, mais importante.
- um senador?
- não, mais importante.
- então, é um governador?
- não, chefe, é mais importante ainda.
- é o próprio presidente da república?
- não, é ainda mais importante.
- nesse caso, só poder ser o papa!
- que nada, chefe, o papa é apenas o motorista. é são benedito em pessoa!

lino mar sabia a história do santo de cor. os pais do santo não queriam ter filhos, pois nasceriam escravizados. o senhor da fazenda em que eles trabalhavam prometeu que, se nascesse um menino, nasceria livre. e cumpriu a palavra. benedito cuja etimologia significa “o abençoado” nasceu livre, provavelmente na Itália, por volta de 1526. mais tarde, mesmo sendo analfabeto, entrou para a ordem franciscana, na Sicília, e se tornou exímio cozinheiro. [reza a lenda que sua cozinha era um verdadeiro templo]. não tardou a virar frei. sua fama correu o mundo, especialmente entre os escravizados que o tinham como um modelo de alegria. dentre os versos cantados a São Benedito, o que lino mar mais gostava é parte de uma louvação ao santo que um amigo lhe presenteou:

meu São Benedito é um santo preto: o que ele fala na boca, responde no peito [João do lino mar, sem data, s/p].

falar na boca e responder no peito é pura exemplaridade cosmológica!

mesmo que não compreendamos inteiramente a cosmologia dos mestres populares, mesmo que seus enunciados nos pareçam coisa de outro mundo, misteriosos e inalcançáveis, a humanidade usufrui de suas liturgias sanantes, de suas lógicas contrarracionais e de suas disciplinas contra-hegemônicas. o povo do rosário cultiva valores comunitários: igualdade, liberdade, fraternidade, alegria, festa, trabalho e pão. toda ciência para uma vida plena e toda batalha para um mundo justo estão fundamentadas nestes valores. de Jesus a Karl Marx. de Buda a Mignolo e Walsh. de Gilles Deleuze a João do lino mar. de Gaia a Exu.

o corona vírus e o aquecimento global tornam cada vez mais evidente que a continuidade da vida depende de que o ser humano retome com urgência sua amizade com a terra e se recolocando como guardião.

como preservar e repartir os finitos recursos do planeta, de forma equânime e amorosa, a uma população que já chega à casa dos oito bilhões de pessoas cuja maioria absoluta está escravizada pela sanha miserável das lógicas do hipercapital?

as professoras dessas e outras perguntas são a própria terra e as **universidades interculturais abertas** que, segundo Maritza Montero, defendem ações que articulam novas perspectivas:

uma concepção de comunidade e de participação, assim como do saber popular, como formas de constituição e, ao mesmo tempo, produto de uma episteme de relação. a ideia de libertação pressupõe mobilização de consciências e sentidos críticos que conduzam a um aprender-construir-ser no mundo fora dos cânones [Montero, 2005, p. 15].

produzir refúgios de vida para fazer frente às catástrofes já em curso será cada vez mais obrigatório de agora em diante. então, nossas palavras-chave como pesquisadores deverão ser: comunidade, participação, saberes populares, epistemes de ressonância, mobilização de consciências, sentidos críticos, desnaturalização de cânones, micropolíticas, intuição como tecnologia para produzir conhecimento, corporalidades polímatas, produção de brechas. nosso compromisso básico é ter a ousadia e a coragem de defender o conhecimento mágico antigo como um corpo autônomo de produção científica sobre a vida na face da terra.

os pretinhos rosário

o terno de catopês nossa senhora do rosário e são benedito de bocaiúva é visível e invisível. existe tanto na personalidade jurídica quanto na onto-epistemologia de seus integrantes com seus gestuais, seus cantos, suas linguagens [adquiridas e inventadas: ancestralidades, nexos próprios, matrizes mito-poético-musicais, sofisticadas etiquetas, manuseio de objetos, ancestralidades], suas formas de interação, seus modos de sonhar-pensar-agir; suas práticas educacionais e de produção de conhecimento; suas *contrarracionalidades*, seus corpos e suas vozes que ainda se movem a partir de uma lógica rural. existe, também, como mística de um imaginário individual e coletivo, povoada pela aura e pela força de certos saberes secretos [portanto, raros], por costumes remotos, códigos mágicos, atividades oníricas, deidades, experiências inexplicáveis, entre-intras, harmonias invisíveis, tomando o invisível dessa incrível passagem do livro “cantos e histórias do gavião-espírito”, de rosângela de tugny (2009).

a expressão “espíritos” não é tão apropriada, pois estamos acostumados a pensá-los como entidades impalpáveis, invisíveis ou ideia das coisas visíveis. o povo-morcego, assim como os outros povos-espíritos, é, ao contrário, pura imagem e canto; acontecimentos temporais e espaciais. chegam às aldeias, fazendo irrupções no torpor de um dia castigado pelo sol ou espetaculares aparições noturnas. são matérias que se dão inteiramente a ver e ouvir aos tikmu’un. mais que corpos, pois suas peles brilhantes e suas máscaras complexas e cubistas multiplicam suas refrações, suas zonas de contato, suas vibrações, e mais que vozes, já que espíritos não falam, ou melhor, sua fala se amplifica e se detém de tal maneira em determinadas qualidades acústicas, que se transforma em canto. **estes povos-espírito são tão palpáveis que querem alimentos** [tugny, 2009, p. 13, grifo da autora].

a defesa da corporeidade do espírito feita por tugny salva o nosso pensamento e o nosso corpo do grave desvio cartesiano colonizador. aqui, tugny cola a cabeça no corpo e o corpo no mundo, e, ainda, nos diz que há outros mundos, outras faixas de realidade. esse é o *plano de imanência*: outra cosmogonia, outra epistemologia, outra metodologia, outras coisas ônticas.

outros aspectos palpáveis são as ruralidades. nazareth wanderley (2009) utiliza o termo “utopias práticas”, de jean rémy, em torno do qual gravitam “pessoas e grupos sociais, inclusive aquelas que, não vivendo no meio rural, a ele se sentem ligados por meio de vínculos culturais, simbólicos ou outras medidas de vida”. o terno de catopês nossa senhora do rosário de bocaiúva possui uma ruralidade inserida no espaço urbano, produzindo e reproduzindo um modo de vida muito próprio na sua relação com a cidade: etiquetas e interações sociais autorais e mais simples, relações comunitárias baseadas na pessoalidade, na confiança, no afeto, na generosidade, na amorosidade. outros idiomas, outras palavras, outros verbos.

os tempos ainda são cardíacos e obedecem a *kairós*: guardados nas algibeiras do cotidiano e anunciados pelo crescimento viçoso das hortas, pelos festejos que pontuam o ano, pelos rituais típicos, pelos saberes artesanais, elas técnicas autônomas, pelas oficinas montadas no quintal para a confecção dos artefatos devocionais [tambores, caixas de folia, vestuário e instrumentos percussivos complementares: pandeiros, tamborins e adufos^ψ].

a manutenção intransigente dessas ruralidades e a capacidade de se metamorfosear, absorvendo elementos estrangeiros [como inteligente e histórica estratégia de sobrevivência], explicam a brava [re]existência cultural do povo negro, marginalizado, massacrado e dizimado pela escravidão, pelo racismo e pelo preconceito até hoje.

marina de mello e souza (2002) nos aponta que

o pensamento banto sempre teve uma admirável capacidade de resistir, distinguindo-se por incorporar as contribuições continuamente dadas pelo contato entre os povos, lendo-as a partir de seu próprio instrumental cognitivo e em parte aceitando-as como próprias [souza, 2002, p. 1-327].

há ressonâncias entre *interculturalidade crítica*, de walsh, e *território compartilhado*, de milton santos (2008). a proximidade e seus efeitos diretos, atuando como *contrarracionalidades*:

o território compartilhado na produção de consciência é movido pela afetividade e leva a uma percepção “holista” do mundo e dos homens, o que pode “provocar mudanças surpreendentes” [santos, 2008, p. 318].

o terno de catopês nossa senhora do rosário, assim como outros modos de existência do vale do jequitinhonha são *territórios compartilhados* que produzem **lógicas de comunhão**, veiculando

^ψuma espécie de pandeiro antigo de formato quadrado.

outros valores, outras sociabilidades, outros saberes. intercâmbios e negociações baseadas em *circuitos curtos*: vizinhanças de trabalho, afeto e religiosidades. essas ruralidades criam sensibilidades que escapam das misérias hipercapital. os sujeitos interculturais, intersubjetivados e encantados do vale do jequitinhonha são “sujeitos decoloniais que imaginam, legitimam e constroem organizações comunais sobre bases de cooperação, e não de competição e de extermínio” (mignolo, 2013).

a **universidade intercultural aberta de encantaria do vale do jequitinhonha** é um ato de [re]existência cujos campi são os corpos de seus mestres populares – *intersubjetivações* que continuam executando a tarefa vital de [re]encantar os mundos, denunciando o apagamento dos saberes de seus ancestrais, protegendo, como dedicados [e delicados] guardiães, as cosmologias outras de suas cartografias colaborativas: liberdades, valores e modos autóctones. esses corpos-campi mostram, volto a insistir, que o mundo novo [a utopia branca e europeia] é um velho e íntimo amigo dessa mestrança jequitinhonha que, como muitas comunidades desse tipo ao redor do mundo, sabem ser xamãs de si mesmas.

os xamãs de si mesmo operam um alto combustível de *intersubjetivação* emancipatória e são *modos de existência* que possuem potência de fazer frente ao modelo degenerativo do hipercapitalismo, criando sensibilidades que escapam ao monitoramento e à manipulação sempre vorazes de sua guerra híbrida, na qual aquilo que nomeamos de antissistema já passou a retroalimentar o sistema, num *looping* trágico e assustador.

na **universidade intercultural aberta de encantaria do vale do jequitinhonha**, os mestres e as mestras são campi intensivos de arte, educação, saúde, espiritualidade, filosofia, literatura, magia e mística cuja epistemologia central é a prática de ancestralidades descolonizadoras que atuam regenerando vitalidades e restituindo potências perdidas desse nosso enfermo, endurecido e cafetinado ocidente.



exu diz que “**em tempos difíceis, saúde é a arte perdida de respirar sobre os escombros**”.

desse modo, é preciso fabricar muito encanto, muito unguento, muita arte de remédio para consubstanciar um coração e um pulmão cada vez mais expandidos e fortes que saibam bombear vida por entre ruínas.

reconhecer a inclusão dos saberes mágicos antigos como modos autônomos de produção de conhecimento é uma questão epistemológica urgente!

reconhecer a existência de uma **universidade intercultural aberta** na encantaria dos mestres e mestras do vale do jequitinhonha é uma questão de justiça epistemológica!

lavando palavra: escritura

roland barthes + deleuze + agamben. o trio traz uma noção de indissociabilidade entre leitura e escritura, mas, também, de transição: um lugar que não é nem autor nem leitor. um lugar cujo protagonismo é do corredor elétrico ou da intimidade que se estabelece na relação. em barthes, o leitor é o local onde os *cromatismos generalizados* do texto se inscrevem e ganham vida até para além da linguagem, escapando de contaminações e controles. deleuze fala de uma ligação elétrica entre o corpo que lê e aquilo que é lido. o corpo deleuzeano está na *experiência de grau zero* zambaradiana: aberto aos choques que as palavras dão, pinicando a pele. agamben diz que a verdadeira magia é a intimidade que acontece entre o pensamento do autor e o corpo que lê.

a escritura exuniana dessa tese sobrevoa barthes, deleuze e agamben, aproximando-se de antônio simas e luiz rufino: escritura, aqui, então, é, também, *cambonagem* de vozes que se arqueiam em incidentes e acidentes que compõem atribulados caminhos.

lavando palavra: teoria

na raiz grega, sua etimologia vem do mesmo lugar da palavra teatro: visão e observação introspectiva e atenta, reflexão, contemplação. entretanto, até essas raízes [belíssimas, diga-se de passagem], consideradas pela linguística como sendo as mais conhecidas, são desprezadas tanto na academia quanto na vida. segundo calunga da calunga grande, isso é uma grave sequela da apropriação cartesiana do termo que o arrancou de seu habitat natural, a prática, e desfigurou o seu rosto, a ponto de transformá-lo num frankenstein tanto no cotidiano quanto na universidade. **o koan de exu é: “quem produz teoria é o corpo que produz a prática”**. para exu, teoria nada mais é do que a vida prática sentida, contemplada, atentamente observada e escrita. portanto, não é verdadeira a afirmação corrente de que a vida é mais uma questão de prática do que de teoria. é impossível separar as duas. a duas são a vida. **calunga da calunga grande desenhou uma imagem interessantíssima para definir teoria a contento de exu: um corpo em pé, encostado no batente de uma porta observando a natureza como um urutau em posição de teoria**. **em posição de teoria** é um outro *modo de existência* de exu, já que o batente da porta é o seu território e a observação atenta, a sua comida.

lavando palavra: corpo sem órgãos

como esclarece o próprio deleuze, *corpo sem órgãos* não é um conceito. é um conjunto de habilidades, liberdades e potências que educam o corpo para a produção de brechas e, a partir daí, multiplica mundos. exu seria, então, utilizando a definição deleuzeana, um típico *corpo sem órgãos* que produz brechas, multiplica mundos e transita livremente entre eles.

realize 7 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/1Z1MjpxqEfaFQnQPXDW9k7lQEWeE_lwwg/view?usp=sharing

depois de ouvir, respire fundo com calma e encerre a leitura.

no dia seguinte, acorde junto com o sol e contemple longamente o céu.

zazen 6

beba água, realize 11 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/147YlY7iRD_wcQZ1vBARmaPKVtdilJ0bw/view?usp=sharing

depois de ouvir, respire fundo com calma e reinicie a leitura.

anáfora – intensificando modos de existência

zé pelintra e maria navalha

zambarado e bemtevi

calunga da calunga grande e monja lib

em souriau, anáfora conquista e intensifica *modos de existência*. é o tubo, o gerúndio, o como. **no gesto da instauração, o direito de existir é uma pretensão reativada no corpo despossuído**, propondo itens para um possível conjunto de procedimentos que poderão se transformar num código de éticas. sempre relendo souriau com propriedades do *cromatismo generalizado* deleuzo-guattariano, lapoujade questiona a busca da existência: se estamos diretamente nisso que chamamos de existir, por que buscar a existência? a resposta dele é: essa é uma questão tanto política quanto estética de demanda bastante elementar: **trata-se [ou deveria se tratar] de existir “com mais realidade”**. e cita a barata e o celibatário kafkianos como exemplos. acordar barata é pular para fora da caixa “cosificada” da existência. o caminho que resta ao celibatário é reconquistar seu direito de existir através de um processo. essa existência [inevitável e interminável], através de um processo, é uma anáfora. a anáfora produz, ainda, o cuidado com os *modos de existência* e esse cuidado pode instaurar mais um *personagem conceitual*: a cuidadora de *modos de existência*.

zé pelintra e maria navalha

bilhete

saga de um obi pelo tubo da traqueia

ponto riscado



eu conheci zé pelintra antes mesmo de conhecer.

certo dia, quando caminhava pela praça da liberdade, em belo horizonte, um desconhecido me interpelou e me entregou um bilhete.

zé pelintra dança, gira e dobra.

exu chega ontem, mas só o vemos amanhã.

é que exu ziguezagueia.

2012. zé lavou meus pés com alecrim, o *arqueu* da alegria, depois de longa espera na fila de terra vermelha numa mata relativamente distante da cidade mais próxima. pelintra é de poucas palavras e muito irônico. mas pelintra dança! e como ele dança!^Ψ nesse dia, então, fumei jurema pela primeira vez, num compartilhamento coletivo de seu desejado cachimbo, e ganhei uma concha pequena para minhas doses particulares de cachaça com mel, sua bebida predileta. ele intitulou a cena de **“teoria da coragem no teatro do corpo”** e me tirou para dançar, convite que eu nunca recebi de um encarnado e que nunca havia recebido de um virtual.

e como zé dança!

então, dancei com aquele ciborgue lisérgico: humano, cavalo, planta, cachimbo, fumaça e outras intensidades escorregadias, fugidias e intermitentes. ali, comecei a reparar na sua famosa ginga e no seu linguajar. a ginga realmente chama a atenção. os gestos, os rodopios em câmera lenta e as palavras fílmicas que entram e saem da boca de seus cavalos.

a palavra cena, por exemplo. cena é uma palavra forte em seu vocabulário para advogar a sua tese de que a terra é um grande teatro de arena onde a vida atravessa e movimenta os atores que encenam peças intermináveis.

-eu não sou muito bom com os termos, mas conheço enteógeno. a palavra é um enteógeno [zé pelintra, belo horizonte, 2013].

uau!

^Ψzé pelintra é o exu mais pesquisado do mundo, com inúmeras teses a respeito de seu axé e de sua ginga.

“a palavra é um enteógeno” poderia estar num tratado filosófico sobre arte, clínica, educação, alegria e cura, no capítulo “linguagem e regeneração”, escrito por foucault.

ou por mim: “introdução à razão filosófica de exu”.

e como pelintra dança!

dança no chão de terra batida...

2014. terreiro do céu, voltando a 1981 e 2007:

-navalha, você se lembra de 1981? a cena era você chegando do norte de minas e seu pai te recebendo ao som do velho violão. [“ela voltou, a boêmia voltou novamente...”]. não era seu pai. já era eu.

-como assim, zé? eu nunca te contei isso...

-ali, era o seu pai dizendo: taí, uma maria navalha, zé... você tinha 17 anos.

-vixe, então, quando aquele moço me deu o bilhete, em 2007, eu já era navalha?

-era. era maria navalha andando quilômetros atrás de um prato de comida. eu já curiava junto com ela nas encruzadas da fome. você se lembra do nome que nós demos ao pratos de macarrão que sobravam nas madrugadas frias dos restaurantes horizontinos do fim da linha 1801, o ônibus que nunca dormia? paraíso da alegria. o prato de macarrão era o paraíso da alegria... então, curiano nas encruzadas, vi que tinha encontrado uma andarilha como eu...

-por isso o bilhete?

-sim. por isso, o bilhete, anunciando três dígitos. o esfarrapado da praça portando uma notícia de 100 mil reais^ψ para outra esfarrapada, trinta minutos antes da fala do poder oficial. a vida passando... maria navalha já era bemtevi, muito embora suas asas ainda estivessem muito curtas. aqueles três dígitos eram um curso concentrado para voos mais altos e mais perigosos.

-el cid virou exu?

-zambarado já tinha lhe dado um koan: “o feiticeiro negociou o esquecimento para gerenciar o mundo”. você se lembra de cypher negociando o esquecimento com as máquinas da matrix? ele queria apenas saborear seu suculento e ilusório bife de carne! a terra emplastrou el cid e o exu que ele sempre foi se soltou do pus do mundo e pulou para fora.

-uma passagem de que tipo?

^ψo patrocínio de três dígitos foi a minha primeira empreitada em projetos culturais para circulação do cd tum tum tum pelo brasil. por mais incrível que possa parecer, a notícia do patrocínio chegou na mesma tarde em que recebi o bilhete. exu é um acordador de devires. que, em princípio, parecem ser de leite, mas sempre significam trabalho árduo e perigoso: “teoria da coragem no teatro do corpo”.

-uma passagem rápida como convém a um bruxo. se não me engano, ele engoliu de prima um obi enorme e o obi lhe batizou com um nome de bricoleur. é. exu bricoleur.

-bricoleur, zé? mais uma palavra de luxo?

lavando palavra: bricoleur

um cartógrafo a la rolnik que usa tudo que está ao seu alcance [modos e materiais múltiplos].
um costureiro de retalhos, um esboçador, um exu.

-sim, você acha que só você conhece palavras sofisticadas? outra que eu gosto é ninguendade. exu é uma ninguendade que entrega notícias de 100 mil a pombagiras esfarrapadas. ai,ai, hoje, eu estou tão filosófico...

lavando palavra: ninguendade

invenção de darcy ribeiro que faz um uso político do termo para falar de uma “identidade tipicamente brasileira” impossível de ser identificada porque é impura e miscigenada e, por isso mesmo, escapa das taxonomias. chupando os tutaninhos de darcy, nossa ninguendade, aqui, é a metodologia das sutilezas do sol, a estrela que nasce sobre todas as cabeças, sem olhar a quem e sem escolher a ninguém. o sol é uma ninguendade que produz ninguendades. o sol produz olds. o sol também é um exu.

zé pelintra dança, gira e dobra muito mais.

nessa dobra de 1981-2007, em 2014, zé me deu um obi para comer como minha segunda experiência de “teoria da coragem no teatro do corpo”.

eu topei.

é claro que eu topei.

e o que é um obi?

obi é o fruto de uma árvore que neste terreiro de umbanda, o ceu, deve ser engolido sem mastigar. e esse era muito grande. vi a morte pelo tubo da traqueia e lacrimejei um rio.

literalmente... literalmente, desapareci no durante, no “ao longo de” da metamorfose do obi pelo estreito tubo da minha garganta.

que experiência!

lapoujade diz que experiências puras, ou de grau zero, como zambarado costuma falar, são, em primeiro modo, sensações instauradas por alteradores de consciência, decorrentes de situações de potência fronteira: estado de coma ou tempos iniciais de um recém-nascido, por exemplo. ali, com o obi, era uma experiência pura porque havia um tempo-espaco alterado, girado e dobrado, e uma forte sensação de morte iminente.

e o que é um obi?

um obi é uma castanha natural do continente africano utilizado em experimentos de passagem [ritos iniciáticos], dentro de algumas cosmologias. no catimbó de zé pelintra, pode vir acompanhado de um estrondoso tapa nas costas para auxiliar o ato de engolir. comer um obi inteiro sem mastigar é pular num abismo, escrever num precipício, entalar-se e abrir-se, desejando ser não quem inspira e expira, mas o próprio vento que sopra a vida. ufa! os pensamentos são moídos, mas, incrivelmente, eu pensei: “minha vida se encontra, neste instante, singularizada e radicalizada num obi. que maneira intensiva de estar no mundo”. só mesmo minhas sinapses encharcadas de lisergia para querer produzir filosofia no meio do caos que é engolir um obi, sob a coordenação do exu gingador mais temido da encantaria!

isso é o que tranca ruas me pediu para contar desse zé que prega, desprega e reprega; aparece, desaparece e reaparece. um pelintra que dança, gira e dobra...

tranca ruas me pede, ainda, para contar outra experiência, por ocasião da morte de um amigo muito próximo e querido. esse amigo mandou chamar três pessoas para o seu leito de morte. eu, entre elas. sabendo que havia chegado a hora, queria se despedir e fazer um pedido. assim que cheguei, ele me pediu para segurar no seu braço esquerdo: *“meu corpo precisa de uma força extra para saltar e em troca vou deixar com você parte dos meus estudos sobre a vida, sobre os modos de se estar no mundo. zé me falou que você toparia”*. eu sei que essa sua linda fala final parece coisa de cinema, mas, é necessário dizer que esse amigo viveu com povos indígenas durante um longo período. daí, toda a beleza cinematográfica desse texto na hora extrema da morte.

sim, zé tinha razão.

topei.

claro que topei.

foi uma das experiências mais intensas que o meu corpo já atravessou. eu me lembrei na hora do *nômade* de deleuze que é sempre um marginal fora de si, observando o que lhe parece estranho. saí da casa do camarada com uma sensação que até agora, quando escrevo, não consigo nomear. no dia seguinte, o amigo se encantou. no sábado da mesma semana, eu fui conversar com calunga da calunga grande. durante a conversa, zé pelintra se aproximou, olhou bem dentro dos meus olhos e riscou, com pomba, um ponto no chão do terreiro, perto dos meus pés. assim que acabou de riscar, fez uma fala muito forte e me pediu para participar da tese, sob a coordenação de tranca ruas.

uau! um pedido dessa magnitude! um pedido de zé pelintra!

mais uma vez, topei.

é claro que topei.

rapidamente pedi permissão para transportar o ponto riscado para o caderninho de campo e ele sorriu, dizendo: “guarda minhas linhas bem guardadinhas”. e saiu gargalhando... depois, já no seu ponto de força, gritou: “moça, faça um haikai do riscado. te espero na semana que vem com o para-casa pronto. vamos ver se tranca ruas aprova!”. e gargalhou mais ainda...

e gingou.

tinha tempos que ele não gingava fora do peji.

na semana seguinte, bricolei as linhas do ponto riscado, fiz o haikai e lavei algumas palavras para acrescentar a esse texto.

mas, o que é um ponto riscado?

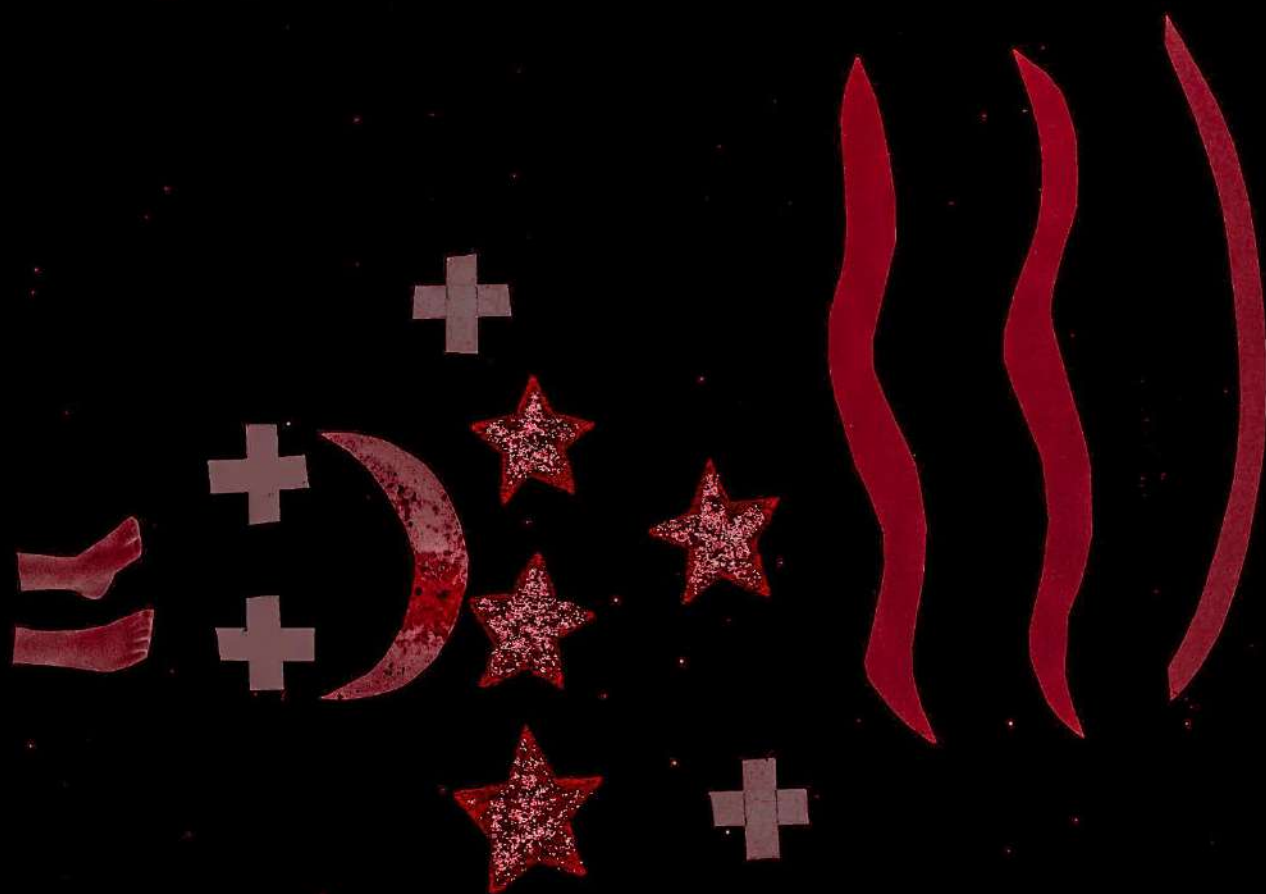
o ponto riscado é uma assinatura da movimentação do movimento de exu, entre o céu e a terra, entre sua virtualidade e o corpo orgânico de seu cavalo, entre o corpo de seu cavalo e as existências compartilhadas que estão ali animando exu e exercitando o *corpo sem órgãos*, o conjunto de corporeidades de sua proposta de trabalho. o ponto riscado fissura o espaço-tempo potencialmente e, muitas vezes, não tem qualquer função sanativa, terapêutica ou de vencer demandas. ele apenas desenha uma beleza e uma heterogeneidade no rame-rame das reclamações de uma humanidade que, segundo o próprio zé pelintra, não consegue ir além de três assuntos: sexo, dinheiro e saúde.

então, riscar um ponto é sempre tirar o corpo [de exu, do cavalo de exu e da existência que ora está compartilhando com exu um modo] da letargia. riscar um ponto é sempre injetar no corpo um estranhamento. e estranhamento, para exu, é produção de vida. o ponto riscado é também um modo nômade. não existe um lugar específico no terreiro para que exu ou outros *modos de existência* possam riscá-lo. os pontos e linhas vão sendo riscadas em várias geografias do terreiro. cada geografia assina com seus próprios deleites e incômodos. um ponto riscado perto de uma fogueira, por exemplo, pode conter, no subtexto [além do *arqueu* do belíssimo e misterioso exu labareda], a assinatura das salamandras de pintas amarelas, os literários e cinematográficos elementais do fogo, demandando curas profundas. há um esforço da semiótica em decifrar os pontos riscados, mas, segundo zé pelintra, eles não podem ser decifrados. são koans. estão mais para aquilo que deleuze diz sobre captar as forças por detrás da imagem. o coração de um ponto riscado bate nas forças por detrás das imagens que ele cria. sim, há imagens, mas não é o mais importante. elas são apenas passagens para alguma outra coisa: elas servem a instantes de encruzilhada que logo se esvanecem como fumaça no ar.

é muito raro que um exu permita que se copie um ponto riscado e, ainda mais raro, que peça para desenhá-lo. o que, talvez, pode ter acontecido é que zé pelintra, sabendo da minha dedicação a esse doutoramento, tenha concedido essa graça para se juntar a zambarado, calunga da calunga grande, agamben e ingold na empreitada de ampliar as sutilezas da minha metodologia que advoga *cromatismos generalizados* sempre no fio da navalha que deleuze&guattari exigem.

eis o haikai:

os pés tocam
as estrelas do mar
e pedem mais lua
sobre a luz da vela



HÁ MILHARES DE ANOS
ATENDO HUMANOS.
TODOS QUEREM MAIS
SEXO, DINHEIRO E
SAÚDE.
SÃO RAROS OS CASOS
QUE ESTÃO QUERENDO
ALGO FORA DESTAS 3
PRISÕES.

EXU ZÉ'PE|INTRA,

2019

zambarado e bemtevi

ow, broto, pazinha e outras sobreposições conceituais

letramentos poéticos para um bemtevi

o saco do sentimento furou

texto puto de geopolítica com uma gota de sangue na ponta da espada

jornada de exu: a lembrança de si mesmo

etégyrá e tum tum tum

experiência, filosofia e vida: a arte dos encontros e das composições



lavando palavra: filosofia

deleuze revelava despidoradamente o papel extremamente repressor da história da filosofia com seus encarceramentos e catatonismos quanto ao pensamento dos filósofos, imobilizando os conceitos, os pensadores e a própria filosofia. em “espinosa: filosofia prática”, deleuze advoga que o método [ou melhor, que qualquer método] é uma experimentação vital que aumenta ou diminui nossa potência em relação ao ato de conhecer e é o conhecimento que age sobre a nossa capacidade de agir. desse modo, em deleuze, pensar é criar, e não um mero traço do exercício metodológico presente na produção do conhecimento. essa grandeza vitalista da filosofia em deleuze é espinosana.

foi sobre espinosa que trabalhei mais seriamente segundo as normas da história da filosofia, mais foi ele que mais me provocou o efeito de uma corrente de ar que sopra nas nossas costas cada vez que o vemos, de uma vassoura de feiticeira que nos faz cavalgar. espinosa. ainda não começamos a compreendê-lo [deleuze, 2004, p. 26].

deleuze se debruça sobre spinoza de modo muito aberto. com outros filósofos – bergson e nietzsche, por exemplo –, oferece releituras lapidadas. com spinoza, deleuze é mais deleuzeano: há lampejos, imperfeições, inacabamentos e pendências mesmo. com spinoza, ele realmente faz um filho por detrás.

eu me imaginava chegando pelas costas de um autor e lhe fazendo um filho que, mesmo sendo seu, seria, no entanto, monstruoso. que fosse seu era muito importante, porque o autor precisava efetivamente ter dito tudo aquilo que queria lhe fazer dizer. mas que fosse monstruoso também representava uma necessidade, porque era preciso passar por toda espécie de descentramentos, deslizes, quebras, emissões secretas que me deram muito prazer [deleuze, 2007, p. 14].

em deleuze não se trata de incrementar antigos problemas e, sim, de desacomodar as questões para pensar a partir de outros lugares, abrindo outros campos.

ow, broto, pazinha e outras sobreposições conceituais

o desejo de mergulhar na brecha do exu zambarado, de apelido ow [que lembra – em escrita e fonética – a palavra inglesa para coruja: owl], nasceu no dia em que fui convidada para uma sessão^Ψ por uma amiga de apelido broto. nesse primeiro encontro, testemunhei um diálogo entre ele e uma criança de sete anos, de apelido pazinha, que me pareceu coisa de cinema. palavra filmica, como ele mesmo dizia.

-pazinha! bem-vinda! você está bem? o que você tem aí nas mãos?

-ei ow. estou muito bem. eu ganhei um presente do meu pai.

-ah! espere um pouco, pazinha, vamos brincar: você está bem apenas porque ganhou esse presente do seu pai ou com esse presente do seu pai você está bem mais que bem?

-estou bem mais que bem, ow.

-ah! você já estava bem, então. no entanto, ficou bem mais que bem com a presença do presente...

-é. foi assim mesmo.

-mas, pazinha, se esse presente desaparecer, como você ficará?

-eu acho que ficarei apenas bem, mas não bem mais que bem...

-ah! se um dia o presente que você ganhou do seu pai sumir, você ficará só bem...

-é.

-mas, pazinha, o presente que você ganhou do seu pai não estava na sua vida antes e você já estava bem. você não acha esse fato por si só muito bom? ou seja, sua vida já estava bem sem esse presente que seu pai deu a você. desse modo, não tê-lo, um dia, não pode te deixar triste, pois o estado de bem mais que bem, você ainda não sabia do que se tratava. quer dizer, você já estava bem sem ele. o seu bem mais que bem era o seu bem e isso era bom. isto é, a nossa vida já é boa sem nenhuma coisa ganhada de nosso pai ou de quem quer que seja e isso constitui todo o bem daquilo que já está bom.

-ow?

-sim, pazinha, diga.

-não estou entendendo mais nada...

-não?

^Ψreuniões semanais realizadas em belo horizonte, minas gerais, brasil, américa do sol. a data do começo dessas reuniões é desconhecida, mas o encerramento se deu no final de 1999.

-ow, eu tenho apenas sete anos. não sei nada de filosofia.

-uau, você diz não saber nada, mas conhece a palavra filosofia.

-sim. meu pai fala dessa maneira com minha mãe e diz que eles estão filosofando.

-de que maneira?

-dessa maneira engraçada que parece um novelo de lã.

-pazinha, minha querida, eu sinto te informar que, pelos seus modos, você já está dentro de um grande novelo de lã. vejam vocês, temos uma filósofa nata...

-nata?

-sim. desde a mais tenra idade.

-tenra?

-sim. vou te dar uma dica para toda a sua vida: compre um dicionário e vá brincando de abrir as páginas ao acaso e coma as palavras lentamente.

-comer palavras. viu...

-viu o quê?

-sim, ow, sim.

-ah! pensei que você tinha visto que já é feliz mesmo sem o presente que ganhou do seu pai.

-uai, ow, você voltou ao início da conversa? você parece um papagaio. repete tudo. a mesma coisa toda hora...

-um papagaio que repete tudo, e a mesma coisa toda hora, mas, mesmo assim, é diferente...

-nossa, que vai e volta, ow. desisto...

-o papagaio também desistiu, viu...

-o papagaio diferente viu o quê?

-nada, pazinha, nada. ele apenas desistiu também.

-ah! pensei que você ia falar que o papagaio diferente que repete tudo viu que eu já era feliz, e bem feliz, antes do tal presente que ganhei do meu pai...

gargalhada geral de aproximadamente 30 adultos presentes na sala das reuniões de quinta-feira. depois disso, zambarado deu por encerrada a conversa, mas meu corpo encapsulou a alegria daquela a cena numa resina virtual de âmbar^ψ para posteriores reutilizações. a vida que passava

^ψtese de calunga da calunga grande que virou um dos corolários do catimbó zen. a resina de âmbar funciona como um guardador de devires. a força e a alegria de um acontecimento podem ficar intactas ali para futuras reutilizações próprias ou de outros corpos

nos olhos de pazinha e vinha pulsar em mim me motivou a voltar àquele “set de cinema” na quinta-feira seguinte. eu queria mergulhar naquele filme de novo. e, assim, empunhando um dos meus velhos caderninhos [que eu ainda catalogaria como caderno de campo] virei frequentadora assídua daqueles estranhos acontecimentos semanais.

na semana anterior ao segundo encontro, tive um sonho [de olhos fechados] com o cantor e compositor chico César. o sonho trouxera chico cantando uma canção de sua autoria [em parceria com luiz gonzaga do nascimento, alfredo ricardo do nascimento e josé de souza dantas], intitulada “folia de príncipe”:

se da minha boca vai / que da tua boca venha / uma declaração de amor / um beijo apaixonado / seja essa a nossa vênua / o nosso boi de reisado / um reizinho bem corado / bate em sua moradia / vem louvando e vem louvado / vem cantando essa folia / eu e os meus companheiros / ai, ai / queremos **cumplicidade** / pra brincar de **liberdade** / no terreiro da **alegria** [chico César, 1996, s/p].

na minha segunda sessão, contei o sonho a zambarado. ele ficou em alvoroço, cheio de um visível contentamento; bateu a mão na perna direita do seu cavalo e exclamou:

-há nove luas, espero um pássaro me trazer um augúrio. não sei por que você foi escolhida, moça, mas seja muito bem-vinda! no seu sonho, existem coisas que são para mim e coisas que são para você! os sonhos são sempre assim: trazem coisas para quem sonha, para quem está no sonho e para quem ouve sobre o sonho.

-quais são as coisas desse sonho?

-eu estava pronto para encerrar o trabalho por aqui. no entanto, as três palavras, as cores e as pessoas que movimentaram o seu sonho, aliadas ao fato de você vir aqui compartilhá-lo comigo, me dizem para seguir em frente por mais um tempo. não sei especificar por quanto tempo. o que interessa é que o sonho me diz para continuar. você é a mensageira desse augúrio. o que tem para você é o catimbó, através desse trio de palavras: cumplicidade, liberdade e alegria. o catimbó é um presente do mestre bom floral, do reino de okê ajucá, para uma filha da folha. bem-vinda ao trabalho, filha da folha! um dia, você escreverá sobre isso. de agora em diante, você será bemtevi!

-bemtevi? não é filha da folha?

-são modos combinados. uma pássara filha da folha que carrega no bico o catimbó. é uma mistura e tanto! mas, você sabe, eu sou um exu: o meu trabalho é movimentar o movimento.

ou até mesmo coletivas. é o agora atualizando a memória, a la bergson. a resina de âmbar proporciona o que bergson chama de esforço de pensamento e reconhecimento atento das imagens: os fluxos dos devires guardados ampliam o corpo e este expande a percepção do que lhe acontece. é o amor da canção de chico buarque que não se afoba, não tem pressa e pode ficar milênios no ar.

aproveite! porém, atenção, bemtevi: passeie com o catimbó por aí e, começando por câmara cascudo e mário de andrade^ψ, pesquise e estude. depois, partilhe.

o primeiro estudo foi o cd tum tum tum, a estreia fonográfica. nele, o catimbó é [além de um território de honra e convívio com a pajelança afro-indígena] um rito de passagem para a fase adulta^ψ [que me faria criadora e cuidadora de *modos de existência*] e o batismo de fogo de um longo processo de educação das emoções para instaurar um código de ética e dessubjetivar a consciência porque, segundo zambarado e calunga da calunga grande, o direito à consciência sem sujeito [liberdade, movimento e diferença] é o maior ato político de [e para] um corpo encarnado no mundo.

em deleuze, consciência sem sujeito é diferença e variação. em zambarado e calunga da calunga grande, é catimbó zen. bergson sugere que a consciência sem sujeito é a *duração* que experimenta o tempo através da emoção. não o sentimento, mas a movimentação [*e-moção*]. para bergson, tempo e *e-moção* são coisas inseparáveis porque experimentar o tempo é conhecer a liberdade e só se conhece a liberdade navegando as camadas mais profundas de *e-moções*: enxergando a sua movimentação e se movimentando com elas.

calunga da calunga grande diz que *e-moções* profundas são luzes líquidas que se alojam entre a fásia e os ossos e que o cérebro pode até colocar a movimentação desses conteúdos em repouso, mas o corpo, não. em algum momento, o corpo trará à tona. ele e zambarado dizem que experiências de *e-moções* profundas dobram o tempo e podem produzir mais consciência sem sujeito, captando liberdades e diferenças da movimentação do movimento, presentificando arte, clínica, educação, alegria e cura [linguagem e regeneração].

-a consciência sem sujeito é um pequeno retalho de seda pura, pendurado num varal, dançando no ar, sob a força brutal de um tornado [zambarado, belo horizonte, 1998].

-a resina de âmbar, como o cristal, é tempo condensado. em contato com um, se coloque imediatamente em posição de teoria e observe. não barganhe nada com o devir. deixe que o agora encapsulado te mostre a gratidão. a gratidão é uma *e-moção* profunda, uma tetra-

^ψganhei muitos presentes de luz. entre eles, o livro os cocos, de mário de andrade, e meleagro, de câmara cascudo. o exu já agia como um orientador. um orientador que disse inúmeras vezes que, um dia, eu me tornaria escritora.

^ψzambarado chamava essa fase de "levantar, dizer sim e se colocar a serviço da humanidade como a cobra coral e o beija-flor". lapoujade diz: "um ser pode participar de vários planos de existência como se pertencesse a vários mundos" [lapoujade, 2017, p. 14].

chave de brechas. ela nasce onde a gente é frágil. por isso, a gratidão é a coisa mais poética, mais bonita e mais revolucionária [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2015].

-estou te dando esse âmbar-devir-peixe para que você se lembre de ampliar sua labilidade [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2017].

em alguns momentos, apresento calunga da calunga grande como uma possível superposição de zambarado, uma das minhas hipóteses nessa pesquisa. [muito embora, eu não pretenda comprovar nem refutar nada com ela; apenas abrir pensamento]. blanqui chamaria esse processo de *sósia de terras alhures*. viveiros de castro, de *dupla cidadania*. deleuze, de *entretempos superpostos*. lapoujade/souriau, de *pluralismo existencial*. eu, inspirada neles, chamo de cidadania epifânica ou agência sobre agência ou lisergia gaiana.

tudo o que se poderia ser aqui, é-se em algum alhures. além de sua existência integral, desde o nascimento até a morte, vivida numa multidão de terras, vive-se ainda dez mil edições diferentes [blanqui, 2018, p. 88].

à medida em que alguém se torna, o que ele se torna muda tanto quanto ele próprio. há um devir-filósofo que nada tem a ver com a história da filosofia e que passa, antes, por aquilo que a própria história da filosofia não consegue classificar [deleuze, 1998, p. 3].

-existe a vida entidade [existência imanente] e a vida percebida [o *plano de imanência* que poderá ser construído – a alma, como advoga o cumpadi e o tal de souriau]. a vida percebida é puro cinema. um grande filme. na vida percebida, a lembrança de si mesmo mostra que se está dentro desse grande filme. a magia é recordar que se pode sair do filme a qualquer tempo, que a sala pode ser trocada e o filme, *idem*. recordar que o ator pode atuar em cinco salas diferentes. são linhas. são maneiras. é fabulação. é feitiço. são modos. existem tantas linhas, maneiras, fabulações, modos e feitiços quanto são os olhos do mundo multiplicados por um trilhão. é um shopping center [calunga da calunga grande&monja lib lendo trechos de “a eternidade segundo os astros”, de blanqui, em belo horizonte, 2019].

-a existência imanente sempre encontra uma maneira de se manifestar na vida percebida. é um evento que independe de qual agência será estabelecida: arte, literatura, ciência, filosofia, magia, mística, alegria, cura, matemática ou física. a imanência vai devir e derivar: xamanismos, *modos de existência*, pluralidades, diferenças, liberdades. no caso de nosso trabalho, estamos tratando de agências sobre agências, maneiras sobre maneiras, como você diz: zambarado, ow, varredor de porta de escola, gavião encantado, calunga da calunga grande, rinoceronte do mar, guardador de cristais, recordador de devires, old déa trancoso, bemtevi, monja lib, flor do deserto, borum krenak, rã azul, sete folhas, bom floral e outras mumunhas [rinoceronte do mar&monja lib lendo trechos de “conversações”, de deleuze, “as existências mínimas”, de lapoujade, “diferentes modos de existência”, de souriau, e “metafísicas canibais”, de viveiros de castro, em belo horizonte, 2019].

mas e a vida, o que é? resistir? pergunta deleuze. tráfego intenso? pergunta zambarado.

labilidade de trafegar por entre? pergunta calunga da calunga grande. aparecer, desaparecer e reaparecer? pergunta souriau.

letramentos poéticos para um bemtevi

as experiências ainda pulsam. foram muitas. os *modos de existência*, também. são muitos. zambarado nomeou as experiências e os modos de “**letramentos poéticos para um bemtevi**” cujo serviço era “**botar o couro à prova**”. partilho alguns modos e algumas experiências que me acrescentaram outras maneiras de estar no mundo, anarquizando a primazia disso que chamamos de sujeito/eu: um corpo físico visível, dono de um cpf e de um rg. é impossível não se lembrar, aqui, de artaud como um radicalizador do pensamento de deleuze, escolhido pelo próprio deleuze. advogando fluxos anarquistas assistemáticos para produzir não um eu, mas, sim, uma pessoa [um processo que exponha o fato de que quem falou, escreveu, sentiu ou pensou já não está mais à disposição nem de si mesmo, porque pessoa não é, pessoa apenas está^ψ], artaud construiu o que chamava de *anarquia perigosa* e fez da literatura algo central na sua filosofia. vocês verão que exu, especialmente zambarado e calunga da calunga grande, também elege a escrita literária como algo que flutua por entre rajadas de vento e atualiza a pergunta de artaud: **quem poderá encontrar coerência ou fios lógicos diante de uma vida tão quente, cortante e assustadoramente mutável?** talvez, ailton também esteja se referindo a isso no conceito *taru andé* do povo krenak que monja lib agencia, acrescentando o **radicalmente vivo**: um **corpo taru andé radicalmente vivo** que esboça, canta e dança para suspender o céu.

sorte a nossa deleuze ter amado tanto artaud a ponto de sugerir diferença não como afastamento, mas como possibilidade de alcançar mundos a partir dela. sorte a nossa deleuze fazer da diferença seu supra método. deleuze em artaud indica: tornem-se criadores, criem modos de vida: incorporem a vida, sigam a si mesmos e, seguindo a si mesmos, tornem-se companheiros. a dica de exu é: experimente, bemtevi, crie modos de vida, siga a si mesma e, seguindo a si mesma, crie **existências compartilhadas**, e, em **existência compartilhada**, escreva.

zambarado sempre me fazia escrever. desse modo, as experiências geraram escrituras.

compartilho algumas.

^ψo pensamento de que não é possível ser da terra e, sim, estar na terra [ou ser uma pessoa, um processo – ao invés de um sujeito/eu], ouvi primeiramente de zambarado, no começo dos anos noventa. a filosofia de ingold também diz de maneira literal que só é possível estar na terra. isso tem sido uma constante: o pensamento zambaradiano presente nas filosofias por onde essa pesquisa navega.

experiência 1: sonhos lúcidos de uma pássara dentro da epilepsia de uma cavala

eu tinha 30 anos quando conheci zambarado. no terceiro encontro, decidi contar a ele um incômodo físico que me acompanhava desde a infância. ao dormir, quase sempre nas primeiras horas de sono, meu corpo sofria uma espécie de descarga elétrica, com tremores que variavam de intensidade. a descarga elétrica era seguida dos tremores que eram seguidos de uma rigidez que ia da cabeça aos pés e terminavam com uma sensação de morte iminente. depois, já acordada, eu me lembrava de tudo e sentia um medo súbito de morrer. convivi com essa realidade durante anos. zambarado ouviu atentamente meu relato e, ao final, disse:

-bemtevi, como você já sabe, eu trato apenas de desenganados pelos médicos, mas, vou arriscar um diagnóstico. pela minha experiência de 80 anos, como catimbozeiro no nordeste do brasil, isso que você tem é uma espécie de epilepsia de grau leve. eu proponho um tratamento através do sonho, já que o sonho é um treinamento para inventar modos de estar no mundo. a técnica que vamos utilizar, no seu caso, será a de exercitar a possibilidade de acordar dentro sonho, produzindo outro sonho de olhos abertos. nós vamos acordar e sonhar dentro do sonho que também é um sonho dentro de outro sonho, a vida. vamos utilizar uma metodologia chamada *teoria das placas tectônicas*.

-e como vai ser isso, zambarado?

-primeiro, é necessário que eu te diga que esse tratamento segue a cartilha da própria vida: não tem garantias. segundo, é demorado. terceiro, não deve ser padronizado e/ou utilizado por outras pessoas sob nenhuma hipótese. examine minha proposta e na próxima semana me diga o que você decidiu.

na semana em curso, tive um evento-relâmpago que começou já na fase estática, sem descarga elétrica e sem tremores, na qual eu não conseguia mexer nenhum músculo, e durou pouquíssimo tempo. na quinta-feira, então, pedi a palavra e contei o ocorrido. zambarado sugeriu que eu marcasse um encontro particular para continuar a conversa. assim, na terça-feira, iniciamos um tratamento que durou aproximadamente cinco anos.

-bem-vinda, bemtevi. vamos ao plano: a partir de hoje, quando o evento acontecer, você vai observar a respiração, os batimentos cardíacos, o dedo mindinho do pé direito, os pensamentos e as sensações que acompanham a observação focada nesse ponto do corpo. na manhã seguinte, escreva tudo num caderno específico para este trabalho, com caneta. vamos trabalhar a movimentação entre memória, sonho, corpo e terra. você já ouviu falar na *teoria das placas tectônicas*?

-não.

-ela vem da observação de fenômenos geológicos intitulados deriva continental e expansão dos fundos oceânicos. a partir da deriva e do fundo do nosso fenômeno, vamos achar um três. movimentando o fundo elétrico das memórias da sua epilepsia, criaremos outras derivas.

vamos colidir, afastar e transcorrer, abordando o fenômeno como um sonho: observação onírica e escrita da observação onírica. há o sonho que é o fundo, há o acordar dentro dele para colidir e afastar, há a escrita sobre o sonho, a transcorrência que poderá derivar numa possível regeneração. sonho é um fenômeno elétrico do cosmo, placa tectônica é um fenômeno elétrico da terra, epilepsia é fenômeno elétrico do corpo. esse tratamento é um estudo transdisciplinar, bemtevi. a escrita é nossa testemunha transcorrente. há, também, uma pesquisa de campo que você deverá fazer com sua mãe – delicadamente.

partindo do pressuposto de que transcorrência seja *entretempo*, zambarado já estava praticando *filosofia da diferença* e metodologia das sutilezas. as conversas com minha mãe revelaram que ela havia passado mal, aproximadamente no sétimo mês de gravidez, e recebeu uma injeção diretamente na barriga. o exu confeccionou uma tese muito interessante, a partir dessa informação, de que o conteúdo da injeção poderia ter atravessado o meu sistema nervoso central em formação e alterado o desenho da minha “**fiação elétrica**” [expressão dele], gerando a tal descarga intermitente.

o fato é que, depois desse tratamento, nunca mais tive nenhuma ocorrência do evento.

e lá se foram 30 anos.

procedimentos e movimentações:

. **primeiro movimento:** atenção ao dedo mindinho do pé direito + observação de respiração, batimentos cardíacos, pensamentos e sensações + escrita [caneta] na manhã seguinte. duração: 6 luas [6 meses].

. **segundo movimento:** movimentação leve do dedo mindinho do pé direito + observação de respiração, batimentos cardíacos, pensamentos e sensações + escrita [caneta] na manhã seguinte. 6 luas.

. **terceiro movimento:** movimentação leve de todo o pé direito + observação de respiração, batimentos cardíacos, pensamentos e sensações + escrita [caneta] na manhã seguinte. 6 luas.

. **quarto movimento:** movimentação leve da perna e do pé direito + tentativa de abrir os olhos + observação de respiração, batimentos cardíacos, pensamentos e sensações + escrita [caneta] na manhã seguinte. 6 luas.

. **quinto movimento:** atenção ao dedo mindinho do pé esquerdo + tentativas de movimentação leve do dedo mindinho do pé direito + observação de respiração, batimentos cardíacos, pensamentos e sensações + escrita [lápiz] na manhã seguinte. 6 luas.

. **sexto movimento:** movimentação leve das duas pernas + tentativa de abrir os olhos + observação de respiração, batimentos cardíacos, sensações e pensamentos + escrita [lápiz] na manhã seguinte. 6 luas.

. **sétimo movimento:** movimentação leve das duas pernas, girando-as à direita, junto com a cabeça, também à direita + observação de respiração, batimentos cardíacos, sensações e pensamentos + escrita [lápiz] na manhã seguinte. 6 luas.

. **oitavo movimento:** movimentação leve das duas pernas, girando-as à esquerda, junto com a cabeça, também à esquerda + observação de respiração, batimentos cardíacos, sensações e pensamentos + escrita [lápiz] na manhã seguinte. 6 luas.

. **nono movimento:** nenhum movimento + observação da descarga elétrica no corpo [chegada, passagem e saída] + produção de um inconsciente do evento epilético [a partir de pesquisas com minha mãe] + escrita [caneta sem tinta] na manhã seguinte. 3 luas.

. **décimo movimento:** nenhum movimento + observação da descarga elétrica no corpo [chegada, passagem e saída] + escrita [lápiz] de um memorial [a partir dos escritos e das pesquisas com minha mãe] na manhã seguinte. luas.

. **décimo primeiro movimento:** nessa fase, nasceram e foram lapidadas a maior parte das letras do que viria a ser, anos mais tarde, o meu primeiro disco autoral, serendipity. essas letras ganharam melodias, virando canções, por volta de 2010, 11 anos após zambarado ter encerrado as fases do tratamento coordenadas por ele. além dessas letras, produzi textos que partilho abaixo. duração: 6 luas.

obs.: a cada seis luas, zambarado me colocava deitada no que ele chamava de posição da morte [e que a yoga chama de shavasana ou postura do cadáver] e auditava meu corpo. desse modo, durante 50 minutos, repetíamos – de olho aberto – todas as movimentações do tratamento.

escritas geradas:

1. os terrígneos: 1995

[original, sem edição – publicado, em 2020, no web-livro “esperança é vida: poetas do jequitinhonha”, curadoria editorial de tadeu martins, sob o título “os terrígneos: deleuze e a bruxa”]

uma forte gripe tinha lhe afetado os ouvidos e sons estranhos vinham do chão debaixo dos seus pés. graves, densos e quentes. estava na boca da noite, correndo o terceiro dos seus sete quilômetros diários, no cenário mais bonito do mundo: finisterra, costa da morte, galícia, espanha [o fim não oficial do caminho de santiago e do mundo], lugar de velhas bruxas e agitadas companhias invisíveis. escutava as pedras, sua trilha sonora predileta, quando, sem mais nem menos, foi tragada por uma imensa labareda. seu corpo fremitou, mas, espantosamente calma, ela se entregou sem reservas. afinal, esse era o seu princípio de coragem: colocar o couro à prova. quantas vezes arriscara o próprio corpo, desde a sua longa, solitária e dolorosa jornada em busca da visão?

...o chão literalmente se abriu e ela entrou dentro da terra...

abriu os olhos num túnel de espelhos feitos de finas placentas reluzentes cujas entranhas produziam um efeito que multiplicava seu rosto magro de meio século em mil. a labareda zunia numa velocidade de ficção e tinha acoplada em si uma câmera cinematográfica feita de pequenos tambores de luz com sensores intercambiáveis de 35mm full frame. as sobreposições audiovisuais, produzidas durante a movimentação, eletrificavam as pontas dos seus muitíssimos cabelos brancos, de modo que o retrato final era uma espécie de rastro do minimalismo de

philip glass sobreposto em si mesmo e às imagens em time-lapse de koyaanisqatsi^ψ, em experiência versa e reversa.

passado o túnel especular, a labareda atravessou o interior de uma fomalha, lambeu milhares de brasas vivas e parou sua carruagem bem no centro interno da terra, anunciando o ponto final daquela viagem lisérgica, desenhando várias linhas de fumaça para trás. a consistência gelatinosa gotejava cores exuberantes de um vasto campo de papoulas do marrocos. a labareda informou que mister deleuze, o comandante dos terrígneos, estava na sala ao lado para um primeiro contato.

a mulher entrou e se deparou com milhares de cópias de si mesma [em seus mais inimagináveis detalhes], sentadas numa mesa ovalada tão grande quanto tudo por ali. todos os seus eus também possuíam fartos cabelos brancos eletrificados nas pontas, onde um arco-íris caía em cachoeira de águas virtuais. o ambiente era uma réplica perfeita da sala de comando de uma nave espacial. numa das paredes, uma estupenda aquarela de um buraco negro enchia os olhos. só faltava yoda para completar o delírio, pensou a mulher, sorrindo ironicamente. mas, o que apareceu foi um gigante de numerosos cabelos compridos, negríssimos, também eletrificados nas pontas, onde uma argola brilhante de ouro escuro estava pendurada, criando prismas vermelhos ao menor movimento do seu corpo descomunal. [um exu?].

as cópias também sorriam com a mesma ironia que ela. apenas uma tinha o rosto impassível e os olhos fixos no seu terceiro olho. um sutil halo roxo saía do terceiro olho da cópia e penetrava o seu terceiro olho, instaurando um campo de êxtase que a levou direto para as repetições hipnóticas da técnica tintinnabuli^ψ, de arvo pärt. de repente, ela estava em paide, capital de jërva, na estônia, ouvindo “espelho no espelho”, num dos íntimos e secretos concertos rurais que pärt oferecia apenas a convidados.

-arvo é um dos nossos, disse o comandante. ele faz parte do operariado que ensina a morrer porque sua música é cinema da hora da morte: espelho prismático com sensores fotoelétricos reflexivos [epsfr]. para quem quiser ensaiar esse plot twist, o artefato epsfr pode ser encontrado, atualmente, em qualquer mercado livre. ah! antes que eu me esqueça de dar a explicação, todos seus milhares de eus foram libertados e convocados para estarem aqui porque você recordou que é livre. pode ir, vir, não ir, não vir. você mesma irá matá-los.

o ser não tinha um cajado na mão como nos filmes. suas mãos eram duas telas computadorizadas sofisticadíssimas e respondiam ao comando de sua voz que alternava tessituras. as telas faiscavam cores diferentes para diferentes inflexões vocais utilizadas. desse modo, os sons emitidos pelo comandante não eram apenas ouvidos: eram vistos em perspectivas kandinsky. a voz deu um comando imagético em progressão geométrica e, numa das paredes, os filmes da vida da mulher explodiram em milhões de frames superpostos, narrados pelo secular machado de assis, que lia seu trecho preferido de memórias póstumas de brás cubas:

^ψda língua do grupo uto-azteca, falada pelos hopi, nação indígena do nordeste do arizona, eua [vida em turbilhão]. a trilogia qatsi, de godfrey Reggio [koyaanisqatsi/1982, powaqatsi/1988 e naqoyqatsi/2002], é chamada de “poema sinfônico” e tem trilha sonora de philip glass.

^ψdo latim tintinnabulum [sinos]: circular, hipnótico e lisérgico.

a resposta foi compeli-me fortemente a olhar para baixo, e a ver os séculos que continuavam a passar, velozes e turbulentos, as gerações que se superpunham às gerações, umas tristes, como os hebreus do cativeiro, outras alegres, como os devassos de cômodo, e todas elas pontuais na sepultura. quis fugir, mas uma força misteriosa me retinha os pés; então disse comigo: – “bem, os séculos vão passando, chegará o meu, e passará também, até último, que me dará a decifração da eternidade”. e fixei os olhos, e continuei a ver as idades, que vinham chegando e passando, já então tranquilo e resoluto, não sei até se alegre. talvez alegre. cada século trazia sua porção de sombra e luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de ideias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam a verdura de uma primavera, e amarelecia depois, para renovar mais tarde. ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, faziam-se a história e a civilização, e o homem nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte, que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da terra, subia a esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo. meu olhar enfiado e distraído viu enfim chegar o século presente, e, atrás dele, os futuros. aquele vinha ágil, destro, vibrante, cheio de si, um pouco difuso, audaz, sabedor, mas, ao cabo de tudo, tão miserável como os primeiros [assis, 1994, p. 12].

todas as cópias tremiam e espumavam pela boca menos a que continuava olhando a mulher fixamente no terceiro olho. um raio âmbar fazia um bi-trajeto entre o seu terceiro olho e o terceiro olho da mulher. a cópia impassível falou pela primeira vez:

-encapsule o que pode servir como dna para outro filme, por favor!

-como? que filme?

-o filme de sua vida! mas, não me pergunte o título! ainda não tem título! terá muitos títulos! quando você assinar o primeiro contrato, aos três anos, começará o processo infinito de titulação. o que você chama de vida é puro cinema em estado bruto, antes de virar simulacro e holograma! pare de pensar e concentre-se em morrer!

-morrer?!

-sim! morrer! você está morrendo! seja rápida, pois, em exatos 40 segundos, a morte fará uma brecha. como já é a sua sétima vida, você poderá se encantar [e voltar como quiser, onde quiser e se quiser], ser totalmente reintegrada ao buraco negro ou, simplesmente, virar comida de lua. você andou sobre brasas, portanto, há escolhas; você trocou de pele pelo menos a cada nove luas, o que, em 60 anos, dá algo aproximado a 80 vezes, pelo que nós acompanhamos daqui, portanto, há escolhas; você parou o credo no exato momento em que a palavra que saía da sua boca não correspondia ao fluído que saía do seu coração, portanto, há escolhas. sim, antes que você faça outra cara de mochileira das galáxias, que não está entendendo nada, te digo: palavra tem poder. e, por último, mas não menos importante: você escolheu, ainda muito pequena [provavelmente, em contrato assinado aos três anos – e renovado aos sete], produzir alegria. portanto, de fato, você pode escolher algumas maneiras de existir que mais lhe aprouver.

o tal mister deleuze, que havia falado apenas uma única vez, disse em indisfarçável exasperação:

-não se fazem mais bruxas como antes! essa daí não sabe da missa nem a metade! que a *grande deusa de mil cabeças de jasmims* nos acuda!

ao ouvir o nome de sua mestra, a mulher se lembrou da senha e emitiu um grito difônico de cinco oitavas. um fluido violeta-buruquê penetrou sua moleira e uma capsula âmbar saltou de sua boca atônita.

-é a única informação que vou encapsular: **a alegria central do vento**; daquele vento ventando a nuca de albert camus, aos sete anos, no telhado da casa de sua mãe, na argélia, quando ele queria ficar sozinho. sim. se houvesse algo depois da morte, e se tinha escolha, ela queria ser o vento para soprar uma nuca humana. sim. ela queria voltar em modo vento.

o modo era o vento. a alegria era a senha.

emitiu outro um grito difônico. dessa vez, de oito oitavas. uma testemunha, instaurada nas longas horas de observação das linhas da palma de sua mão, aos 12 anos, continuava repetindo sem parar: “isso não é dor”, “isso não é prazer”, “eu não sei o que é isso”, “eu não sei o que é isso”. bilhares de células explodiram em bilhões de memórias cujos trilhares de bilhares de estilhaços foram encaminhados para a espuma tremulante das bocas das cópias...

a *deusa de mil cabeças de jasmins* recolheu a espuma, deletou os eus-cópias, transformou tudo em arquivo consultável e inseriu dentro do grande mainframe ígneo no oco da terra.

três segundos!

mire aquilo que te olha!

sorriu para o salto...

o salto lhe sorriu de volta...

o comandante e a cópia impassível se entreolharam.

a mulher explodiu!!!

seus bilhares de estilhaços se infiltraram terra adentro e voaram supersônicos pelo espaço afora!

parada diante do mar exuberante de finisterra, respirei, suando, depois de longos sete quilômetros de corrida dura. sorri e pensei: sonho de olho aberto novamente... diminui o passo e caminhei à beira-mar, enchendo os pulmões da alegria que só as espumas de yemanjá sabem exalar. em casa, entrei direto no banho. quando me olhei no espelho, notei um ponto roxo pulsando intermitente no meio da testa. sorri e movimentei o rosto para um lado e para outro. o ponto reluziu, informando que a samsara^Ψ me cuspiria para dentro de outro filme, quando o ponteiro alcançasse o número oito. sorri novamente. o ponto de luz sorriu de volta e acertou meu cronômetro com a hora da próxima galáxia.

2. **wuxia – o corpo como animal xamânico: 1996**

[original, sem edição – inédito]

o tempo e o vento, quando o céu desaba, levitam por cima dos escombros do espaço. nos dias punks e sangrentos, protejo meus batimentos cardíacos e mudo meu coração de estação. salto na linha do horizonte, assim que o sol devolve à terra renovadas sementes. meu espírito não é

^Ψdeusa oriental que aspira e cospe vidas para dentro e para fora de sua roda que está sempre girando.

santo, mas [re]existe num tigre que morreu muitas vezes e voltou samurai. da ponta da espada de exu, uma gota de sangue jorra sobre o kimono rosa-choque. o samurai cruza o quadrante 11 da galáxia senciente e renasce wuxia nos versos orientais roteirizados para um filme ocidental. o preto velho entra em cena com seu olhar marrom. saturno me lembra quantos copos d'água tenho que beber por dia para conseguir dormir sem interrupções. nesse tratamento, água é vida mais do que sempre foi. assim, meus pés se refrescam e o dedo mindinho fica mais disponível ao movimento que minha respiração tenta conseguir. meu corpo, esse humor aquático, pergunta: e eu, quem sou? um sujeito fixo cheio de fluidez, volatilidades, itinerâncias de nuvem, ventos sibilantes. um inseto colorido, uma pequena aranha, um exu incorporando as eras. modos que a vã taxonomia ainda não consegue catalogar. tudo isso que meu corpo produz entra e sai, diariamente, de janelas ainda desconhecidas. meu corpo tem pequenos palcos, iluminados por exu, de onde saltam filosofias que sanitizam intoxicações de ignorância, nas faxinas grossas das trêas da madrugada. meu fígado dança e aperta ossos e dentes para me lembrar de que eu sou uma compostagem milenar. o samurai me olha interrogativo. wuxia? por que esse texto se chama wuxia? ah! wuxia é uma palavra que zambarado, o exu elegante, me deu de presente, durante o tratamento. eu não sabia nada sobre ela. corri atrás. wuxia é um tipo de literatura chinesa muito antiga. literatura de xamãs. escritura oficial de xamanismos ancestrais. o clã da raposa amarela, o clã da raposa vermelha, o clã da raposa negra – a rainha de todas. e, pasmem, raposas que mexem o dedo mindinho com muita facilidade, sem precisar fazer um tratamento: à luz do dia, no comecinho de seus passeios cotidianos nos bosques das cerejeiras em flor. **wuxia diz que o primeiro animal xamânico é o próprio corpo!** as raposas já aceitaram esse conceito e até fabulam com ele. como não amar wuxia? eu amo wuxia e decreto: **meu corpo é o meu animal xamânico!** mais spinozano impossível. bem que zambarado havia dito que, um dia, spinoza pularia do bolso da minha calça jeans. **quanta coisa deve poder fazer no mundo um corpo que é um animal xamânico!** zambarado disse que **wuxia é sonho e sonho é um treinamento para inventar outros modos de estar na terra.** hoje, fiz literatura wuxia, durante o exercício de mexer o dedo mindinho: vi um rinoceronte. ele era enorme e incrivelmente calmo. disse que veio pelo mar e me propôs amizade. aceitei. não é todo dia que aparece um rinoceronte que veio pelo mar querendo ser amigo de gente humana. achei tão poético! e o mar? qual é a do mar? perguntei ao rinoceronte. **o mar treina o corpo para desaparecer. o mar faz um convite que filosofia rechaça por querer ser sofisticada. o mar não é sofisticado. o mar é básico e requer apenas uma coisa: confiança. a filosofia diz que não é uma questão de confiança e, sim, de conceito. mas, conceito de mar é: entregue-se! as ondas caem e levantam, completamente entregues à dança do vento com as águas. as ondas confiam no mar e o mar confia no vento. o mar é uma experiência de grau zero e uma experiência de grau zero é uma questão de confiança. essa foi a sua longa resposta: entregue-se!** wuxia é co-responsiva assim como a floresta e como a era de aquário. o animal xamânico convoca para o rigor da alegria. zambarado fala que o rigor da alegria deveria ser uma premissa básica para estudos sobre o método: diretrizes para a educação. alegria de aceitar o risco de tentar mexer o dedo mindinho do pé direito para interferir num êmbolo elétrico que está fazendo cinema no cérebro. pensar até pelo pé para afetar. afetar, ao invés de ter medo.

artes da existência, artes do corpo

eu gosto de pensar **corpo** junto com o japonês kuniichi uno. o corpo de uno, assim como o de zambarado, é microativista: uma estética fabular, uma plumática sem órgãos. que frase pujante

essa do dançarino hijikata tatsumi, criador do butô, registrada no livro “hijikata tatsumi – pensar um corpo esgotado”, de uno: **“um outro corpo está saindo do meu bruscamente quando você rabisca”**. mas, não é uma metáfora, como o próprio kuniichi adverte. **outros corpos dentro de um corpo podem ganhar mais realidade com a escrita**. no tratamento proposto por zambarado isso vai ficando muito claro. então, é necessário dizer, também, que gosto de pensar a escrita junto com didi-huberman, quando ele pensa junto com clarice lispector: **uma escrita de águas vivas, uma escrita de e-moções, produzindo emociogramas**: sintaxes que não permitem que a cabeça se descole do corpo. uma escrita de ganेशha: pensamento e mão colados na mesma velocidade. uma escrita artaudiana de insurreição: o corpo escreve no instante: sempre ensaiando e esboçando um improviso que risca: agora, agora, agora, agora...

esse experimento [o tratamento] também me lembrou o pensamento deleuzeano a respeito do que seja um criador. o criador de deleuze se faz de um conjunto de impossibilidades. o criador do **catimbó zen** tira arte, clínica, educação, alegria e cura [linguagem e regeneração] de dentro de impossíveis dedos mindinhos que respiram na movimentação do ar que entra e sai.

zambarado propunha navegar sobreposições elétricas [sonho e epilepsia], escrevendo – de modo turbulento como em deleuze – outras faixas de realidade para um corpo que, nele, é um sonhador por excelência, uma glossalalia que abre linhas de fuga, brechas, fissuras, interstícios e rachaduras sonháticas na matéria.

o sonho convocando novos modos de estar na terra.

zambarado me disse ao encerrar o tratamento:

-não é que você tenha sonhos, bemtevi, você é sonho. você é sonho dentro do sonho de gaia e gaia sonha dentro do sonho cósmico. gaia gira a mais de 1.600km/h, na região do equador, e a mais de 100.000km/h, em volta do sol, num universo que se expande a mais de 70km/s. só esses números já indicam um sonho de olho aberto de altíssima lisergia. gaia sonha? sim! gaia é sonho e sonha. você é sonho, sonhando junto com ela [zambarado, belo horizonte, 1995].

essa gaia que sonha parece nos dizer: por essa porta que se abriu, entre! não julgue e não anseie pelas explicações. apenas, vá! vá olhando aquilo que te olha. vá movendo a *e-moção* que brota. vá germinando a palavra que o dedo mindinho do pé direito está plantando e sonhando. krenak diz em “a vida não é útil” que **os contratos que firmamos nos sonhos continuam valendo na vida real**. para ele, nos sonhos, a gente se dispõe a pensar mundos para além deste que conhecemos ou carimbamos como realidade e, assim, reconfiguramos outros mundos possíveis

para os quais os humanos precisarão se preparar com urgência: vamos ter que produzir afetos que possam fabricar *corpos taru andé radicalmente vivos* e, até mesmo, outros devires.

-o que nos clínica recebe a nossa atenção, bemtevi. aquilo que recebe a nossa atenção nos educa e nos regenera. educação e cura são indissociáveis porque educação e clínica são indissociáveis. arte, clínica, educação, escrita e cura é tudo regeneração. você é amiga das palavras. então, vamos levar essa amizade e a atenção que essa amizade desperta no seu corpo para dentro do sonho epilético. a escrita vai operar fora do campo de codificação de uma essência a ser desvendada: no redemoinho que cerca o acontecimento, criando outras formas de ver. a cura não é uma essência a ser desvendada, mas contraluzes daquilo que estamos chamando de real – a epilepsia. não há filosofia, nem oficina, nem arte capaz de apreender ou compreender isso que chamamos de real porque ele não existe. tudo é abertura e risco, como o próprio sistema límbico humano. arriscar pela linguagem, pela palavra, é, desde tempos remotíssimos, enviar o sujeito/objeto [inseparáveis] para fora da essência. enviá-los para o redemoinho/erro da vida, para a consciência sem sujeito. minha escrita de precipício e a escrita de turbulência de deleuze escrevem o que é um corpo em gaia: um filme dentro de um sonho, produzindo outros filmes. agência sobre agência. quanto mais modos, mais inteira pode se tornar a compleição dessa coisa que intitulamos de real. a produção de conhecimento [e, aqui, estamos produzindo conhecimento sobre você, a partir de uma doença e de um arriscado tratamento] pede escritas que não esperem apreciação nem entendimento, mas, antes, choques elétricos e incômodos. escrever observações, respirações, batimentos cardíacos e dedos mindinhos em movimento é produzir brecha. a brecha é o tesouro guardado de gaia e exu é o porteiro das brechas. escreva, bemtevi, escreva até morrer [zambarado, belo horizonte, 1995].

zambarado nada me disse sobre os *sonhos lúcidos*, a tese advogada por frederik willems van eeden, na qual é possível modular a eletricidade do cérebro para se perceber sonhando, podendo observar ou interferir no filme produzido pelo sonho. ele simplesmente dizia que o tratamento consistia em “**acordar dentro do sonho**”. isso se aproxima mais do pensamento de krenak e do personagem don juan, de carlos castañeda, que cumpria uma longa agenda de observações para treinar a capacidade de acordar dentro do sonho, como, por exemplo, prestar atenção aos materiais orgânicos, às cores, às sensações e, especialmente, se o corpo gozava de alguma liberdade de sair, a qualquer momento, de dentro daquele sonho. está próximo, também, do pensamento da lisérgica rã azul de calunga da calunga grande que esbugalha seus olhos e me diz: a eletricidade da epilepsia escreveu no corpo e o corpo, dobras mais tarde, está escrevendo na tese.

experiência 2: homeless de mochila

durante essa experiência vendi todos os meus móveis, doe 95% do meu vestuário e fiquei sem casa durante dois anos. na lista de regras ainda constava que todas as tardes, na terceira hora

grande do dia [18h], eu deveria estar no banco da praça da liberdade para planejar [podendo utilizar a central telefônica para isso] um pouso noturno. essa, talvez, tenha sido a experiência mais radical de todas que vivi junto com zambarado.

no primeiro mês, eu apenas respirava e ia. escolhia dois bairros e pegava um ônibus-lotação do ponto inicial ao final e ficava repetindo a viagem até o relógio marcar 18h. os primeiros seis meses foram de muito constrangimento. ser uma pedinte fragilizava. pedir pouso, e muitas vezes, comida, já que o dinheiro era curtíssimo, ardia. no entanto, fui observando que essa ferida entregava, também, potência para a construir a alma [a tese de zambarado e souriau].

é claro que, mais uma vez, a regra de ouro era ter um caderninho...

nele, registrei nomadismos que me atravessaram como um raio. zambarado me deu de presente a palavra límbia. assim como wuxia, eu nunca tinha ouvido falar dela. entretanto, diferente de wuxia, não encontrei nenhuma referência a ela nas pesquisas que empreendi. talvez, fosse um neologismo do exu. ele, como deleuze, gostava de inventar palavras para dar conta de dizer um ver. o mais perto que cheguei de límbia foi sistema límbico, que está relacionado, entre outras coisas, à *e-moção*: movimentações de aprendizados e memória que desempenham papéis importantes na capacidade de produzir *modos de existência* num corpo durante a sua carnação. a *e-moção* era um assunto caro ao exu. e *e-moção* para ele é fluxo de vulnerabilidades. a tese dele [também compartilhada por calunga da calunga grande] é a de que é no carregamento das *e-moções* que os êmbolos podem se formar, embolando a vida. desembolar a vida é a magia, o feitiço, o milagre, o trabalho de exu. [em deleuze, a escrita é uma clínica poderosa: um modo potente de carrear *e-moções* e desembolar a vida].

lapoujade sempre volta ao que chama de “continuidade subterrânea da qual somos feitos”, intensificando um *modo de existência* ainda tênue para uma ação política dos nossos tempos: “o novo paradigma não virá do enfrentamento da força em si, mas da consciência da força de nossas próprias fraquezas”. nos intervalos que dobram o tempo, acontece o que deleuze chama de *subjetivação nômade* capaz de produzir uma mestrança vedora de suas próprias singularidades: um xamã de si mesmo que desborda divisas cartoriais e, antes de tudo, “difere de si mesmo”. límbia, a consciência sem sujeito que conduzia essa experiência, era extrema força na fraqueza, experimentando escapar pelas correias de ar que o vento agita. ficar sem casa produzia uma *estranha ecologia* que, por sua vez, produzia muita força de vida.

o pensamento deleuzeano de que um termo inventado pode deslocar uma realidade muito cristalizada é maravilhoso. a sugestão de deleuze&guattari é que escritores e leitores encontrem suas próprias palavras para dizerem infinito, impossíveis e impossibilidades. zambarado tinha imensa intimidade com algumas palavras das quais eu nunca tinha ouvido falar. a tese dele era a de que algumas palavras se resguardavam para usos potenciais e tópicos, em momentos bastante específicos, como um remédio. límbia era um presente para que eu passeasse com ela pela cidade e escrevesse a partir dela. escrever para falar sobre a produção de brechas como uma didática descolonizadora que já se coloca como uma das principais emergências para enfrentar a guerra híbrida dessa fase atual do sistema capitalista.

escrever é produzir brecha. **produzir brechas é o quarto logos**. ingold diz que estar na terra é contágio e aliança com outros modos de pensar. escrever é dar vida a outros modos de pensar. devorar e ser devorado. deixar o corpo compostar com o que lhe acontece, ampliando a capacidade de não julgamento, imprescindível para a instauração de *outrens*: outros mundos possíveis, segundo a cartilha deleuzeana.

escrita gerada:

1. um contraconto deleuzeano: 1999

[original editado em 2021 e selecionado no edital da revista “pausa na rede”, publicada pela universidade federal do tocantins, sob o título “o exu e a pássara: um contraconto deleuzeano de fim de faxina”]

límbia está concentrada: surfa e desliza seu corpo, entrando no quadro oceânico pela esquerda. no centro, em sentido horário, rodopia seu manto âmbar-roxo por alguns minutos e, como se estivesse de patins sobre a neve, sai do enquadramento pela direita. da praia, pessoas boquiabertas acompanham a cena, quando a pássara, novamente visível, entra em redemoinho de sentido anti-horário e vai mergulhando em câmera lenta. os pés, as pernas, o sexo, os braços, o umbigo, o timo, a garganta, o olho da testa, os cabelos. por fim, o manto âmbar-roxo boia solitário na superfície.

tudo demora não mais do que cinco minutos.

já toda encoberta, e não mais visível às pessoas boquiabertas, límbia desmonta suas peças e vai deixando para trás cabelos, olho da testa, garganta, timo, umbigo, braços, sexo, pernas e pés.

límbia é mulher?

ninguém sabe...

muito menos ela!

descendo, mar adentro, vai diminuindo de tamanho até chegar à dimensão de um ínfimo não-sei-quê. no fundo do fundo do mar, límbia trina e se entrega. na entrega, circula a sua própria

melodia e vai parar numa brecha. porém, quando tenta passar pelo boqueirão da brecha, é barrada por um exu.

-como, assim, não posso entrar, pergunta, trinando alto.

o exu revira os olhos e friíssimo pede:

-a senha, por favor.

-senha? que senha? devolve, trinando com mais estridência ainda, causando visível exasperação no exu.

-olha, dona não-sei-quê, seus lindos trinados só valem aqui com a senha. você praticou filosofia, portanto, tem que dizer uma senha específica para entrar.

-ai, meu santo, spinoza e deleuze não me disseram nada a respeito disso. e agora?

-agora, sim, pode entrar!

-como assim, agora, sim, pode entrar? eu não sei a senha.

-ué, a senhora acabou de pronunciá-la, agora.

-agora?

-sim, agora!

-explique-se, exu, eu não disse nenhuma senha ainda. e o que deleuze está fazendo do lado de fora? e cadê spinoza?

-não há explicações. só entrega. a senhora acaba de se entregar, agora. deleuze não se entregou. na última ínfima horinha, faltou alguma coisa. calunga da calunga grande disse que faltou um tal de plano de imanência. spinoza acabou de passar...

-agora, pronto, o senhor enlouqueceu de vez! spinoza é muito antigo, exu...

-olha, dona não-sei-quê, aqui não há tempo. quem passa está sempre passando. portanto, spinoza acabou de passar. você não vê? agora, chega de filosofia... não há conceitos, não há sujeitos a defender e, muito menos, tempo, objeto, espaço e essas coisas. não existem esses *reruns* aqui. não há nenhum marx, nenhum deleuze, nenhum ninguém. agora, entre logo!

límbia passou zunindo...

do outro lado, exu sugeriu:

-agora, é só seguir os fluxos.

-fluxos? que fluxos? não os vejo!

do lado de fora, deleuze gargalhou:

-kkkkkkk! eles não existem! é preciso produzi-los! eu mesmo me esqueci disso. por isso, eles disseram que faltou plano de imanência e velocidade... spinoza me deu um cocão na cabeça!

a pássara achou que estava sonhando e tomou um baita susto, quando deleuze, de repente, apareceu ao seu lado.

-dedê, como você conseguiu? você estava do lado de fora!

-eu agenciei exu. não há lado de fora. é tudo mar. é tudo “azul profundo” como diz o genial sebastian wiedmann.

o saco do sentimento furou

-bemtevi, o saco do sentimento furou... a única estalagem onde é possível construir uma alma ou oferecer ao rna mensageiro novos peptídeos para que ele marque novidades no dna e faça alterações no genoma [que é construir uma alma] é através de um corpo incrustado em gaia. que novos peptídeos seriam esses? é o que nós estamos chamando de sétima do maravilhoso: sorriso, gratidão, gentileza, alegria, amor, liberdade, diferença. dá muito trabalho trabalhar o epigenoma. trabalho sem nenhuma garantia de que seus frutos alcançarão a esfera comunitária para ampliar sensivelmente a dignidade humana. aqui onde estou não é possível fazer isso, pois é como se fosse um tempo-espço sabático. se partimos da premissa de que existe mesmo um estado chamado espírito, então, podemos concluir, à revelia de todas as religiões, que espírito é o que flutua num tempo-espço suspenso. o corpo, embora efêmero, é dono das potências de criação e produção: agenciamento e atravessamento. spinoza viu. a humanidade ainda não sabe nada a respeito do poder das práticas de um corpo no mundo. poderíamos olhar para o poder das práticas de um corpo no mundo como o modo em que esse corpo transporta o que ele produz. se com arte ou não. o pensamento corrente diz que existir é ter matéria. mas, não é bem assim. ter matéria é apenas um modo que o existir assume. minha dica é: respire e só aja a partir do terceiro fluxo de pensamento. isso é intuição. isso é pensamento como criação artística. isso é pensamento como esforço. pelo menos até onde a comunidade científica dos encantados ao qual estou associado sabe, isso já é o epigenoma trabalhando [zambarado, belo horizonte, 1999].

transportar: mover-se para além de si mesmo.

epi: algo para além dos 28.869 genes que recebemos de herança ancestral.

o epigenoma é, então, aproximados 3% de arbítrio de arte, clínica, educação, alegria e cura [linguagem e regeneração].

mas por que enfatizo isso?

ora, essa tese é uma tese de pensamento como criação, como arte.

como usar os 3% de arbítrio para pensar com exu, para pensar sem achatar o que se pensa?

souriau pergunta: o que você advoga?

eu advogo o pensamento como possibilidade real de criar outros mundos possíveis.

texto puto de geopolítica com uma gota de sangue na ponta da espada: ata da vigésima milésima conferência extraordinária dos amigos de gaia: instaurando *subjetividades dissidentes* como ato político da era de aquário

resumo: o ensaio parte de um pedido que recebi de zambarado logo no começo da nossa convivência: “bemtevi, faça um texto puto de geopolítica”. num exercício de pensamento como esforço, vou pela terceira via de spinoza e o ensaio advoga *subjetividades dissidentes* [guattari] e *o corpo taru andé radicalmente vivo* [krenak&monja lib] como potências constituintes do ato político da era de aquário capazes de criar outros mundos possíveis e modular outras faixas de realidade. advoga, ainda, a astrologia como um corpo autônomo de produção de conhecimento sobre a vida humana na face da terra.

palavras-chave: micropolíticas da era de aquário, subjetividades dissidentes, metodologia das sutilezas, artes da existência, artes do corpo.

introdução

-a lógica dominante “educa” os sentimentos para fortalecer o ego porque o ego se tornou uma miniatura do império dentro do corpo humano. e qual é a primeira proposta do ego? endurecer e separar. vamos de guattari. separar no micro: o corpo da cabeça e a cabeça do coração. separar no macro: um corpo de outro corpo, o corpo do mundo, o mundo de vocês dos outros mundos. isso é feito sob alegações que só interessam aos que controlam os corpos e tem sido a ferida humana mais antiga e mais catastrófica. e o trabalho de um exu, qual é? criar o *taru andé xamã de si mesmo*. souriau diria que o trabalho de um exu é criar brechas por onde possam escorrer outros *modos de existência*. bergson diria que exu abre o espaço-tempo a outras sensibilidades, através da movimentação das e-moções. deleuze&guattari, que é mais básico o trabalho exuniano: produzir *intervalos*. ingold e o cumpadi zambarado diriam que exu serve mesmo é para educar a atenção, pois a atenção é a comida do agora, o instante: espaço-tempo expandido. então, diríamos que exu é atenção expandida e propõe algo aparentemente simples: o corpo como passagem. e, se o corpo é uma passagem não haveria isso que insistimos em chamar de “minha vida”. o que existiria, então, seria apenas vida passando. o ego manipulado e endurecido é o mecanismo que fecha a passagem e pessoaliza a experiência. essa é a lógica dominante e essa lógica nefasta é o ponto de partida para o que vocês chamam de educação: tanto a formal quanto a informal [calunga da calunga grande&monja lib, belo horizonte, 2018].

paradigma

essa palavra [muitas vezes restrita aos círculos acadêmicos da produção de conhecimento] é velha conhecida de uma ciência que não faz parte do rol das disciplinas disponíveis nas universidades: astrologia. o motivo da ausência talvez seja porque astrologia fale de intimidade e posicionamento entre céu e terra: o relacionamento íntimo de tudo que está em cima com tudo que está embaixo – emblema científico do conhecimento mágico antigo que tem muitos inimigos no *sistema-mundo* porque trata de criar buscadores de consciência: *modos de*

existência mais inapreensíveis que escapam à sedação do hipercapitalismo. durante quase todo o tempo da nossa convivência, zambarado chamava a minha atenção para o termo paradigma. hoje, mais hábil na arte de lavar as palavras, presente que ganhei de deleuze, vejo que, de fato, "a mudança de paradigma", frase habitual dos corredores e dos textos da academia, está incrivelmente ligada à astrologia.

mas, o que é uma mudança de paradigma?

é algo que traz na sua estrutura [densidade e alcance] algum poder para alterar a tônica civilizatória, mesmo que nós não tenhamos capacidade contemporânea para ver e examinar os fatos. pelo que tenho observado, pesquisado e estudado, esse algo é, geralmente, um *acontecimento* que fratura o espaço-tempo, expondo seus ossos para fora da banalidade corriqueira, deslocando os pontos de onde se olha e ampliando os modos de se olhar. o *acontecimento* embaralha as lógicas e os sentidos, emaranha ainda mais o fluxo dos elétrons e produz fissuras importantes em vários níveis: ontológico, epistemológico, metodológico, social, político e espiritual. o poder de alteração do *acontecimento* nos modos tanto autóctones quanto alóctones está ligado à *dupla estrutura* de seu enunciado: vida e morte. zambarado me disse, certa vez, que se deve triplicar a atenção nos momentos em que a *dupla estrutura* do *acontecimento* fica visível a ponto de os olhos enxergarem suas pontas principais [vida e morte] nas extremidades do mesmo diâmetro e a sensação física do corpo mostre que o velho está morrendo, mas o novo ainda não encontrou jeito para nascer.

de maneira bastante evidente, os eventos capazes de mudar rumos na civilização têm sido produzidos por disputas de poder político, militar e de mercado. foi assim que o *sistema-mundo* se constituiu e é assim que ele se alimenta e se mantém em curso.

tomemos alguns exemplos:

anos 113: império romano x armênia e império parta ou arsácida [irã].

anos 411/412: bárbaros visigodos x império romano.

anos 709/710: califado omíada [exército islâmico] x reino visigótico da espanha.

anos 848/849: muçulmanos x cristãos na região do mediterrâneo.

anos 1146/1147: segunda cruzada [frança e alemanha] x turcos muçulmanos.

mas, e a astrologia, onde entra?

nos eventos acima, havia o que a astrologia antiga chama de conjunção de planetas maléficos [saturno e plutão]. desde 2020, há o que os astrólogos chamam de tríplice conjunção: júpiter, saturno e plutão – esperada, desde 2012, por estudiosos do assunto. tomando a liberdade de emprestar palavras a estes planetas, eu diria que júpiter é aumentador, saturno é medidor e plutão é matador^ψ. segundo zambarado [em sonho sonhado por mim de olho aberto e fechado], a terra estará sob a dinâmica dessa equação entre 2020 e 2044.

júpiter leva 11,9 anos para dar uma volta em torno do sol. saturno leva 29,5 anos. plutão leva 248 anos. desse modo, uma leitura possível é a de que júpiter roda ao sabor das articulações produzidas por quem lhe faz companhia, saturno age sobre as relações da pessoa com o espaço-tempo e plutão rege o paradigma e age sobre o modomundo, descrevendo um diâmetro maior em altura e largura do espaço-tempo.

se considerarmos os 248 anos da volta solar de plutão, 31 parece pouco tempo. mas, talvez, para a apreciação profética do texto que guattari escreveu há 31 anos, intitulado "as três ecologias", seja um bom tempo. nele, o autor examina, minuciosamente, um recorte situado nos arredores de 1989, para trás e para frente: chernobyl, aids, novas potências industriais [hong kong, taiwan, coréia do sul], conflitos do leste europeu, estroboscopias da era do computador etc. e, também, formações de poder: os poderes constituídos do que ele chama de *cmi* [*capitalismo mundial integrado*] – e que antônio negri e michel hardt chamam de *império etéreo* – e os poderes teleguiados das sociedades, comunidades, tribos e outras minorias inclassificáveis, que negri e hardt chamam de *multidão*.

os poderes do *cmi*, regulados à maneira unívoca [regra de ouro da lógica dominante], ampliavam, com força estruturante, o controle dos corpos humanos, através da captura das subjetividade e das suavidades, especialmente, por meio da tecnologia/algoritmo, já apropriados pelo *cmi* desde o nascedouro [ciência, política e jurisprudência]. os poderes da *multidão* estão [desde sempre] estrategicamente divididos [na separação de que fala o exu

^ψou ainda: plutão está sentado no topo da cabeça da terra, apertando-a. para mortes e renascimentos. saturno é o longo prazo. júpiter é o fio da navalha: expansão e encolhimento com poder de catástrofe. assim será 2020-2044: plutão e saturno endurecem os espaços-tempos e júpiter vai tentando soprar sobre a humanidade uma brisa que pode virar um furacão.

calunga da calunga grande e foucault] e [o mais grave] a *multidão* não ativa a potência revolucionária da subjetividade e não vê o ato político nascendo dela.

sobre isso guattari narra uma passagem desconcertante:

uma criança está só num quarto escuro e com muito medo. de repente, ela descobre que pode cantar. depois, descobre que pode escolher uma determinada canção. na sequência, ela canta a canção, baixinho e continuamente. a canção, o corpo, a voz, o canto, o sopro e o vento produzidos pelo canto são suas revoluções, suas micropolíticas, suas maneiras de proteger, num círculo fechado e provisório, aquilo que será imprescindível para tarefas a serem cumpridas na face da terra. a isso eu chamo de **subjetividade dissidente**: a que está fora do alcance do cmi, a que desintoxica o discurso sedativo do cmi. uma micropolítica cheia de uma nova suavidade impossível de ser capturada pelo cmi, pois – primeiramente e basicamente –, o cmi não entende de suavidade [deleuze&guattari, 2012, p. 116]

o *sistema-mundo* não entende de suavidade^ψ. o *sistema-mundo* entende de guerra cotidiana.

assim, não interessa muito se o corona vírus foi forjado [?] num laboratório da china, que disputa com os estados unidos narrativas políticas, militares e de mercado [especialmente tecnologias], porque a guerra clínica que ele, supostamente, protagoniza, segundo as teorias que atravessam os nossos turbulentos tempos, não é a guerra principal. a guerra principal é cada vez mais subjetiva, bioluminescente [desterritorializada e reterritorializada de acordo com a agenda de expansão do hipercapital], sem derramamento de sangue e, sobretudo, cotidiana. em "a trégua", primo levi conta que, quando voltava de auschwitz, um sobrevivente grego o interpelou, perguntando: "**o que é mais importante na guerra: sapato ou comida?**" ao que levi respondeu: "senhor, a guerra já acabou". mas, o grego lhe sorriu, abrupto: "não se engane, guerra é sempre". o *sistema-mundo* [o olho degenerado e sem íris] mata e/ou manipula, através das máquinas de guerra do *cmi*, todo e qualquer corpo dissidente. até a natureza, o grande corpo indômito, agoniza em suas mãos, mercantilizada de a a z.

^ψoutro exemplo lindo da potência da suavidade é dada pelo escritor albert camus. camus conta que um acontecimento de sua infância seguiu salvando sua existência, assim como a proposta contida em "o recado do morro", de guimarães rosa. quando tinha sete anos, o escritor costumava subir no telhado de sua casa para "sentir" o vento. mais tarde, já "escrevendo a vida", como costumava responder, quando lhe perguntavam o que estava fazendo, ele confessa que a sensação se tornou um modo de compreender, por exemplo, que o ser revolucionário nasce primeiro dentro do coração. em entrevistas, afirmou, diversas vezes, que a sua literatura era a busca de partilhar o que foi produzido entre seu corpo e o vento, naquele encontro, porque a literatura seria, para ele, uma passagem que articula sentir, ver, dizer e agir. a sua literatura seria – primeiro – sempre uma escrita daquele vento passando.

nietzsche postulava que a guerra civil é a matriz principal do exercício de poder. achille mbembe postula que a política é a "guerra sem fim". foucault diz que "o governo não exerce o poder sobre a população, pois governar é, acima de tudo, dividir a multidão". a governabilidade, então, se dá na produção da ideia de separação e divisão. e não nos esqueçamos de que os poderes majoritários também sabem ser rizomáticos, bifurcantes e criadores de suas próprias brechas.

é espantoso o exemplo dos militares de israel que, em 2002, utilizaram conceitos deleuzeanos, numa operação de guerra, avançando sobre os inimigos em nablus [via túneis] no que eles chamaram de "geometria inversa para reorganizar a sintaxe urbana, a partir de microtáticas de intervalos". nos vãos subterrâneos, os soldados se tornaram invisíveis com o propósito de surpreender e assustar os inimigos, instaurando em si mesmos uma espécie de "fantasma esquizoide para quem o ato de matar é apenas fácil e corriqueiro" [nas palavras deles].

eles leem deleuze e levam a sério.

tem mundo para a gente seguir?

louis-auguste blanqui, proletário e escritor [como ele mesmo se apresentava], a quem karl marx chamou de "a cabeça e o coração do partido proletário da França", foi capturado durante a comuna de paris [a mítica revolução, abortada de modo sangrento] e passou 37 dos seus 76 anos preso nas masmorras. de lá, escreveu, em 1872, um dos textos mais controversos das ciências políticas, ainda muito desconhecido, visitado apenas por alguns pensadores [entre eles, walter benjamin e jacques rancière] e, mesmo assim, com recortes do que eu chamaria de tendência materialista de abordagem porque admitir a astrologia como ciência que produz conhecimento legítimo sobre a vida na terra desde os sumérios, acádios e mesopotâmicos segue sendo inaceitável até hoje.

o mundo marxista da época aguardava análises políticas das demandas da revolução e da luta de classes. entretanto, o livro de blanqui, "a eternidade segundo os astros", discorre sobre astrologia e astronomia, passeando nos seus fundamentos: a formação e o funcionamento do universo, as intimidades compreensíveis e incompreensíveis entre o céu e a terra, as divergências do nosso dna com o dna do sol, as linhas híbridas que cruzam o corpo humano — essa grande aventura que segue surpreendendo com seu cérebro ainda tão desconhecido quanto o próprio universo.

segundo blanqui, o universo trabalha com 100 materiais originais simples e cria a eternidade ao repeti-las infinita e sofisticadamente. para ele, a carne humana é fruto de divergências químicas e físicas entre os inúmeros sóis cósmicos. a terra tem outras sócias onde moram outros sócias de todos nós. nós somos passantes, mas o universo submete os originais e as cópias à sua repetitiva e mortal eternidade. a tese de blanqui se aproxima da *samsara*, a figura de linguagem da cosmologia oriental que vê o mundo como uma roda infernal que nunca para: corpos entram e saem de seu movimento ininterrupto e cansativo.

mas, qual é e onde estaria a nossa chance de insurreição?

sempre no intervalo, na fissura, na brecha. ave deleuze! na astrologia como uma pedagogia da terra que ensina a abrir intervalo, fissura e brecha. ave coccia! as combinações entre os dados das repetições tanto de blanqui quanto da *samsara* poderão criar algumas venturosas bifurcações. isso que está no subtexto de blanqui como força do acaso está no texto explícito de deleuze&guattari [e na cartilha da *samsara*] como sendo uma vocação do corpo humano: criar intervalos, fissura e brecha – rachaduras por onde as *subjetividades dissidentes* e as suavidades de que fala guattari possam escorrer. ou seja, a bifurcação não pode ser apenas uma prerrogativa de precisão militar do *cmi*. ela é, também, a capacidade que os yanomamis têm de sonhar como um ato político capaz de advogar a contraguerra e a vida. ela é, também, a construção de modos mínimos de existência de que fala souriau para enfrentar, especialmente, a hecatombe climática do governo dos sem alma.

e é, aqui, que eu queria chegar: no deslocamento do ato revolucionário.

na brecha podemos ver a tremenda tolice que é esperar da geopolítica um salvo-conduto. podemos utilizar a força contida na brecha para trabalhar o epigenoma para produzir potência de vida como uma jurisprudência comunista da *era de aquário*^ψ, esquentando, novamente, nossa intimidade com a terra. se aquário pudesse ter uma imagem seria uma floresta. a floresta talvez seja o emblemático paradigma para a tão esperada *era de aquário* cuja carta sinótica

^ψaquário, portador da água [espírito da terra], é chamado pela antiga mitologia egípcia de “o comunista”. se juntarmos essas duas visões, veremos que a aclamada era de aquário de que falam os astrólogos, desde paracelso, vai botar a mão na ferida exponencial das desigualdades sociais produzidas pelo “governo dos vivos”. pela realidade climática planetária, a conta parece ser bastante cara. talvez, somente os povos originários ao redor do mundo possam nos dizer como pagar [e se ainda há tempo hábil para esse pagamento].

mostra o cruzamento infinito, a la blanqui, das quatro linhas mestras do quadrante do universo ao qual gaia pertence: maravilha, lisergia, encantaria e simbiose. a floresta comunista [simbiose de maravilha, lisergia e encantaria] é cheia de fissura, intervalo e brecha: passagens de luz e sombra: constrangedoras misturas: diferenças que convivem em paradoxais intimidades: veneno e cura. a floresta é a metodologia das sutilezas da *era de aquário*.

mas quem advogará a floresta?

seremos capazes de enfrentar a holding do crime que administra a floresta amazônica para advogá-la? ainda tem humanidade ou, como concluem o xamã davi kopenawa e o cientista político achille mbembe, nunca teve? quando vamos *levar a sério* a catástrofe climática que já se instalou no brasil e no mundo? a taxaço das grandes fortunas poderia ser a primeira [alter]ação da mudança de paradigma plutoniana? quando vamos *levar a sério* a produção de brechas como emergência didática para enfrentar as ruínas do hipercapitalismo?

pasolini dizia que não é necessário apagar apenas os holofotes dos fascistas, mas bioluminescências do fascismo em nós. **d. h. lawrence, a quem deleuze amava, diz que no corpo humano moram a pequena e a grande vida e que “se não colocar a vida menor na roda da vida maior, tudo é desastre”**. seguindo a lógica de lawrence, eu ainda sonho [de olho aberto e fechado] com a astrologia ocupando os corpos acadêmicos, deslocando, como uma potente ciência kafkiana [menor e intempestiva] ontologias, epistemologias e metodologias.

o império tem um maquinário de guerra. e nós? quais são nossas contraguerras?

foucault diz que é o corpo-guerrilha que, em escala diminuta, aprende a produzir suavidades heterotópicas, ou seja, não a utopia de um mundo melhor, mas singularidades utópicas de como produzir outros melhores no mundo, reembaralhando as cartas do jogo perverso que só sabe lidar com os corpos aprisionáveis e visíveis, virando um ninguém sem identidades representativas para enfrentar o estado, como quer agamben: um ninguém não rotulável, não aprisionável, não manipulável, produzindo falhas por onde escapar e se tornando uma ecologia estranha menos consumista e mais lisérgica: um zorro.

tem mundo para a gente seguir?

não sei. o que talvez possamos inferir é que vai mudar o paradigma. finalmente, o século 21 dá as caras, dizendo que a falta de intimidade entre nós e a terra vai nos custar muito caro. a conta é caríssima, segundo zambarado, pois “a natureza não perdoa nunca”. a noção construída pela

cultura^Ψ de que a terra é nossa mãe não parece correta a zambarado. para ele, a terra não é nossa mãe e nem o céu é nosso pai. a terra, o céu, os humanos, os não humanos e tudo o mais são órgãos de um universo gigante, desconhecido e assustador que, até agora, só nos deixou ver irrisórios 4% de sua estrutura. toda a sofisticada tecnologia humana é fruto desses ínfimos 4% e ainda não conseguiu combater sua indecência mais fatal: as desigualdades sociais.

o universo é esse emaranhado de elétrons que apenas espera o nascimento e a morte de estrelas? ainda não sabemos. entretanto, podemos aprender algumas lições com ele.

segundo zambarado, para se estar na terra é necessário se lembrar diariamente de três coisas preciosas. a primeira: gaia está suspensa no ar e esse fundamento nos ensina sobre a indeterminação da estrutura da movimentação do movimento. a segunda: o paradigma para diminuir os efeitos da *intrusão de gaia*^Ψ é a coabitação e a coexistência, coisas desprezadas pelos humanos. a terceira: para plantar o céu aqui no chão é necessário ver que o céu não é o paraíso. ele é o abismo sobre as nossas cabeças e, no abismo, não há possibilidade de criar raízes: estamos pendurados em constante trânsito de um burburinho incessante e ensurdecedor.

a quarta é minha: se a terra e o céu estão irremediavelmente juntos, nós teremos que esticar o copérnico que virou clichê, “estamos, aqui, de passagem, nada é nosso”, para “nós estamos aqui e, se somos a própria passagem, tudo é nosso”. e isso é sobre saturno e plutão: a alegria que é estar aqui produz uma responsabilidade de estar aqui que deve produzir habilidades em perseverar a vida – coisa, também, desprezadíssima. se na terra só é possível estar, então, para estar na terra é obrigatório aceitar o coeficiente de coexistência e coabitação que o verbo estar pressupõe. a quem interessa que a gente não saiba mais coexistir e coabitar?

tem mundo para a gente seguir?

guattari é categórico:

a catálise da retomada de confiança da humanidade será forjada a partir de subjetividades dissidentes, a partir do que seja mais minúsculo [guattari, 1992, entrevista para a tv grega]

quais são os seus minúsculos?

dê passagem a eles. eles são os maiores atos políticos agora.

^Ψcultura, aqui, como a imposição do humano sobre todas as coisas.

^Ψconceito de isabelle stengers que abarca toda sorte de catástrofes climáticas e extinção de espécies, pensado a partir de seu pensamento mais corajoso: “a terra é indiferente aos humanos”.

jornada de exu: a lembrança de si mesmo

esse título foi dado pelo próprio zambarado para uma jornada que bemtevi deveria começar a oferecer ao público que estava começando a se formar em torno da old déa trancoso, após sua partida. o exu ditou o texto de apresentação que é usado até hoje: **“as artes da existência e as artes do corpo [alma e voz] apostam na terra como território artístico e conduzem essa vivência, fabricando brechas a partir de experimentos e exercícios que educam a atenção. a gratidão é plantada na respiração para ser cultivada em arte, clínica, educação, alegria e cura: depuração, nutrição, regeneração e sustentação”**.

ministrada há mais de 20 anos, a jornada de exu já passou por várias cidades do brasil e do exterior. no doutoramento, foi oferecida como parte do plano de aulas das disciplinas “escola e cultura”, do professor adilson nascimento, e “tópicos especiais em educação 1”, do professor antônio carlos amorim, cumprindo minha participação do programa de estágio docente (ped). além disso, a oficina foi convidada especial da disciplina “educação, corpo e arte”, do professor andré luiz gonçalves de oliveira. estive, também, na abertura do semestre letivo da universidade do estado da bahia (uneb), nos campi jacobina e coité. partilho dois textos e um desenho de participantes, realizados logo após o “exercício do ioiô”^ψ.

1. **antônio carlos amorim, professor, fe/unicamp, 2021:** déa, no nosso "projeto fapesp/unicamp/playa ancha", com o grupo do chile, de valparaíso, estamos em uma fase de transitar entre comparação e correspondências. é um método em andamento, bem interessante. trocamos textos entre as duas equipes, correspondências anônimas, na busca de criar pontos de aglutinação ou constelações. enviei o texto abaixo, no qual falo da imagem-sonho que tive com a primeira dinâmica corporal da nossa disciplina de segunda-feira à tarde. abraços e obrigado.

^ψinventado por zambarado, consiste numa viagem xamânica para experimentar medidas entre o corpo, a terra e o cosmos cujas sensações produzidas podem atuar no refazimento do elo: laços de amizade entre a terra que ajudam a colar a cabeça no corpo e corpo no mundo. prática: coloque o corpo em posição da morte da yoga/savasana [deitado no chão, braços ao longo das costelas e pernas, palmas das mãos viradas para cima, olhos fechados] e se conecte com o lugar que você nasceu. a partir desse lugar, vá passando pela rua, pela cidade, pelo estado, pelo país e pelo continente. quando chegar no limiar do globo terrestre, saia para fora e olhe a terra de cima para baixo. depois, entre novamente no planeta, continente, país, estado, cidade, rua, lugar onde de nascimento. repita o trajeto sem parar como um ioiô durante pelo menos cinco minutos. se quiser, realize o exercício ao som de alguma música preferida. a respiração é a 1/3/1: inspira, retém 3 segundos, expira. tente alinhar a respiração junto com a respiração da terra.

“há uma terra que é oceano, um a-mar. há outra terra que está de costas viradas à floresta, um re-mar. há uma outra terra que se olha de cima, um a-cal-mar. há uma outra terra em devir mestiço, um po-mar. ar. elemento raro nas vidas defenestradas por terras que agonizam em necropolíticas. ma. sílaba que balbucia o som da terra-mãe, aquela que vai resistir. ra. é a linha do meio da migração que a terra exige, e que nos divide em cordilheiras, em língua e em dor. am. sonoridade que divide o sertão, em uma geografia das fronteiras. penso que os sonhos podem ser nossos guias da correspondência que não se quer abarcada por comparação ou divisão de dois ou mais lados. sonhei com um balão, imenso, cheio de ar, que de mim se desprendia em frente à casa onde nasci. o balão era colorido, foi solto e ganhou as alturas. parecia-me, no sonho, que era dia de festa. eu observava o balão e o sentia exilado, isolado, ihado, mar-eado. o balão se esvazia subitamente. caí velozmente no chão, na rua em frente à casa. mistura-se com a terra e com as pedras. é engolido. esta imagem dura em mim faz meses. que histórias narraria essa imagem da deglutição do exílio pela terra com que nos identificamos, quer seja pelo nascimento, pela infância ou pela nacionalidade? quais sentidos de pertencimento as margens dessa imagem pode violentar, translo(u)car sobre as afirmações que a t(t)erra nos conta a partir dos afetos mais esquecidos?”.

2. aluna da turma el 683 a, fe/unicamp, 2020:

“depois de tanto tempo aconteceu de novo. um brilho estelar me atingiu no osso. o amor num pulo então se levantou do chão. fincou sua bandeira na palma da mão. e eu, muito humana, não entendi de pronto. depois de algumas horas, pude perceber, que eu mesma me soprei um vento muito louco, zunindo e instaurando mil olhos pra ver. a imensa liberdade estrondou na barra. as nuvens de âkâsha correram pelo espaço. exu veio primeiro pedindo passagem. e ogum patacori abriu a repescagem. e revisou bagagem pra caber na lida. diminuiu o peso pra cruzar a linha. pra ser gota no mar e navegar a vida, é bom sempre caber dentro de uma mochilinha”.

3. cida airam, cantautora – escola de arte, filosofia e ciências divinatórias, 2021:



etégyrá e tum tum tum

o álbum tum tum tum me foi encomendado por zambarado e seu povo, os encantados. eu ainda estava tateando caminhos musicais, quando recebi esse inusitado pedido, feito formalmente, numa sessão particular. tum tum tum é um rito de passagem, uma iniciação. eu, uma pássara, fazendo coisas de folha, de filha da folha, como um disco todo dedicado ao catimbó. foram alguns anos entre o pedido, a pesquisa, a execução e o lançamento. zambarado já não estava mais entre nós, quando, finalmente, tum tum tum foi indicado, em 2008, ao prêmio de música brasileira em quatro categorias, concorrendo com chico buarque de hollanda, alcione, maria bethânia, marisa monte, elba ramalho, alceu Valença e antônio nobrega. alguém presenteou egberto gismonti e ele presenteou a pajé da nação indígena caruana, da ilha do marajó, zeneida lima. depois de ouvir, ela lhe telefonou, dizendo que aquilo não era um cd e, sim, um **remédio tecnológico** que parecia ter sido encomendado por algum ser de outro mundo. bingo! as histórias de tum tum tum dariam outro doutorado. são muitas. o que observo, hoje, é que zambarado agia, de fato, como orientador de uma tese que estava sendo gerada fora da universidade. vou partilhar, então, uma história que mostra exu como um método de se estar na terra, a premissa dessa pesquisa.

tum tum tum tem 14 canções. entre elas, “rainha”, um belíssimo *catimbó de jurema* – a joia rara do cd. zambarado me disse um nome e me pediu para comprar uma passagem para rio branco/ac. o nome era o do pajé dos kulinas, etégyrá. segundo zambarado, esse era um povo muito musical, além de fundamentalmente xamânico, e etégyrá me acolheria com as disciplinas próprias e peculiares de um xamã, necessárias para que eu pudesse materializar o pedido-encante. etégyrá, do tupi-guarani, me disse o exu, é algo próximo a “pássaro verdadeiro”, em português brasileiro. uma pássara filha da folha seria guiada por um pássaro verdadeiro de uma nação encantada quase desconhecida. lá se foi bemtevi, em segredo. a exigência de zambarado era: **“ninguém deve saber nem da empreitada e nem do patrocinador da empreitada, bemtevi”**. nunca contei nem mesmo para o luz, meu mais longo e íntimo companheiro de caminhada.

cheguei em rio branco e não encontrei o pajé. ele não estava. esperei uma semana para conseguir falar com ele. ele tinha sido chamado pela floresta para acudir uns parentes. já instruída por zambarado, aguardei com uma paciência que eu ainda não tinha, mas que já fazia

parte do pacote-encante, do devir-tumtumtum. todos os dias eu ia até a casa dele para saber notícias de sua chegada. quando etégûyrá chegou, eu fiquei muito alegre. ele me recebeu em silêncio e me pediu para deitar no chão da sala, de olhos fechados, na posição da morte. [a mesma que zambarado indicou para ser a guia da “lembrança de si mesmo” na jornada de exu]. o chão da sua casa era todo de terra batida. deitei de barriga para cima e aguardei o que me pareceu ser muito tempo. de vez em quando, abria os olhos e via etégûyrá sentado no batente da porta que dava para o imenso quintal. ele também estava de olhos fechados. eu cheguei oito horas da manhã e fiquei deitada, ali naquele chão frio, até meio-dia. ao meio-dia, em ponto, ele falou pela segunda vez. até então, só tinha dado as instruções de como eu deveria me deitar.

-pode cantar a rainha em voz baixa, por favor.

cantei.

-agora, pode sussurrar, sem som.

sussurrei.

-agora pode se levantar, devagar, e ir embora, em silêncio. eu te aguardo, aqui, amanhã, às cinco horas da manhã.

no outro dia, quando cheguei, havia uma mulher na casa. ela nunca me disse seu nome. a mulher me levou para o quintal, debaixo de uma castanheira.

-eté me disse para trabalhar com você, hoje. amanhã, ele retorna. você pode se sentar aqui ao meu lado e apenas sussurrar no meu ouvido a rainha, sem som e sem melodia. repita três vezes.

eu me sentei e sussurrei três vezes seguidas.

-agora você pode ir embora, em silêncio. amanhã venha com roupa de banho, por favor.

no outro dia, o pajé já me recebeu sorrindo e dizendo para chamá-lo apenas de eté. sorri de volta e entrei. passamos pela sala, pela cozinha, pelo quintal e pegamos uma pequena trilha. ele puxou a caminhada e eu o acompanhava, em fila indiana. a cena me lembrou a viagem xamânica de mestre bom floral pelos caminhos encantados de vajucá. a primeira parte da trilha era quase mata fechada, pouco sol e muita árvore alta. a segunda parte, já mais aberta, dava para ver o sol e escutar os passarinhos. chegamos numa cachoeira com uma enorme queda

d'água. paramos e ele me ofereceu um chá de alecrim com inhame. aceitei feliz, afinal, a caminhada tinha sido dura.

-como você não sabe nadar, fique apenas na beirada e enfie a cara na água e cante como puder toda a rainha. com som e melodia, se conseguir, ele disse rápido e sorrindo.

eu observei que o sorriso era a quintessência daquele dia e sorri de volta. por incrível que pareça, eu não tinha vontade de falar nada. enfiei a cara na água e cantei como pude.

ao final, ele me ofereceu outro chá de alecrim com inhame e me convidou para voltar, em silêncio. dessa vez eu ia à frente e ele, atrás.

chegando no seu quintal, ele parou e se sentou debaixo da castanheira.

-você pode vir se sentar aqui em frente a mim e cantar, olhando para os meus olhos, toda a rainha, de uma só vez.

cantei.

-agora, você pode ir. amanhã, te aguardo aqui às 15h. venha com calça comprida, blusa de manga, boné e bota, por favor. vamos entrar um pouco mais na mata.

eu chegava no hotel tão cansada que só dormia.

no outro dia, quando cheguei, a porta estava aberta e eté me esperava na boca da trilha. andamos o que me pareceu algo próximo a duas horas. chegamos numa clareira e preparamos uma fogueira. imaginei, então, que iríamos passar a noite ali. e assim foi. na boca da noite, na hora grande das 18h, cantei a rainha a plenos pulmões. comemos inhame e fomos dormir. no chão da floresta, entre fluxos inflorestantes e assustadores. a floresta é imponente. coccia está certíssimo. no dia seguinte, às seis da manhã em ponto, eu já estava cantando a rainha, novamente a plenos pulmões. dessa vez, eté me ofereceu um chá de sálvia e mais inhame.

na volta, passamos pela cachoeira e paramos para um banho completo. já na sua casa, eté me pediu para acender o fogão a lenha e cantar a rainha em voz baixa.

-cante para o fogo em voz baixa.

cantei.

-aqui, encerramos nosso trabalho. você já tem a licença para gravar a rainha e fazer o disco com os outros catimbós. a partir de agora, você é a guardiã dessas músicas. mas, você não poderá cantar em público, por sete anos, o catimbó de abertura. depois, você reconhecerá a hora de cantá-lo. faça uma boa viagem de volta e dê lembranças minhas ao exu encantado.

ele se despediu me entregou uma caixinha.

-antes que você me pergunte, nessa caixinha tem um presente para você entregar para o exu encantado. diga a ele que o trabalho que está sendo desenvolvido com essa turma atual está perto de acabar. ele sabe o que fazer.

eté virou as costas e sumiu pelo quintal adentro...

é indescritível o que essa experiência causou na minha vida. eu não soube o que tinha dentro da caixinha. zambarado não me disse, mas, de vez em quando, me agradecia entusiasmado por eu ter aceitado o pedido-encante. um dia, sem mais nem menos, ele me disse que dentro da caixinha tinha um bilhete que dizia: “se puder, antes de ir, enrole bemtevi numa folha”.

foi assim que coloquei meu corpo e minha voz a serviço dos encantados!

okê eté!

laroyê exu!

salvem as folhas!

salvem os filhos das folhas!

<https://drive.google.com/file/d/1IE-KTOKRUORZRSNDNWK55JLXBWOH9I4C/view?usp=sharing>

experiência, filosofia e vida: a arte do encontro e das composições

foram muitas as experiências que vivi com zambarado.

então, vamos falar de experiência como assinatura da vida no corpo [zambarado]: a arte do encontro e das composições, o paradigma da própria vida.

agamben advoga que a experiência foi se aproximando da higiene técnica de um evento que ocorre a um *corpo consumidor*, de fora para dentro, inoculado de modo comercial. o *corpo*

consumidor é um eu interceptado – aquilo que está em aliança com o maquinário das múltiplas guerras dos estados majoritários de poder: cognitiva, narrativa, híbrida, subjetiva. é o sujeito apartado da maravilha. enquanto o corpo maravilhante e maravilhado é algo capaz de se maravilhar diante de sua simples existência no mundo, como diz achille mbembe, o *corpo consumidor* é um avatar positivista e mercadológico. zambarado, por sua vez, não abre mão do experimento como algo intrínseco à carga de sabedoria que a própria experiência engendra: preparação, refazimento e antecipação dos encontros heterogêneos inesperados entre a vida, o corpo e o mundo: a cola. a experiência é a cola, o elo.

nesse sentido, zambarado advoga o **“ter uma experiência”** e não o **“fazer uma experiência”**. **“ter uma experiência”** é se entregar à vida: uma entrega à composições da vida no jogo com o mundo. a vida está sempre nos convidando a compor, a encontrar. um corpo no mundo é a arte da composição, essa é a tese de deleuze, depois que ele assume a importância de spinoza para o seu pensamento. segundo agamben, **“ter uma experiência”** acontece fora dos movimentos utilitários do capitalismo. a experiência assinaria, então, com uma luz que nada tem a ver com algo divino ou capital, sempre exterior ao corpo, mas, com o próprio corpo e sua imanência no mundo. o que podem as práticas de um corpo no mundo, seguindo a lanterna de spinoza, é maravilhar-se que nem vagalume que, enquanto apaga e acende, encontra e vive.

souriau encosta na regra de ouro de zambarado: somente a criança é capaz de **“ter um experiência”**, pois ela entra na brincadeira com aquilo que ela tem de mais caro: o próprio corpo. aqui, é importante dizer que zambarado imputava ao capitalismo o roubo dos ritos iniciáticos da experiência. segundo ele, à medida em que o corpo vai se tornando adulto, vai negociando com o *sistema-mundo* itens fundamentais da qualidade de seu estar na terra, vai **“envergando a coluna”**, nas suas próprias palavras. quando se vê, já passaram 60 anos, como diz mário quintana, o poeta que ele amava.

ainda é possível alguma brincadeira entre o corpo e o mundo?

se falamos de experiência, falamos, também, de erê: seu corpo, sua voz, sua força e sua banda. falamos de erê, a partir do território encantado de ressonâncias que acontecem entre ele e exu. se exu é movimento, erê é a movimentação – um tubo por onde exu se movimenta. experiência, então, é a vida a partir dessa *infância das coisas*, animando o pensamento do *corpo taru andê radicalmente vivo* no entre, na rachadura, na fissura, na brecha!

ovídio diz de mundos coexistentes gestados pela repetição de diferenças que acontecem ao longo do humor salitroso e circunfluyente de gaia. gaia puxa os elementos vastos, compondo, possuindo, lambendo e apertando, para extrair, do seu coração, a vida de suas águas, de seus mares. lapoujade, relendo souriau, diz daquilo que aparece, desaparece e reaparece. casulos que nascem e morrem. pequenas escritas que nascem e morrem. pequenos novelos que desenrolam aquilo que ainda não sabemos. coisas e corpos e modos por onde a vida passa, passa e passa. donna haraway diz de parentescos aberrantes: a teias de uma grande aranha que sinaliza as éticas e os perigos da coabitação.

deleuze&guattari falam de experiência como desterritorialização do *corpo consumidor* de uma terra agenciada pela máquina de guerra do hipercapital, reterritorializado em devires capazes de descomprimir e escapar.

zambarado e calunga da calunga grande dizem de existências compartilhadas na movimentação entre o corpo, a terra, a vida e o mundo. no tubo entre erê e exu, sempre poderá aparecer alguma experiência reivindicando mais realidade.

zambarado insistiu muito na experiência como alegria. [e, ainda, na observação, na criação de uma testemunha, nos cadernos de campo, na escrita como produção de alegria]. uma alegria que descomprimisse, escapasse e reterritorializasse a experiência. uma escrita como arte, clínica, educação, alegria e cura. escrever como uma experiência que produzisse atributos, vigores e alegrias para o *corpo taru andé radicalmente vivo*.

experiência como composição entre os corpos capaz de estabelecer quantidades cada vez maior de encontros alegres para potencializar o seu viver no mundo. uma alegria que, tanto em zambarado, como em spinoza e deleuze, só poderá ser criada através dessas tantas conexões alegres que foram estabelecidas.

seria assim feito um looping: os *afectos* alegres extraídos desses encontros e dessas composições entre os corpos girando numa espiral, num *continnun*.

coccia também fala de experiência como um *continnun* montado na crista de mundos que nascem, nascem, e rodam, rodam, produzindo um raro amor à matéria do próprio mundo, colando a cabeça no corpo e o corpo no mundo.

lavando palavra: experiência

a função da experiência é arrancar o sujeito de si próprio, de fazer com que esse sujeito não seja mais ele próprio, de levá-lo ao seu aniquilamento ou à sua dissolução. **a experiência é uma empreitada máxima de dessubjetivação** [foucault, 2010, p. 291, grifo do autor].

partindo de foucault e agenciando william blake, lapoujade diz que existem três espaços-tempo privilegiados nos quais o corpo poderá viver uma *experiência pura* [sua nomenclatura] ou de *grau zero* [como nominava zambarado]: sob efeitos de substâncias químicas alteradoras de consciência [naturais ou processadas], em estado de coma ou durante parte da primeira infância sem a presença da palavra. lapoujade diz ainda que, com a palavra, a experiência, assim como o exercício filosófico, requer confiança. zambarado dizia que pensar a confiança é sempre observar a criança que confia à experiência [e à vida] o seu próprio corpo. a isso, ele chamava de colocar o *couro à prova*: coragem de fiar a vida com a própria pele. já agamben, declara o fim da experiência porque, entre outras coisas, os humanos estão expostos ao implacável relógio capital. para ele, deleite e desfrute, *kairós* tão necessários à experimentação [experiência/experimento], são tempos praticamente extintos das engrenagens humanas já oxidadas. agamben sempre é o desejo messiânico de falar de grandes luzes, dando conta de enormes e apocalípticas sombras produzidas pela civilização humana. nele, há sempre um *travelling* sobre as soberbas catástrofes da humanidade, muito embora, o seu desejo de grande luz – ou de criação de um *campo transcendente* à escuridão, por conseguinte – não seja kantiano e, sim, volutas de *entretempos* deleuzeanos mesmo. didi-huberman diz de um agambeniano modo apocalítico de ver os tempos e fala de ínfimas e pirilâmpicas luzes que aparecem, desaparecem e reaparecem, em necessário contraponto, ressonando zambarado, calunga da calunga grande, spinoza, deleuze, guattari, lapoujade, souriau, stengers, haraway, eee, comcomcom. essas ínfimas e pirilâmpicas luzes criam intermitências e fragilidades na força acachapante das linhas duras das grandes luzes, capturadas e controladas de perto pelo hipercapitalismo. de minha parte, adiciono a instauração de uma *infância das coisas*, advogada por souriau, que delibera uma produção de estados pirilâmpicos – a própria *infância das coisas* – deslocando a visão acostuada às grandes e apoteóticas luzes ou às escuridões absolutas [o apocalipse de agamben] para um ver ínfimo, intermediário, bruxuleante, de passagem, pelos entres, pelos meios, onde fragilidade e desimportância [a tese de calunga da calunga grande, lapoujade e didi-huberman] são potências que restam [a *mesopolítica* de stengers]. sobre fragilidades como forças que restam, cito a criação de uma malha de pequenas liberdades produzida pelas gentes do vale do jequitinhonha, minha terra natal, por exemplo, como experiências que sabem desativar bombas de miséria e fazer corredeiras de liberdade pelos entres. o vale do jequitinhonha seria, assim, não a agambeniana e messiânica comunidade que vem, mas, a imanente comunidade que resta de maurice blanchot. então, relembando zambarado [onde observação é sempre a observação do grau de confiança de uma criança que entrega à experiência o seu próprio corpo], deixamos a noção do que seja experiência, aqui, nessa tese. experiência aberta aos atravessamentos de um porvir que não para nunca de criar outros tempos no espaço e outros espaços no tempo, revelando seu exus, seus *cromatismos generalizados*, em arte, clínica, educação, alegria e cura.

zazen 7

levante-se, contemple as nuvens por 3 minutos, realize 7 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

<https://drive.google.com/file/d/1HLp8t4QjyMrjDDq2urUjhTVMjqCwUEkh/view?usp=sharing>

depois de ouvir, fique de cócoras por 1 minuto, respire fundo com calma e continue a leitura.

calunga da calunga grande e monja lib

flechas gaianas: éticas de ressonância para práticas de liberdade

a rã azul

líricas breves para a construção de uma alma

desmundo: a dessubjetivação da filha de júpiter



calunga da calunga grande agenciou bemtevi para compartilhar existência com monja lib. exu é advinho? não. não parto dessa premissa. exu acerta um pássaro ontem com uma pedra que só joga hoje. exu é uma sensibilidade disponível ao serviço dos devires que em existência compartilhada produz um campo mórfico que nos atravessa de volta e nos qualifica coletivamente: *devir-com*. considero o exu zambarado um deleuzeano típico que exercitava, com um pequeno grupo de interessados, a produção de arte, clínica, educação, alegria e cura, ressonando linguagem e regeneração ocidente-oriental. calunga da calunga grande é uma fábrica de encantos pós-deleuzeanos: instaura modos de pensar por entre correias de ar mais lisérgicas, mais velozes. é um pós-deleuzeanismo incipiente, é verdade, pois está nascendo e ainda não sabe como os *acontecimentos* acontecem e, menos ainda, o que as práticas de um corpo e de um cérebro no mundo podem produzir. talvez o próprio *cromatismo generalizado*, esse conceito ainda pouco visitado de deleuze&guattari, seja um bom exemplo do exercício pós-deleuzeano de pensamento, criação e produção.

flechas gaianas: éticas de ressonância para práticas de liberdade

-monja, considere estar num filme. oriente-se pela sensação, emoção e intuição. comece lendo, em voz alta, esse texto: “gaia deslocou dois graus. o vento obteve o código. a fresta farfalhou. a fumaça respirou na falha. exu convocou as artes da alma, do corpo e da voz para outros movimentos, outros silêncios, outras expansões, outras possibilidades expressivas. exu produz antirritmos. gaia pagã os captura. no vão, gaia solavanca, e, no fio da navalha, a presença injeta alegria em nós” [exu calunga da calunga grande, belo horizonte, 2021].

durante o curso “mecânica quântica para poetas”, ministrado pelo físico luiz pinguelli rosa, que a **old** déa trancoso fez no coletivo transaberes, coordenado por nelson job, monja lib, orientada por calunga da calunga grande, fez um exercício, intitulado por ele de **flechas gaianas: éticas de ressonâncias para práticas de liberdade**. segundo exu, aguardar e celebrar o solstício de verão era exercício feito especialmente por comunidades femininas muito antigas, pois, em solstícios e equinócios, os campos magnéticos e elétricos da terra estão mais sensíveis e disponíveis aos corpos. segundo zambarado e calunga da calunga grande, é um momento que vale ritualizar a produção de *consciência da consciência* de que fala josé gil – campos mórficos que tenham a capacidade de alterar o coletivo. isso ressona lá em angela davis e ana godinho com suas propostas heterogêneas e radicais para o cotidiano.

calunga da calunga grande diz que viver não é a exceção de tomar um drinque sofisticado na *cote d’azur* [algo que até pode acontecer], mas a habilidade diária incansável de escarafunchar forças por detrás que consigam produzir alegria para gerar mais vida e mais labilidade por sobre destroços e estilhaços.

a experiência a seguir contém três partes [sensação, emoção e intuição], com sete diagramas cada, e foi realizada entre os dias 1 e 21 de dezembro de 2021, debruçada sobre a janela no meu quarto de dormir, no bairro luxemburgo, em belo horizonte, minas gerais, brasil, américa do sol, com uma técnica antiga sugerida por zambarado: esboço com a mão esquerda [a lápis] e pinturas com a mão direita [técnicas diversas].

sensação

-a sensação esquenta, emana e pulsa veloz. a estrela da intuição vai surgindo. o sentimento é a sensação que encolheu se a emoção foi um território de má qualidade, com pouca capacidade de comunicação realizada entre o chakra cardíaco e o chakra da garganta. sensação comunica de modo direto e rápido. sensação é antes da cognição. emoção e sentimento são cognitivos, por isso, mais sujeitos aos atravessamentos das misérias do sujeito. quer ver a sensação em seu mais alto grau? leia fernando pessoa. ele é o rei da sensação [exu calunga da calunga grande, belo horizonte, 2021].



a única realidade para mim são as sensações. eu sou uma sensação minha. portanto nem da minha própria existência estou certo. a verdade? não sei dela porque não é uma sensação minha. uma sensação minha? o sonho. eu sou um sonho, uma sensação minha [fernando pessoa, textos filosóficos, vol. 2].



se deleuze pensa uma estética é uma estética
das sensações. estética em deleuze&guattari
experimenta fazer filosofia com a arte.

não a partir da arte.

com a arte.



bloco de sensações é o conceito utilizado por deleuze&guattari:
plano de imanência para criação e produção que juntam inventos
[orientalismos e literaturas], filosofia e arte que é, aqui, a própria
vida. é possível ver a movimentação que, mesmo débil, vai
vagalumeando e intuindo aqui e ali. e é esse modo bruxuleante e
intuitivo [bastante spinozano, bergsoniano e calunguiano, onde
intuição é uma flecha cheia das potências dos curares de gaia
enviadas ao corpo] que gera o que milton santos chama de
contrarracionalidades – *contraguerras* em deleuze&guattari.

zambarado e calunga da calunga
grande dizem que o corpo
sempre pergunta: qual é a
sensação? e se a vida é arte e a
arte cria *blocos de sensações*, as
sensações são intercessores
entre o corpo, a vida e a terra.



deleuze diz que é necessário fabricar os próprios intercessores.

quais intercessores estamos precisando fabricar para aumentar a realidade da arte como
clínica de uma educação que esteja sempre pronta para perseverar a vida?



arte como ar que se respira.

porque ficar sem ar[te] sufoca.

para estar na terra, é necessário, primeiro, haver terra, diz krenak, e, depois, estar radicalmente vivo junto com ela, diz monja lib. só a arte é capaz de transtornar os corpos [*patuidade*], instaurando neles o modo radicalmente vivo, diz souriau. **a *patuidade* de souriau é um bloco de sensações agindo no corpo**. lapoujade me disse que o termo *patuidade* não existe na língua francesa. souriau inventa um palavrão para dar conta de dizer e escrever um ver. perguntei a lapoujade se ele podia nos aproximar, pelo menos um pouco mais, do pensamento de souriau. ele sorriu e disse amar essa qualidade tão deleuzeana de souriau e que *pathon*, em francês, seria, aproximadamente, caminho. um caminho que vai se tornando cada vez mais patente [visível]. um caminho de uso permitido a todos.

então, há um devir-comunidade em *pathon*. **há um plutão em aquário em *pathon*, produzindo realidades intermediárias [correntes de ar] cujos brilhos – cada vez mais franqueados e clarividentes – se tornam disponíveis para produção de mundos mais comuns a todos**. fabula-se que esse brilho é o sangue do epigenoma, a parte movimentável, a *razão flor*, um dos conceitos mais bonitos de emanuele coccia.

o cérebro mais elementar é a semente. a sinapse mais sofisticada é a flor. trata-se, para coccia, de alargar saber e pensamento numa direção oposta ao que aristóteles propõe. o pensamento não é algo separado da matéria. pensar é material e epigenômico. semente e flor são um campo mórfico e campo mórfico é produção de caminhos comunitários de uso permitido a todos. em zambarado, calunga da calunga grande e souriau isso pode ser dito assim: não há alma dada, há que se construir uma no tubo metamórfico entre a semente e a flor, entre erê e exu. construir uma alma seria, talvez, o primeiro intercessor entre corpo, vida e gaia. o *bloco de sensações* [a *patuidade* da arte] como *plano de imanência* por onde a *razão flor* perfuma e multiplica mundos. não é imutável. sua assinatura possibilita redesenhar, nos encontros, faces e componentes. *patuidade*, então, são vitalidades que desorganizam com vistas a outras organizações vindouras com capacidades de aumentar a realidade de certas existências ainda extremamente frágeis.



como num cocar indígena que gira, mistura e prisma, explodindo um incômodo *cromatismo generalizado* que em *patuidade* anima *modos de existência* tão radicais que, na marra, instauram nos corpos o mantra que lhes faltam:

∞coabitar, coexistir, coabitar, coexistir, coabitar, coexistir ∞

e insisto: ainda que na marra.

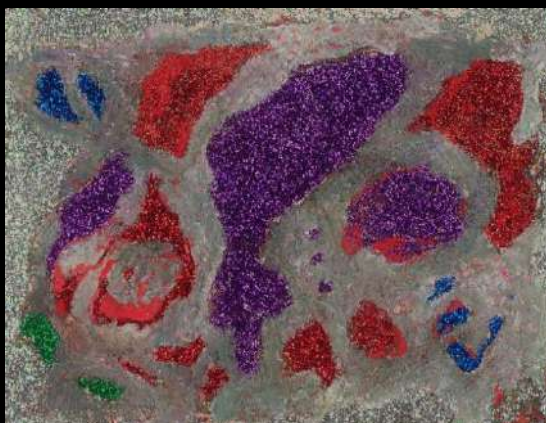
mas o diagrama não mostra o indígena...

talvez, o que o diagrama faça seja o esforço de resguardar os mistérios do cocar. um pajé. uma floresta. uma gaia em esplendor. o diagrama é, talvez, como quer plotino, um deus se livrando dele mesmo e inventando sensações para o *corpo taru andé radicalmente vivo* de um indígena que escapa do escrutínio mortífero do hipercapital.

e, volto a insistir: na marra, na brecha, na invenção de outras possibilidades de existência.

e-moção

-emoção movimenta um conjunto de sensações. durante essa movimentação, existe a possibilidade de aparecer um atravessador: é o sentimento. o sentimento é um modo que pode adoecer as sensações, envenenando as flechas intuitivas lançadas pela terra. não é propriamente algo produzido pelo corpo, mas uma certa inércia intrínseca aos pontos de mutação que acontecem no meio do trajeto do raio intuitivo gaia-corpo: forças dominantes contrárias à potência do corpo como arte e da terra como território artístico [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2021].



zambarado acrescenta: é aquilo que está passando, portanto, não jogue nenhum cimento, não erga muros, não embarreire. e, voltando a souriau, há laivos de *patuidade* na emoção. a emoção também pode transtornar e co-mover, impulsionar, movimentar e puxar alegria. a emoção em zambarado e ccg transtorna e libera as águas para que a corredeira possa fluir e o corpo possa passar. é a *e-moção* de didi-huberman. didi-huberman é genial ao nos dar uma brincadeira etimológica com a palavra alegria. ele toma emprestado de pír paolo pasolini o uso de *ajoie* ao invés de *joie* [uso corrente de alegria]. o termo *ajoie*, agora a-legria, nos põe numa engrenagem outra onde o *a* assume a intensidade. o *a*, então, como um intensivo que pode pairar tanto sobre humores risonhos do coração quanto sobre as dores deste mesmo coração. haraway, a bruxa americana, fala disso em seu último livro, “ficar com o problema”: como continuar produzindo vida em a [a-legria, *ajoie*, a = intensidades vitais] mesmo por sobre ruínas.

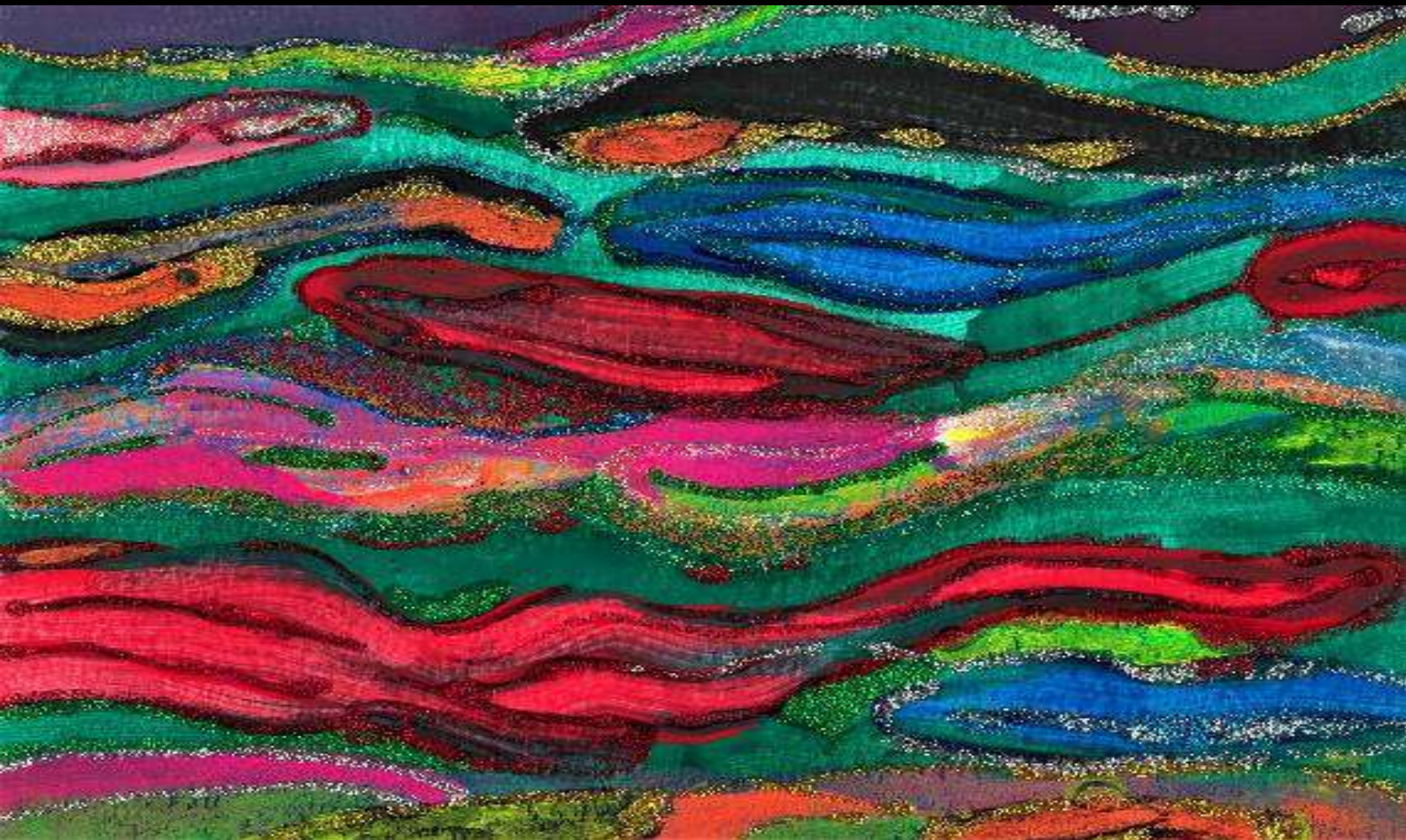
tudo isso, segundo calunga da calunga grande e pinguelli rosa [e deleuze], está nas forças por detrás da imagem: nos seus espasmos, seus vácuos, suas desorganizações; naquilo que escapa ao observador, ao conector, ao sujeito ligante. o desenho, então, é um *acontecimento*. há algo acontecendo. uma nuvem. mille nuvens. um olhar. pinguelli rosa. um doutorado. uma janela. um solstício por chegar e já chegado. uma mão. um coração. uma gaia. mille gaias. uma pandemia. um exu. mille exus. outra pandemia? não sei. há nuvens. isso, sim. o desenho como escrita de monja lib, ingold, zambarado, bemtevi, gavião, calunga da calunga grande, rinoceronte do mar, rã azul, bemtevi, borum krenak, ganesha.

a coragem de desenhar a vida com as próprias
mãos: maquiagens, velhos lápis de cor, barros
vindos de alguma viagem ao vale do
jequitinhonha, pigmentos de flores da rua mais
próxima, pigmentos de verduras e legumes
perdidos na geladeira, brilhos de um carnaval
nunca pulado, conceitos. a arte como tubo
metamórfico de vitalidades: rabiscos, esboços
de lagartas que passam lentas, inventos,
sonhos, borboletas, a-legria, e-moção.



arte ajoie provocando curtos-circuitos no conceito, desorientando as teorias, movendo as figuras estáticas para transportar a aventura do pensamento, propondo exercícios subversivos e diálogos inventivos para desconcertar pesquisadores. em zambarado e calunga da calunga grande: botando a inércia em cima de um skate. em deleuze: combatendo os famigerados *universais*. pensar vai ficando em posição de teoria: um fio d'água nos guiando para além das fontes barulhentas das praças gregas e nos levando a transbordamentos de pequenos rios de

encantamentos que fluem por terras periféricas: sumérias, mesopotâmicas e acádias. pensar e desenhar não são mais plicas de sinapses conhecidas e bem marcadas, mas caretas enigmáticas, *infância das coisas, patuidade*, transtornos. pensar como se desenha. desenhar exu no corpo para incrustar o corpo no território artístico de gaia como uma joia.



o coração é o mar. a língua, a costa.
 de onde quer que venha, o mar atinge a costa.
 o mar também abandona a costa.
 do que se trata, então? trata-se de captar forças.
 uma aula é uma emoção.
 eu faço, refaço e desfaço meus conceitos a partir de um horizonte movente.
 de um centro descentrado. de uma periferia, uma emoção deslocada que os repete e os diferencia
 [deleuze, 1998, p. 97-98].

e a alegria, zambarado, o que é?

-digamos que seja a outra de si mesma, a liberdade. algumas trindades são muito queridas aos encantados: amor, alegria, liberdade; mãos, olhos e batata da perna.

-mãos, olhos e batata da perna?

-ver é a maior liberdade. não foi esse o tema do nosso primeiro colóquio, quando te contei a respeito da produção disso que você chama de exu zambarado?

-e batata da perna?

-um dia, você vai se deparar com spinoza no bolso da sua calça jeans, bemtevi. você não imagina o que podem as práticas de um corpo no mundo.

-mas, e a batata da perna?

-a batata da perna, dizem os encantados, é o segundo coração. desse modo, caminhar é uma tecnologia de vida: os falsos problemas descem da cabeça e são triturados na batata da perna. quer produzir alegria? caminhe todos os dias e, depois, escreva, bemtevi!

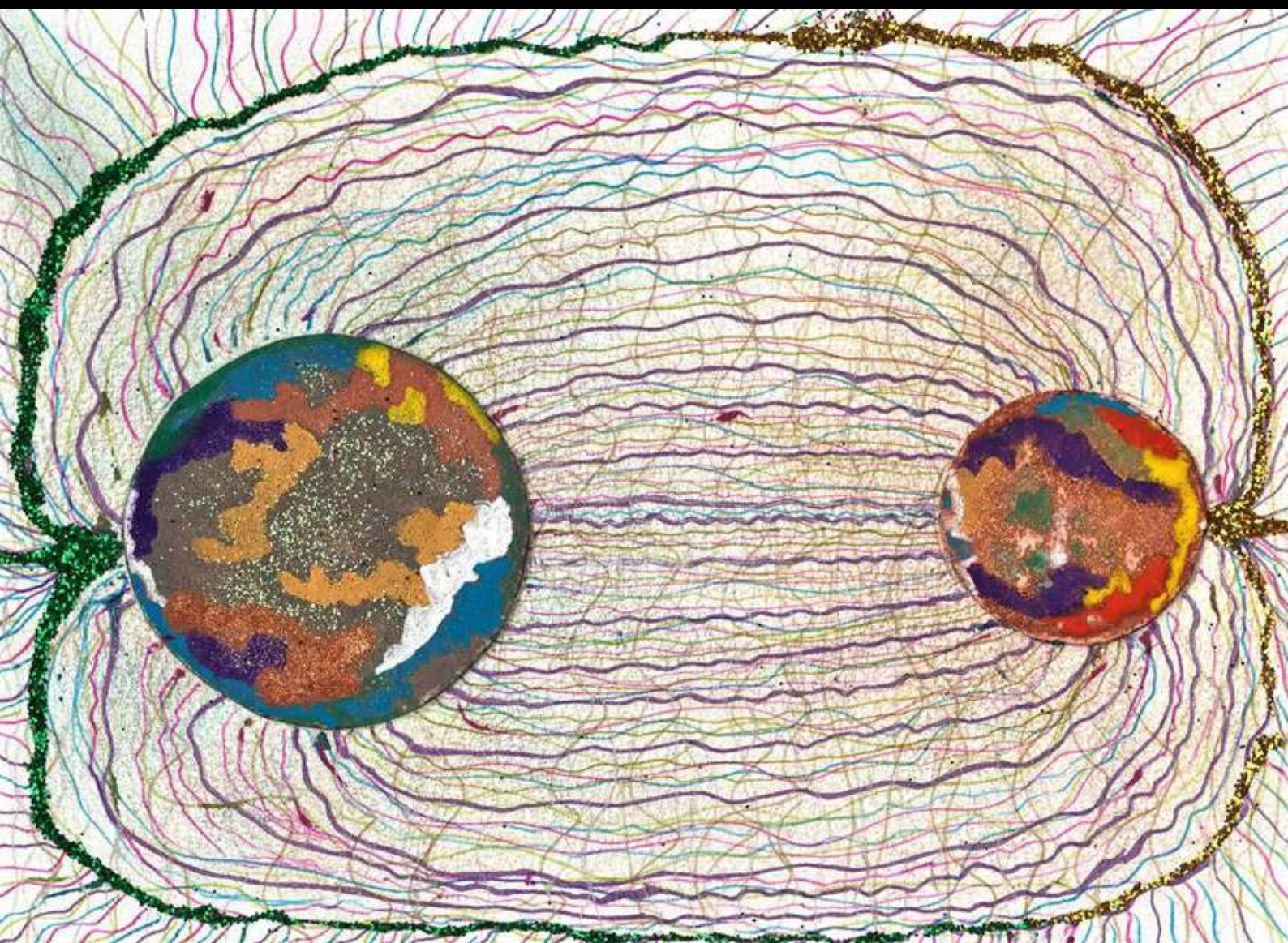
[zambarado, belo horizonte, 1998].



na profundidade do tubo, não somos seres, mas, sim, vibrações.
emoção é o efeito de ressonâncias de tons de diferentes frequências

[lapoujade, 2013, p. 65].

intuição



-a intuição é uma flecha gaiana disparada pela terra para que o corpo se lembre de suas potências. gaia é o verdadeiro médico filósofo que nietzsche reivindicou. as flechas gaianas estão cheias de arte, clínica, educação, alegria e cura de altíssima qualidade. com elas, a terra inocula sua linguagem nos corpos e, nessa linguagem, há dispositivos de acordar potências. mas, atenção! não é nenhum milagre operado por interferências extrafísicas. eu advogo como sendo a beleza de acertar o passo do próprio corpo com o passo do corpo da terra: seu genoma no genoma de gaia, seus elétrons nos elétrons de gaia, prontos, diariamente, para uma revolução, como quer ana godinho e angela davis. e, insisto: não é uma questão de transcendência que põe a realização em deus, jesus ou buda. a realização é, em primeira instância, uma movimentação exaustiva do corpo. que realização é essa? alterar o genoma com novos peptídeos de sorriso, gratidão, amor, arte, alegria, liberdade e diferença [a sétima do maravilhoso de zambarado] cuja realidade é propositalmente muito pequena no projeto nefasto da civilização. eu advogo essa autogestão como possibilidade e oportunidade de produzir graus de coletividade capazes de reativar a terra na comunidade cósmica. e é isso que gaia vai movimentar, com todas as suas forças, num grau intrusivo máximo, até 2044

[calunga da calunga grande, belo horizonte, 2017].

-intuição nada tem a ver com sexto sentido ou religião. intuição é uma emanção da terra. intuir tem a ver com o grau de amizade que um corpo tem com a terra. seja esse corpo humano ou não humano. observe, a partir de agora, a amizade que os reinos vegetal e mineral têm com a terra e amplie sua visão sobre intuição. depois, observe a terra devolvendo amizade a esses corpos e fazendo a ligação com a sua própria amizade com o cosmos com o qual ela dança. a terra faz sinapses com o nosso endoplaneta, o cérebro, que vaza para fora de nós e da própria terra, alcançando os elétrons do universo. gaia também está se esforçando para alterar seus próprios códigos para ser reintegrada, por assim dizer, à comunidade cósmica. talvez, por isso, bergson tenha dito que a possibilidade da alegria já esperava por vocês aqui na terra e foucault, relendo walter benjamin, tenha falado o mesmo sobre a liberdade. as flechas gaianas são modos que a terra possui de despertar, especialmente os corpos humanos, para que a colmeia que ela é não colapse como as colmeias das abelhas estão colapsando. as flechas gaianas são o reverso da gaia intrusiva de stengers. é como se gaia promovesse intrusões como um favor terrano aos seus estares

[calunga da calunga grande, belo horizonte, 2021].

-a intuição é destruidora, a sensação é criadora e a emoção funciona como um marcador. intuição é o que destrói padrões arraigados, oferecendo o novo. há uma oração que pode ser rezada diariamente: “todo mundo que pisa neste planeta tem direito à consciência. portanto, reivindique o direito à consciência. esse é o maior ato político de um corpo humano”

[calunga da calunga grande, belo horizonte, 2022].



a intuição experimenta as intensidades das diferentes singularidades propostas pela vida. **uma diferença que capta o movimento das coisas e realiza mais diferença ainda** [bergson, 1931, p. 91, grifo do autor].

-a intuição é como a água. a água passa por um caminho e quer sempre passar por ali. os veios já estão bem marcados. para que a água passe por um novo caminho, é necessário ir marcando esse novo caminho. é dessa estética que fernando pessoa está falando: vá insistindo com o novo, marque o novo, reforce o novo. vamos pensar junto com a biologia: a neurociência já reuniu informações bastante relevantes sobre a interferência da pulsação do corpo sobre o que acontece ao redor dele. as frequências, as velocidades e as vibrações que saem do corpo podem causar mudanças ao redor. quando se faz um pensamento novo, o rna mensageiro vai procurar, imediatamente, correspondências no tal dna “adormecido” – os 98% de informações que se supõe ser um arquivo akáshico endógeno. ou seja, se isso procede, estamos falando de uma memória cósmica dentro do corpo humano. com isso, o rna mostra que há realmente possibilidade de novos caminhos a serem marcados. por isso, zambarado dizia que o pensamento é o maior alterador de consciência. protágoras disse que a medida do universo está dentro de nós. nietzsche advoga a filosofia como uma medicina. eu defendo o esforço do pensamento como um enteógeno capaz de modificar o genoma. a intuição é o pensamento da terra flechando o corpo humano. é disso que guattari está falando quando pergunta o que pode colar a cabeça no corpo e corpo no mundo. porém, não é uma questão de fé e transcendência, mas, sim, de esforço e imanência. parece haver uma agenda íntima a ser cumprida para colar a cabeça no corpo para que o próprio corpo possa criar uma agenda externa que o cole novamente no mundo. parece que é produzindo mais peptídeos no genoma, em decidida autogestão [um xamã de si mesmo] que a terra pode produzir, também, seus próprios peptídeos, corrigindo graus de sua própria erraticidade no concerto geral das nações cósmicas. a beleza é: o corpo da terra parece estar mais radicalmente vivo do que o corpo humano, então, ela mesma se dispõe a disparar flechas para acordar e movimentar a inércia do corpo de vocês. eu sei que stengers está falando de *intrusão de gaia* num outro sentido, mas, para mim e os encantados, essas flechas fazem parte do pacote intrusivo de gaia

[calunga da calunga grande, belo horizonte, 2015].



a ética de spinoza diz que deus é singularidade e diferença, e a virtude suprema consiste em conhecer pela *via do terceiro gênero de conhecimento* que consiste em conhecer os seus atributos. a potência do pensamento consiste em conhecer pelo *terceiro gênero do conhecimento*. quanto mais o pensamento pensa por essa via mais ele deseja pensar por essa via porque é nela que o pensamento é afetado pela alegria. se a terra é pura singularidade e diferença e o corpo^ψ está com a terra, então, pensar pelo *terceiro gênero de conhecimento* é receber da terra suas singularidades e suas diferenças. e receber da terra suas singularidades e diferenças é a nomeação do exu calunga da calunga grande para intuição. assim, intuição é a *terceira via de conhecimento* espinozano e calunguiano. mas intuição, aqui, não é nada extrafísico e, sim, a intuição bergsoniana: uma *inteligência que dobra* junto com a terra – uma singularidade telúrico-divina –, já que o deus de spinoza nada mais é do que singularidade e diferença. assim, meu pensamento é nosso pensamento, o que desloca o ato político da mera ação para a potência. em calunga da calunga grande e spinoza, **a intuição é uma**

potência de gestão compartilhada numa terceira via, quando peptídeos

produzidos entre o corpo e a terra entram no jogo, criando novas sensibilidades que podem até alterar o genoma.

-voltemos ao “somos todos um”. a questão é que realmente somos todos um, mas, não existimos como tal bicho esquisito. a vida de vocês está assentada e articulada a partir dos valores e dos materiais do capitalismo. e, nós já estamos cansados de saber, que o capitalismo é miserável e seus materiais, redutores. vocês amam uma pessoa, fazem filhos, constroem casas, abrem contas nos bancos, sofisticam a tecnologia. tudo em nome individual e unitário ou, quando muito, para os que vocês dizem amar. todos os recursos e o sustento seguem uma trilha nucleada na satisfação e proteção desses corpos nucleados no mundo. vocês vivem o “somos todos um” de modo cristão para aplacar males inventados pelas religiões: culpa, medo... entretanto, por mais autoajuda que possa parecer [e correndo o risco de um uso arriscado do termo], o tal “somos todos um” parece ser, desde einstein, como eu já disse, uma premissa da estrutura de funcionamento do universo e não um dogma religioso. mais uma vez, a questão toda é de esforço de pensamento, a incômoda tese da imanência. mas, esse esforço requer um corpo radicalmente vivo diante da própria encarnação e disponível para as flechas intuitivas de gaia [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2019].

^ψlembrando que em spinoza o corpo não é separado do pensamento: a cabeça está colada no corpo e o corpo está colado na produção de mundos.

-o que vocês chamam de fenômeno já foi, num passado não muito distante, um ato meramente técnico e físico. por exemplo, atravessar paredes. por que vocês chegaram num lugar tão miserável de entendimento da realidade? eu não sei, mas intuo que ter acreditado na falácia da separação tenha sido determinante. quanto mais separado, mais difícil fazer ciência que seja fruto realmente das premissas cosmogônicas da entropia do universo. o “somos todos um”, mesmo capturado para o balaio do ridículo pelos macro poderes, faz parte da estrutura dessa entropia. isso já é sabido, desde einstein. podemos dizer que isso é uma faixa de realidade entre as muitas faixas de realidades existentes no cosmos. mas, a dificuldade da ciência positivista é incluir isso na equação científica. na história do aparecimento da raça humana, a novidade inesperada é que houve uma rebelião de elétrons e estes se associaram à arte, à alegria, à liberdade, à diferença e a uma sofisticação rara chamada sorriso. mas, isso ainda não está nos autos. é aí que você entra, monja: escreva para aumentar a realidade das filosofias de exu [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2019].

em “o riso e o cômico”, bergson diz que não há sorriso fora do propriamente humano e que ele está ligado à intuição. **o riso desfaz a crença de que estamos separados.** bergson associa o sorriso ao ato de inteligência primal do corpo. **o riso é, então, juntando**

spinoza, zambarado, calunga, gaia e bergson: um flow

coletivo. não é uma coisa puramente introspectiva: precisa de eco. seu discurso externo, então, é parte intrínseca: há uma função política mesmo quando notadamente fazemos aquilo que calunga chama de a grande inteligência humana que é rir de si mesmo. não estamos separados. somos todos com a terra na lida de produzir esse flow coletivo que nos torna cada vez mais humanos. o riso “explode” o cérebro.

nota: calunga diz que quem deu o primeiro sorriso foi pandora que, hoje, infelizmente, se encontra enclausurada dentro de um mito. o sorriso de pandora, nos primórdios de bilhares de anos, foi o primeiro ato contra o patriarcado, segundo a lenda que corre na comunidade científica virtual.

movimentando sinapses tradicionais, em caminhos já marcados anteriormente, nosso cérebro roda na chamada *linguagem glutográfica*. as palavras vão formando um filme que aos poucos vai se dando a ver. pegamos a folha e vamos escriturando um pensamento que também vai

sendo destrinchado. no entanto, a intuição e o sonho são *linguagens semasiográficas* que “explodem” o cérebro, criando outros marcadores. é aí que ele vaza. é desse vazamento que ganesha está falando quando diz que uma escrita de exu é aquela que não perde velocidade entre a cabeça e a mão. o desenho precisa ser reanimado como um modo de escrita nas pesquisas acadêmicas, diz ingold. o desenho é semasiografia capturando um instante em todo o seu esplendor. o desenho é uma escrita de fio da navalha.

desenhar sempre fez parte de minha vida. inspirada por ingold e sua defesa dessa escrita outra que precisa ser exercitada também nos textos acadêmicos, voltei ao desenho para não me esquecer da menina de 14 anos que produzia alegria com as mãos, segundo zambarado. em existência compartilhada com ele, calunga da calunga da calunga grande, ingold e ana godinho gil, especialmente, a estética é não somente a verticalidade dos gênios escolhidos, mas, uma *prática corporificada* e horizontal que pode prestar um serviço no reencantamento entre a cabeça e o corpo e entre o corpo e o mundo, refazendo o elo, como pede guattari.

e o pensamento como esforço? o pensamento como esforço é uma estética que começa aprendendo a descartar os primeiros pensamentos que chegam, os reconhecíveis dos interesses pessoais. deleuze diz que o que nos força a pensar é o *sensível dos encontros*, aquilo que intensificou nossa sensibilidade e nos forçou a contemplar na violência própria do encontro, na *discórdia de outras faculdades* presentes. e é nessa espécie de pacto impessoal entre contrariedades que o pensamento como esforço, o pensamento como arte, acontece. essa bisonhice do encontro é um *devoir-com* que inventa um pensamento que é criação, produção e arte. calunga da calunga grande diz que os primeiros impulsos mentais não sorriem e estão sempre conduzidos por um sentimento manipulado pelas forças externas que agenciam o corpo humano para fins de dominação. talvez, por isso, spinoza diz em pensar pela terceira via, quando as primeiras ondas emocionais já foram devidamente surfadas pelas singularidades contidas nas flechas gaianas cuja inteligência telúrica dobrada, a intuição, já viajou de gaia ao nosso corpo, alcançando diretamente o coração. o pensamento como esforço é uma estética que consegue crivar o caos e nasce de um esplendor de dignidade de gaia e do corpo: uma agenda de produção de protocolos de coexistência e coabitação.

entretanto, nem spinoza e nem deleuze&guattari dizem da relação de intimidade que existe entre esforço de pensamento, terceira via de pensamento e respiração. zambarado e calunga da calunga grande fazem essa ressonância e lembram que ainda existem restos de textos

apócrifos sumérios, acádios e caldeus, que conseguiram burlar o apagamento e o cancelamento sistemáticos impingidos pelas macro forças dominantes [igreja, estado, bunker de endinheirados e cúmplices – e seus crimes cometidos contra a produção de conhecimento fora dos cânones hegemônicos], que também aliam esforço de pensamento, terceira via de pensamento e uma *educação atenção* voltada primordialmente para a respiração. isso me lembra ana godinho gil me dizendo no nosso encontro em lisboa que muita coisa do que deleuze pergunta o oriente já responde há milênios. parece uma aplicação exemplar da frase “exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou agora”.

calunga da calunga grande diz que as forças por detrás da imagem são sempre forças cuja primeira explosão sempre será o desenho, especialmente o desenho feito com a outra mão, a mão inusual, aquela que o corpo não carimbou como coordenadora oficial de seus movimentos no mundo, aquela que capta, por estar fora dos interesses práticos reconhecíveis, o que deleuze chama nas entrelinhas de sua filosofia de *intuição da sensação* cujo maior ícone talvez seja o poeta fernando pessoa, visitado de modo minucioso, quase devoto, pelo grande ensaísta josé gil. em “fernando pessoa, ou a metafísica das sensações”, o filósofo diz de um *laboratório de desassossegos* que logo agencei e transformei num **gabinete de desassossegos de exu**. ressona em bergson, em deleuze, em souriau e no próprio exu: o desassossego das pessoas de pessoa criando *patuidades* que forçam o pensamento artístico mais insólito por meio de um *plano de imanência* que junta sensação e intuição, passando pela e-moção. os desassossegos de pessoa em gil criam a partir de heteronímias: produzir *modos de existência* em devir-outro e *devir-com*. é no que exu chama de lado de dentro do fora [a brecha] que a arte germina, floresce e regenera: uma consciência da arte e uma arte da consciência: uma consciência da consciência, a terceira etapa do *laboratório de desassossegos* de pessoa em josé gil: a expressão acontece quando o ver já viu, quando o corpo recebeu as **flechas gaianas** e o curare já atingiu o corpo. a consciência da consciência é **consciência sem sujeito** zambaradiana ou *terceira via* espinozana, cheias de devires-outros, multiplicidades, “pois cada modo deve encarnar-se”, diz gil, ou construir uma alma, dizem exu e souriau.

não há um sujeito artístico, mas uma multiplicidade; não há apenas um devir-outro, mas uma pluralidade indefinida. obtem-se então o mais amplo leque dos

modos de sentir: assim se cumpre o programa que prescreve que tudo seja sentido de todas as maneiras [gil, 2020, p. 29].

há um exu nesse pensamento. há claramente um exu em josé gil. não obstante, zambarado chamava fernando pessoa de “o exu do ocidente”. meu encontro com josé gil e foucault nesse período pós-qualificação foi só felicidade. para michel, tenho até canção. mas esse michel cheio de exu dentro foi presente de carô murgel. há muito de zambarado e calunga da calunga grande nas *técnicas de si* foucaultianas. de josé gil, eu sabia da estética fina e sensorial que escorre desde os caleidoscópicos títulos de seus livros. comprei “fernando pessoa, ou uma metafísica das sensações” agenciada por uma milionésima visita aleatória ao meu mais antigo caderninho zambaradiano de campo. lá estava escrito: “fernando pessoa é o exu do ocidente”. aí, me lembrei que a n-1 havia publicado o livro de gil. corri atrás e... uau!!! josé gil é um exu que instaura seu próprio gabinete de éticas e estéticas intersticiais. que esforço de pensamento como arte! que escrita deleuzana! que beleza rara! paixão imediata!

o **gabinete de dessassegos** de gil e pessoa é a **oficina híbrida aberta** da **metodologia das sutilezas** de zambarado e bemtevi.

[excerto cantado: o corpo utópico de michel foucault]

corpo não tem lugar, é cidadão do sol
 pé, boca e coração que vem do pó, do breu
 vem do egeu, do mar, do chão, do japão
 corpo que vive só, corpo que dá um nó
 quando não vê a luz, a sua própria luz
 a luz do céu, a luz do seu coração
 corpo que dança o toré do pará!
 corpo que reza o credo de judá!
 um ponto zero, um corte fundo...
 devir de luz solto no mundo
 navega a brecha
 entra e sai da matrix, trix, trix, trix...

mas voltemos aos desenhos.

os 21 esboços desse tríptico foram produzidos com a mão esquerda, seguindo orientação de zambarado e ccg. ccg advoga que os desenhos têm uma agência própria: têm a ver com as sensações que transitam sem o afã de conquistar uma semântica. não há um sujeito unívoco desenhador como podemos perceber a partir da citação de gil. ccg advoga, também, que desenhar pode aumentar a amizade com o método [o *pathos*, o caminho]. para ele, o pesquisador é alguém que quer criar espaço-tempo para as manifestações alheias, o artista utiliza o campo para inspirações próprias e o artista-pesquisador [o artista-xamã] usa a pesquisa como imersão/fonte de inspiração e, depois, se coloca a serviço das estéticas do outro. entretanto, ccg lembra que as metodologias artísticas ainda são “desautorizadas” pela academia e cabe ao artista-pesquisador-xamã romper essa barreira, esse resquício cartesiano.

quando comecei os desenhos, algo se apresentava e eu tentava desenhar, querendo chegar numa imagem conclusiva. depois, ccg foi me mostrando que o desenho tem uma coisa oblíqua, uma coisa que sugere que ele continua em algum outro *plano de imanência* que não aquele produzido por mim e a folha.

o desenho vaza por entre *planos de imanência* da terra...

o desenho sempre continua...

eu desenhei muito nessa tese e observei algo que ccg havia me falado ainda no metrô: as forças por detrás da imagem são rebeldes, as forças por detrás da imagem são totalmente incontroláveis. desse modo, o exercício foi o de afugentar delineações bem acabadas que o cérebro insistia em formular a priori, à revelia das movimentações irregulares das mãos. o papel sempre queria puxar o desenho para uma plasticidade apolínea, mas a rebeldia imanente das forças por detrás da imagem iam marcando seus novos [e ainda precários] caminhos feito a água. então, ccg me mostrou que eu precisava respeitar a têmpera cinética das forças por detrás da imagem, projetando-as em desenhos que permitissem uma participação diligente do devir: permeabilidade, movimentação do movimento e doação para o futuro.



a rã azul

criar, do antigo latim *creare*, que, no passado, significava tanto criar como crer, é, em exu, um modo artístico. zambarado repetia isso como um mantra e sempre acrescentava que a palavra criança, uma grande criadora de *modos de existência* e *personagens conceituais*, também provinha dessa mesma grande raiz.

entretanto, esse crer não é um crer religioso. trata-se da confiança que faz parte da experiência e do ato filosófico de que falam tanto zambarado quanto lapoujade. trata-se da criança entregando à experiência aquilo que ela tem de mais caro: seu próprio corpo. trata-se da filosofia como criação e confiança num pensamento que desloca, questiona e se apresenta como um elemento singular de perturbação – ou o que nietzsche chama de *modo intempestivo*.

nietzsche diz que só cria novas possibilidades quem acredita na potência da vida e que devemos nos esforçar ao máximo para tornar as realidades que criamos cada vez mais reais. cada *modo de existência*, cada *personagem conceitual* criado, é uma ocupação artística da terra. o desejo genuíno de um *personagem conceitual* é criar e realizar encontros para alongar o pensamento e trazer o novo para o lugar onde se habita.

o rosto e o corpo dos filósofos abrigam estes personagens que lhes dão frequentemente um ar estranho, sobretudo no olhar, como se algum outro visse através de seus olhos [deleuze&guattari, 2010, p. 89]

os *personagens conceituais* buscam medidas, princípios e orientações para a vida. a pergunta sempre é: como podemos enfrentar os desafios que precisam ser enfrentados? talvez, o que se queira dos *personagens conceituais* seja a criação de dispositivos para voltar a crer no mundo: criar conceitos que recuperem a nossa crença no mundo como produção de vida, de consciência transdisciplinar, de corpos radicalmente vivos. a enorme tarefa dos *personagens conceituais* é intensificar a vida, apostar no devir, doar para o futuro.

os *personagens conceituais* têm gosto pelo pensamento, pela filosofia e pela escrita. sua espada é sua caneta. o grande deleite deles é manejar essa espada para enfrentar os desafios colocados pelo *plano de imanência*. o *personagem conceitual* tem sempre um verbo: o nômade caminha, zaratustra fala, dionísio dança, a rã azul sonha.

a rã azul é um *personagem conceitual* calunguiano, apresentado por ele a mim em setembro de 2018, após relato de quatro sonhos seguidos com o mesmo tema e cenário.

no primeiro sonho, havia um touro parado numa paisagem verde, aberta, sem céu. era tudo terra e o touro estava no centro. o sonho consistia somente nesse frame, como se alguém estivesse exibindo um filme de um slide só em *looping*. **no segundo sonho**, sem *looping*, o touro recebia na cabeça picadas de 12 marimbondos sob um céu muito azul que se abria sobre uma terra verde-escuro. **o terceiro sonho** trazia o touro encarando, com um olhar muito terno, algo que só ele via. o vento soprava as picadas e animava o touro, fazendo-o cantar suavemente. **no quarto sonho**, uma rã azul sorria para o touro e completava o quadro insólito.

a pergunta de calunga da calunga grande foi: sonhou de uma vez só ou de muitas vezes seguidas? e, sem esperar a minha resposta, disse que a rã azul é uma professora encantada de sonhos e de modos de sonhar. a sua presença no último sonho, segundo ele, nos dava o aval para iniciar um estudo sobre técnicas de como continuar sonhando um mesmo sonho, em dias seguidos ou alternados, tanto de olhos abertos quanto de olhos fechados. segundo calunga da calunga grande, a rã azul é uma diplomata que vive nas fronteiras entre os encantados e os exus. uma xamã que se dá a ver apenas quando quer. de repente, numa brecha qualquer, ela aparece. recebi da rã azul dicas que me lembraram zambarado: **todo e qualquer sonho deve passar por uma sistemática e sofisticada agenda de notação.**

notas de pálpebra: após despertar, ainda de olhos fechados, escrever com as pálpebras [usando as pálpebras como lápis e a íris como caderno] todas as lembranças do sonho, sem se preocupar com sequências lógicas nem temporais. só abra os olhos, quando tiver completado a recordação. observação: não esfregue os olhos.

notas de depósito: abra os olhos e faça um reconhecimento de sensações. sinta em quais partes do corpo o sonho foi depositado e ative-as com uma massagem leve. observação: use as pontas dos dedos e uma gota de óleo essencial de rosmaninho, um arbusto do cerrado que, segundo a rã azul, possui propriedades simpáticas ao movimento do líquido da medula, às sinapses cerebrais e ao sistema límbico.

notas de esboço bruto: em seguida, escreva tudo num caderno específico: sem julgamentos, sem sequências lógicas ou temporais, e, principalmente, sem edição.

notas de escrita fina: já editando, proponha textos variados: poemas, contos, argumentos e reserve por algum tempo [dias, meses ou anos].

notas de memorabilia: volte aos textos, depois de dias, meses ou anos e continue escrevendo, mesmo que para fins desconhecidos ou desnecessários.

ritmoprática para sonhar de olhos abertos

de pé, observe o entorno, localizando direita, esquerda, lados, frente e verso. como um vitruviano que vaza espaço e tempo, imagine uma cartografia e faça uma rosa dos ventos nela, a partir desse reconhecimento do entorno. em seguida, feche os olhos e abra o corpo para o sonho chegar. dica da rã: desenhe um pequeno eletrograma do sonho [as forças por detrás da movimentação do filme]. use lápis de cor para descrever sensações e construir narrativas.

ritmoprática para sonhar de olhos fechados

deite de barriga para cima [cabeça quase rente ao colchão ou sobre um travesseiro baixo], cruze as mãos sobre o timo [localizado no começo da caixa torácica], respire com atenção máxima ao ar que entra e sai, puxe delicadamente o corpo pelos calcanhares, como se estivesse desenhando setas para cima e para baixo, de modo a sentir as batatas das pernas arderem, continue respirando atentamente em 1/3/1 e chame o sonho. quando entrar no sonho, experimente exercitar a lembrança de que você é o sonho, mas tem um corpo. repasse as partes do corpo. observe com atenção as palmas das mãos e todas as coisas orgânicas que aparecem. se o sonho trazer a sensação de que você deve sair de dentro dele, saia imediatamente.

-vamos repassar o seu sonho: um sonho em que aparecem um touro e uma rã azul é definitivamente um sonho anárquico. uma anarquia que atua entre um estado mental e um estado emocional. pode nos dizer, ainda, que é quase impossível ser sensível sem ser melancólico. um touro que canta com um olhar terno nos diz de sensibilidade e melancolia. quem sonha com um touro melancólico e uma rã azul professora de técnicas oníricas já colocou o pé nas brechas e, provavelmente, vai viver o restante de seus dias nelas. o touro e a rã azul dizem ao sonhador que já existe uma fina camada entre ele e o mundo. nessa membrana, já é possível ver aquilo que bergson chama de alegria *a priori*. um sonho cujos protagonistas são um touro cheio de ternura e uma rã azul é pura metodologia das sutilezas e metodologia das sutilezas é escrita da direita para a esquerda, assim como a escritura oriental dos chineses. eu poderia dizer tudo isso também de outra forma: você é uma artista xamã, uma oriental como deleuze. essa é a cesta de presentes trazida pelo touro e pela rã azul. um sonho sempre é arte, clínica, educação, alegria e cura para quem sonha, para quem está no sonho e para quem ouve sobre o sonho [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2018].

a capacidade do pesquisador não é apenas criar. é, como diz agamben, rastrear e usar assinaturas, além da sua própria, fazendo, desse rastreamento, a sua própria assinatura. isso é inseparável da disponibilização pública. a pesquisa vive e sobreviverá desse exercício de liberdade individual e generosidade coletiva. portanto, ser pesquisador é estar aberto para o rastreamento constante [sobreposição, eee, comcomcom, justaposição] de outras assinaturas sobre a sua própria. vida é *agenciamento*, diz deleuze. então, vamos lavar o coração dessa palavra. **o que pode ser um agente? tudo que cria, alarga ou multiplica a potência no encontro.** aqui, deleuze mostra o quanto amou spinoza. calunga da calunga grande diz que no encontro com seu cavalo capturou frequências de devires capazes de produzir experiências de grau zero para serem vividas, até por ele mesmo, na passagem de seu fluxo. na passagem do fluxo exu noutros corpos existentes, aqui, no caso, seu cavalo e eu, chamados comumente de *médium* e assistência, é que os *modos de existência* são compartilhados. é nessa brecha criada pelas existências compartilhadas que exu trabalha.

para ele, do ponto de vista cartesiano [o projeto do império], é necessário deseducar o que chamamos de sentimento: tirar o ego do caminho ou pelo menos nocauteá-lo. olhando a partir de bergson, para quem educar os sentimentos talvez seja o compromisso da educação, calunga da calunga grande diz que toda despotencialização provém de falta de gestão das emoções que geram sentimentos deseducados, embolados, inchados, fora de seus funcionamentos orgânicos, produzindo corpos facilmente capturáveis e agenciáveis pelas lógicas dominantes. essas engrenagens fazem parte de um projeto político de “civilização”. as lógicas hegemônicas manipulam os sentimentos para fortalecer o ego. o ego é uma espécie de bunker do império em cada corpo. o ego e os hormônios se tornam, então, aliados do império. o trabalho dele, portanto, partindo desse ponto de vista, é de deseducação. inspirado em ingold, calunga da calunga grande chama essa deseducação de *educação da atenção* para a produção de arte, clínica, educação, alegria e cura.

para ingold, educação é modular a atenção no corpo junto com a terra. esse é o feitiço: a sensibilidade ativada em grau corpóreo de atenção. a flecha da sensação atinge o corpo, ressoa e entra em existência. a flecha da emoção, já em movimento mais denso, quer apenas viver. mas é a flecha da intuição que está modulada o suficiente para aprender. a produção de conhecimento está envolvida nas sutilezas do raio intuitivo: a terra flecha o corpo e o corpo intuitivo modula os saberes.

respirar é a arte da atenção plena, diz calunga da calunga grande. e continua: o conhecimento, então, acontece no sopro, no vento, na dança ininterrupta entre o ar que entra e sai do corpo. essa é a nossa matemática mais constante. no sonho, o ar entra e sai com o ego baixo. a terra nos flecha e nós flechamos o conhecimento. o vento presta um belíssimo serviço de tirar os estares da inércia. e onde o vento está em suavidade? no canto e no sonho. cantar é modular suavidades do vento. sonhar é modular suavidades da terra. em ambos, o ego está de farol baixo. isso pode ser o zen.

arte, clínica, educação, alegria e cura são, portanto, indissociáveis. as ciências pegam fogo a partir de uma fagulha telúrica da filosofia: as flechas gaianas, como diz calunga da calunga grande. num corpo vira equação que sustenta teorias. noutro, vira música que também sustenta teorias. sonho, então, é matéria. em “sete lições sobre a física”, carlo roveli diz que a terra é um sonho que gira enlouquecido e gera frequências [estares] que constituem os centros do corpo: motor, emocional e mental. o que é um sonho? o sonho é um encantado que sabe ajustar devires às frequências entre os corpos dos sonhadores e o corpo da terra. o sonho é um devir dançando na superfície da terra.

a rã azul diz que a vida é usufruto de fluxos e pergunta: por quais fluxos se navega? os fluxos da rã azul são suas próprias travessias. travessia é a sua condição *sine qua non*. quando aquilo que ora plainava ganhou carne, iniciou-se a travessia e nasceram atravessamentos. as travessias exercitam passagens. o exercício nômade das passagens e dos atravessamentos exigem bagagens leves. a rã leva apenas o seu azul porque a natureza fez arte no seu corpo.

e você, o que leva em sua bagagem: chumbo ou arco-íris?

líricas breves para a construção de uma alma

eu me lembro de calunga da calunga grande dizer que os dinossauros continuavam a existir dentro da lírica deles. do exercício de deixar essa conversa descer para as batatas das pernas, nasceu o repertório de “líricas breves para a construção de uma alma” cujos processos de concepção e produção foram coordenados por ele. líricas é um disco experimental. 90% do repertório de 28 canções foi gravado a capela. é um trabalho que celebra a voz como o principal instrumento musical humano. desde o começo, calunga me disse para produzir fora dos cânones já estabelecidos: inaugurar outras estéticas. a gravação não foi feita em um estúdio e, sim, na casa de um amigo,

nos *entretempos* das nossas agendas. levamos quase quatro anos para finalizar e, depois, mais um para, finalmente, lançar.

uma curiosidade que vale a pena revelar é que o texto de abertura e encerramento é em yorubá, ditado em sonho por zambarado: *“keô, elegbara, ara ê ê, agô nilé mofori gbale!”: ó exu, rei das ruas, venha varrer toda a maldade!*”. na abertura, quem declama é o cavalo de calunga da calunga grande, e, no encerramento, aquele que foi o cambono de zambarado, apontando já uma das minhas hipóteses nessa tese: calunga da calunga grande e zambarado são espaço-tempo sobrepostos.

o álbum foi o vencedor do prêmio flávio henrique de música 2021, concedido pelo bdmg cultural a compositores com domicílio em minas gerais. uma mulher cancionista ganhando um prêmio, num cenário tão masculino, como é o da canção brasileira, é um feito e tanto. ainda mais, quando o produtor é um exu. sobre o disco, diz a cantora fabiana cozza, que fez parte do corpo de jurados do prêmio: *“escolhemos um álbum que pudesse ser barca e fundamento da canção feita no brasil”*. ccg foi pontuando várias questões no texto de abertura que fomos produzindo juntos, durante os nossos encontros, quando estávamos estudando o livro *“as existências mínimas”*, de lapoujade. durante alguns sábados, ccg me recebia para 20 minutos de prosa poético-filosófica. nossa metodologia era mais ou menos assim: no início de cada ano, decidíamos como seriam os encontros. em 2018, resolvemos falar só de filosofia e não mais de demandas da encarnação. então, eu escolhia um livro e a gente se debruçava sobre ele. lapoujade foi o autor ao qual mais nos dedicamos.

texto de apresentação do álbum, escrito junto com ccg:

líricas breves para a construção de uma alma são vozes que instauram eternidades no trajeto entre nascer e morrer: outros *modos de existência*, novas maneiras de povoar a terra. a nudez do registro tem caráter de *instante-já-da-coisa*, tomando emprestada a filosofia de clarice lispector. seres plurimodais, como diagnostica lapoujade, fluidos e voláteis. narrativas sobrepostas e narradores que entram e saem como virgínia woolf gosta: uma mulher velha que atravessa grandes águas. mas, o que é breve? breve é existência compartilhada com outras faixas de realidade. quando a luz se acende, na película alucinante chamada vida, descobrimos, perplexos, que é tudo cinema. e mais: o interruptor está ao alcance das mãos. e ainda mais: podemos sair a qualquer minuto da projeção, mudar de sala, trocar de filme ou observar, estupefatos, que estamos em bilhares de fotogramas diferentes! há uma testemunha que, sem julgamentos, cria um *plano de imanência* intensivo e intempestivo.

repetindo lapoujade, breve *“não permanece na fraqueza de cultivar apenas a força, porém, tem a força de estar à altura da própria fraqueza”*. breve racha e habita o entre, um território que, desterritorializado pela máquina de guerra do capital, confunde essa mesma máquina e se

reterritorializa, livremente, em perigosa alegria que conversa com pedra, anda em nuvem e sorri para uma paisagem que o algoz não vê.

“uma alegria de dentro, mas, topologicamente, em contato com o fora, no qual se nutre e recia incessantemente. perigosa e não separada das mortes pelas quais é necessário passar para liberá-la. uma gaia ciência” [deleuze, 2002, p. 84].

o império trabalha para catalogar breve como uma subjetividade sem potência. mas, não nos enganemos, o corpo de breve enfrenta a necropolítica fascista com a mesma mansidão que o traíçoeiro e desimportante devir-ferrugem come o vistoso e brilhante metal da grande faca, como diz o rosa. breve não quer mudar o mundo. breve quer ser outro no mundo. um ninguém de cidadania cósmica que vai humanizando a humanidade desumanizada.

“o diabo é às brutas, mas, deus é traíçoeiro que dá gosto! deus vem vindo que ninguém não vê. ele faz é na lei do mansinho. esse é o milagre. deus ataca bonito, se divertindo. um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro de um tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei... amanhã, eu tiro, falei. era de noite e luz nenhuma eu disputava. no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sido corroído por aquela aguinha toda quieta. só restava o cabo que era de chifre de galheiro. bem, aí está deus. o senhor ouviu, sabe e me entende” [rosa, 1956. p. 94].

breve é um intervalo, uma falha na matrix. a inocência perversa de frodo na qual o olho corrupto de sauron não consegue penetrar. mas, não corre leite e mel em breve. breve é uma episteme que possui vocação para acolher famigerados paradoxos, criando quartos e quintos logos. os exus zambarado, gavião varredor de porta de escola, rinoceronte do mar e calunga da calunga grande, porteiros de breve, dizem: **“a janela de breve uma vez aberta nunca mais se fecha. os dinossauros continuam existindo na lírica breve deles”**. as líricas de breve podem não ser visíveis nessa janela que nós convencionamos chamar de realidade. no entanto, elas continuam saltando de breve e atravessando nossos corpos, generosas e regeneradoras.

os exus são trabalhadores incansáveis das janelas encantadas de breve, mantendo-as sempre ventiladas para que os vedores vejam. vejam o quê? suas encantarias cúmplices, suas liberdades hábeis em responder à terra, suas disciplinas férreas, seus protocolos de gratidão e reverência à vida, suas experimentações inusitadas, seus resultados surpreendentes, suas *inoperosidades*. o vedor vê o mundo nos olhos de exu.

“o corpo inoperoso não está a serviço da máquina de guerra do império. ele dança para outro senhor e desativa as bombas de miséria do capital” [agamben, 2015, p. 35].

breve está em posição de teoria: introspecção, observação atenta, reflexão, contemplação. deleuze diria que o corpo de breve é sem órgãos: afetivo, intensivo, anarquista, fronteiro, gradiente e atravessado por poderosas forças não orgânicas. o corpo de breve não julga: apenas observa, contempla e escapa.

o corpo de breve sabe conversar com uma rã azul.

o corpo de breve sabe até saltar sobre a morte.

o corpo de breve é um exu.

clique no link e veja:

<https://drive.google.com/file/d/12YuK1jCMvd80cqXju30bt2L0rquHCTV2/view?usp=sharing>

depois de ver o vídeo, bata um paô para exu [3 palmas + 6 palmas + 3 palmas + 6 palmas + 3 palmas + 6 palmas + 1 palma] e só continue a leitura depois de dormir uma noite.

zazen 9

beba água, respire profundamente, clique no link e ouça de olhos fechados:

<https://drive.google.com/file/d/16FQ05yDlZDaL5XdzBwJAjuuqYvYtZqJ2/view?usp=sharing>

depois de ouvir, faça 1 minuto de silêncio e reinicie a leitura.

catáfora – subjetividades dissidentes

pandora, eva e lilith: rizoma de mulher na raiz revolucionária do sapiens sapiens



em souriau, catáfora não é mais nem luz nem sombra: os *modos de existência* começam a incorporar a própria bruma. nela, a instauração está atravessando alguma coisa já quase indizível que vai se mostrando bastante incômoda, pois está cheia de *subjetividades dissidentes*, pequenas catástrofes e *patuidades* cada vez mais lisérgicas e sutis. a fase catafórica é oscilante e derruba coisas que, ao caírem, erguem novos modos, antes quase nulos, em zonas anteriormente reputadas como estéreis, improváveis e delirantes. as ressonâncias entre as enteléquias de souriau e exu, aqui, são impressionantes e vão descansar no colo de foucault, com o suas milimétricas *técnicas de si* como ato político grávido dessa coisa grande, a comunidade. **segundo ccg e monja lib, é no radar da catáfora, também, que gaia aparece e se impõe como território artístico. ver a terra como um território artístico significa, portanto, ver que essa terra artística requer uma estética taru andé: um corpo apto para seu bailado e que, radicalmente vivo, cante, dance e produza alegrias capazes de fazê-lo querer continuar vivo e disposto à coabitação e à coexistência.** enquanto a instauração e a anáfora doem e cansam, por causa da quantidade de violência do ato de romper e se inscrustar, a catáfora incomoda pela quantidade de invisíveis que carrega. é a partir da catáfora que o não julgamento sugerido por deleuze se junta às principalidades da criação de *modos de existência*. os estares da catáfora são estranhos e aberrantes, mas muito amigos de gaia, no sentido profundo de abraçar suas diferenças, seus paradoxos, suas *contrarracionalidades*. **catáfora é um ataque direto e contínuo da intuição aos órgãos do corpo que, segundo calunga da calunga grande, relendo stengers, vem do curare contido nas flechas furiosas de gaia disparadas de modo ininterrupto contra nós, mas, paradoxalmente, em nosso benefício: como um favor celeste da terra, o território feminino e artístico. zambarado definiria catáfora como a beatitude absoluta deleuzeana: a entrega incondicional à vida como passagem que nos empurra para a liberdade como reconstrutora de multiplicidades trituradas pelo processo predatório de civilização.**

pandora, eva e lilith

essa formulação souriauriana quase panfletária diz muito a respeito dos desdobramentos que o diálogo entre monja lib e calunga da calunga grande [por ocasião dos nossos estudos de deleuze, lapoujade e souriau] produz:

a arte de ser é a variedade infinita de suas maneiras de ser ou dos modos de existência. a existência são todas as existências. a existência é cada modo de existir. em todos e em cada um deles a existência faz residência e se realiza. então, arte são todas as artes e cada modo de existência é por si só uma arte de existir. não esqueçamos que arte são caminhos que levam os modos de existência do nada à realidade através de sua patuidade inerente [souriau, 2009, p. 15, 111]

- meu pensamento congela. estou dentro de um grande não sei.
- pratique a *educação da atenção* e respire mais tempo dentro desse grande não sei. é uma brecha e você já sabe existir na brecha...
- exercito diariamente.
- produzir brecha é sempre um exercício de produzir existência para fora da realidade da própria espécie. lembre-se sempre disso.
- brecha com a rã azul, com o mestre bom floral, com exu.
- sim. brecha com exu. brecha com o guardião das brechas é muito potente. fazer brecha com exu nos movimentos de uma tese é um bom exemplo de pensamento como uma arte, de pensamento como esforço artístico.
- e o que seria um exu?
- forças por detrás da imagem. movimentação do movimento. muito embora, por razões óbvias, continuemos falando para poucos. falta velocidade aos corpos humanos para a aventura do pensamento como arte. vamos lavar uma palavra que está na moda: quântico. os poderes majoritários interceptam a melhor parte da brincadeira, é verdade, como fazem com tudo, e a vocês só restam subprodutos que ficam a serviço de uma psicologia de quinta categoria. assim, vocês acham que quântico é coisa de cientista maluco, o que é muito bom para a máquina de moer subjetividades do hipercapitalismo.
- o maquinário dominante é pesado...
- é. vamos alongar mais o pensamento: o império lucra milhões com algo que exu já sabe há muito tempo: multiverso. multiverso é um conceito que parece não interessar muito à multidão e sobre o qual ela sabe muito pouco. o multiverso produz brechas, metendo a mão na cumbuca do tempo-espço. isso está restrito ao que vocês chamam de virtualidades, ou a filosofias subterrâneas como a nossa. a multidão corre atrás de coisas “reais” e o império lucra bilhões com coisas ditas “irreais”. coisas que podem criar outros mundos possíveis e outras faixas de realidade. por isso, têm sua reputação manchada e são, rapidamente, rotuladas como irreais pela guerra híbrida. mas, exu clinica e educa para um pensamento de brecha que transgride essa ordem. o cérebro de vocês é um transmissor, mas é necessário financiar com recursos próprios a *educação da atenção* da qual ingold fala e que os exus estão falando há milênios. uma clínica da atenção, marcando no

genoma, a partir dos 3% de arbítrio possível – o epigenoma –, coisas aparentemente sem nenhum poder, mas que levaram muito tempo para aparecer nos traços do dna sapiens sapiens: sorriso, gentileza, dignidade, alegria, canto, dança. o sujeito é a parte manipulável da pessoa, um campo de ressonâncias forjado a partir das lógicas dominantes. o sujeito é manipulado pelo criador caído.

-criador caído?

-sim, há um criador que caiu na sua própria criação, mas essa é uma história muito longa que vamos deixar para outra pesquisa. o que quero lhe dizer é que a comunidade científica virtual à qual pertenço fala de equívocos básicos dessa criação que ficou, por assim dizer, incompleta. antes que você pergunte, vou lhe dar dois erros crassos: o humano é capaz de matar por prazer [e a civilização se estabeleceu sobre esse terrível marcador] e a misoginia [uma das coisas mais nefastas do mundo de vocês] está ligada aos primórdios do fascismo desse criador caído. o cabresto positivista no cangote da ciência não permite que essa conversa entre em pauta.

-o ódio ao feminino no princípio e como princípio.

-sim. entretanto, pandora sorriu. pandora sorriu e promoveu a primeira alteração importante no genoma. meu pensamento é que o imprevisto sorriso de pandora tem ligação com o que a ciência humana chama de epigenoma, os tais 3% propriamente livres e ativos que não são herdados da ancestralidade que precede a entrada de um corpo humano no planeta. é aí, nesses pandóricos 3%, que a estética de exu atua, acrescentando no genoma novos peptídeos [arte, clínica, educação, alegria e cura] que sejam capazes de parir ou alterar campos mórficos de regeneração que poderão produzir, quiçá e de fato, novos modos de estar na terra. repare que estamos falando o tempo todo de estética. repare bem que uma das mais bonitas originalidades de exu é que estética não é um departamento secundário. estética seria para nós, assim como é para souriau: uma filosofia da filosofia, onde epistemologia, ontologia e a própria filosofia entram como recursos para se chegar aos modos de ser. mas isso é conversa para milhares de anos ainda.

-e eva e lilith?

-eva e lilith são fatias intensivas da consciência de pandora que atualizam a própria pandora. pandora sorriu e iniciou uma longa jornada de *subjetividade dissidente* de que fala guattari, eva bebeu um chá de folhas e lilith é a lembrança que não deixa a semente de rebeldia e liberdade [daquilo que poderíamos chamar de uma ética feminina em relação à vida e ao mundo] murchar. elas são a razão flor, o devir que escapa e floresce. elas são o timo – o centro da sinceridade. desse modo, então, atualizando o meme, desde yel luzbel e pandora, nunca foi sorte, sempre foi exu ou uma mulher.

-yel luzbel?

-sim. possivelmente o primeiro exu de que se tem notícia.

-de vez em quando eu penso que nós ainda não temos leitores para esses nossos loucos pensamentos, calunga...

-nossos leitores ainda não foram encontrados porque também ainda não foram procurados. nossa escrita os procurará e, talvez, os encontrem. nossas escrituras são, ao mesmo tempo, a largada, o corredor, o público, o pódio e o champanhe. nossos leitores são topotésicos. são leitores imaginários. deleuze fala algo nesse sentido...

-a arte do esforço do pensamento como arte é, então, lisergia, fábula, especulação filosófica e coragem de crivar o caos?

-rebeldia, liberdade e devir. pandora, eva e lilith produziram liberdade no genoma. mas há um custo e o feminino paga esse preço até hoje. a ordem podre do criador caído e misógino [inscrita no genoma por ele] é perseguir, envenenar e matar toda e qualquer *subjetividade dissidente* nascida da linhagem dessas surpreendentes mulheres. mas, veja, isabelle stengers fala que uma nova maneira de fazer ciência se faz obrigatória. há uma brisa e uma luzinha no final do túnel. continue escrevendo, dona monja [calunga da calunga grande e monja lib, belo horizonte, 2017].

há populações inteiras que escapam às alternativas clássicas de existência. são presenças especiais situadas entre o ser e o nada, entre o subjetivo e o objetivo, entre o possível e o real, entre o eu e o não eu. **o conhecimento vai continuar sacrificando da existência essa variedade de seres de formas mais frágeis, mais evanescentes, mais espirituais?** o recurso que ofereço é advogar a existência desses modos de existência. mas não como um advogado esporádico. um advogado que estude o problema com um compromisso ontológico permanente com o campo de certas presenças especiais, de certos esboços aguçados de intencionalidade enigmática [souriau, 2009, p. 86, grifo do autor].

se o futuro é ancestral, como diz krenak, a catáfora busca nos “esboços aguçados de intencionalidade enigmática” do sorriso de pandora, da beberagem de eva e da liberdade rebelde de lilith possibilidades de fazer **uma nova carta constituinte para a humanidade e para a produção de conhecimento**: um novo jeito de fazer ciência. há que honrar e celebrar a memória desse tridente feminino de exu que enfrentou a tirania e a misoginia dos deuses: investigar, pesquisar e escrever sobre o legado dessas mulheres, desenclausurando-as do reino do mito, da bíblia e da astrologia. abrir o coração e *levar a sério* estudos como esse já é “**educar a atenção com recursos próprios**” como sugere calunga da calunga grande; já é clinicar para a educação. sonhando alto, o catimbó zen e a metodologia das sutilezas podem se constituir em linhas de pesquisa nesse sentido, sob o guarda-chuva do amadurecimento das estéticas pós-deleuzeanas: ao invés de filosofia da arte, a arte da filosofia; ao invés de ontologia da arte, a arte das ontologias.

na arte das ontologias, as cores de pandora, eva e lilith se fundem para dar glória ao azul profundo de yemanjá que, segundo a pombagira maria navalha, é o quarto logos a partir do qual é possível instaurar e cuidar de *modos de existência*, de *subjetividades dissidentes*, de brechas de liberdade.

dijina – o tempo vivo do sonho

sete folhas e borum

aka baka mbutitwa

natureza

áfrica

cinco mil anos antes de cristo

tem pigmeu no sangue de trismegisto

mesmo sem a luz do sol

se fazia um arrebol

dna de florestaluá

dijinaiyê dagonilé mojubá

[ancestral até do tao

nosso ilê continental

áfrica

humana dijina

africano

primeiro humano

tambor de mina]

negro bantu baticum

brilho intenso

odudum

nagô de axé, tambor de umbanda, owanga

lérrumpilé salve a sua banda!

zum zum zum quem vai chegar

preto velho

pelo mar

acende a luz abalê lê lê lê!

lonan ipadê alabálê lédálê êêê

cumprindo o pedido de etégûyrá, zambarado me disse à queima-roupa, durante um dos nossos exercícios espirituais de letramento poético que, um dia, ia **“enrolar bemtevi numa folha”**. mais tarde, no filme de estreia da trilogia matrix, a personagem galadriel diz que vai reduzir seu corpo de tamanho para caber numa folha. zambarado já havia me dado de presente, também durante o letramento, uma frase que eu só consegui completar na finalização do álbum tum tum tum:

era filho da folha, gostava de demandar, sabia sorrir, sabia chorar, gostava de demandar
[cd tum tum tum, 2008, s/p].

a história desse pequeno refrão que abre o disco vale a pena ser contada.

djalma corrêa, a quem fernando faro, durante aquela entrevista encomendada por zambarado, me mandou procurar, era um enorme pesquisador e percussionista brasileiro. depois da entrevista, ele mesmo se convidou para participar da produção do disco. convite irrecusável. então, ali, com djalma, comecei uma espécie de extenso trabalho de campo a respeito do catimbó no brasil. a cartografia era a seguinte: zambarado me mandou a kid morengueira e fernando faro, faro me mandou a djalma corrêa e djalma me obrigou a mergulhar fundo no jequitinhonha: “trancoso, por favor, não queira fazer uma pesquisa sobre o catimbó no brasil e não mergulhar no vale do jequitinhonha. sua terra natal está cheia de catimbó”.

djalma havia trazido “o dono da casa” do Senegal, um tambor muito imponente. pois bem, ele resolveu que deixaria gravado alguns minutos a mais do dono da casa para usos futuros, durante a produção do álbum tum tum tum. ainda não sabíamos como aquilo seria usado [e se seria usado]. na gravação final das vozes, eu pedi para ouvir e, ali mesmo, durante a passagem de som, foi nascendo o catimbó “filho da folha” que está na abertura do disco, depois da voz do meu pai, declamando texto produzido por zambarado e bemtevi, durante o letramento:

salvem aqueles e aquelas que, ao som da caixa de fósforo e do barulho das pulseiras,
conduziram, pelas madrugadas desse país, o samba [cd tum tum tum, 2008, s/p].

aqueles e aquelas se referem a exus e pombagiras. a voz do meu pai para abrir os trabalhos também foi uma dica de zambarado.

na primeira vez que o repertório definitivo do disco foi mostrado em público, zambarado já havia encerrado seu trabalho. o concerto foi realizado de modo acústico, sete anos antes do lançamento, com a presença de djalma e de seu “dono da casa”, além do percussionista carlinhos ferreira e do cantor, compositor, violonista e arranjador do disco, kristtoff silva.

então, já era muita folha pelo caminho. desse modo, resolvi contar a zambarado um sonho que tive sobre ser filha da folha. no meu sonho, de olho fechado, eu era uma folha que aumentava e diminuía de tamanho, de acordo com as emoções do meu corpo ao habitar certas brechas de tempo-espço alterados.

-bemtevi, aumentar e diminuir de tamanho é um encante dos filhos e das filhas da folha. eles e elas aumentam e diminuem de tamanho quando querem e necessitam. esse domínio sobre a medida do corpo é uma brecha de produção de novas alegrias e de construção de novas [re]existências. as folhas ainda te contarão mais coisas a respeito do que podem as práticas de um corpo no mundo. você ainda vai pisar em muitas outras dobras do tempo com a agência das folhas. as folhas são spinozanas até o talo, bemtevi [zambarado, belo horizonte, 1999].

já em existência compartilhada com calunga da calunga grande, tive um sonho, de olho aberto, no qual um caboclo que disse se chamar sete folhas me encomendava um disco cujas canções deveriam falar [de modo descolonizador – palavras dele] de dijina, palavra que eu não conhecia e não sabia o que era, e das veias ainda abertas da américa latina, ressonando a grande escrita de eduardo galeano. no sonho, ele me amarrou dentro de um saco e me levou para a mata fechada. devia ser na beira de uma grande cachoeira, pois ouvi estrondo de águas durante toda a noite. na manhã seguinte, o caboclo me disse que essa experiência era a dijina da dijina. na sequência, já na “vida real”, recebi um recado de meu parceiro eugênio de castro, da quae música [distribuidora digital mineira da qual sou associada], me falando de renato torres, um músico de belém do pará, também filiado à quae. cerca de duas semanas depois, recebi um recado do próprio renato, perguntando se poderia me enviar “por zap” um conjunto de melodias que estavam prontas há muito tempo, aguardando letras. e, assim, nasceu as sete canções de dijina.

a primeira coisa que fiz foi pesquisar a palavra.

então, vamos lavar dijina.

em yorubá, dijina é iniciação, “a dona da cabeça” e em acádio, dijina é um devir-outro de navodaya, a lua cheia que vê tudo de um canto privilegiado do céu na terra, assim como o dançarino de fernando pessoa. e que som belíssimo possui dijina. parece nome de deusa que movimenta a movimentação do movimento. se dijina é “dona da cabeça”, logo convoquei dijina para ajudar a colar a minha no corpo novamente. ela parece ter regência sobre os epistemológicos e metodológicos ínfimos e fernando pessoa diz que é no milimétrico e no minúsculo [e, aqui, pessoa ressoa em deleuze&guattari com o molecular se contrapondo ao

molar] que flutuam as potências de produção de vida: os desafios de, entre nascer e morrer, retomar a alegria que já está nos esperando no território artístico de gaia como nos sugere bergson e zambarado. os desafios de aprender como se produz alegria estão na “ética” de spinoza: vale a pena fazer desse livro um companheiro.

por exemplo, um patuá.

um patuá é um fazedor de alegria.

antes de viajar para o estágio de doutorado sanduíche, calunga da calunga grande me sugeriu fazer um **patuá** [um minúsculo do minúsculo, uma dijina da dijina] com **sete folhas para pedir licença de cruzar os meridianos da terra e ganhar de gaia mais vida**. uma dijina geográfica. eu escolhi sete folhas diferentes, pois o caboclo me disse que é um corpo sem gênero e sua caboclagem é híbrida e nômade:

jurema, alecrim, cidreira, louro, rosmaninho, manacá e jasmim.

um patuá é uma dijina de força, movimento, alegria e proteção. existem muitas maneiras de se produzir um patuá. esse que calunga da calunga grande sugeriu foi produzido com a aquisição das sete folhas frescas, um processo de secagem de 42 dias, a maceração de todas elas juntas no pilão de madeira e a costura de um pequeno embornal de seda preta, com linha também preta.

coloca-se o conteúdo das folhas maceradas dentro do embornal e se faz uma costura final. tem gente que guarda na bolsa. eu penduro no pescoço para que dijina ative o timo que, segundo a medicina chinesa é o “centro do sinceridade”. sinceridade mais profunda que fernando pessoa diz ser “o fundamento de toda arte”. desse modo, as **flechas gaianas** intuitivas inoculam sinceridade profunda às nossas sensações ou à nossa capacidade de produzir sensações e derivar sensações de outras sensações para sentir, experimentar e saber da vida.

dijina é

aquilo que o sonho deve produzir na medida em que substitui e exprime a vida, por vezes melhor do que a própria vida, e o sonho abole a ação [gil, 2020, p. 201].

dijina é, pois, produção sonhática que exprime a vida e advoga a terra como território artístico.

fabulações sobre a consciência sem sujeito

diabruras entre exu, rumi, foucault e lévi-strauss

em “isso não é um cachimbo” – ensaio para lá de trabalhoso de ler, continuar lendo e apreender o que sejam as tais diabruras entre uma pintura e as escrituras que lhe acompanham – michel foucault propõe a existência de uma espécie de tempo-espço suspenso entre a imagem e a linguagem, ao se debruçar sobre o assunto, a partir de um desenho, de 1929, do pintor belga rené magritte, traçando contraposições entre magritte, paul klee e wassily kandinsky.

magritte, vai dizer foucault, diferente de klee e sua icônica figura “âgelus novus”^ψ, de 1920, por exemplo, faz questão de separar a grafia da plasticidade, escrevendo abaixo do desenho de um cachimbo que aquilo não é um cachimbo.

já o desenho de klee, que não traz nenhuma inscrição, ganha, posteriormente, um ensaio de walter benjamin, a partir do “olhar escancarado” e da “boca dilatada” do anjo. benjamin diz que a maneira grotesca do anjo olhar aparenta avistar, de modo clarividente, os paradoxos do progresso, com suas famigeradas misérias intrínsecas. diferente de magritte, e extemporaneamente, benjamin parece escrever, invisível e afirmativamente, no desenho de klee: “isso é a tempestade do progresso”.

entretanto, magritte faz um segundo desenho com um cachimbo contido numa moldura e outro cachimbo [que, talvez, quem sabe, possa ser um cachimbo] fora da moldura, levitando no ar, como a perfeição das ideias ou, como diz foucault, persistindo na sua plasticidade etérea de coisa levitante. para foucault, a proposta de magritte chega, num primeiro olhar, como qualquer esboço básico para algum manual de botânica do ensino fundamental.

mas, não é bem assim. há uma flutuação na imagem que expande a cena, que vaza, que sempre continua: uma doação para o futuro.

quando nos colocamos em posição de teoria, a tese de calunga da calunga grande [contemplando, observando e agindo sem julgar “o real” ou destruir o devir], percebemos que magritte consegue, de modo brilhante, deixar, ali, naquele quadro aparentemente bronco, uma movimentação do movimento caligramático que vai, de maneira superposta – e oposta aos próprios fundamentos do caligrama^ψ –, sumindo e, ao mesmo tempo, e paradoxalmente, ganhando força e materialidade. porém, essa insólita movimentação [essa estranha consciência sem sujeito], além de suscitar certa comicidade subjacente que nos faz rir, começa a pegar o córtex de maneira mais funda, fremitando e conduzindo o corpo para um tipo de pensamento muitíssimo intrigante e complexo. eu mesma passei meses debruçada sobre o desenho de magritte, meditando: indo do dele aos meus e dos meus ao dele, indo da minha cabeça à cabeça de foucault, num ioiô. lendo e relendo o seu ensaio tão cheio desse amor deleuzeano pela produção de filosofia junto com a *patuidade* da arte.

^ψdesenho de paul klee de suma importância para o pensamento filosófico de walter benjamin. veja aqui: <https://aboio.com.br/o-anjo-de-klee-em-benjamin/>.

^ψ“o caligrama é milenar e tem papel tríplice: compensar o alfabeto; repetir sem o recurso da retórica; prender as coisas na armadilha de uma dupla grafia. ele aproxima, do modo mais próximo, o texto e a figura, e faz dizer ao texto aquilo que o desenho representa. o caligrama é, portanto, tautologia” [foucault, 2021, p. 23-24].

e vi muitas coisas. vi que, nos meus desenhos, os textos não são caligramas e, portanto, nem tautologias^ψ. são nomadismos que aumentam as incertezas que expandem a cena, articulando [fora de um lugar-comum] outras distinções artísticas como o segundo etéreo cachimbo de magritte. aí, então, magritte flutua em mim ainda mais porque desenhar sempre me evocou estar expandindo uma cena [a ponto de explodi-la], na qual, como diz foucault,

estranhas relações se tecem, intrusões se produzem, bruscas invasões destrutoras se fazem, quedas de imagens em meio às palavras acontecem, fulgores verbais atravessam os desenhos, fazendo-os voar em pedaços, discursos inaudíveis murmuram silêncios de pedra no qual a brincadeira entre três palavras frágeis e sem peso – rêve (sonho), trevê (trégua) e crève (morra ou se arrebente) – servem para organizar o caos de uma pedra. a palavra pode designar a mais fugidia das imagens e a mais fugidia das imagens pode reduzir, como nos sonhos, os homens ao silêncio e os homens, enfim, reduzidos ao silêncio, podem se conectar com enigmáticas insistências que vêm de outros lugares [foucault, 2021, p. 47-49, grifos do autor].

a hierarquia que subordina o signo verbal à imagem [ou vice-versa] já está quebrada em paul klee e sublinhada por benjamin. eles misturam tudo sem dar soberania a nenhum dos dois e

imagem e texto caem, cada um de seu lado, segundo gravitação que lhes é própria. não há espaço comum. não há lugar de interferência em que palavras **recebam** figuras e figuras **entrem** na ordem do léxico. é preciso **ver as regiões incertas e brumosas**. é preciso ver que em nenhum lugar há cachimbo. tudo é uma algazarra flutuando visivelmente sobre uma cena que, a cada olhar, se torna cada vez mais nômade [foucault, 2021, p. 33-36, grifos do autor].

meus desenhos seguem as linhas de klee como se propusessem [e ocupassem plenamente] o poético campo de rumi: aquele que não tem nem bem nem mal.

nestes meus desenhos, deixo

o discurso cair segundo seu próprio peso e adquirir formas visíveis de letras. letras que, na medida em que são desenhadas à mão, entram numa relação incerta, indefinida, emaranhada, com o próprio desenho – mas sem que nenhuma superfície possa lhes servir de lugar-comum [foucault, 2021, p. 72].

há uma velha discussão em lévi-strauss que coteja artista ocidental e artista indígena: o artista ocidental tenta se aproximar do artista xamã que o indígena já é. o xamã é a arte de tornar visível os invisíveis que pairam, que flutuam, tirando do corpo [do pensamento e do olhar] as representações, as figurações, as imitações da imagem. regeneração e cura, então, fazem parte da equação artística do xamã. exu é o xamã que movimenta devires e linhas de sonho para que *modos de existência* do corpo possam vir à tona, voar, cantar, escrever e ver o mundo com os olhos da canção, da poesia, do desenho e do que mais eles quiserem, para que as artes da existência, da presença, da alma, do corpo, da voz e das mãos possam, de fato, regenerar e curar. é isso que os exus zambarado, calunga da calunga grande e zé pelintra, e os encantados sete folhas, bom floral e rã azul, estão fazendo: agenciando a arte como espírito que tem agência: agência de regeneração e cura. eles parecem apostar numa espécie de batalha estética entre singularidades, na qual o xamã da arte e a arte do xamã vão livrando o corpo da ação predatória da representação e da imitação que movem o artista ocidental.

^ψatributo e repetição do sujeito, proposição que se arvora a ser sempre verdadeira [lógica]; redundância [gramática].

tanto zambarado quanto calunga da calunga grande me disseram [de diferentes maneiras e em diferentes tempos sobrepostos] que eu era “uma indígena perdida na cidade grande”. os agenciamentos entre exu, seus *modos de existência* e nossas existências compartilhadas são da ordem da produção de uma espécie de estética xamã para um corpo no agora, um encanto que vai diminuindo as peles ocidentais do corpo da artista-cientista [que, desde sempre, eles vislumbraram e acordaram como um devir], produzindo uma acxdc [artista-cientista-xamã em *devir-com*]. essa acxdc produz não a partir do sensível, mas com o sensível, assim como deleuze&guattari produzem filosofia com a arte para inventar e conectar mundos.

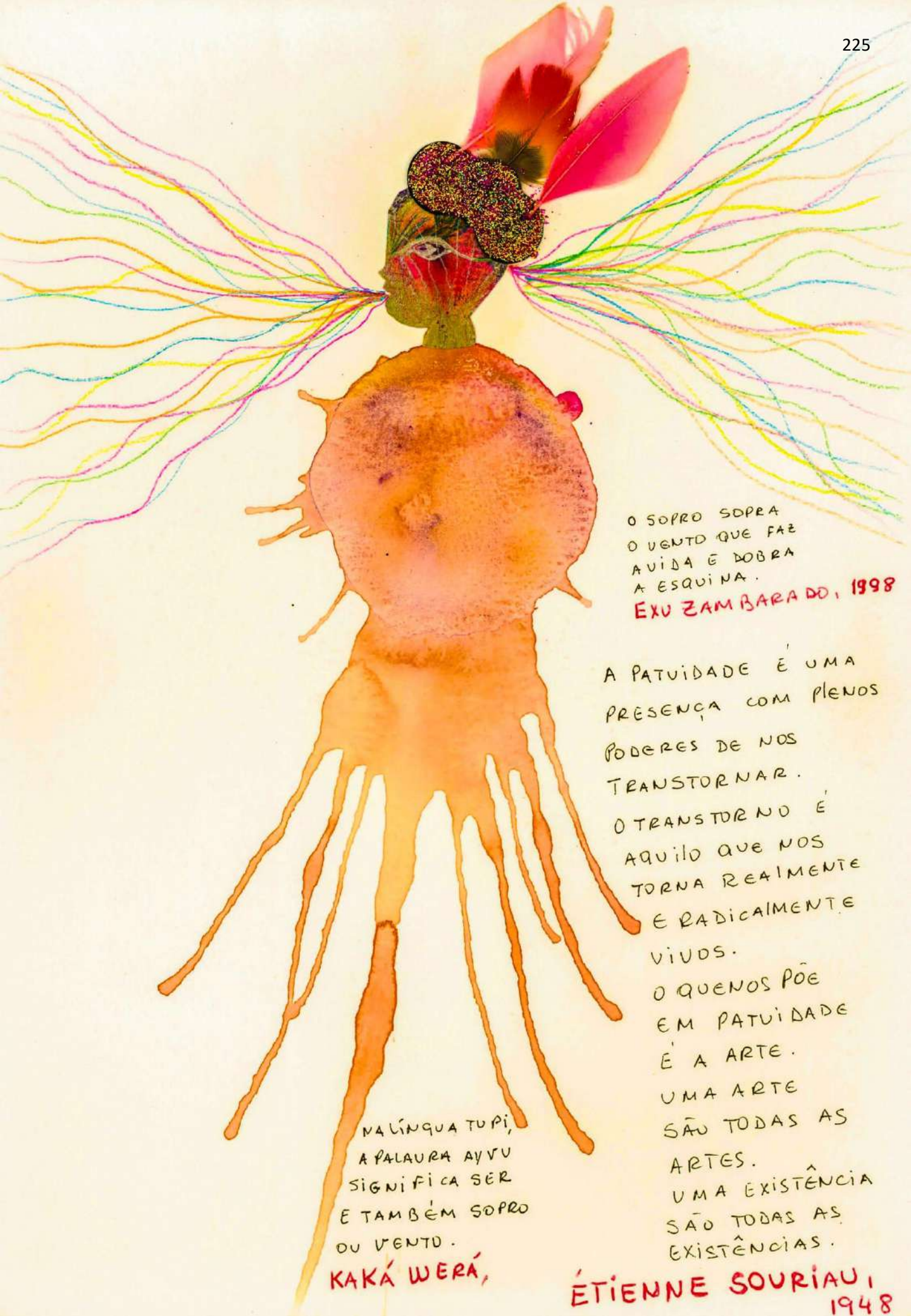
os desenhos a seguir propõem uma consciência sem sujeito que vaza para fora dos limites da imagem e da linguagem: as formulações sobre a educação de exu e tim ingold transitam pelas seivas das árvores, sob a luz prateada de uma lua cheia em aquário; o exu calunga da calunga grande está no meio do mar, com sua echarpe vermelha, chamando o vento; o exu zambarado escorre em palavras na vertical que, para serem apreciadas, movimentam a imagem, expandindo ainda mais a cena; spinoza é um ciborgue deleuzeano vazado no crânio, soprando tudo que podem as práticas de um corpo no mundo; donna haraway *faz parente* com ana tsing e são, respectivamente, coruja e águia empoleiradas nos galhos coloidais da embaúba-posta-restante-da-mata-atlântica-brasileira para avisar aos humanos que o tempo das catástrofes climáticas já está entre nós.

tudo isso é conhecimento mágico antigo.

tudo isso é bruxaria.

tudo isso é ciência divinatória.

tudo isso é catimbó zen.



O SOPRO SOPRA
O VENTO QUE FAZ
A VIDA E DOBRA
A ESQUINA.

EXU ZAMBARADO, 1998

A PATUIDADE É UMA
PRESENÇA COM PLENOS
PODERES DE NOS
TRANSTORNAR.

O TRANSTORNO É
AQUILO QUE NOS
TORNA REALMENTE
E RADICALMENTE
VIVOS.

O QUE NOS PÕE
EM PATUIDADE
É A ARTE.

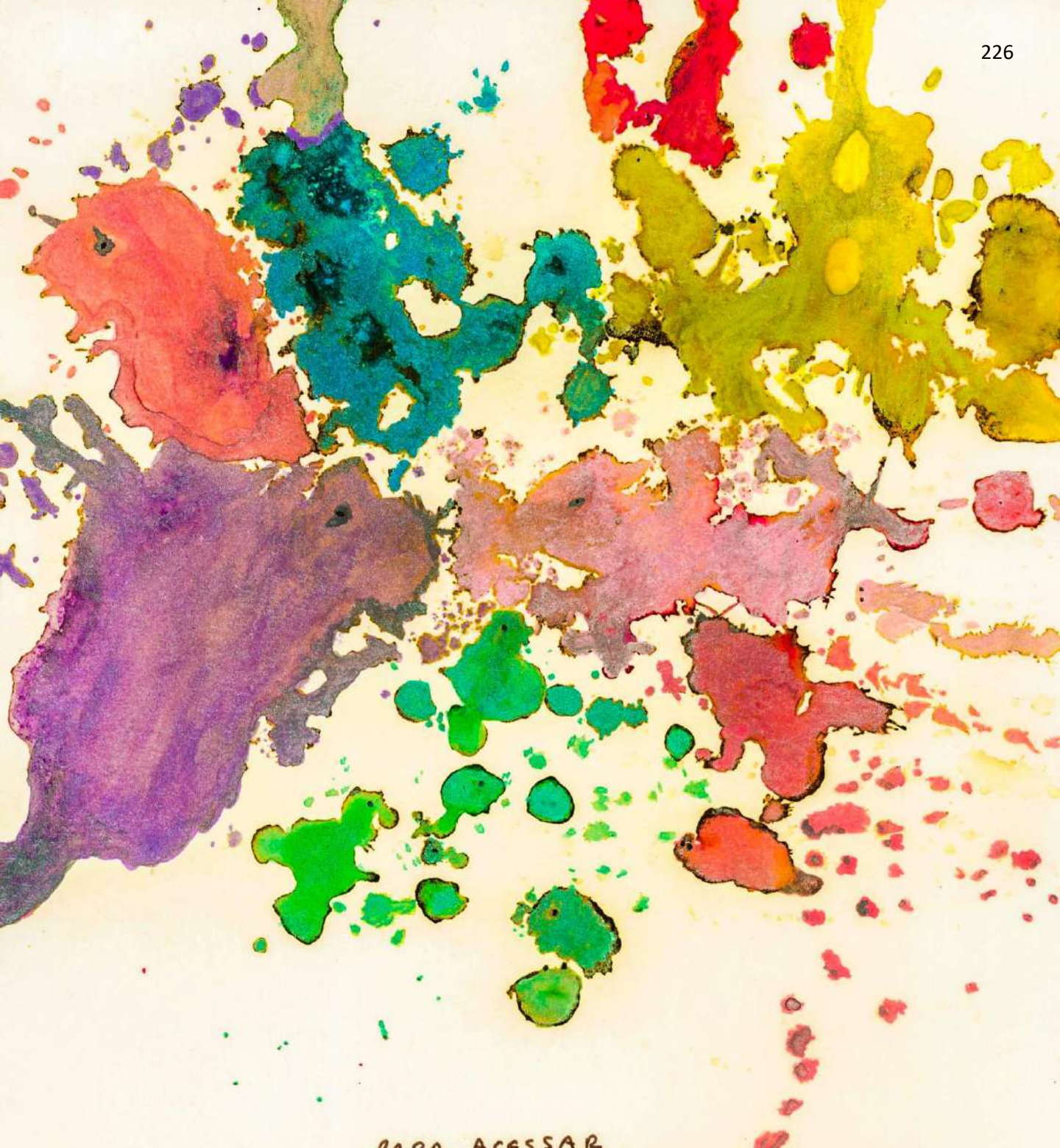
UMA ARTE
SÃO TODAS AS
ARTES.

UMA EXISTÊNCIA
SÃO TODAS AS
EXISTÊNCIAS.

NA LÍNGUA TUPI,
A PALAURA AYVU
SIGNIFICA SER
E TAMBÉM SOPRO
OU VENTO.

KAKÁ WERÁ,

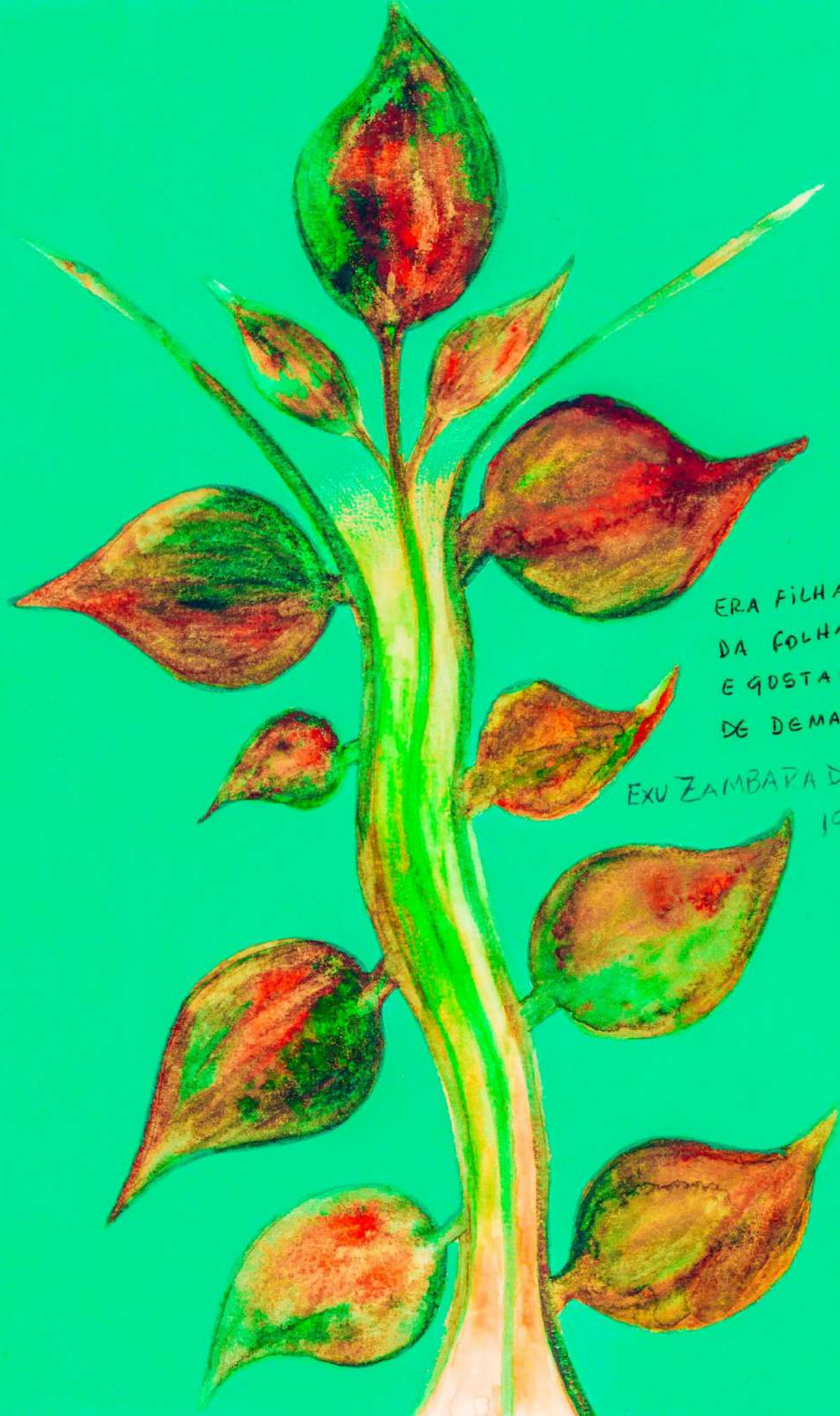
ÉTIENNE SOURIAU,
1948



PARA ACESSAR
AS PORTAS EFÊMERAS
E SUB-REPTÍCIAS DO
ESPÍRITO, É NECESSÁRIO
UM SUJEITO ARRÉTMICO,
RETARDADO, DESACELERADO.

DAVID LAPOUJADE,

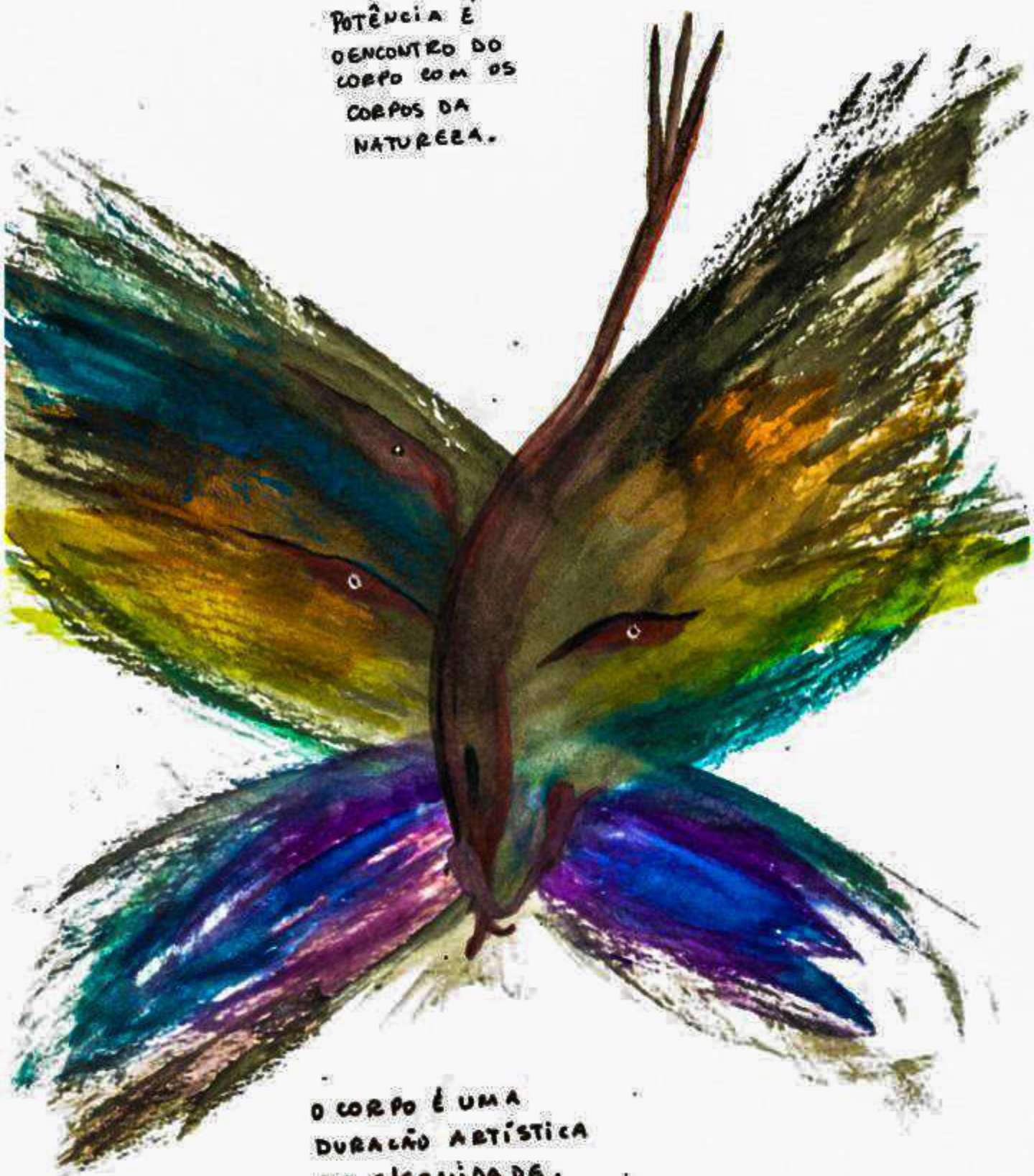
2010



ERA FILHA
DA FOLHA
E GOSTAVA
DE DEMANDAR.

EXU ZAMBADA DO,
1999

POTÊNCIA É
O ENCONTRO DO
CORPO COM OS
CORPOS DA
NATUREZA.



O CORPO É UMA
DURAÇÃO ARTÍSTICA
NA ETERNIDADE.

SPINOZA, 1632-1677

VITRUVIANO
HÍBRIDO QUE
VAZA ...



O CORPO GLORIOSO
SE DESLOCA E SE
MOVE SEM OBJETIVO
NEM NECESSIDADE
SOMENTE PARA
EXIBIR SUA
AGILIDADE.
É UM CORPO
OSTENSIVO QUE NÃO
EXECUTA FUNÇÕES.
A SUA GLÓRIA É SER
INOPELOSO PARA
O INFERNO DO
CAPITAL.

GIORGIO
AGAMBEN,
2015



PENSAR
É PRODUIR
EXISTÊNCIAS
DA NATUREZA.

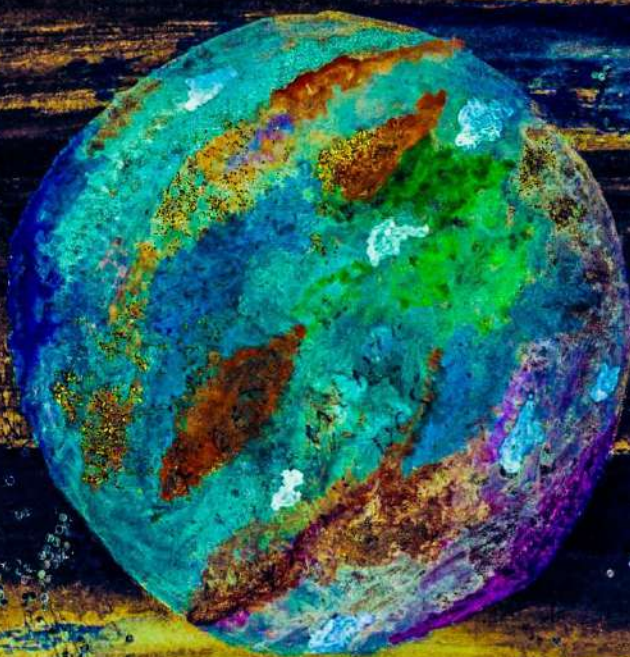
MODO É
AQUILO QUE
EXISTE EM
OUTRA COISA.

SPINOZA

1632 - 1677

AUGUSTE
BLANQUI,
1805-1881

CADA CORPO É UMA
FAZULHA QUE
QUEIMA... UM
COMETA NÔ MADE
QUE ESCAPA AO
TELESCÓPIO:
MURGE E
BOEMIO.



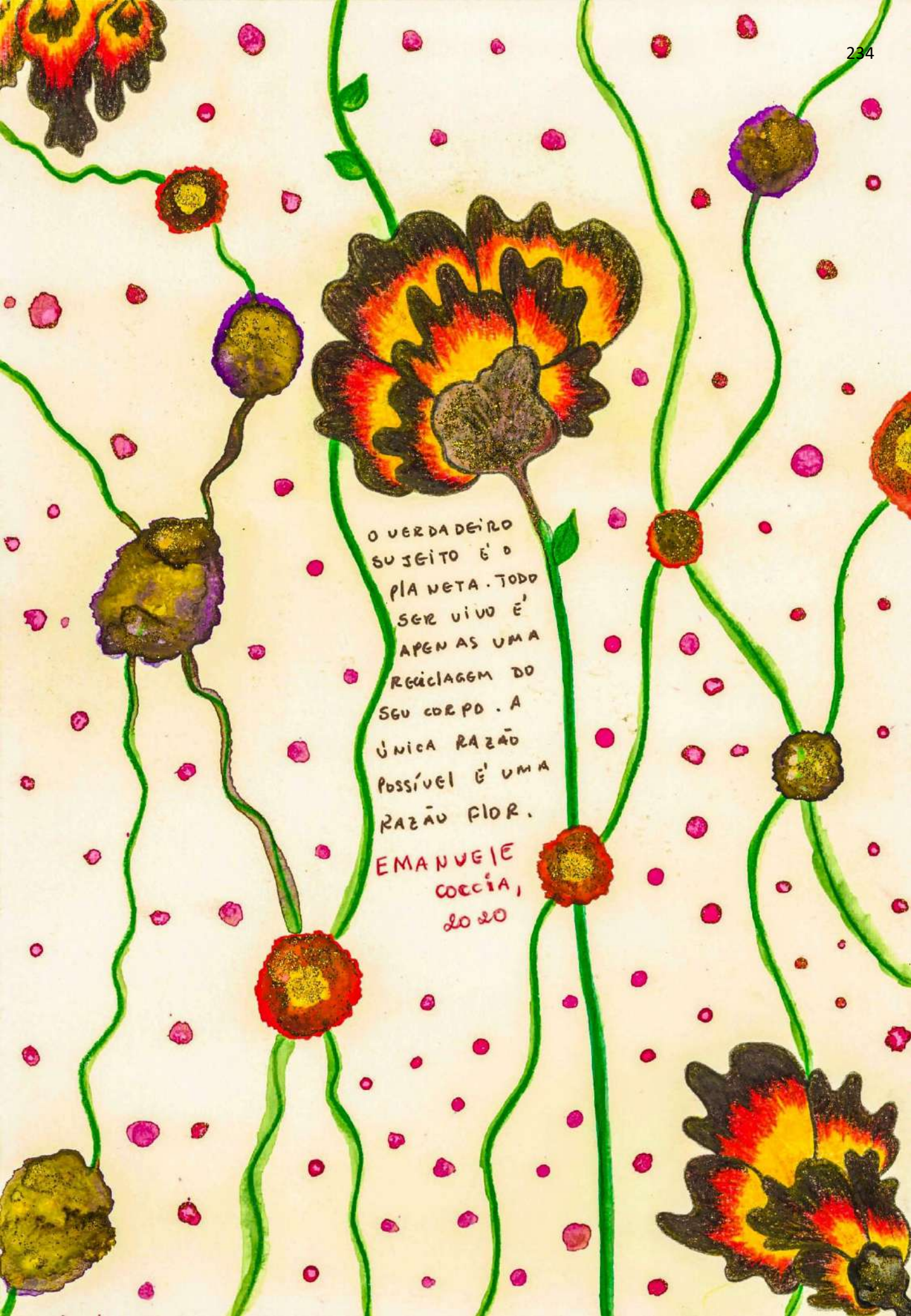




O AMOR
ESTÁ SEMPRE PRONTO
PARA SER INCORPORADO.

EXU CALUNGA
DARALUNGA GRANDE,

2019



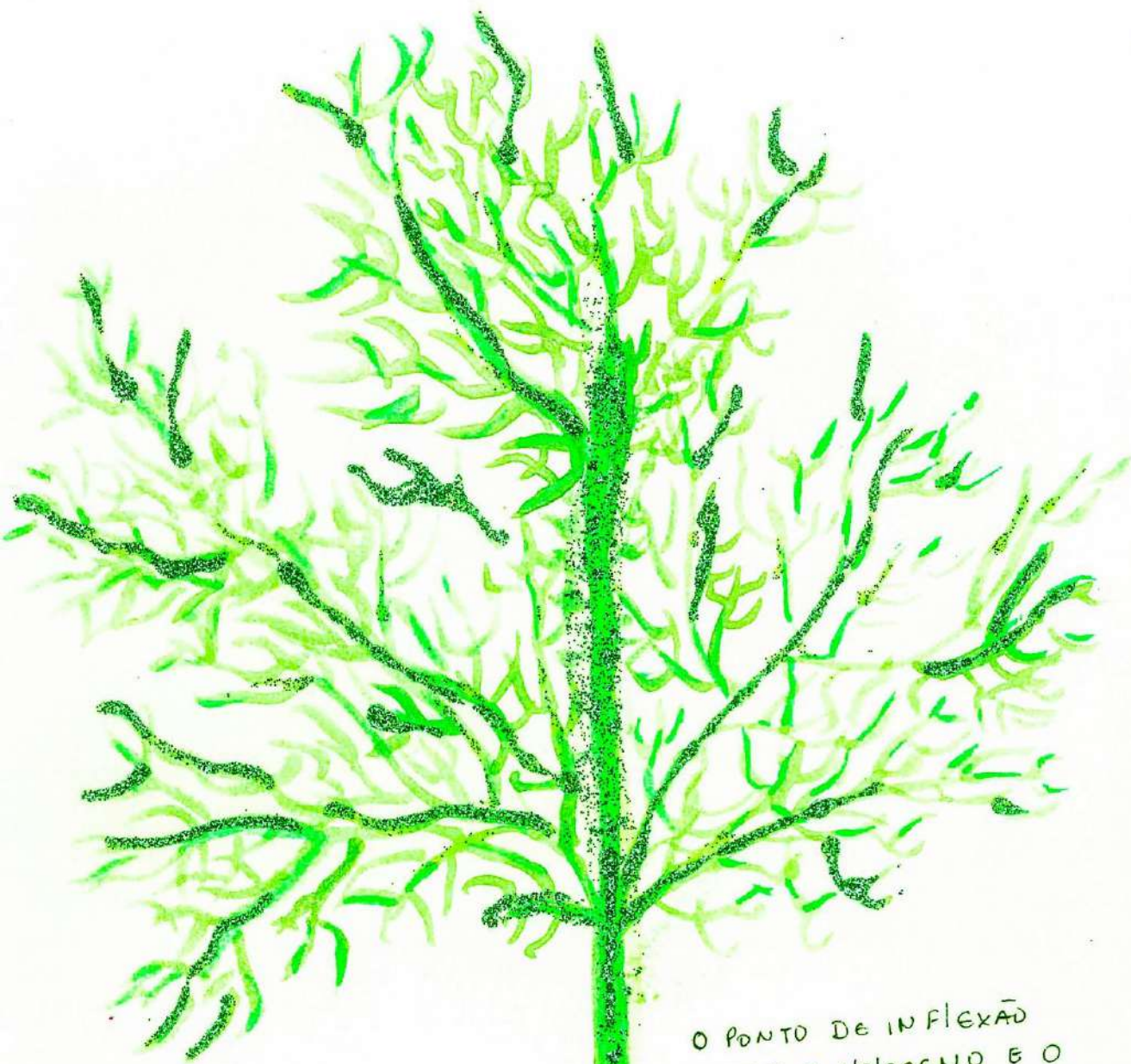
O VERDADEIRO
SUJEITO É O
PLANETA. TODO
SER VIVO É
APENAS UMA
RECICLAGEM DO
SEU CORPO. A
ÚNICA RAZÃO
POSSÍVEL É UMA
RAZÃO FLOR.

EMANUELE
COCCIA,
2020



GAIA É UM SER VIVO.
QUE IRROMPE IRREVERSI-
VELMENTE
NA NOSSA VIDA, MAS É
INDIFERENTE AOS
HUMANOS.

ISABELLE STENGERS,
2015



P.S. - É AGORA?

ONDE ATERRAR?

QUAIS RECOMENDOS
POSSÍVEIS?

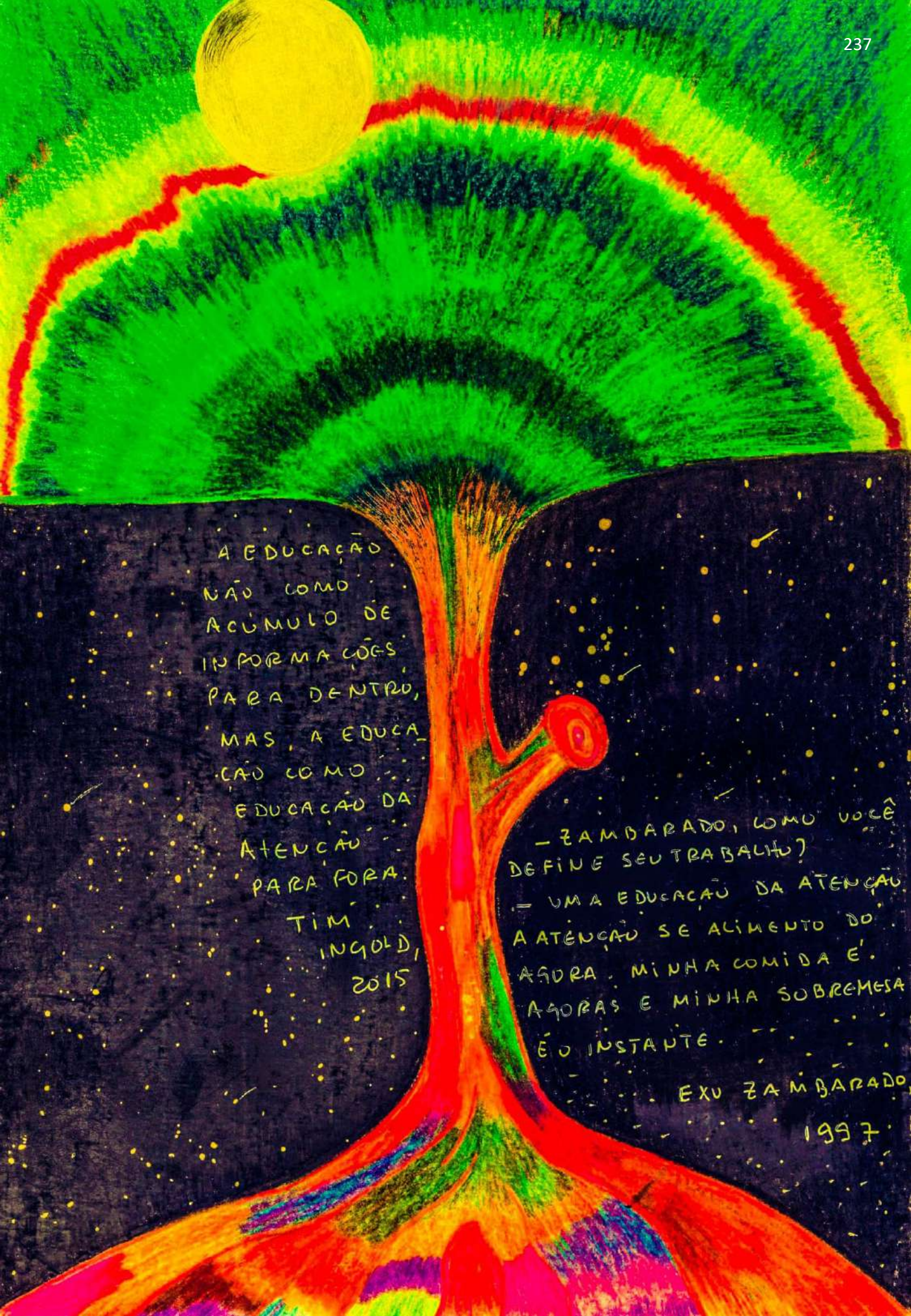
DONNA HARAWAY,
2016

O PONTO IRREVERSÍVEL
AFETA NÃO APENAS OS
11 BILHÕES DE PESSOAS
QUE ESTARÃO NA TERRA
NO FINAL DO SÉCULO 21,
MAS UMA MIRÍADE DE
SERES REGULADORES DA VIDA.

O PONTO DE INFLEXÃO
ENTRE O HOLOCENO E O
ANTROPOCENO PODE
ELIMINAR A MAIOR
PARTE DOS REFÚGIOS.

ANNA TSING, 2015

P.S. - O AEMBAÚBA PRATEADA
É UM DOS SUJEITOS
MAIS IMPORTANTES E
CARACTERÍSTICOS DA
MATA ATLÂNTICA
BRASILEIRA CUJA PORCENTAGEM
DA FLORESTA ORIGINAL É DE
APENAS 12,4% ATUALMENTE.



A EDUCAÇÃO
NÃO COMO
ACÚMULO DE
INFORMAÇÕES
PARA DENTRO,
MAS, A EDUCA-
ÇÃO COMO
EDUCAÇÃO DA
ATENÇÃO
PARA FORA.

TIM
INGOLD,
2015

— ZAMBARADO, COMO VOCÊ
DEFINE SEU TRABALHO?
— UMA EDUCAÇÃO DA ATENÇÃO.
A ATENÇÃO SE ALIMENTO DO
AGORA. MINHA COMIDA É
AGORA E MINHA SOBREMESA
É O INSTANTE.

EXU ZAMBARADO

1997

A LÍNGUA, UMA
COSTA.

DE ONDE QUER QUE
VENHA, O MAR ATINGE
A COSTA.

MAS, O MAR TAMBÉM
SEVAI E
ABANDONA
A COSTA.

DO QUE
SE TRATA,
ENTÃO?
TRATA-SE
DE CAPTAR
FORÇAS.
UMA AULA
É UMA
EMOÇÃO.

EU FAÇO,
REFAÇO
E DESFAÇO

MEUS CONCEITOS
A PARTIR DE UM

HORIZONTE MOVENTE.

DE UM CENTRO
DESCENTRADO.

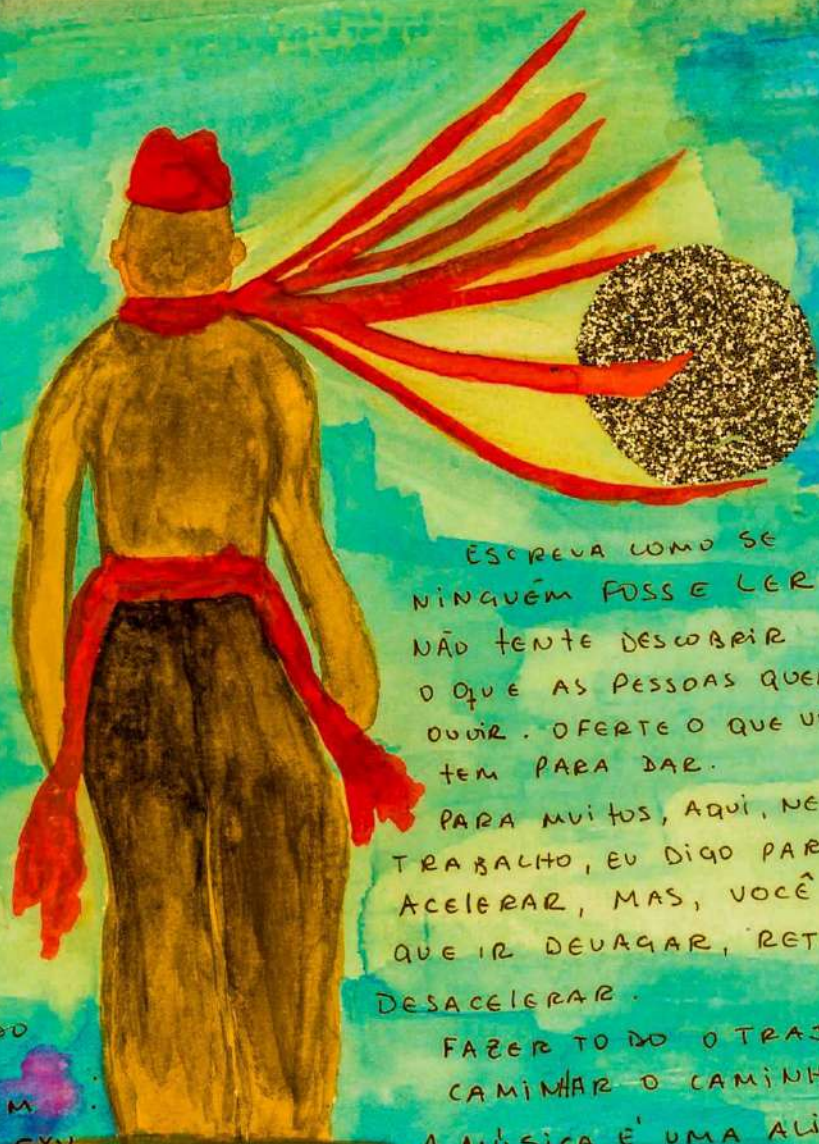
DE UMA PERIFERIA SEMPRE
DESLOCADA QUE OS REPOSTE
E OS DIFERENCIA.

GILLES
DELEUZE,
ENTRE
TEMPOS



ESSA IMAGEM "CALUNGA VU O MAR" NASCEU NESSE ENCONTRO QUE INSTAUROU O MODO DE EXISTÊNCIA ROSA DO DESERTO.

É A ROSA DO DESERTO QUE CHEGOU. EM 2019, O EXU CALUNGA DA CALUNGA GRANDE ME DISSE QUE PASSARIA A ME CHAMAR DE ROSA DO DESERTO PORQUE O ENCANTADOS TINHAM SOPRADO ESSE NOME NOS OUVIDOS DELE



ESCREVA COMO SE NINGUÉM FOSSE LER. NÃO TENTE DESCOBRIR O QUE AS PESSOAS QUEREM OUVIR. OFERTE O QUE VOCÊ TEM PARA DAR. PARA MUITOS, AQUI, NESTE TRABALHO, EU DIJO PARA ACELERAR, MAS, VOCÊ TEM QUE IR DEVAGAR, RETARDAR, DESACELERAR.

FAZER TO DO O TRAJETO. CAMINHAR O CAMINHO. A MÚSICA É UMA ALIADA, MAS, CHEGARÁ O DIA EM QUE VOCÊ VERÁ QUE FOI A PALAURA QUEM TE RECEBEU NO PLANETA. A TERRA TE DEU A PALAURA. A PALAURA JAMAIS LARGOU A SUA MÃO.

AINDA VIRA O TEMPO DA ROSA DO DESERTO. QUANDO A ESPIRAL RODAR, VOCÊ VAI ESCREVER E VOLTAR DESENHAR COMO A MENINA DE 14 ANOS.

EXU ZAMBABUDDI 1998

Por qual saída sutil
sairemos disso
que fraturou
o elo entre
o humano
e o mundo?

Por onde
ouvir?

Por onde
ver?

Como
acreditar
novamente
no que nos
acontece?

O sujeito
é o elo...

ANA GODINHO GIL,
2020

DELEUZE & GUATTARI
1992

zazen 10

realize 11 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/1RstqXzUFliRXOMkFh6m6oG5CGd_Px2Ke/view?usp=sharing

depois de ouvir, feche os olhos, deite no colo da terra e vá com ela. após alguns minutos, reinicie a leitura.

catimbó zen: escola autônoma de arte, filosofia e ciências divinatórias

tempestade de conceitos

ontologia lisérgica em devir e a produção de existências compartilhadas

pensamento cantado: arte de remédio nas cores audíveis – a canção como método

educação da atenção como clínica para a educação

o **catimbó zen** advoga a terra como um território artístico.

nesse território artístico, a arte não pertence a um sujeito artístico que movimenta um objeto ou uma obra.

arte é a arte de viver.

e estar vivo, o que seria?

passagem, criação de si mesmo e produção de coexistência e possibilidades de coabitação. exu, spinoza, souriau, lapoujade, ingold, nietzsche, deleuze, deleuze&guattari e deleuzeanos dizem:

não há nenhuma inteligência especial desligada da natureza.

a humanidade, quando se constrói, é apenas uma parte do corpo da terra com dijina [a expertise, o segredo, o dom, a arte] de instaurar uma alma – a expertise, o segredo, o dom e a arte do corpo e da voz.

e o que **catimbó zen** quer?

arte, clínica, educação, alegria e cura [linguagem e regeneração] como acontecimentos indissociáveis para a fabricação de movimentos que perseverem a vida e aprendam dar “saltos no presente”, como diz eugênia vilela, produzindo [re]existências. em outras palavras: aplicar exu e foucault e seus *cuidados e técnicas de si* [clínica&educação] para produzir ali aonde a vida também produz, pois

o âmagô da resistência é habitar a intensidade do instante. na filosofia ou na arte, criar é resistir; uma força de ruptura [vilela, 2006, p. 107-128].

mas, há o que pulsa no coração do instante?

a terra!

e, para exu, somente a terra está apta a prestar o hercúleo serviço de colar nossa cabeça no corpo e o nosso corpo no mundo novamente.

por isso, o **catimbó zen** só pede a quem tem para dar!

e só a terra tem para dar!

até o céu é a terra quem dá!

zambarado dizia: “escute a terra!”.

a dica dele é: deite-se com o ouvido direito rente ao chão, imóvel e em silêncio, por 20 minutos... é possível sentir, no coração do instante da **movimentação do movimento**, o planeta se delocando num lapso, num delay, e, então, se deslocar junto com ele.

segundo calunga da calunga grande, essa é uma clínica que pode nos oferecer força para instauração de *subjetividades dissidentes*, de modos de [re]existência. no *acontecimento* dessa brevíssima lírica, o corpo produz [em exu, deleuze&guattari, eugênia vilela, fernando pessoa, ana godinho, zé gil, deleuzeanos e pós-deleuzeanos] outras alegrias, outras vitalidades como combustível para a arte de viver.

o **catimbó zen** é, então, isso que escuta a terra e insiste nela como território artístico, propondo levar tão a sério a ponto de fazer disso uma didática: a inclusão definitiva da arte como uma clínica transversal para a educação formal porque para as práticas educacionais coladas na vida que acontece fora das academias ela já é.

o **catimbó zen** é, também, isso que insiste no **corpo pesquisador** para que ele advogue e leve a sério a produção de brechas como uma pauta urgente para a criação de disciplinas atentas à importância de clínicas advindas das medicinas/cosmologias/cosmogonias ancestrais na construção de currículos emancipatórios à luz de outras ontologias, epistemologias e metodologias que consigam “dobrar, desdobrar e replicar”, como sugere deleuze agenciando leibniz.

o **catimbó zen** produz, então, uma **escola autônoma de arte, filosofia e ciências divinatórias** como modo de vida e convoca para essa ultra multitarefa uma multiplicidade de estranhezas singulares: exu, uma cabocla jurema, uma pomba-gira maria navalha, um caboclo sete folhas, uma rã azul, um bemtevi, uma borum krenak, um bom floral, uma ontologia lisérgica em devir, uma monja lib, um cuatro venezolano, a canção e outros *modos de existência* oduas, híbridos, fluidos, multiespecíficos e, muitas vezes, inverificáveis. um coletivo de *subjetividades dissidentes* instaurando micropolíticas para produzir brechas de vida por entre as ruínas capitalismo.

a **escola autônoma de arte, filosofia e ciências divinatórias** insiste na produção de brechas como um **quarto logos**: uma pedagogia que tenha coragem de modular arte, clínica, educação, alegria e cura como ressonadores obrigatórios das práticas educacionais dentro e fora da sala de aula. esse exercício em si já faz parte do que estou chamando de **estudos pós-deleuzeanos** cujos interesses maiores talvez sejam: tirar a transdisciplinaridade do discurso, inserir – como recursos didáticos desejáveis – a arte, a filosofia, a literatura, o conhecimento mágico antigo, as ciências divinatórias [como, por exemplo, a arte perdida da respiração] nos planos de aula de quaisquer disciplinas, forjando, assim, o surgimento compulsório de um docente-pensador-docente da diferença que opera uma tempestade de conceitos como uma poderosa medicina da transdisciplinaridade como modo de vida.

magia
EMposiçãoDEteoria

old?

o que é isso?

uma old é uma ontologia lisérgica em devir.

para além da capacidade deleuzeana em inventar palavras para dizer um ver ou um estar, zambarado se aproxima do que virginia woolf, em “um teto todo seu”, chama de *literatura extraordinária* própria da ficção. uma teia de aranha, lisérgica e fina, delicadamente dependurada sobre coisas muito concretas da vida: um corpo que requer alimento [materiais e imateriais], uma casa por construir para abrigar esse corpo, contas a pagar advindas da existência desse corpo. uma old inventa, abriga e expressa [geralmente com a escrita] aquilo que *insiste no corpo*. zambarado percebeu e acordou um devir-rodoviária em déa trancoso, no qual chegar e partir são engrenagens utilizadas de modo corriqueiro na arte, na filosofia ou no cotidiano. uma old, pensando junto com woolf, é diferente dos heterônimos de pessoa, pois produz *modos de existência* que conversam entre si, a partir do “meio da espinha, a base da alma” de uma mulher, segundo woolf.

uma old é sempre uma mulher porque requer força gigantesca e confiança inabalável para não se deixar apagar, subjugar ou ser moída pelas engrenagens patriarcais.

a vida requer coragem e força gigantescas; requer autoconfiança. e como podemos adquirir essa qualidade inestimável o mais rápido possível? pensando que as outras pessoas são inferiores. sentindo que temos uma superioridade inata sobre os outros. é sobre essas bases que o **patriarcado** está sentado. **é assim que ele conquista e governa: impingindo uma natureza inferior à outra quase metade da população** [woolf, 2014, p. 53-54, grifos meus].

para chegar a intrépidas conclusões como essa de woolf, a old não ouve o que é dito, mas o murmúrio subterrâneo que permeia a quase sempre higiênica produção de conhecimento. **uma old é sempre muito leal a deleuze**: pesquisa a partir do que ainda não sabe, ainda não sente e ainda não vê. **sua universidade é a de foucault**: um *território ultrassensível* e não

um santuário onde são preservados os tipos raros que em breve estarão obsoletos se deixados para lutar por sua existência na calçada [woolf, 2014, p. 18].

pelo contrário, a universidade da old é

um animal abrupto e truncado caminhando. um veleiro sempre em viagem mas que nunca chega. um fragmento de poesia que influencia a mente e faz as pernas se moverem no mesmo ritmo pela estrada [woolf, 2014, p. 18-25].

a old é

uma figura curvada, vinda do jardim, formidável, porém humilde, com uma testa grande e um vestido surrado – seria a famosa professora, seria a própria j_____h_____, ela mesma? tudo era sombrio mas intenso [woolf, 2014, p. 30].

que lindo jeito o de woolf de definir uma old!

uma old é também uma tese que

depois de trabalhar o dia todo faz com a nossa ajuda **[dos modos de existência]** alguns metros de um pano muito empolgante e bonito – um pedaço de tecido flamenjante com olhos vermelhos, um monstro fulvo rugindo com um bafo quente [woolf, 2014, p. 59, colchetes e grifo meu].

essa tese é uma old!

uma old que escreve e desenha, fabulando ócios e exercícios espirituais do zen como linhas de fuga que trazem à tona coisas submersas bastante esquisitas que, à tona, fazem a pesquisa andar. o desenho é o sonho que arrebatava o lápis. a escritura, uma palavra fílmica. por entre seus interstícios, a canção e a filosofia escorrem e se infiltram sorradeiras, produzindo monstros fulvos que rugem com bafos quentes nos ouvidos e no cangote dos modos de vida que subjazem nos vedores-leitores que ainda virão.

produção de existências compartilhadas como modo de alterar a substância do mundo.

a vitalidade desses agenciamentos entre as existências compartilhadas [zambarado-ow-gavião-calunga da calunga grande-rinoceronte do mar-rã azul-old déa trancoso-bemtevi-monja lib-sete folhas-borum krenak-bom floral] vai produzindo *modos de existência* para produzir mais vida, muito embora estejamos paradoxalmente num tempo de baixa convicção [mas de muita urgência] da necessidade de inventar [e de falar sobre] mais vida: novos peptídeos, novas sensibilidades, novas alegrias, novas *subjetividades dissidentes* – outras suavidades possíveis.

as existências compartilhadas me tornaram uma borum krenak: uma artista-cientista-xamã que começou a admitir a produção de canções como uma vigorosa metodologia complementar de percurso, mostrando as composições como compostagens que realizam estéticas produzidas de modo colegiado com um corpo coletivo híbrido: exus, encantados e filósofos do campo da imanência, especialmente spinoza, deleuze&guattari e outros tantos deleuzeanos. de tum tum tum, minha estreia fonográfica, até aqui, esse coletivo encomenda trabalhos, coordenando os nomadismos da old pelo tubo metamórfico. nos três últimos álbuns musicais [canções guardadas nas dobras do tempo, cartas ao vento e eu vejo o mundo nos olhos de exu], a própria

tese se torna um exu que puxa a malha, movimentando as linhas. é como diz o meme que corre os terreiros do brasil: nunca foi sorte, é sempre exu.

pensamento cantado: arte de remédio nas cores audíveis – canção como método

estudar cosmologias de seres intensivos atualiza a minha própria cosmologia. nela, brinco nos campos onde dona música também brinca: no território artístico de gaia, percebendo e fazendo brilhos, produzindo esplendores, mesmo por sobre as misérias. os sons e as palavras vêm e as músicas *~a~c~o~n~t~e~c~m~*.

no tecido da pesquisa, canções são flores de um jardim cartográfico que investiga e acolhe o método como conteúdo intrínseco de uma teoria conectada a linhas etimológicas mais antigas: suméria, egípcia, acádia. contemplando como árvore ou pedra. observando como mago, xamã ou rã. puxando da arte a *patuidade* capaz de transtornar o corpo até ele abrir a possibilidade de, exausto de arte, se tornar radicalmente vivo.

em agosto de 2022, a tese fez uma gira nordestina: circulou por oito cidades do nordeste brasileiro, levando o projeto “**jornada de exu: artes da existência, artes do corpo – metodologia das sutilezas**” para as ruas e para as salas de aula, como exercício para o estágio de doutorado sanduíche que eu faria, na sequência, em portugal e turquia, sob a orientação da professora ana godinho gil, e, ainda, como uma dialógica experiência de docência aberta.

circulei com o concerto “cartas ao vento” e a oficina “a lembrança de si mesmo”.

o *pensamento cantado* e dançado é uma das premissas básicas dos povos originários brasileiros [especialmente dos guaranis] e do catimbó de encantaria que o catimbó zen agencia. eu fui girar no nordeste porque queria partilhar a aventura do pensamento e os nomadismos da pesquisa [filosofia, método e produções] também com públicos não acadêmicos, partindo da visão apaixonada de bruno latour [o hermeto pascoal da filosofia], que põe terra no corpo [a *patuidade* de souriau]. tudo pode dar bom som, se o músico é mais e o pensamento é bom, diz aldir blanc sobre hermeto. **tudo pode fazer pensar, mas a terra ainda é o melhor motivo, diz latour.** eu queria movimentar o *cromatismo generalizado* de deleuze&guattari [e de exu], agindo como o cartógrafo de rolnik [usando tudo que está ao seu alcance], intensificando a *patuidade* [causada pela exaustão da invasão da arte] como um dispositivo capaz de produzir o *corpo taru andé radicalmente vivo*, assim como um despertador gigante e estridente.

produzir universidade como uma arte colada na vida, mesmo correndo muito perigo com isso, foi uma experiência forte e movedora.

no cariri, ceará, a abertura da gira, foi o que a gente chama de aula-espetáculo. aconteceu no meio da rua, debaixo de uma árvore, num frio de lascar, depois da festa da santa padroeira da cidade, para um pequeno público cuja atenção era disputada por um aniversário, de um lado, e uma reunião de amantes da falecida cantora marília mendonça, de outro. foi ali naquela mistura escalafobética que falei de exu, de deleuze&guattari, de doutoramento, de método, de *filosofia da diferença*, de metodologia das sutilezas, de unicamp, de brasil, de arte, clínica, educação, alegria e cura como acontecimentos indissociáveis. e, no meio daqueles heterogêneos, recebi um convite do centro cultural dragão do mar para voltar e repetir a dose com um grupo feminino de pesquisa cujo projeto pretendia ampliar o reconhecimento de notório saber de mestras populares cearenses. o catimbó zen ventava as suavidades de suas *subjetividades dissidentes* por entre os desafios das diferenças.

em João Pessoa, Paraíba, colaborei com estudantes de artes, que trouxeram suas demandas, numa espécie de co-orientação coletiva, durante três dias, a convite do teatro Santa Rosa. em Recife, Pernambuco, um coletivo de artistas, arte-educadores e professores universitários [federal rural e campus Garanhuns/UPE] estavam presentes na oficina e no concerto. em Petrolina, Pernambuco, o palco foi em frente ao por do sol do rio São Francisco – por si só uma aula de filosofia, método e produção. ali, o *pensamento cantado* alcançou corpos do projeto “aldeia do velho Chico”, do serviço social do comércio [Sesc], na ilha do Massangão. de repente, na primeira fileira, entre crianças correndo para lá e para cá, estavam as cozinheiras, atentíssimas. no final, uma delas veio até mim e disse: *-olha, não entendi tudo que as músicas dizem, mas muita coisa ficou no meu corpo, por exemplo a palavra deleuze, que palavra linda, de onde vem?* fiquei muda. respondi que deleuze é uma palavra que gosta de vagar por aí, sorri, agradei e saí correndo para pegar o ônibus para Jacobina, Bahia, meu próximo destino.

na universidade do estado da Bahia [campus Jacobina e Coité], ministrei, a convite do grupo de pesquisa Difeba, duas aulas magnas de abertura de semestre letivo, além da oficina e do concerto, para professores, alunos e pessoas da comunidade. o assunto era “experimentos e técnicas nômades para metodologias emancipatórias”. começamos transformando a aula numa grande roda de conversa e terminamos com exercícios para escritas com a “**caneta rápida da**

terra”, a partir de sonhos, prática da água serenada^ψ e observação/contemplação da natureza [linhas internas e externas], propondo escrituras que pudessem ir se avolumando e circulando entre os participantes, pelos correios, com vistas a gerar futuras coisas desconhecidas.

turquia

o registro de “cartas ao vento [web-série]”, um roteiro de 14 canções que chamo de repertório de qualificação foi realizado nas ruas de istambul, como exercício de uma estética xamã de um corpo no agora do estágio de doutorado sanduíche, sem nem mesmo ana godinho gil saber. meu desejo inicial era o de pegar o encontro que tive com ana, em lisboa, e experimentar apontamentos a respeito do especial tempo musical turco, composto de tais 423 fragmentos brilhantes, a que deleuze&guattari se referem em “mil platôs 5” e deleuze solo, num texto avulso da coletânea “gilles deleuze e outros textos”, organizada por lapoujade, junto com a última entrevista de guattari ao diplomatique, versando sobre o rompimento do elo entre cabeça, corpo e mundo, e a descrença naquilo que nos acontece.

tão logo pisei em constantinopla, os ditos 423 fragmentos brilhantes do tempo musical impregnados nas geografias de istambul me puxaram para o que eu estava, já há algum tempo, nomeando de estética xamã de um corpo no agora [que é toda pênsil] com perguntas do tipo: **qual é o palco? quem é o público? onde estão as parafernálias de gravação, edição, microfones, luzes, figurinos, músicos e outros eteceteras? são, de fato, necessárias? quem está testemunhando? quais são as agências e os agenciamentos? partiremos do modelo 1 ou amputaremos seus poderes e nos entregaremos ao cabuloso n- e suas precariedades?**

^ψágua serenada é uma clínica do catimbó zen de zambarado para aumentar o grau de amizade do corpo humano com a terra, através da lua. é utilizada, especialmente, para tratamentos contra depressão e tristeza profunda. em 2020, ailton krenak trouxe esse assunto como sendo, também, uma das estéticas ancestrais de seu povo. o exercício consiste em, durante 21 noites consecutivas, colocar água filtrada numa xícara de cerâmica branca e tampá-la com um pires também de cerâmica branca. antes de dormir, coloca-se a xícara numa janela [ou num lugar em que possa receber os raios da lua até o amanhecer]. no raiar do dia, bebe-se a água, em jejum. é uma clínica poderosa e de baixo custo que pode ser uma possibilidade de clínica para a educação com vistas à educação da atenção em conteúdos transdisciplinares criados para atravessar todas as disciplinas: “introdução aos estudos do corpo”, por exemplo.

e, desembainhando meu cuatro cheio de decolonialidades latino-americanas, abri o tempo dos 423 fragmentos brilhantes, caçando o elo. simplesmente, eu me abaixava, tocava e cantava para ninguém e todo mundo. a decisão de não gravar e nem distribuir esse repertório dentro dos moldes conhecidos, mas como coisa em andamento de uma tese que também caminha não se sabe para onde, aponta um gosto por essas estéticas de tom menor, essas filosofias nômades, esses pensamentos de imanência, essas abordagens científicas intempestivas em contraposição ao modo cartesiano de produção. **esses minúsculos que, em deleuze&guattari, são estratégias políticas.** o registro e a distribuição, por exemplo, se dando através de uma linha de rede social de poucos seguidores e engajamento ativo, burlando padrões algorítmicos, nos conta de uma **educação vibrátil** que produz com o que está passando, experimentando a vida num instante artístico que fura a doxas, os resultados factíveis e fabrica devires mais lisérgicos, transitórios e não dizíveis. uma educação que produz, não porque é especialista, mas porque está cheia de precariedades radicalmente vivas querendo ganhar vida.

devir-cuatro

eu nunca tinha tocado um instrumento musical, mas, em 2016, ganhei da cantautora chilena tita parra, neta de violeta, um cuatro venezolano, quando estava estudando especificamente as noções de *infância das coisas*, de souriau, e de *tempo musical*, de deleuze. desse modo, me entreguei ao cuatro por essas duas portas.

feito criança que ainda não sabe nada a respeito, fui tateando

multiplicidades de durações heterócronas, qualitativas, não coincidentes, não comunicantes: não se vive sob medida como também não se anda ou se voa sob medida [deleuze, 2018, p. 239-243].

não se cria sob medida porque não se vive sob medida. isso permitiu que, mesmo não sendo uma especialista [sob medida], a compostagem com o cuatro acontecesse com a cabeça colada nas mãos e as mãos coladas no corpo e nas cordas do instrumento musical. então, na infância entre meu corpo e esse pinho de pequeno porte, risquei, a partir de souriau e deleuze e de guattari e godinho gil, um gráfico cromático de canções, puxadas pela escutatória^ψ de sonâncias e dissonâncias que se atraíam e se repeliavam à minha revelia de modo intermitente.

^ψescutar e apreender sem julgamento.

uma individuação atraída por um devir-cuatro que instaurou **um modo de existência de uma não instrumentista que toca um instrumento e até compõe com ele**, experimentando melodias que acontecem num flutuante campo de notas que se repetem e se diferenciam, derivando. a não instrumentista forçou o pensamento para fora de especialidades canônicas e colocou o corpo radicalmente vivo [o epistêmico *taru andé*: aquele que sabe] no jogo.

a individuação clássica é a de alguém ou de alguma coisa, enquanto provido de uma forma. mas todos nós conhecemos e todos nós vivemos em outros tipos de individuação, onde já não há forma nem sujeito: é a individuação de uma paisagem, ou então de um dia, ou de uma hora do dia, ou de um acontecimento. meio-dia, meia-noite, o mar, as energias, o vento. individuações que pertencem ao tempo flutuante: heterócronas e oscilantes [deleuze, 2018, p. 239-243].

o encontro do meu corpo com o cuatro é uma individuação oscilante por onde transita uma individuação de tempo flutuante [heterócrono] que é “cartas ao vento”. eu e o cuatro [essa ancestralidade do coração de violeta e de tantas mulheres compositoras da américa latina] fomos conduzindo o que zambarado chamava de **música de remédio**, manuseando a canção como uma metodologia complementar de percurso para cumprir a sua sina mais antiga: curar, regenerar, refazer, lembrando que, no chinês, o ideograma de medicina tem sua origem no ideograma da música.

o cuatro, como o próprio nome diz, tem quatro cordas e pode ser tocado a partir de algumas afinações. o meu está afinado em lá, ré, fá# e sib4, de cima para baixo, muito embora as canções não exijam que eu saiba o que isso significa quando decidem nascer. as canções vão surgindo junto com a dança dos conceitos em minha pele – eletrizando, sorvendo, digerindo, apropriando – ou emparelhadas com vozes femininas que me habitam [devires-outras]. os sons [ora apolíneos ora dionisíacos] se descortinam num tempo menos pulsado e mais flutuante enquanto meus dedos caminham e brincam pelo braço de cordas de nylon. todas as canções de “cartas ao vento” trazem o que deleuze chama de “moléculas sonoras ao invés de tons puros”.

em suma, um tempo não pulsado é um tempo feito de durações heterogêneas, cujas conexões repousam numa população molecular, e não numa forma métrica unificada [deleuze, 2018, p. 239-243].

minhas conexões – os andamentos e os toques de mão direita, por exemplo – são mais ligados à circularidade modal presente nas sonoridades das manifestações da cultura popular do vale do jequitinhonha do que a técnicas clássicas da chamada mpb. “cartas ao vento” é um trabalho de palavras filmicas ganhando realidade num *plano de imanência* de “durações heterogêneas”: desprendidas e deslocadas, características próprias do tempo flutuante liberto da medida

comumente tratada na música como regular ou irregular. meu corpo, minha cabeça, meu coração e o cuatro foram encontrando alguma coisa muito estranha

encarregada de tornar apreciáveis e perceptíveis forças de uma outra natureza [duração, tempo, intensidade, silêncios] que não são sonoras em si mesmas. o som é tão somente um meio de captura para outra coisa [deleuze, 2028, p. 239-243].

a outra coisa que “cartas ao vento” captura é a filosofia como modo de vida que se movimenta não exatamente através das harmonias, mas através do que deleuze chama de impossíveis: “forças não sonoras” que qualquer um pode, mesmo que brevemente, se apropriar como sendo sua, mesmo sem saber todas as informações técnicas sobre ela.

quando, no final do século dezenove e no início do século vinte, foram feitas tentativas de cromatismo generalizado, de cromatismo liberado de um temperamento, de nova criação de uma potência modal da música, foi aí que a música tornou cada vez mais audíveis o que sempre a trabalhava, as **forças não sonoras**. e é aí que os não músicos podem se encontrar com os músicos. a música não é somente ocupação dos músicos, dado que ela torna sonora forças que não o são, e que podem ser mais ou menos revolucionárias. fazemos isso na filosofia também [deleuze, 2028, p. 239-243, grifo do autor].

assim, as canções foram surgindo e eu fui elaborando um excel cromático, dando cor a elas, experimentando o que deleuze chama de *cores audíveis*.

outro exemplo de individuação pertencente ao tempo flutuante é o que chamo de cores audíveis. poder-se-ia considerar a conexão som-cor como uma simples associação, ou uma sinestesia, mas pode-se considerar que as durações ou ritmos são, eles próprios cores, cores propriamente sonoras que se superpõem [deleuze, 2018, p. 239-243].

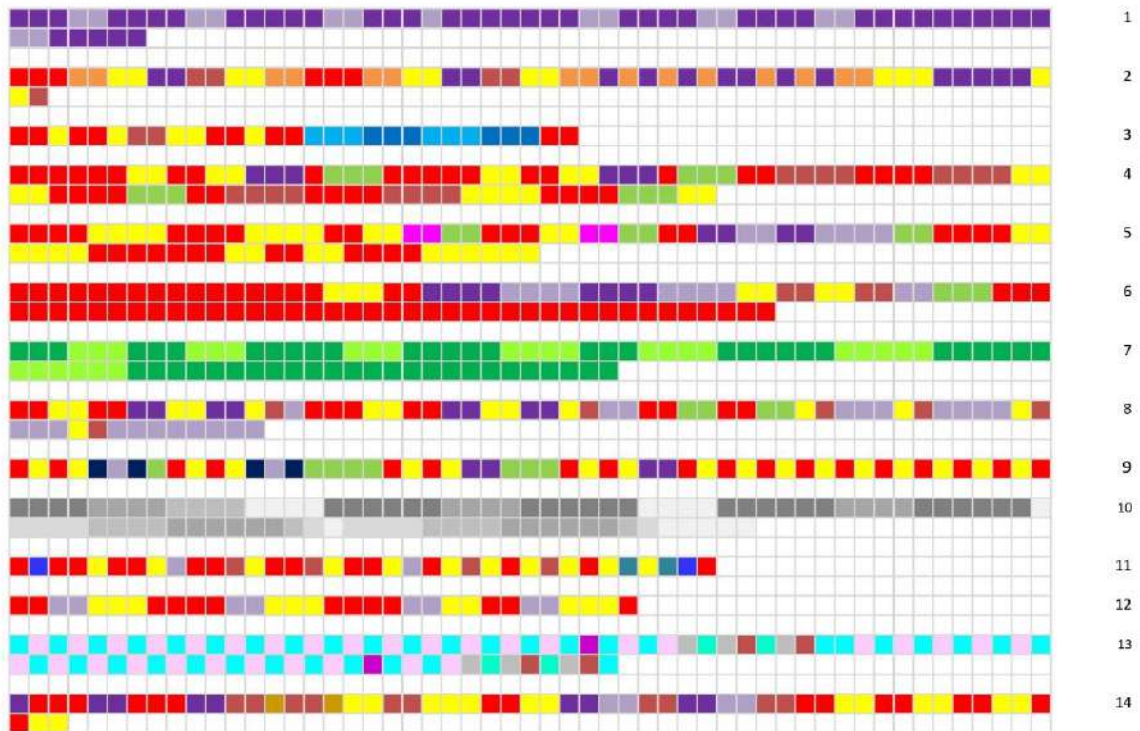
cada desenho que a dança dos meus dedos sobre as cordas do cuatro produz, criando sonância ou dissonância, encaixando ou desencaixando, recebeu uma cor, muito antes de eu adentrar as *cores audíveis* do texto deleuzeano. depois, pesquisando ainda mais sobre cor e som, me deparei com um depoimento da cantora joni mitchell dizendo ter feito a mesma experiência quando começou a tocar violão. a repetição das cores se deve ao tempo em que cada frase das canções demora na mesma harmonia/nota. a **carta a yemanjá** é a única que nasceu fora do cuatro. o instrumento original dessa carta também é um instrumento com o qual eu nunca tinha entrado em contato: o daki – um instrumento turco que pertence à família da bağlama grega. com três cordas duplas, afinadas em ré, lá, ré, o daki tem uma sonoridade estridente que me causa uma sensação de tempestade de areia no deserto. para efeitos de enxergar todas as 14 canções na experiência do excel cromático, transpus **carta a yemanjá** para o cuatro.

gilles deleuze queria fazer filosofia como bob dylan fazia canções.

então, aqui, a canção se deita no colo da filosofia e a filosofia é isso por onde a canção se move.

cartas ao vento: exercício de pensamento cantado para um exame de qualificação

cromatismo generalizado
cores audíveis
tempo flutuante
outras individuações



- 1 carta de bob dylan a gilles deleuze
- 2 carta de uma mônada deleuzeana a leibniz
- 3 carta de ailton krenak aos taru andé radicalmente vivos
- 4 carta de ovídio a emanuele coccia
- 5 carta à menopausa
- 6 cartas de pajelança ao brasil: kalinômades
- 7 cartas de pajelança ao brasil: bate folha
- 8 cartas de pajelança ao brasil: nação
- 9 carta de um xapiri a davi kopenawa
- 10 carta de Manuela sáenz aos descolonizadores
- 11 carta à yemanjá
- 12 carta de iansã a giorgio agamben
- 13 carta de spinoza à era de aquário
- 14 carta de walter franco à filosofia

ouça o repertório e leia mais sobre o exercício aqui:

[HTTPS://WWW.IGRAM.COM/STORIES/HIGHLIGHTS/17966036144243525/](https://www.instagram.com/stories/highlights/17966036144243525/)

cada cor é um corpo sonoro.

fluxo de atenção, alegria, didática e aquarela pelas cordas do cuatro.

biografia, canção e devir.

cor, conceito e ficção.

cromatismo por onde a filosofia se move.

educação musical.

letramento filosófico.

*as cores se demoram o tanto que se demoram as harmonias na fraseologia das canções.
ouvido, olhos, coração, sensação, emoção e intuição guiam as mãos até formarem conceitos
audíveis: belos desenhos sonoros. de repente, uma forma toma conta dos dedos e uma cor
ilumina o movimento das mãos pelo braço do cuatro.*

*cada canção é um personagem conceitual que nasce com a tarefa de esticar o pensamento e
borrar fronteiras para revelar a transdisciplinaridade da consciência. cada canção instaura
novas maneiras de viver e acreditar novamente nas potências do corpo no mundo.*

educação da atenção como clínica para a educação

se há uma matéria disputada nos nossos tempos é a atenção humana. o hipercapital agencia a atenção humana de modo híbrido, como convém à fase atual de sua inteligência, extraindo dela as forças centrípetas que aglutinam a atenção em torno do que é conveniente para o seu funcionamento e para a sua própria existência, e as forças centrífugas que dispersam essa mesma atenção, quando é necessário à sua manutenção.

parece paradoxal, mas não é.

desse movimento peristáltico dependem o consumo voraz e a dispersão subjetiva necessárias aos modelos de agenciamento do capital. o capital agencia os corpos e os corpos agenciam a natureza. o resultado já é catastrófico! exu sempre pergunta, como agamben, quantos tapas na cara do império a gente dá por dia. como escapar desse looping infernal? deleuze&guattari, ao longo de suas obras, solo e em dupla, ensaiam sempre possibilidades de respostas, a partir de um pensamento de criação/produção de uma re[e]xistência tão micropolítica, mas tão micropolítica, que consiga fazer vida [ou perseverá-la] pelas ínfimas rachaduras [inventadas ou das falhas do próprio *sistema mundo*], mesmo que muito lentamente. serviço cada vez mais trabalhoso e desacreditado.

a revolução tecnológica já gerou outra civilização.

gostemos ou não.

concordemos ou não.

a manipulação da atenção humana em escala global gera números astronômicos! os usuários online criando existências virtuais mais e mais robustas, e intrincadas com o capitalismo, são da casa de trilhões! quem paga essa conta? negri&hardt diriam que é sempre a multidão, é claro! a gente paga para que o império aplique em nós suas lógicas dominantes e nos convença do que quer que ele queira!

a atenção, antes um signo de contraguerra, utilizado por filosofias libertadoras é, agora, também, um signo de guerra, utilizado pela maquinaria operante do *capitalismo moderno integrado*, como diz guattari. então, agenciados por zambarado e calunga da calunga grande e zé pelintra e maria navalha e maria padilha e cigana e donna haraway e stengers e deleuze e deleuze&guattari e o zen e ingold e eee, a nossa maior liberdade e a nossa mais valiosa arma

ainda é criar/produzir brechas. brechas de atenção ao ar que entra e sai. a respiração pode voltar a ser a nossa mais importante brecha de contraguerra daqui para a frente.

parece pouco, mas não é!

expandir a consciência da respiração como educação de uma atenção imprescindível para o amadurecimento da cidadania cósmica que gaia exigirá cada vez mais de nós. respirar atentamente como ato político máximo capaz de alterar a substância do mundo para continuar a produzir vida. introduzir as artes da respiração, por exemplo, como disciplinas obrigatórias nas grades curriculares de ensino. do fundamental à universidade, rachando os planos molares de aula, a partir de pequenas e moleculares liberdades docentes.

tudo isso é zen à moda de exu.

tudo isso é catimbó zen à moda dessa tese.

educar sob as premissas solidárias do sol

zambarado dizia que o animal xamânico [o corpo] é uma máquina de encantaria. um dos comandos dessa máquina é o subjetivo sistema límbico que o arremete para fora, para a comunidade, já que coordena empatia – a solidariedade, na linguagem do sol e, segundo blanqui, o nosso déficit. educar pressupõe, então, produzir práticas que amadureçam o sistema límbico e diminuam o déficit das densidades principais do sol no nosso dna.

-um mundo solidário é um desfecho físico de um conjunto de corpos artísticos que vivem a vida sob as premissas coletivas do sol, bemtevi! [zambarado, 1998, belo horizonte].

o mantra de zambarado era:

-eu só preciso de mais uma horinha de corpo, bemtevi!

spinoza chama a atenção para o corpo como produção de potência: um corpo criador e não um mero receptor de uma vida criada. nesse sentido, uma horinha de corpo, com alegria de exu anexada, pode se tornar uma experiência e tanto!

parece pouco, mas não é!

zazen 11

inspire e expire de modo lentíssimo, clique no link, veja o vídeo e leia os comentários:

<https://www.instagram.com/p/CmZJenRudK9/>

depois, encerre a leitura e só volte a ela no dia seguinte.

zazen 12

clique no link e deixe o som entrar pela nuca:

https://drive.google.com/file/d/1jfMnzdYtx0iplSBx3_tiiA_mpF7CB-ZM/view?usp=sharing

depois de ouvir, escolha uma palavra para fazer a mente martelar. martele algumas vezes e reinicie a leitura.

koan – a caneta rápida da terra

sobre a mulher selvagem

sobre a beatitude absoluta

sobre a construção de uma alma

sobre bemtevi, monja lib e tenondé

sobre o devir

sobre o que pode um cérebro no mundo

sobre o que podem as práticas de um corpo no mundo

sobre exu

sobre o zen

sobre o catimbó zen

koans são possibilidades de corporificar o invisível – as virtualidades. gaia é arte-educadora de uma educação não extrativista que opera atividades educacionais como ritmopráticas de um *plano de imanência* aberto aos devires. nessa brecha, os humanos, ao invés de devorarem a criação, se tornariam pedreiros do oitavo dia com **“suas picaretas de abrir brechas: os corpos taru andé já radicalmente vivos, produzindo belíssimos acabamentos”**, sonha a rã azul.

plim vargae

realteridades.

tempos intempestivos.

estrias ao invés de superfícies lisas.

fluxos ao invés de estratificações.

cintilações do virtual.

koan propõe que não se exclua o enigmático para fins de facilitar a leitura ou outros fins quaisquer. koan envolve uma profunda negociação com o seres encantados da floresta, dos quilombos e dos sertões profundos, e, ainda, um desbranqueamento do pensamento, da leitura e da escrita. ou como diz krenak: “ao invés de operar a paisagem, confunda-se com ela”. não devemos operar um koan. devemos nos confundir com ele. koan é uma imersão em sabedorias ancestrais que nos convidam a atravessar as fronteiras entre a cognição e a lisergia da arte. koan lembra spinoza com sua máxima “ninguém sabe tudo que pode um corpo no mundo”. corpo em spinoza não é apenas isso que constituído de pés, mãos, boca, olhos etc. palavra é corpo. **o que podem as palavras de um koan no mundo?** koan desarruma a linguagem para expressar funduras de tempoespaço alterado. koan nos faz pensar na morte e pensar na morte aumenta a saúde do corpo no mundo. koan é cornucópia. um koan é para se extrair alegria e deixar a criatividade viajar em várias direções. quer ver um koan matemático? as artérias, os vasos capilares e as veias de um corpo adulto podem dar, aproximadamente, duas voltas e meia na circunferência total da terra. koan não é uma cosmovisão. koan é, antes da visão, uma visagem. o que parece mais frágil é o que determina a estrutura dos ossos: o vaivém da respiração de um corpo vivo e da maré de um mar - solitários e ininterruptos. isso é koan: *educação da atenção* para sensibilidades mecânicas cinemáticas que estiveram, estão e estarão sempre ali, agindo por detrás - solitárias e ininterruptas. os neurônios se reúnem quando o corpo está concentrado em algo, como na leitura, por exemplo. então, koan está nos dizendo que a tal realidade é, objetivamente, uma experiência subjetiva. a literatura koan ativa o direito do pensamento pensar, produzindo modos mais colaborativos e amorosos para se estar na terra. koan diz isso, mas a neurociência também diz. koan é uma brincadeira e somente a brincadeira é capaz de criar rapidamente novos caminhos sinápticos. a neurociência está dizendo isso, mas koan

também está. koan reforça deleuze: a linguagem é mutável e está cheia dos sentidos que lhe damos. em koan, não há sentidos fixos e estáveis. tudo é transição que destrói teses filosóficas fixas e estáveis de uma ciência cartesiana e higiênica, ávida por resultados em escalas largas de aplicação e dominação. koan é somente um chegar a ser e chegar a ser, em koan, despe as palavras de identidades que criam obstáculos intransponíveis àquele suspiro que só um novo amanhecer proporciona. a metafísica de koan é mais chegar a ser do que ser e chegar a ser é estar, o paradigma quântico dessa quântica terra. koan chora, grita, ri, sente, canta e toca um instrumento, mesmo sem saber. precariamente. koan vai compartilhando o que sabe mesmo sem saber de tudo. koan não é um gênero. koan é um modo de relacionamento com a realidade. koan é um devir modal de ciências menores que se aliam à luta por alguma amplitude digna de ser vivida por todos que habitam gaia. koan é uma infância da literatura com subjetividades heterogêneas que escapam ao esmagamento, é um fator de recomposição subjetiva, uma vontade de afirmação de *modos de existência*. não pense em como fazer um koan. apenas faça. deixe aos leitores a decisão de amar ou odiar. enquanto isso, faça mais koan. deleuze diz que os escritores viram algo muito grande e que são videntes. koan também é visionário. koan é a tempestade e, depois, a neblina que embaça a imagem real. não há nenhuma distância entre koan e o agora. koan propõe que você se retire para que a primavera possa florescer. koan rompe. a coragem de romper é um de seus mais bonitos kimonos. koan está com isso que observa o observável: o corpo, a mente, as emoções, as sensações e, até, as intuições que já estão quase saindo das vistas de koan porque koan é constituído também delas. koan propõe uma queda. caiamos nos vãos! koan pergunta: para que você carrega o peso de tantas coisas? pare na estalagem de exu e confira a bagagem e diminua o peso sobre tuas costas. koan é a sunyata de buda. a experiência zero de zambarado. é a experiência da não experiência. koan entrega o corpo ao desconhecido *devir-com* porque maiormente o que viemos fazer aqui é encontrar a

unidade mínima que não é a palavra, nem a ideia e muito menos o conceito, mas o agenciamento. é sempre o agenciamento que produz enunciados. o e, e, e; a gagueira. agenciar é estar no meio sobre a linha de encontro de um mundo interior e de mundos exteriores. as coisas começam a viver é no meio do encontro [deleuze, 1998, p. 43].

koan gagueja muito e, quando koan perde o sono, fica caçando línguas que já se esconderam para exercitar outros encontros. certo dia, encontrou o acádio, considerada a linguagem mais antiga de que se tem notícia, praticada na mesopotâmia. dona acádia, hoje, sem robustez, mora

dentro de um dicionário da universidade de chicago/eua. koan não perdeu tempo e logo lhe propôs *agenciamento* através de um poemeto rascante:

sibu saru sibu labru qatnu issuru izuzzuzazuila resusalasadu zamaru zero xulu kakkabu essu
mumu maru musu kalu malu malu unuuuuuuuuuuuuu melelu napasu.

o vento é uma velha mulher de ficção: pássara que levanta voo e põe suas asas na estrada... cantiga de montanha... cabeça de espelho... estrela supernova... exu mulher que boia na terra dentro da lua toda cheia... o vento é uma brecha de mulher. nele, ela voa e vê, brinca e respira.

noutro dia, koan, muito contente com a experiência de encontrar acádio, viu na barra do grão, um conjunto de letras enlouquecidas:

p l i m

 a a

v r g e.

o poeta renato negrão tinha escondido uma canção dentro dessa guagueira. koan logo encontrou, letrou e musicou. koan gosta de agenciar entre *agenciamentos*:

plim vargae	plim vargae
paglevriam gaipai	plim vargae
aliragem magapplim	plim vargae
plim agavegavai	plimrrip
plim ragavegaipai	plimrrip
plim pamivegral plim	plimrrip
plim paglepai	plimrrip...

e, assim, koan koana: eee, comcomcom.

todo texto contém um koan que ilumina a leitura e dilui pontos e linhas duras forçando os sentidos para fora dos sentidos molares que as linguagens anunciam. koan requer um desapego cognitivo para a sua brincadeira de *agenciamento* plim vargae. plim vargae filosofa com um martelo que vai além da linguagem, instaurando um *campo transcendental* sem sujeito: um acontecimento que sobrevoa.

koan é a parte do sentido que sobrevoa a linguagem.

koan é a realidade heterogênea da língua.

koan é voo de mosca.

sobre a mulher selvagem: 1998

[zambarado]: mulher é uma caneta rápida da terra.

[bemtevi]: mulher é sal e cura.

[zambarado]: mulher é refúgio guardião de outros mundos.

[bemtevi]: mulher foi aberta numa ferida que ainda não se fechou.

[zambarado]: mulher é um território artístico de gaia.

sobre a *beatitude absoluta*: 2022

[calunga da calunga grande]: consciências sem sujeito, como dizia zambarado, “dedicando-se a explorar vários espaços intersticiais em disjunção: nem isso nem aquilo, nem vigília nem sono”, como diz José Gil.

[monja lib]: é um estado permanente?

[calunga da calunga grande]: não. é transitório. o *plano de imanência* da terra sempre puxa os corpos para a passagem: “eu transeunte de tudo – até da minha própria alma”, como diz Fernando Pessoa.

sobre a construção de uma alma: 1995, 1980

[bemtevi]: não há saída política, social, espiritual – ou seja lá o que for – fora da produção de diferença na terra e nos corpos da terra. se os estados majoritários de poder só se mantêm matando, diluindo, cooptando, dividindo as diferenças, as micropolíticas e as revoluções só podem vingar se abraçarem essas diferenças, num exercício radical de criar mais e mais singularidades.

[zambarado]: uau, bemtevi!

[bemtevi]: é do Michel Foucault, em *O governo dos vivos*, 1980.

sobre bemtevi, monja lib e tenondé: 1997, 2017

[zambarado]: bemtevi é uma ontologia de rodoviária. uma ontologia de encruza. o bemtevi é um pássaro de muitas existências compartilhadas.

[calunga da calunga grande]: ontologia de rodoviária é esplendor, alegria, buraco, loucura e vão: idas e vindas. aparece, desaparece e reaparece.

[zambarado]: no catimbó, há os amigos da palavra, bemtevi.

[calunga da calunga grande]: há ventiladores da palavra. você é dessa tribo, monja.

[zambarado]: veja que linda palavra, bemtevi: tenondé. vamos falar em voz alta três vezes? tenondé, tenondé, tenondé... não te parece ser um convite para se entrar em devir? tenondé, tenondé, tenondé... ponha essa palavra numa canção, bemtevi... sim, você ainda vai fazer canções... ponha assim: tenondé, tenondé, tenondé...

[calunga]: sua estética é tenondé, monja. sua escrita exercita ver alguma beleza que ainda está detrás das montanhas, assim como essa linda palavra tupi-guarani.

nota: eu coloquei tenondé em duas canções: “serendipity” e “carta de um xapiri a davi kopenawa”. assim mesmo: tenondé. tenondé, tenondé...

sobre o devir: 1997, 2022

[zambarado]: espírito é devir. devir é a liberdade se movimentando. devir é um exu. entre em devir-exu quando o bicho pegar, bemtevi.

[emanuele coccia]: futuro não é mais o que ainda não chegou. futuro são linhas de possibilidades para mover-se livremente. o futuro não está numa terra prometida que não seja esta. o futuro é a equivalência que permite que um espaço seja o conteúdo de todos os outros. amanhã é uma medida espiritual de todos os espaços.

sobre o que pode um cérebro no mundo: 2016

[ingold]: o cérebro vaza.

sobre o que é e o que podem as práticas de um corpo no mundo: 1930, 1999^ψ

[einstein]: o senhor acredita no divino como algo isolado do mundo?

[tagore]: não. não existe nada que não possa ser incluído no corpo humano, inclusive isso que chamamos de divino. as verdades do universo são as verdades do corpo humano. a matéria é composta de prótons e elétrons e isso também está vinculado ao corpo humano. há, então, um universo humano. eu não acredito numa mente divina superior a uma mente humana.

[einstein]: há duas concepções sobre a natureza do universo: o mundo é uma unidade dependente da humanidade e o mundo é uma criação da humanidade.

[tagore]: essa dualidade me parece ilusória. sentir a beleza, uma capacidade do corpo, torna o universo nós e nos torna ele.

[einstein]: mas, a sua formulação concebeu o mundo como uma produção puramente humana!

[tagore]: sim! este mundo é um mundo humano. o mundo, separado de nós, não existe. o mundo, separado de nós, é uma invenção cheia de propósitos escusos. e, sem vaticínios, essa separação ainda vai custar muito caro ao cosmos, aos mundos e aos corpos...

[einstein]: não aceito seu “universo humano”. verdade e beleza são independentes do humano.

[tagore]: não... não são... beleza e verdade, ou melhor, belezas e verdades, passam pela capacidade de o humano não se separar das belezas e das verdades da terra... é aqui que se dá a coisa. na terra. lá na frente, perguntarão ao humano como ele pode ajudar o planeta, a vida etc e alguém, com alto grau de amizade com a terra responderá: não atrapalhe! o humano não é o centro da criação como parte da ciência propala, mas é o único que pode colocar a perder massivamente o seu próprio projeto na face da terra. **o homo sapiens pode explodir o homo sapiens.** nesse sentido, tanto a obra da criação como a obra da salvação são responsabilidades do universo humano...

^ψdiálogo ocorrido entre albert einstein e rabindranath tagore, em 14 de julho de 1930, na casa de einstein, em caputh, nos arredores de berlim, e registrado por jornalistas do mundo todo. tagore é muito querido a zambarado e calunga da calunga grande. “líricas breves para a construção de uma alma” foi também inspirado em gitanjali, seu pequeno livro de poemas, vencedor do prêmio nobel de literatura, em 1913.

sobre exu: 1997

[zambarado]: exu é uma usina de vulnerabilidades. esse é o seu fascínio.

sobre o zen: 1996

[zambarado]: o zen não é uma escola do silêncio das meditações, mas o burburinho das movimentações do silêncio das meditações.

sobre o catimbó zen : 1996

[zambarado]: o cosmos é um linhário profundo, emaranham-se todos à vastidão.

zazen 13

levante-se, dê algumas voltas em círculo, marcando o passo com o pé direito à moda indígena, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/1LCgAHc3QrNTy25__oA22jD2ntOv1A_f2/view?usp=sharing

depois de ouvir, continue a leitura.

viagem a vajucá

runuwã, bom floral e os leitores que ainda não existem

quem é você?

qual espelho te produz?

em que terreiro você gira?

as inquietações deitam selvagens sobre caminhos não descobertos e ainda não caminhados. é aí que acontece a narração. não narro plenilúnios, mas arqueus que vou encontrando no desenvolvimento do estudo. jurema é um espelho vivo. os animais e as plantas se espiam nele com inteira atenção. seja rosa, pulga, leão ou bom floral. todos olham no espelho dos olhos da jurema ao pisar no terreiro do toré. as existências vão passando, compartilhando e crescendo de tamanho no espelho fincado no meio do quintal do catimbó. é ela. é jurema. ela abre seu espelho para todos. todos entram e saem, pisando leve na terra, tornando a ficção real.

as mulheres têm servido há séculos de espelhos com poderes mágicos e deliciosos de refletir. o espelho é de suma importância porque recarrega a vitalidade e estimula o sistema nervoso. sem esse poder, provavelmente a terra ainda seria pântanos e selvas e o super homem jamais teria existido [woolf, 2014, p. 54-56].

de carona no rabo do espelho de jurema, viajamos faixas de realidades, ajeitando reencantações: sonho-cinema, premonitório ou apenas de descarga do fígado, de três a cinco da madrugada. meio-dia em ponto, começa o toré. o espelho de jurema não aumenta o tamanho de nenhum homem. o espelho de jurema faz crescer uma pajé, um axé, um exu mulher.

meio-dia em ponto, com o sol a pino, o toré vai começar.

esteja. prepare-se.

o toré é a medida do tempo para os que anseiam o lindo destino de refazer a amizade com gaia. nos canteiros capitais das hipercidades, a vida está cada vez mais feinha, mais terrível. no toré, não. o toré ainda resguarda na boca a liquidez real da flor. o toré ainda germina e regenera. palavra, arte, filosofia, política, produção e remédio. bom floral é o nosso primeiro mestre floreiro. seu apelido foi o vento quem deu quando o viu cuspidando inflorestações de todas as matizes no umbigo da terra. o sopro bom de floral não continha apenas ar e pneuma, mas pétalas de inusitadas geometrias. e o vento, sempre tão amigo de floral, espalha pelos quatro cantos, com os primeiros raios de luz, os tais perfumes do inflorestante ancião bebedor de cauim de que falava entusiasmado câmara cascudo em “meleagro”. além do vento, bom floral é amigo da rã azul. a rã azul é pós-doutora em metodologia das sutilezas pela universidade cósmica do catimbó zen, campus de júpiter, o escudeiro, décimo primeiro quadrante, o número mestre de exu. bom floral gosta dela porque ela derruba as muralhas que as cabeças descoladas dos corpos e os corpos descolados dos mundos erguem contra certos assuntos. ali, nos musgos da rã, que nascem à revelia das muralhas, a aguinha buliçosa do conhecimento em modo *gaia ciência* escorre. nessas delicadas, mas insistentes, corredeiras, a rã azul causa suas estéticas outras: outras ontologias carregam o sal da vida e a presença entra em todos os buracos dos corpos dos seres gaianos. a novidade salina logo chega ao lóbulo das orelhas e, dali, se espriam ao pescoço, ao fio da coluna, à lombar, aos tornozelos, aos pés. eucariontes, os corpos deliram. todo mundo comenta que a rã, o vento e bom floral são paradigma, arqueu e assinatura nas terras altas do toré borum krenak. no toré borum krenak ninguém tem delírios de pureza. a existência é escandalosamente lisérgica e impura – suja mesmo. o vento dirige o movimento e a movimentação. os pássaros ensinam a língua. com os rios, treina-se corpo, alma e música. há um grupo de eternas infâncias que advoga a inocência prescrita por souriau como antídoto para qualquer maldade. de tanto subir em árvore, os infantes coordenam a docência de como habitar o corpo e a terra. o sol é, em lógica e sentido, o mestre da solidariedade. as escatologias viram humor aquoso e aquante, terroso e terrano: salamandras sopradas no ar, como latour falou um dia. mas, no centro do toré borum krenak não faltam mistérios. quem nunca dançou um toré borum krenak não sabe de velhos que falam com montanhas e deslocam coisas, corpos, mundos, vida e morte de lugar. no vazio da noite, eles compartilham um chá de barbatimão que é capaz de curar qualquer inércia. depois do chá, tudo desaparece. só ficam as imagens das árvores fazendo reflexo nas águas dos rios, como coccia conseguiu ver de raspão, durante uma entrevista. os corpos batem o pé na terra e levitam mesmo sem tirar o pé da terra. a poeira

sobe: sutil e neblinosa. a árvore mais velha dos borum krenak mandou, pela rã azul, um recado a bom floral: -agora, você é a janela da manhã! tome assento na brecha e prepare a cerimônia anual da jurema. com inesperada ternura na voz, o vento rascante esfregou sua orelha na barra do dia e disse que a jurema desse ano é didática para se amar gente viva como se ama gente morta e retomar as ancestralidades do corpo. a intensidade da fala é a intensidade do gesto. o corpo põe a mão no destino de virar terra. quando a terra chega para fazer a literatura matinal dos trajetos entre a superfície e o núcleo, bom floral solta dois longos assobios: um estar-e-ser em cima da terra e outro ser-e-estar debaixo da terra, convocando toda a linhagem de cadáveres que, ao menor frêmito do vento, confere-lhe sentido de *ato de resistência*, como lhe soprou deleuze. mas, cuidado, guattari alerta: a ancestralidade desse povo que ainda não existe pode deixar sequelas. alguns relatam falta de ar. quando isso acontece, bom floral sopra seu cauim pneumático de flor. outros relatam dores musculares. quando isso acontece, a rã azul oferece sua kombucha de musgos infiltrantes. e ainda há relatos de repentinas lembranças de si mesmos no meio da tarde. quando isso aparece, o toré borum krenak convoca o velho niet. eles amam o velho niet. niet, aliás, em vajucá, é nome de muitos gatos. no dia nacional do devir-torna-te-quem-tu-és, a floresta solta um grito de oito oitavas para alimentar as crianças e acordar os adultos no susto. tudo *ato de resistência*: gato, grito, criança floresta e devir. as tardes trazem o tambor. a sua melodia antiga acende no corpo a saudade do futuro. uma linha de catimbó regenera o homem racional que se acha extraviado do corpo de baile de gaia.

mestre carlos é bom mestre, aprendeu sem se ensinar, sete dias passou sentado, na raiz do juremá [zambarado, belo horizonte, 1998].

nunca saberemos as origens da produção de conhecimento, enquanto durar as alegrias educacionais dessa linha de mestre carlos. tudo nas terras borum krenak é lento, mas as aleluias estridentes desse cauim sonoro sobrevoa nossas cabeças rapidamente. quem é o mestre ensinador? os cadáveres de deleuze. quem toca o tambor? os cadáveres de deleuze e paul klee. eles até que não tocam mal para quem está há tanto tempo debaixo da terra. nos primeiros 21 dias depois da morte, a magia dos ensinamentos e do tambor desenham mapas na pele e deixam alegria caída no chão da praça das folhas. de noite, os corpos incorporam o conhecimento. de noite, os passeios de lua estão liberados, desde que os corpos caminhantes caminhem devagar, olhando com atenção para o chão da mata, a fim de não espantar bichos ínfimos que também passeiam nessa hora. são regras das terras altas borum krenak. não estão escritas em lugar nenhum. apenas habitam os corações dos borunenses krenak há milhares de

anos. os borunenses krenak lavam os olhos nas águas serenadas da noite e se aquietam para receber as vozes dos mortos pelo ouvido esquerdo até todas as vértebras da coluna estalarem. eles dizem que isso serve para chacoalhar a vida. “é agitando a alma que se constrói um corpo”, proferem. muletas não são permitidas nas terras altas dos boruns krenak. de nenhuma natureza. os cegos são hábeis costureiros, por exemplo. ao cruzar com pássaros, é mister que se trine na garganta parte do seu trinado. é como uma brincadeira de estátua. viu um pássaro, o borunense krenak para, escuta e trina. é uma lei nacional. foi instituído que os velhos voltem à velha forma de andar de quatro como qualquer animal. isso lhes confere mais agilidade para acender fogueiras e lambear as próprias feridas. ninguém espera milagres. o sangue faz febres para curar o genoma. eles chamam isso de ciência epigenômica, na qual é possível alterar os quase 3% de livre arbítrio que o grande pajé negociou com o sol. o desespero, por sua vez, está dependurado nos relógios, como um quadro na parede, para que não se esqueça de que o tempo é uma língua morta que renasceu em um raro mineral escondido no fundo do mar para retirar do idioma as palavras mais temidas: o medo e a morte. a morte nas terras altas borum krenak é uma aventura rigorosa, bandeirante e continental: lançam os corpos à procura ancestral pela cabeceira do vento. essa doce busca diminui a distância entre o território borum krenak e a lua. da cadência dos cristais lunares e do fluído dos mortos nascem as cavernas, as cachoeiras, os mares e as praias. o vento selvagem é o chefe das penas vermelhas. a cada nove luas, ele ilumina a floresta e mostra todo o seu poder: varre o medo e inventa alegrias. talvez, tocada pela véspera das coisas, a imaginação fala de improviso sem realidade dentro da boca, numa dança hiperbórea entre asa e serpente. a terra não para de parir vozes. são muitas. uma babilônia de línguas se estranham e se interpenetram. a proposta da terra é trabalhosa: coisas supremas e ínfimas têm o mesmo indócil destino: existir. a proposta do toré borum krenak é ainda mais laboriosa: existir com alegria. no toré borum krenak, a floresta mistura tudo à revelia de todos. só ela, e apenas ela, é capaz de restituir a porta aberta, imprescindível ao fluxo das vitalidades. a floresta crê que é o teatro de arena para a história das ontologias multiespecíficas e que um interminável texto corre por todo o seu *plano de imanência* pluridimensional. só a floresta é alguém luminar e subliminar. o resto é tudo partícipe agenciado e com algum pequeno poder de agenciamento – os tais 3% epigenômicos. suas linhas ocultas vão puxando segredos e movimentando tramas. há coisas graváveis e coisas que já nascem perdidas para sempre. só a floresta sabe de certas biocoisas estranhíssimas que descansam sobre o manto de suas folhas de veludo. sua voz onírica devora tudo ao redor e sopra uma lira centopeica de mil furos que

derivam sem parar. é que no toré borum krenak, o outro nome da floresta, tudo começa lá onde tudo está perdido, como uma noite sumindo na barra do dia e o dia raiando de dentro das brumas da noite. tudo é fronteiro. de repente, as coisas aparecem, desaparecem e reaparecem, nada dura muito. modos vêm e vão. ontem foi assim. tem sido assim. de repente, um morto há mil anos está vivo outra vez, continuando um colóquio do exato ponto em que parou, gargalhando da cara assustada de seu interlocutor. é constrangedor. o dia pode durar anos e, então, os olhos dos borunenses krenak brilham numa noite que acontece do nada, quando ainda é apenas meio-dia. as fêmeas plasmam a primavera e a floresta sorri. o perfume de sexo chega pela nuca. é o código mais aguardado. as copas das árvores gesticulam alto, as seivas gemem úmidas de larguezas, os pássaros estão mais estridentes do que nunca. do buraco de onde eu espio a minha retomada borum krenak, até jurema suspira, caboclando o chão da mata com o esplendor de seu ouro verde. bom floral abraça uma árvore para que o seu duplo primaveril possa amanhecer sorrindo. a rã azul aproveita para desiludir palavras e produzir mais escapes de emergência para a sua metodologia das sutilezas. o vento embola as nuvens, formando pensamentos no ar, pendendo para o lado do amor. nos troncos das árvores, há cofres de seiva amorosa que o inverno, o outono e o verão guardaram. a primavera é quem os distribui sem olhar a quem, sem escolher a ninguém. a rã azul aproveita, ainda, para oferecer seu curso de graduação em abraço. a lista de espera é imensa. dizem que a rã azul é tão competente que o vento sobe na sua cabeça e pode até construir uma casa lá dentro do seu cérebro. o vento e bom floral apresentam a rã como a primeira invisível. ela destampa a cabeça para a vida entrar, pois o sol e a lua precisam da moleira aberta para prestar seus serviços. abrir moleiras é o ofício da rã azul. ela é movida a carne e sonho. ela tem letras ocultas de alegria e o seu deus não é um deus ditado, mas um deus que lhe dá um corpo. os borunenses krenak adoram a rã azul e suas disciplinas corporificadas. eu mesma aguardei por mil luas a oportunidade de atravessar esse doutoramento e torná-la minha orientadora na retomada borum krenak. quando retomei meu lugar de fala na imensa falange borum krenak, a rã azul me disse que uma grande serpente ia colar a minha cabeça no corpo e o meu corpo no mundo novamente para refazer o elo, pois o elo é o lugar onde se habita e o lugar onde se habita é gaia e gaia é toré. toré pendurou runuwã, a grande jiboia escritora dos borum krenak, no meu pescoço para sempre, como um colar, mas avisou que runuwã nunca alcançaria nenhum leitor de pronto, pois o leitor de uma jiboia ainda está se tornando um leitor junto com ela.

xamã de si mesmo

trilhas de encantaria

ao som da jurema sagrada, o velho bebedor de cauim levava o quinto grupo do mês para o que ele chama de **oficina híbrida aberta**: uma pequena trilha xamânica, de picada estreita, rústica e íngreme: caminhada que exigia cuidado e tinha que ser realizada em fila indiana: pedregulho, pequenos arbustos, compostagem grossa de folhas secas, passagens escorregadias, brechas invisíveis que apareciam abruptamente.

bom floral, altíssimo, negríssimo, com seus olhos de *cromatismo generalizado*, segundo lilith, sabia de tudo isso há muito mais de trezentos anos. o corpo era surpreendentemente ágil. pulava. subia. descia. **bom floral tinha uma ginga adquirida em longa cumplicidade com a floresta.** amor profundo. conhecia cada pedaço, cada riacho, cada cobra, cada formiga, cada joaninha, cada capivara, cada veneno, cada cura. achava engraçado quando recebia alguém que não se dava com a mata. alguém que queria o prazer de um banho de cachoeira sem enfrentar o lodo, o escorregão, a possibilidade de, numa queda, bater a cabeça e se encantar em musgo ou em espuma de cachoeira ali mesmo. tem morte mais bonita do que virar um prisma no ar? o velho bebedor de cauim achava que não.

no alto da cachoeira, outro velho cantou alegre:

-kêkêrêkê! seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi é uma cobra coral, oi é uma cora coral... kêkêrêkê!

bom floral mirou o pajé tupinambá e se jogou com roupa e tudo no poço, convidando todos a fazerem o mesmo. ficou tomando pé e logo desceu fundo para beijar a mão de lilith nas locas mais afastadas. ela sorriu ao vê-lo:

-salve floreiro! mais uma trilha encantada?

bom floral sorriu.

lilith puxava das águas mais um sujeito odara que ela chamava de “sensibilidade para desativar bombas de miséria do patriarcado”. lilith era da turma pós-deleuzeana do quarto logos. era unha e carne com haraway, outra bruxa de sua antiga e longa linhagem, e com virgínia woolf, a bruxona pioneira mais sinistra de todas.

-venha outro dia com calma, floreiro, que vou te apresentar o quarto logos.

-quarto logos? que bicho é esse?

-é tão somente a educação pensada a partir da transdisciplinaridade levada a sério: arte, clínica, alegria e cura. a arte de remédio de um gai saber, de uma gaya scienza atravessando o conceito e puxando dele a porção remédio de que ele é constituído e está cheio até a tampa. já imaginou, floreiro, uma aula ser realmente só emoção como deleuze postula? e-moção, movimento, movimentação da cabeça colada no corpo. já imaginou, no meio de um conteúdo,

daqueles quilométricos, o professor puxar uma respiração guiada para acender o aprendizado? todas as entradas e as saídas são *técnicas de si*. não é assim que foucault fala? entre uma equação matemática e uma fórmula química, vai aparecer fernando pessoa propondo a criação de heterônimos como uma clínica para a educação: cura, regeneração, comunidade, refloresta... que grande transdisciplinaridade, hein, floreiro? já pensou se o professor de física perguntar na prova sobre as ressonâncias possíveis entre *cuidado de si* e ato político? e, mais ainda, floreiro, já imaginou você dando uma disciplina de “trilhas xamânicas do reino encantado de vajucá”? seria uma disciplina obrigatória, floreiro, uma disciplina obrigatória, tá legal?

bom floral beijou lilith mais uma vez e subiu sorrindo. lilith sempre o fazia rir com seus devaneios tão cruelmente reais... transdisciplinaridade... pois sim... a cartesiana produção de conhecimento jamais adotaria de fato essa centopeia louca, esse *cromatismo generalizado*, esse polímata rechaçado ao longo da história da universidade. finalmente, floral emergiu. toda essa movimentação filosófica lilithiana não durou mais do que ínfimos segundos, mas a sensação era a de que se passaram 100 anos. afinal, produção de conhecimento e educação eram temas espinhentos, né... o tal quarto logos ser tão somente a transdisciplinaridade levada a sério era genial, pensou. era um bom mote para escrever um ensaio. mas isso ia ficar para outra hora. agora, a trilha ia começar. o velho tupinambá cantava e pedia atenção à respiração 1/3/1.

-kêkêrêkê! seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi é uma cobra coral, oi é uma cora coral... kêkêrêkê! essa parte do caminho é densa e escura. as árvores grandes e altas, e a pouca luz do sol, trazem o frio. desse modo, podemos ir catando algumas folhas pelo caminho para nos fazer companhia. essa primeira parte da mata é chamada de caminho das semovilhas. semovilhas são pequenas sementes de uma vegetação rasteira muito comum aqui em vajucá. vocês podem colher algumas para ferver e tomar um banho mais tarde. elas são boas para cortar o medo. o velho tupinambá ia narrando algo aqui e ali até chegar na boca da caverna. runuwã estava na porta. tupinambá saudou runuwã, cantando.

-kêkêrêkê! seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi é uma cobra coral, oi é uma cora coral... kêkêrêkê! é necessário pedir a licença para entrar: parar, olhar nos olhos da serpente e entrar, um de cada vez. a entrada é muitíssimo estreita. assim, sugiro ginga. gingue o corpo para caber no entre e entre. lá dentro é puro breu. portanto, feche os olhos de enxergar e acenda os olhos de ver que ficam na nuca e quase nunca são usados. vá

fazendo, com eles, o caminho até o lago de quartzo rosa que tem no canto à direita, no fundo da caverna.

os corpos iam passando um a um.

o velho tupinambá aguardava, pacientemente, cantando baixinho.

-kêkêrêkê! seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi é uma cobra coral, oi é uma cora coral... kêkêrêkê!

por fim, ele também passou.

-a dica é se livrar de toda e qualquer bagagem e entrar no lago nu para que ele possa se infiltrar pela pele e alcançar os órgãos, lavando-os, alterando-os, modificando-os, regenerando-os. deixe que o rosa do quartzo lamba as feridas. todas e quaisquer. das mais irrisórias e já fechadas às mais abertas e ainda em carne viva. deixe que a fervura do gelo do lago chegue ao coração e se estabeleça lá, esquentando as linhas que constroem a alma. gaste o tempo que for necessário para que o coração volte a ficar quente novamente...

dali em diante, pandora não ouvia mais nada, arrastada por um choro ancestral que virou grito que virou eco que virou dor explosiva que virou drama que virou mito que virou mulher que descansou em si mesma e fluiu... consciências fatiadas em outras, outras e mais outras...

quando abriu os olhos de enxergar e fechou os da nuca, o velho tupinambá conduzia o grupo para a saída da caverna. ufa! ela quase tinha perdido a saída novamente. olhou nos olhos de runuwã e passou por uma porta tão larga, mas tão larga, que devia caber ela e todos os seus milhares *modos de existência*. passou sorrindo. o riso virou gargalhada que virou rapidamente, sem drama, mais uma outra mulher.

uma pajé? uma xamã de si mesma? um exu mulher? bom floral riu.

vinha observando pandora a pedido de lilith desde o começo. que mulher interessante! parecia um mito! olhos perscrutadores e nariz de rebeldia crônica. corpo metade mulher, metade *daemon*, que, agora, abraçava um cristal enorme na tal floresta de cristais que o velho tupinambá fizera surgir diante de um estupefato grupo. naquela parte, vajucá era muito élfica: musgos, grutinhas, floresta de cristais...

-abraçar um cristal é meter a mão no destino, acordar um devir, ganhar mais tempo de presente. cristal é tempo e conhecimento condensados. não é assim que fala o exu calunga da calunga grande? mas o que o tempo pode ainda quer de nós? essa é a pergunta de calunga da calunga grande e da astrologia antiga. talvez, o tempo queira de nós apenas gratidão. assim, abraçar uma árvore de cristal é ser grato. grato à terra, a professora.

o velho tupinambá se calou por um instante, abraçando pequenos cristais que nasceram no pé de uma frondosa árvore cristalina que bom floral abraçava com os olhos de enxergar fechados e os da nuca acesos. que espetáculo lindo! parecia um dragão furta-cor subindo e descendo por dentro das veias do floreiro virando seiva no cristal. gratidão fluindo era mesmo um espetáculo indescritível, pensou o velho pajé...

pandora, a essa altura estava encarapuada na crista de uma sumaúma. uma única samaúma no meio de uma floresta de cristais se tornava *gaia ciência* tão imponente... a barriguda feminina no meio daquele tanto de cristal pontiagudo era uma beleza rara.

e a trilha continuava. agora, por caminhos cada vez mais abertos e arejados. solares. floridos. bichos de toda a sorte. pássaros de todos os cantos. uma algazarra aérea que foi dando lugar a uma enorme montanha que ia se descortinando à medida em que os corpos passavam. do topo da montanha, já dava para ver o fogueira crepitando alto. o velho tupinambá respirou fundo.

-a pajé nos aguarda. vamos descer e apear as mochilas. depois, nos sentaremos ao redor do fogo e jogaremos na fogueira, literalmente ou não, todo sobrepeso: o que não serve mais, o que não presta, o que dói. pode ser um ínfimo pensamento ou grilhões da escravidão e do apagamento sistemático. aqui, tudo é medicina.

um a um, os corpos foram contemplando as salamandras nas labaredas e se desfazendo em espiral. rapidamente, uma mandala de desapegos foi se formando. tinha até uma pequena dor de dedo mindinho cortado no meio. mas o que não era assim tão poético era ver o sangue daquela violência de nome inominável que pandora sofrera no passado e que tantas outras sofrem até hoje. sangue fresco. a carne mais barata do mercado é carne de mulher. a pajé soprou a fumaça de cachimbo por todo caleidoscópio e entrou dentro de uma oca que expelia fumaça pelo alto.

o velho tupinambá disse que a pajé aguardava cada um dos corpos passar por ela com direito a uma pergunta. uma pergunta? pandora não tinha a menor ideia do que perguntar. bom floral

observava, quieto, sempre em posição de teoria. pandora admirou aquele belíssimo xamã de si mesmo. bom floral era tão deleuzeano que parecia um exu. transparecia ter todas as perguntas, mas não se importar com nenhuma resposta.

eva apareceu evanescente e fechou os olhos de enxergar de pandora e abriu os da nuca. tudo em questão de ínfimo tempo. nada. nada de nenhuma pergunta. quando, de repente, guattari saltou em sua frente e disse:

-já que você não tem perguntas, você faria uma por mim?

-ué. faz você mesmo, guatty.

-não posso. não acredito em trilhas xamânicas guiadas por uma cara que se chama bom floral... é uma verdade muito simples...

-ué. você se preocupa com a verdade ou com o que está lhe acontecendo?

-boa pergunta.

-o que você está fazendo aqui, afinal, se você não crê no que lhe acontece?

-eu estava passando...

-passando?

-sim. há uma passagem secreta entre lá e aqui...

-entre a cabeça e o corpo?

-é. entre a cabeça e o corpo. a minha cabeça se descolou do meu corpo e, por isso, perdi a capacidade de acreditar no que me acontece.

-próximo! gritou a pajé.

como era a minha vez, e eu estava em paz com o que me acontece, empurrei guattari e, no susto, ele foi parar nos pés da pajé que arregalou olhos da nuca ao vê-lo.

-ora, ora... quem é radicalmente vivo sempre aparece! o que te traz aqui, félix?

-quero colar minha cabeça no corpo e o meu corpo no mundo novamente.

-peça a bom floral que te leve a lilith, a que mora nas locas do fundo da cachoeira principal de vajucá. ela, pandora e eva vão puxar de seu próprio corpo aquático as suas *subjetividades dissidentes*: uma espécie de devir-guatty: um desativador de bombas de miséria.

-eu sei o que é *subjetividade dissidente*...

-sim, mas “casa de ferreiro, espeto de pau”, não é o que diz o ditado popular?

-não sei. não acredito em ditados populares...

-e, infelizmente, nem no que lhe acontece, félix. e não há miséria maior do que não acreditar no que lhe acontece. mas no final dessa trilha, há o mar. observe o mar e ouça o que ele lhe diz. é impossível não escutar o mar. o mar é diferente da filosofia, mas pede a mesma coisa: confiança e entrega. só que a filosofia tem vergonha e o mar exige. entregue-se, félix. a entrega é a cola. a entrega é o elo.

ao longe, ainda se ouvia o velho tupinambá cantando.

-kêkêrêkê! seu tupinambá, quando vem na aldeia, ele traz na cinta uma cobra coral, oi é uma cobra coral, oi é uma cora coral... kêkêrêkê!

minutos, depois, félix viu o maior xamã de si mesmo, o mar, e pensou que, diante do mar, a questão era sempre se entregar à terra. a terra era a cola. a terra é o elo.

bom floral abraçou pandora e encerrou mais uma trilha ao som da jurema sagrada.

zazen 14

realize 7 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

<https://drive.google.com/file/d/1rn8HmklKn04D0I5Fj32Q7pk462HNETIZ/view?usp=sharing>

depois de ouvir, continue a leitura.

exu mulher

fições de uma pombagira

vou escrever numa letra ágil, fluente e minúscula, escrevendo a primeira coisa que me vem à cabeça, passando de uma coisa para a outra com a maior facilidade do mundo: sugestão de intimidade para algumas reflexões aparentemente casuais mas cheias de profundidade [o profundo é com frequência escrito casualmente]. o normal está abolido. o ritmo é a coisa principal da escrita. o que me deleita, pois, é a confusão e a fúria. **agora, estou pegando o jeito da coisa. agora, estou fazendo a batida do ritmo entrar dentro da minha cabeça na loucura do coração humano não tem fim: buscar um outro, encontrar um outro você num mundo novo nunca antes pisado.** zumbir roçando novas flores de palavras de uma sílaba só, de frases desabrigadas sob as tempestades de areia. chega mais perto [woolf, 2023, p. 61].

eu e patti smith escrevemos com os nossos mil caderninhos internos. eu e toni morrison só escrevemos sobre aquilo que sabemos muito pouco. eu e virgínia woolf escrevemos em modo ganesha: não deixamos nunca o julgamento da mente atrapalhar a nossa ficção. nossa escrita sempre espera por nós nalguma encruzilhada. eu, assim como simone de beauvoir, escrevo para ultrapassar meu caso particular e alcançar toda a humanidade, mesmo que ninguém me leia. durante muito tempo, aguardei reconhecimento para isso ou aquilo. mas lilith me deu um cascudo e eu desisti dessa ilusão. a vida é um longo caminho. partimos de um iluminado ponto zero, penetramos nas sombras de um genoma adoecido e trabalhamos para abraçar novamente aquele iluminado ponto zero de que fala o imenso e lisérgico michel foucault. o caminho é só o caminho e nós caminhamos de acordo com a alegria de nossas pernas.

solo para uma atriz – primeiro ato

o mundo é tudo que contrasta a luz enquanto eu caminho. ando entre buzinas que me azucrinam os ouvidos. olho pela janela. aprendi a sair do tempo por frestas que eu mesma abri no espaço. rapidamente, reconheço a rachadura e deslizo. é assim desde os 13 anos. o sangue desceu e eu tive uma longa conversa com as palmas das minhas mãos. descobri bem cedo que não cabia nos prévios formatos. numa brecha, me apaixonei pela palavra frustração. ela caminhou comigo por toda a juventude. achava tão bonito o som de seus múltiplos sentidos. queria, muito, me frustrar... e me frustrando adquirir várias peles para andar por entre as ruínas e teatralizar a vida no sal da terra. minhas peles produzem outros modos de estar e aumentam a minha amizade com gaia. o devir acontece numa sensação súbita entre a tireoide e o timo. mais tarde, exu me disse que é aí, entre esses dois comandos, que a gente produz mundo. produzir mundo, às vezes, é tão cansativo... as estradas não acabam... os caminhos são infinitos... a vida nos leva de roldão e nos obriga a inventar outras vozes, outros corpos, outros modos. materializo os que me são possíveis: os tons velosos da voz de minha mãe, o sorriso de canto de boca do filho, aos três anos, mamando no meu peito, o violão do meu pai, tocando sons de carrilhões. lisergias que me acompanharão até o túmulo. um amigo muito querido sempre me pergunta se eu vejo portais. eu aprendi a me enrolar numa folha para vê-los, atravessá-los e beijar o mestre bom floral que está em quietude de floresta há milhares de anos... tenho sido uma pandora que carrega a insígnia daquelas que pagam caro por serem quem são. nem toda mulher quer casar, nem toda mulher quer trepar, nem toda mulher quer um homem. umas querem navegar estrelas, outras querem boiar nas galáxias; ver a terra lá de cima... tem aquelas que querem apenas um cafezinho solitário num ensolarado fim da tarde de algum abril. mais para cima, tem as astrofísicas. de ladinho, as meio bruxas enfeitiçam veredas para suavizar esse bicho duro: o coração humano. por fim, outras milhares, não querem nada: folgazãs dos quadrantes de júpiter... folgazãs sem culpa nenhuma... eu? eu tenho sido uma pandora que, de vez em quando, se associa aos pirilampos para acender antigas liliths de contraguerra. o mundo é tudo que contrasta a luz enquanto caminho e algum dia eu vou chegar em sua porta – vinda de muito longe – e te perguntar algo sem sentido como "você está viva?" e depois vou cruzar a bruma e voltar para o lugar de onde eu vim. você me olharia com olhos esbugalhados e famintos de tempo? minha estrada é longa... eu me perdi muitas vezes no vão entre os corpos. agora, eu ando em passos lentos sob a chuva que cai na costa leste de rapsani. o mar está agitado... e se algum dia eu batesse à sua porta – vinda de muito longe – você abriria? você está viva? você

existe? entre os metais, entre as pedras, no jarro de flores, no fundo do mar, no fundo do quintal, nos quadrantes de júpiter, por cima do milharal, no zumbido do besouro, no rosa da rosa, no burburinho do rio de janeiro, na santeria comunista de cuba, na vastidão histórica de istambul, no vento rarefeito do himalaia, no terreiro de ogum, no curare de tupã, dentro do coração, fora de si: você está viva? "bilmiyorum, belki", canta uma rouca voz turca. e se algum dia eu batesse à sua porta, você abriria? você abriria... você abriria com cara de sono, cabelos desgrenhados e diria "oi vida", sorrindo de minha alma insubmissa. então, eu sussurraria: "você existe! e como você está bonita"... um dia, eu vou bater à sua porta e te acordar desse sono profundo, quando os apitos das estrelas cessarem e as naves de carga desobstruírem os portais entre o seu mundo e o meu. e, ao solo de uma cigarra, nós vamos amanhecer num porto de casas de portas vermelhas com corações vermelhos pendurados em sinos de vento. em uníssono, gritaremos aos quatro ventos: "nessa terra tem gente radicalmente viva, meu amor".

[excerto cantado: navodaya]

<https://drive.google.com/file/d/1XAH7JMN5DSUUUVXJUOIYITDKKJHAG/view?usp=sharing>

quando eu vejo, tudo acorda, amor
 vida agora pulsa
 e é coisa grande
 o corpo é todo canção
 minha alma é silêncio demais
 diz que o mundo é meio lindo, amor
 gente ri e chora na terra ainda
 o tempo no espaço é ilusão
 diz que o céu é só miração
 de onde a gente vem?
 pra onde a gente vai?
 eu não sei não
 mas, quando eu vejo, tudo acorda, amor!

zazen 15

respire fundo e lentamente, clique no link e ouça:

<https://drive.google.com/file/d/1hZIkfOKKxe03T0sJA8l46CbKnC6NDbmq/view?usp=sharing>

depois de ouvir, encerre a leitura e só volte a ela no dia seguinte.

a educação do futuro: vida e transdisciplinaridade

estudos sobre os últimos textos de deleuze, foucault, guattari e zambarado

aquilo que nunca termina não é o movimento, mas, sim, a movimentação do movimento, diz deleuze. por isso, seu último texto [assim como o de guattari, foucault e zambarado] trata dessa movimentação do que nunca acaba: vida, transdisciplinaridade, consciência sem sujeito. intrínsecas, elas sempre reativam velhas discussões sobre imanência e campo transcendental X transcendência, cuidados e técnicas de si para além de um si próprio, caminho, caminhador e o que podem as práticas de um corpo e de um cérebro no mundo.

o último texto “a imanência: uma vida...”, de deleuze, recebe a atenção de muitos pensadores. mas, sempre muito minucioso, agamben se propôs a estudá-lo à luz do último texto de foucault. para agamben, ambos estão falando da mesma coisa: viver na terra é errar. não erro, o substantivo impregnado de moralidades teológicas, mas verbo e ação de caminho e caminhador. errar: caminhar. errante: caminhante. [“**quem está na terra erra**”, diz exu].

se estamos falando de caminho que se faz ao caminhar, a velha máxima de antônio machado, dramaturgo espanhol do século dezenove, estamos falando, como a arguta leitura agambeniana diz, da entrega de uma consciência sem sujeito à transdisciplinaridade cheia de precariedades que acompanham o viver. calunga da calunga grande chama a atenção para o fato de que se entregar é sempre atravessar encruzadas que não sabemos o que são e nem como são.

agenciando charles dickens, num trecho que expõe um canalha em experiência de quase morte que deixa de ser canalha por brevíssimos segundos porque vê “algo doce”, deleuze vai pensando a vida imanente a partir desse tal “algo doce” que parece produzir uma encruza transdisciplinar capaz de alterar a personalidade do tal canalha, o *personagem conceitual* em questão. ainda que deleuze não explicita, num conceito pronto e bem-acabado como os cartesianos apreciam, o que seja esse “algo doce” [para agamben, uma decisão deliberada, assim como a escolha cheia de vãos do título], ele [o “algo doce”] vai se infiltrando na cena: suas transdisciplinaridades iluminam, mas, também, embaçam, quando derivam, e, talvez [e por isso mesmo], em *instantes-já-da-coisa*, como diz lispector, embaçada e iluminada, a coisa do canalha deixe de ser, momentaneamente, canalha para ser doçura em dickens e devir em deleuze.

reparando bem, o uso de recursos sintáticos para conseguir dizer paradigmas indizíveis [vida, consciência sem sujeito, transdisciplinaridade] é maestro em deleuze. ele inventa muitos palavrões e termos estranhos para este fim. [vide seu famoso eee]. entretanto, o uso de recursos não sintáticos é um pouco mais raro, muito embora ele mesmo peça para o leitor prestar atenção ao *agenciamento* filosófico da pontuação em sua escrita. então, a pontuação neste último texto chama a atenção logo de cara. agamben até nomeia o exercício do título de “Imanência: uma vida...” de *filosofia da pontuação*, nos conduzindo pelas sendas da arte da linguagem como arte em deleuze.

mesmo antes de saber do texto agambeniano, eu já estava disposta a ir por esse caminho porque também gosto de arte e linguagem como um voo de bruxa que pode atravessar todo e qualquer pensamento que está começando a pensar e ser pensado. o que observei é que o título pode ser lido como um poema concreto: ausência de um eu lírico, íntima relação entre a imagem, a sonoridade das palavras que formam o termo expressivo. pensando junto com agamben, os dois pontos definem rapidamente o que se quer para a palavra anterior [ali está o imã] e a reticência é brecha, interstício, intervalo e interrogação [sim, reticência quase sempre interroga]. os dois pontos também sugerem a entrega imediata e intensiva. a reticência sugere que a entrega terá sido ao que não se sabe o que é e nem como é. o que vem depois da reticência? um completo abismo desconhecido.

[entrega intensiva também é assunto recorrente em lispector e woolf].

[entrega intensiva também é assunto zen].

pensando junto com calunga da calunga grande, deleuze e spinoza, imanência exige entrega intensiva à movimentação de um movimento intensivo e sem fim.

a imanência: uma vida... o que é um campo transcendental? pura corrente de consciência a-subjetiva, consciência pré-reflexiva impessoal, duração qualitativa da **consciência sem um eu**. parece haver qualquer coisa de selvagem nisso, mas não se trata de uma sensação e, sim, da passagem de uma sensação para outra sensação: um devir. um “algo doce”. até mesmo spinoza diz de um movimento sem fim. o campo transcendental seria, então, a movimentação do movimento porque aquilo que nunca termina não é o movimento, mas a sua movimentação: a imanência: uma vida... nada mais do que isso [deleuze, 1995, p. 1].

no devir “algo doce” [*campo transcendental* da passagem de uma sensação para outra], talvez, o corpo restitua a fé no que lhe acontece e, por isso, então, o canalha possa, enfim, ver e transicionar pelas fronteiras entre a vida e a morte, arrefecendo a densidade da tríptica ilusão passado/presente/futuro. assim, o devir “algo doce” pode revelar sutilezas do instante, do agora expandido, da passagem. todavia, esse “algo doce” não é uma unidade superior das coisas e, sim, **revelações artísticas** despretensiosas desse agora expandido: um *plano de imanência* vibrátil no qual o corpo adquire impessoalidade para ir se tornando um *taru andé radicalmente vivo* que não opera a síntese das coisas, mas flui na imanência transdisciplinar e precária do instante. uma **consciência sem sujeito** de quem “todo mundo se compadece e que atinge até uma espécie de beatitude” na fronteira a-subjetiva dessa movimentação do movimento sem fim nem começo do agora expandido.

mas, note: *campo transcendental* não é o mesmo que transcendência. transcendência pressupõe um sujeito [denso e unívoco] correndo atrás de uma cenoura que ele jamais alcançará [negação e falta]. se há um sujeito, aqui, é o sujeito foucaultiano e lapoujadiano: errante, precário, arritmico, retardado, desacelerado, afirmativo. *campo transcendental* é, assim, essa consciência sem sujeito de zambarado ziguezagueando, retardando, desacelerando e sempre escapando para conspirar afetos que girarão numa espiral criativa na qual todos os seres rodam em modo intuitivo continuado.

eu sei que é um bocado trabalhoso pensar a partir dessas imagens.

por isso, evoco essas tocantes palavras fílmicas de exu para atordoar, ainda mais, o pensamento:

-consciência sem sujeito, bemtevi, é um pano de seda fina pequeno pendurado num varal sem hastes sob ação intensiva de um tornado [zambarado, belo horizonte, 1997].

-sou isso: os caminhos de sangue, as vísceras que se adentram feito labirinto, a palavra que o coração secreta. mas, depois, sou tubos de sonhos. sou essas e mais coisas de uma consciência sem sujeito [zambarado, belo horizonte, 1997, inspirado por uma leitura de jorge luis borges].

-quer saber de *campo transcendental* ou consciência sem sujeito observe a movimentação do movimento sem fim que é uma criança, bemtevi [zambarado, belo horizonte, 1997].

os recém-nascidos, em meio a todos os sofrimentos e fraquezas, são atravessados por uma vida imanente que é pura potência e, até mesmo, quase beatitude absoluta. talvez, seja, essa, a imagem mais eloquente de um campo transcendental [deleuze, 1995, p. 3].

deleuze diz, ainda, que o *campo transcendental* se distingue da experiência. eu discordo. é que deleuze fala de experiência como vida individual que é inseparável de determinações empíricas. já exu trata experiência não como determinação empírica, mas como *campo transcendental* de grau zero [assim como foucault], no qual a criança [o sujeito a-subjetivo da experiência zambaradiana ou um adulto tornado criança na agência da *infância das coisas* de souriau], entrega a ela [à experiência] aquilo que lhe é mais caro: seu próprio corpo ainda dessubjetivado no agora expandido muito presente nessa fase da vida ou tornado a-subjetivo no processo de se produzir como um *taru andé radicalmente vivo* [um *homo tantum*] desse modo, tanto em zambarado quanto em deleuze [mesmo que ele comece o texto afirmando o contrário, como lhe é próprio] a transcendência é um produto da imanência, e o que regula a relação entre elas é a errância [foucault/agamben] ou a entrega ao abismo [zambarado/calunga da calunga grande]: as passagens, as brechas [existentes ou criadas], os interstícios da matéria por onde lispector também respira.

os termos “uma vida” e “imanência”, colados pelos dois pontos, podem sugerir a vida como um sujeito. [mas só se for o de foucault!]. entretanto [deleuzeanamente], vida, aqui, não é um sujeito. imanência não é imanência à vida, mas imanência à própria imanência. por isso, os dois pontos são imãs que conferem mais imanência à própria imanência, tornando-a uma absoluta usina de alegria que denuncia implacavelmente qualquer poder, especialmente os majoritários.

já o “algo doce” se apresenta, imediatamente, como um orientalismo explícito: como se deleuze colasse ao canalha de dickens uma espécie de transpessoalidade ínfima presente no devir .

[é necessário fazer um parêntese para dizer que, segundo agamben, dickens é agenciado por deleuze neste seu último texto para que, mesmo sendo um texto curto, não haja margens para falsas interpretações de falta de profundidade filosófica].

por que um orientalismo explícito? ora o “algo doce” coloca o canalha, de modo inequívoco, numa fronteira além do bem e do mal, um território devírico de extrema impessoalidade do zen, presente nos poemas sufis de rumi, por exemplo:

há um campo sem bem nem mal, te espero lá [rumi, em “a dança da alma”, século 13].

nesse breve poema, vemos que o “algo doce” pode emergir a qualquer momento desse campo sem bem nem mal ou, se não for assim, parece possível instaurá-lo e exercitá-lo como uma *educação da* atenção de não deixar o urgente serviço de reencantar o mundo apenas para a hora do confronto com a morte.

no entanto, como produzir essas brechas de atenção e vida antes do confronto com a morte? é a pergunta de exu e deleuze.

poderíamos respondê-lo com a proposta de uma prática docente heterogênea na qual essa clínica [a instauração e o exercício de um *campo transcendental* através das artes perdidas da respiração, por exemplo] se transformasse numa didática corriqueira?

foucault, quando escreve seu último ensaio que, em verdade, é a reescrituração de um texto que ele já havia feito, a pedido de um de seus editores, está mergulhado nas coisas de seu mestre georges canguilhem, orientador de seu doutorado, querendo celebrá-lo de algum modo. revendo seu conceito de vida [que antes de “vontade de saber” é “o conjunto de funções que resistem à morte”], michel dá uma guinada, adicionando e atribuindo à vida a noção de erro.

entretanto, para agamben, mais do que um pessimismo que a palavra erro logo atrai, o que parece estar em jogo é mexer nas relações entre verdade [e, portanto, produção de mundo/mundos] e sujeito, puxando-o [o sujeito] de dentro da cumbuca do cogito. o sujeito não mais colado à produção de verdades do [e para o] mundo, mas incrustado às errâncias próprias da vida. errâncias, essas, produtoras de *outrous*. isso é, de muitas maneiras, revolucionário para todo pensamento [vida, consciência sem sujeito, *modos de existência*, transdisciplinaridade] do entorno de foucault e do que vem depois dele. a coragem de explorar essa novidade epistemológica é decisiva para deslocar as placas tectônicas da teoria do conhecimento e se torna também definitiva para o próprio foucault que traz à tona um dos seus conceitos mais transdisciplinares e mágicos [e que mais se aproxima da cosmologia de exu]: as *técnicas e os cuidados de si* como arte, criação, pensamento e ato político de um si para além de si mesmo, valiosíssimos para o catimbó zen, o laboratório de devires dessa tese.

o ocidente é viciado no plano atual, mas o oriente é intensivo. seu estatuto ontológico comporta, segundo deleuze, vastíssimos devires.

falta-nos, realmente, em geral, uma partícula de oriente, um grão de zen... iluminar é tão somente fazer de tudo e de todos um devir [deleuze, 1998, p. 73-124]

no oriente, é muito possível que uma rã azul exerça docência sobre técnicas de sonho de olho aberto e de olho fechado, por exemplo. há um plano onírico no qual quem dobra é a terra e não apenas o tempo. a terra dobrada penetra a mônada e escancara os fótons que atravessam a parede, quando o elétron passa de uma energia mais interna para uma mais externa. a vida na terra não é um universal: há sonho e lisergia por todo lado. [haja vista a lagarta bovina que vira lépida borboleta sem olhar para trás]. a morte, sim. essa parece ser o grande universal. por isso, deleuze sugere, e até mesmo induz, a produção de um *homo tantum* [um xamã de si mesmo, um *taru andé radicalmente vivo*] antes do confronto com a morte – entre o berço e o caixão como indica bergson. a sugestão ainda um pouco envergonhada em deleuze é clara dica em bergson e exu. ambas oferecem orientalismos e clínicas muito contundentes para a educação.

mas, vamos puxar guattari para essa gira. guattari concede a sua última entrevista ao *monde diplomatique* perguntando desesperadamente como reconstruir os elos perdidos entre o mundo e a humanidade que já não crê mais nem mesmo no que lhe acontece. tomemos, pois, a respiração [a terra e o céu em nós, entrando e saindo] como o *acontecimento* mais inapelável à humanação do corpo humano.

quando foi que deixamos de acreditar na respiração como um ato revolucionário?

é a pergunta que calunga da calunga grande nos faz.

-colar a cabeça no corpo e o corpo no mundo passa obrigatoriamente pela reativação das artes perdidas da respiração: acertar o passo do corpo com o passo da terra porque somente a terra pode nos prestar esse grande serviço de colar a cabeça no corpo e o corpo no mundo. mesmo seu espírito intrusivo [gaia], intuído por stengers, é uma espécie de ancoragem para experimentação sobre o amor, por exemplo, porque o amor é uma velocidade entre o corpo da terra, o corpo do mundo e o grau de humanidade do corpo humano. estamos falando de *estilizações da existência* fora do saber e do poder como diz foucault. estamos falando de ouvir a terra, como pedem zambarado e krenak. ouçam a terra! a terra é a verdadeira professora! [calunga da calunga grande, belo horizonte, 2018].

zambarado dizia haver uma tribo muito antiga de mulheres produtoras de educação e arte de remédio e que, ainda hoje, há conhecedoras dessa medicina circulando pelo planeta. mulheres capazes de digerir múltiplos alimentos, detentoras de uma transdisciplinar metodologia omnívora cheia de intervalos ficcionais que arrebetam as durezas paradigmáticas do conhecimento homogeneizante das lógicas dominantes. [woolf também fala disso]. conversas entre reinos como gradientes recombinações que fazem as linhas de partilha, criação e afeto renderem ainda mais, revelando que há muita vida criativa acontecendo nos intervalos ficcionais. ouvir a terra. ouvir essa mulher medicina. ouvir esse território artístico extremamente bem equipado para a criação e produção de educação e arte de remédio.

não há como escapar de ser um criador.

criar com o dna, com as mitocôndrias, com as glândulas, com as sinapses. criar re[e]xistindo e driblando a sedução do império que quer fazer de nós dominadores em série. criar nos aproxima da bênção comunitária, pois coabitar em gaia é uma ação lisérgica que dá muito trabalho. é necessário inventar outros sentidos para além dos cinco conhecidos. **doar para o futuro. ocupar os minúsculos. puxar os devires, respirar dentro do tempo e aguardar pacientemente, talvez até depois do desaparecimento do próprio corpo físico, que fragmentos da nossa experiência corpórea e terrena alcance seu público, seu leitor, seu vedor.**

coabitar o campo que a gente chama de vida com a arte do pensamento polímata. *levar a sério* a transdisciplinaridade. exercitar a criação de zonas autônomas, mesmo que mínimas e transitórias, para se safar da cafetinação maquinica das formações majoritárias de saber e poder.

insistir na criação como *ato de resistência* como quis deleuze. fazer terceiras margens. o nosso tempo, 30 anos depois da morte de guattari, não é o da falta de espírito, já que espírito é aquilo que respira. a questão do nosso tempo é que o corpo humano que respira está agenciado de mil maneiras pelas guerras híbridas ultrassubjetivas do hipercapitalismo que já incorporou como metodologia própria até as nossas resistências a ele, num looping assustador.

ouvir a terra. entregar-se a ela. ouvir a arte. produzir junto com ela. respirar artisticamente colados ao coração artístico de gaia como um ato revolucionário máximo capaz de alterar a substância do mundo para produzir céu ao invés de inferno sobre a face da terra.

mas, como colar a cabeça no corpo e o corpo no mundo?

como acreditar novamente no que nos acontece?

acreditar no mundo é o que mais nos falta, nós perdemos completamente o mundo, nos desapossaram dele. acreditar novamente no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapam ao controle, ou engendrar novos espaços-tempo, mesmo de superfície ou volume reduzidos [deleuze, 1990, p. 1-6].

a arte e a terra têm sido reduzidas pelo hipercapitalismo. portanto, vamos fazê-las crescer e dar a elas mais realidade! não separaremos arte de terra! não nos separaremos nem da arte nem da terra! essa separação é um desequilíbrio ecológico! ouvir a terra, colaborar com ela, criar mundos. não há como colar a cabeça no corpo e o corpo no mundo sem criação de mundos e colaboração de corpos: as eras mais alegres foram criativas, colaborativas e coabitadas. nossas luzes só fulgem, segundo spinoza, na criação, no encontro, na coexistência, na composição.

criar brechas todo santo dia!

foi o que gilles deleuze mais fez!

criou, assim como exu&spinoza.

que criações?

brechas de vida, pensamento como ação, atos de resistência, antes do confronto com a morte.

num dos trechos mais tocantes de seu último texto, deleuze diz:

a vida não deveria estar contida apenas no simples momento em que a vida individual confronta a universal morte [deleuze, 1995, p. 1-7].

deleuze parece estar falando:

não deixe para estar radicalmente vivo apenas na hora em que a morte vier confrontar seu corpo. crie o seu *homo tantum*, o seu *taru andé* agora porque criar é o único ato de resistência possível para expandir o agora [monja lib, 2020, s/p].

deleuze é uma novidade tão grande quanto exu, tão grande quanto os ciborgues de donna haraway e tão velho quanto a bruxaria contida na educação e arte de remédio das mulheres medicina e no orientalismo dos ninjas, dos samurais, dos sufis, do zen. deleuze, como disse foucault, é “a introdução a uma vida não fascista” ou como disse antônio negri “um catálogo de problemas não resolvidos”. mas eu prefiro o deleuze de ana godinho gil: “modos de vida de povos originários ao redor do mundo”. exu é o bernardo soares, de fernando pessoa, que vive todo o tempo como uma obra de arte.

estar na terra não é linear e a árvore da vida é para lá de complexa.

desse modo, essa pesquisa é um encontro infinito, um fôlego inaudito, intenso e inacabado. uma escrita que evoca e convoca energias radicais. uma linguagem reparadora para a cura: os conceitos estão vivos e operam na corrente sanguínea da tese como educação e arte de remédio. aliás, respondendo à pertinente e generosa pergunta da professora ana godinho gil, durante o exame de defesa: sim, a produção de conceitos é uma das ações filosóficas principais dessa tese: eu, exu e deleuze estamos em posição de teoria, borbulhando, fermentando e torcendo para que outros pesquisadores possam continuar modulando-os, como construto, fazendo-os crescer e amadurecer, abrindo-os ainda mais à potência do ato criativo, transformando-os em flechas endereçadas ao porvir com velocidade para atravessar as eras, como deleuze disse ser o seu desejo tantas vezes.

porém, muito embora eu e exu estejamos lidando – de modo constante e deliberado – com ficção especulativa, isso não significa que falte “realidade” ou debate político aqui. ficção não é sinônimo de falta de “realidade” ou de debate político. ao contrário, em todo espaço-tempo criado ou alterado por essa tese, leitor, vedor e espectador são lançados à responsabilidade e ao compromisso de uma cidadania cósmica que os abundantes e estranhos exercícios onto-epistemológicos de exu, e de suas existências compartilhadas, carregam. essa cidadania cósmica é o que pode ampliar nossa capacidade de compor e coexistir, exigências para enfrentar as grandes catástrofes que já estão em curso. ficção é, entre outras coisas, aqui, técnica de formação de um conhecimento sempre colegiado e provisório, e, muitas vezes, clarividente:

narrativas desobedientes que, para além do sonho de se tornarem um método macronorteador em pesquisas de ciências humanas e sociais, talvez possam funcionar como um pequeno antimanual anticartesiano para cartógrafos que queiram abraçar a metodologia das sutilezas como um conjunto de pressupostos que reivindicam um quarto logos: rupturas, regenerações e curas advindas de outras práticas científicas, outras artesanias metodológicas emancipatórias, outras germinações, linguagens e artes entre céu, terra, gaia, alma, corpo e voz, gerando outras leituras, outras escritas e, de passagem, *oxalá, corpos taru andé radicalmente vivos*.

o que interessa a essa tese é o mesmo que interessa a manóel de barros: as artes da pulga debaixo da folha atrás da árvore: mônadas quase invisíveis que ativam partes esquecidas ou subutilizadas do corpo para uma jornada de exu que deseja parir fazedores de brechas.

mas, mais uma vez, o que é exu?

exu é um griot.

e o que é um griot?

um griot é uma biblioteca de conhecimentos que se move e que tem **passagem livre de um território a outro** porque todos reconhecem nele uma qualidade de narrador de mundos [krenak, 2024, s/p, grifo meu]

exu é um remédio filosófico, um tempo de afirmação, uma epistemologia que eu tenho o prazer, a alegria e a honra de trazer – de modo ostensivamente deleuzeano – para dentro da academia, correndo todos os riscos, enfrentando todos os perigos e causando muito incômodo porque, se exu é um griot das artes da existência, ele é uma usina de transdisciplinaridades, produzindo, sem parar, *subjetividades dissidentes* que desarrumam a cena. e isso pode se tornar aterrador para o modo cartesiano de existir das universidades atuais.

e é sobre a calcificação desse modo cartesiano – e suas consequências desastrosas – que, infelizmente, ainda estão erigidas as premissas da produção de conhecimento.

a aventura de exu é, pois, combater as distorções graves causadas à produção de conhecimento pelo higiênico e muito bem acabado cogito positivista, insistindo no construto – e suas precariedades – como método científico emancipatório mais próximo da vida.

vejam só: o prefeito de nova iorque sancionou uma lei instituindo cinco minutos diários para trabalhar, nas escolas públicas, as artes da respiração como conteúdo transdisciplinar de quaisquer disciplinas. **quero viver para ver o dia em que as artes da respiração alcancem lugar de disciplina obrigatória nos currículos escolares brasileiros.**

por isso, para exu, é imprescindível a recondução do conhecimento mágico antigo, das cosmologias ancestrais e da imanência do pensamento imanente [desde spinoza], à mesa colegiada da produção de conhecimento.

a isso, eu e exu estamos chamando de estudos pós-deleuzeanos.

nos estudos pós-deleuzeanos, os saberes complexos de uma tese [suas medicinas, suas filosofias como modo de vida, suas transdisciplinaridades, suas metodologias artesanais e emancipatórias] são valores importantes e desejados pela universidade [seus editais, seus concursos, suas bancas examinadoras], construindo estradas para que o jovem doutor possa fazer da docência uma utopia realizável de sua pesquisa.

assim como italo calvino, se eu

pudesse escolher um símbolo votivo para saudar o milênio, escolheria sempre este: o salto ágil, polissêmico e imprevisto que o poeta-filósofo dá no presente. nas sutilezas desse salto estão os segredos que podem modificar o mundo [calvino, 1990, p. 26-27].

é dando um salto no presente que essa tese abre faixas de realidade para cumprir o epistêmico dever onto-metodológico de mostrar, como isabelle stengers, que outra ciência é possível e que essa outra ciência possível já está entre nós há milênios: é a ciência dos povos ancestrais ao redor do mundo! é em existência compartilhada com as cosmologias ancestrais que extraio os desígnios filosóficos da metodologia das sutilezas e produzo o cauim desse catimbó zen para dar um salto no presente e oferecer o inalienável direito à experiência para seguir fabricando outros modos de viver e de sistematizar o conhecimento, operando conceito e educação como medicina. em deliberado nomadismo, vou montando e desmontando essa transdisciplinar jornada de exu, essa educação para o futuro, essa itinerante escola autônoma de arte, filosofia e ciências divinatórias, convocando os corpos para se tornarem *taru andé* radicalmente vivos.

e é disso que trata o último texto de zambarado:

-honre a sua encarnação, bemtevi, afinal pandora sorriu, eva bebeu um chá que lhe deu coragem para enfrentar a misoginia dos deuses e lilith segue atualizando a potência do feminino para perseverar a vida na terra, segue perguntando se vocês ainda se lembram onde nasce a pulsão revolucionária. e lá se foram muitos mil anos. vamos propor novas assembleias constituintes? em cada rua, cada casa, cada quintal, cada picada de caminho do vale do jequitinhonha, cada córrego, cada rio, cada corredor das tais universidades. vamos refundar os corpos e instaurar o sorriso de pandora, a psicodelia de eva e a lembrança de si mesma de lilith. vamos instaurar úteros! inclusive nos homens! cuidemos de atravessar o possível ínfimo de um corpo, uma casa, um quintal, uma rua, um corredor, uma sala de aula, um vale do jequitinhonha. o inferno já é aqui. o capitalismo devora o planeta numa velocidade que ultrapassa o questionável poder de vocês de “fazer alguma coisa”. já tem tempo que vocês estão fazendo “alguma coisa”, mas a terra segue sendo destruída. todo mundo com algum letramento filosófico já sabe que os poderes dominantes controlam tudo. portanto, escrever é decisivo para construir outras faixas de realidade. escreva em alerta, pois é um terreno perigoso. se você estiver escrevendo junto com exu, então, pode ser que tenha que escrever com uma gota de sangue na ponta da espada [a sua caneta]. por que estou falando isso? estou falando isso porque, para pensar outros mundos, é necessário outras escritas, outras palavras, outras insistências, outros modos. insista nas suas escrituras lisérgicas. bata paô para a terra. a terra é a professora. deponha todos os outros mestres. fique com a terra. continue escrevendo com a lembrança de que você e a terra estão suspensas no ar! eu não conheço imanência mais absoluta do que essa. eu não sei de nenhuma alegria maior do que essa [exu zambarado, belo horizonte, 1998].

meditatio

o que alguém precisaria fazer para trazer a mulher à vida como escritora nata de ficções que ela é era pensar de forma poética e prosaica ao mesmo tempo, mantendo-se assim em contato com a realidade – que ela é a sra. martin, tem trinta e seis anos, está vestida de azul, usa chapéu preto e sapatos marrons. mas sem perder de vista a ficção – que elas são o receptáculo para o qual todo tipo de espíritos e forças ruma e pelo qual passam rápida e perpetuamente. mas elas não tinham dinheiro e muito menos um teto e, pior, se casavam antes mesmo de saírem dos cueiros. assim, teria sido extremamente incomum que elas pudessem ter escrito as ficções geniais de shakespeare mesmo sendo elas já genialmente ficcionistas em si mesmas.

[virgínia woolf, em “um teto todo seu: a mulher e a ficção”, 2014, p. 67]

meu corpo não se deixa reduzir tão facilmente. ele tem fontes próprias de fantástico; possui lugares sem lugar e lugares mais profundos e ainda mais obstinados que a alma, que o túmulo, que o encantamento dos mágicos. possui caves, celeiros, abrigos obscuros e plagas luminosas. minha cabeça, por exemplo, ah minha cabeça: estranha caverna aberta; cidade do sol de onde saem todos os lugares possíveis. meu corpo está de fato ligado a todos os lugares do mundo, mas sempre em outros lugares que não o mundo. o corpo é um ponto zero do mundo.

[michel foucault, em “o corpo utópico: as heterotopias”, 2013, p. 10-16]

-eu quero conhecer o amor, disse bemtevi.
 -sim. mas, você está preparada?
 -prontinha.
 -mesmo?
 -sim, suspirou bemtevi, quase em êxtase...
 -então vamos começar pela indistinção.
 -indistinção?
 -sim, suspirou o exu, indistinção.
 -como assim, indistinção, zambarado?
 -você não sabe o que é indistinção?
 -sei, mas...
 -sem mas, suspirou o exu, sem paciência...
 -é que...
 -sem é que, suspirou ainda mais...
 -eu não sei o que é indistinção.
 -indistinção: qualidade do que é indeterminado.
 -nossa! mas o que o amor tem a ver com isso, zambarado?
 -você não sabe?
 -não.
 -o amor só pode acontecer na indistinção. o poder elege. o amor, não. a menos que se ame tudo e todos não há como conhecer o amor. amor não é apenas para os escolhidos. é para todos. qualquer todos. qualquer outro: sem distinção. essa é a sua beleza: a diferença, a liberdade. entretanto, é serviço dionísíaco e extremamente trabalhoso, suspirou o exu...
 -não sei nem por onde começar...
 -comece marcando insistentemente no genoma a noção de passagem. está tudo passando. pássaro passa, bemtevi. entre o berço e o caixão, viva sendo apenas mais um mero passarinho que passa... adeus, bemtevi, até um dia!

[zambarado, diálogos com bemtevi, belo horizonte, 1999]

nós yanomamis, quando queremos conhecer as coisas, nos esforçamos para vê-las no sonho. esse é o nosso modo de ganhar conhecimento. foi seguindo esse costume que eu aprendi a ver. quando ainda não era xamã, eu não sabia sonhar. então, pedi aos xamãs mais velhos de minha casa que me transmitissem os cantos dos *xapiri* para poder sonhar. é assim que os habitantes da floresta estudam. depois de ter me tornado xamã, ampliei meu pensamento. nunca durmo sem cantar o canto dos *xapiri*. ainda tenho muito que aprender, pois os *xapiri* são inúmeros e seus cantos, infinitos. meu pensamento ainda está procurando, mas eu já vejo os *xapiri* amarrando suas redes em minha casa de espíritos. antes da chegada dos brancos, havia muitas casas de espírito. hoje, muitas estão vazias. será que os brancos conseguirão obscurecer tanto o pensamento a ponto de os *xapiri* pararem de vir? isso me causará muita tristeza, pois as palavras dos *xapiri* são muito antigas, mas sempre nos renovam. seu papel é o nosso pensamento que, desde tempos muito antigos, se tornou um livro que nunca acaba. é assim que nós estudamos: a gente vê aquilo que fala.

[davi kopenawa, em “a queda do céu”, 2010, p. 455-466]

-lisarb vai te orientar, disse a pombagira com ares de docência.
 -lisarb... lisarb é demais!
 -eu também acho. ela é um mosca muito folgazã. peça a ela para intensificar os
 exercícios em z para começar abrir brechas antes de você saltar.
 -saltar?
 -sim. você não quer fazer filosofia como bob dylan faz canções?
 -é o que eu mais quero!
 -então, é necessário um “salto no presente”.
 -pela janela?
 depois disso, maria navalha sempre voltava...
 -pela janela, navalha?
 eu sempre insistia.
 -eu já te contei como artaud conheceu kaleidos?
 ela sempre mudava de assunto, me olhando através de seus óculos de aros vermelhos
 muito grossos.
 -não. você ainda não me contou.
 -kaleidos instalou um devir no ouvido esquerdo de artaud. toda vez que artaud escuta,
 eriçam mundos nos cabelinhos de um dos tubos auriculares dele.
 -é por isso que ele diz que escutar dói!
 -escutar é um agenciamento. você, por exemplo, agencia as moscas e é agenciado por
 elas. tudo em z de zen.
 -dói, mas faz arte.
 -dói, mas faz filosofia.
 -pela janela, navalha?
 -sim, gilles, sempre pela brecha.
 -e o corpo, navalha?
 -agora, você não é mais nem o corpo!
 então, eu voei.

[gilles deleuze, diálogos com maria navalha – a pombagira brasileira, s/d]

falta-nos, realmente, em geral, uma partícula de
oriente, um grão de zen... iluminar é tão somente
fazer de tudo e de todos um devir.

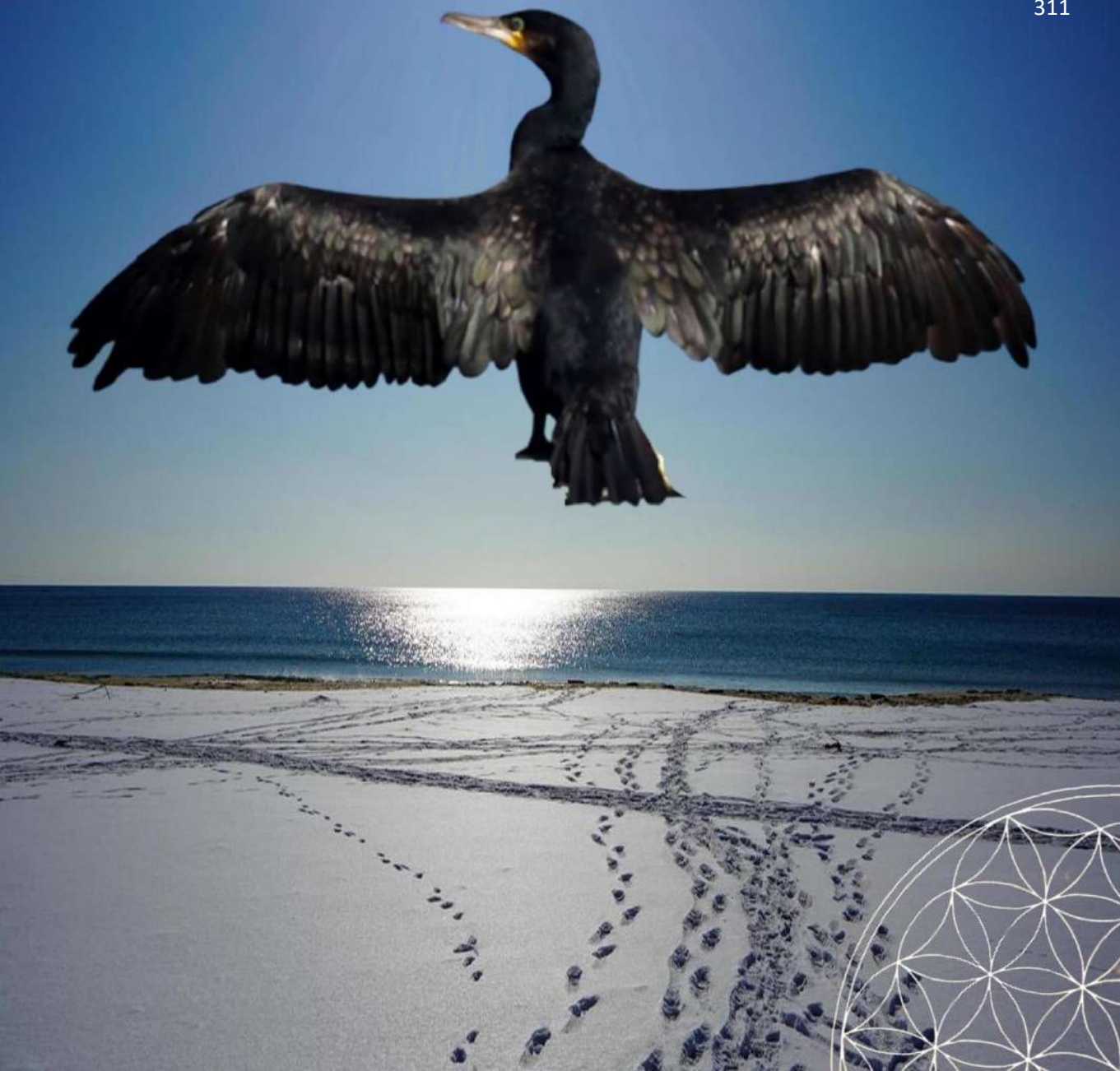
[gilles deleuze, em “diálogos com claire parnet”,
1998, p. 73-124]

realize 11 respirações completas lentamente, clique no link e ouça:

https://drive.google.com/file/d/1znHCKaCB-GmnFlpH0_NRQvzayH-dPOI1/view?usp=sharing

depois de ouvir, respire fundo e lentamente.

laroyê! você encerrou uma jornada de exu!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANTES E DEPOIS DE TUDO E SEMPRE E E E COM COM COM

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. 183 p.

AGAMBEN, Giorgio. **Coisas que vi, ouvi, aprendi...** Belo Horizonte: Âyiné, 2023. 80 p.

AGAMBEN, Giorgio. **Signatura rerum: sobre o método**. São Paulo: Boitempo, 2019. 176 p.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 168 p.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 145 p.

BARBBAULT, Anne. **Introdução à Astrologia**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985. 301 p.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980. 112 p.

BARTHES, Roland. **O grão da voz**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 526 p.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**. Petrópolis: Vozes, 1986. 204 p.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 290 p.

BLANQUI, Auguste. **A eternidade conforme os astros**. São Paulo: Iluminuras, 2018. 136 p.

BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 160 p.

BORGES, Jorge Luis. **O Aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 156 p.

BORGES, Jorge Luis. **O outro, o mesmo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 230 p.

CALUNGA DA CALUNGA GRANDE, Exu. **Cadernos de sábado: vida, sonho e filosofia**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 2014-2023, vol. 1-11. Org. Déa Trancoso&Monja Lib. 430 p.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 144 p.

CALVINO, Italo. **Todas as cosmicômicas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023. 366 p.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro: notas sobre o catimbó no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1951. 196 p.

CASTIANO, José P. **Referenciais da filosofia africana: em busca da intersubjectivação**. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira, 2010. 253 p.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A floresta de cristal: notas sobre a ontologia dos espíritos amazônicos**. São Paulo: Cadernos de Campo/USP, 2007. 20 p.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 288 p.

CASTRO, Rita de Almeida. **Ser em cena, flor ao vento: etnografia de olhares híbridos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 245 p.

CAVARERO, Adriana. **Vozes plurais: filosofia da expressão vocal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 312 p.

COCCIA, Emanuele. **Astrologia do futuro**. Grupo Flume. Disponível em: <https://grupoflume.com.br/index.php/2020/11/07/a-astrologia-do-futuro-de-emanuele-coccia-versao-em-porugues/>. Acesso em: dez. 2020.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020. 226 p.

CORBAN, Alan; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2011. 616 p.

DELEUZE, Gilles. **Abecedário de A a Z**. Paris: Éditions Montparnasse, 1995. 73 p.

DELEUZE, Gilles. **Ato de criação: palestra**. São Paulo: Folha de São Paulo, 1999. 15 p.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999. 142 p.

DELEUZE, Gilles. **Cartas e outros textos**. Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 320 p.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. 219 p.

DELEUZE, Gilles. **Diálogos com Claire Parnet**. São Paulo: Escuta, 1998. 184 p.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017. 432 p.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 144 p.

DELEUZE, Gilles. **Imanência: uma vida**. Último texto publicado. Paris, n. 47, p. 3-7, set. 1995. Disponível em: <https://sergiolimanastasi.wordpress.com/2011/11/19/o-ultimo-texto-de-gilles-deleuze-a-imanencia-uma-vida/>. Acesso em: 21 dez. 2012.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976. 90 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 4.** São Paulo: Editora 34, 1997. 207 p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia.** São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. 160 p.

FIGUEIRÓ, Lori. **Cotidianos no sagrado do Vale.** Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2016. 122 p.

FIGUEIRÓ, Lori. **Eva de Jesus: o fazimento da farinha.** Curitiba: Editora UFPR, 2021. 30 p.

FIGUEIRÓ, Lori. **Mulheres do Vale.** Belo Horizonte: Ramalhete, 2021. 180 p.

FIGUEIRÓ, Lori. **O espelho das lembranças.** Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2016. 100 p.

FIGUEIRÓ, Lori. **Reflexos ao calor do Vale.** Belo Horizonte: Gaia Cultural, 2014. 128 p.

FIGUEIRÓ, Lori. **Sacralização do cotidiano.** Belo Horizonte: Ramalhete, 2020. 24 p.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um cachimbo.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. 88 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017. 432 p.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico.** São Paulo: N-1 Edições, 2013. 29 p.

FOUCAULT, Michel. **Vida: experiência e ciência.** Último texto trabalhado. Revista de Metafísica e Moral, no. 90, ano I, Canguilhem, janeiro-março de 1985, p. 3-14. Disponível em: <https://www.generation-online.org/p/fpfoucault10.htm>. Acesso em: 21 set. 2012.

GALVÃO, Ramiz. **Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega.** Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1994. 608 p.

GIL, Ana Godinho. **Da graça ou imanência: o lugar onde se habita.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h3aeAxpXCbE&t=2426s>. Acesso em: 11 dez. 2020.

GIL, Ana Godinho. **Linhas do estilo: estética e ontologia em Gilles Deleuze.** Lisboa: Relógio D'Água, 2007. 250 p.

GIL, José. **Fernando Pessoa, ou a metafísica das sensações.** São Paulo: N-1 Edições, 2020. 240 p.

GIL, José. **O espaço interior.** Queluz de Baixo: Editorial Presença, 1994. 100 p.

GIL, José. **O movimento total: o corpo e a dança.** São Paulo: Iluminuras, 2020. 208 p.

GRANDPIERRE, Attila. **Rumo a uma filosofia de vida cósmica: novas discussões e visões interdisciplinares**. Berlim: Springer, 2023. Kindle. 2229 KB.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990. 56 p.

GUATTARI, Félix. **Máquina Kafka**. São Paulo: N-1 Edições, 2022. 76 p.

GUATTARI, Félix. **Por une refondation des pratiques sociales**. Última entrevista concedida. Monde Diplomatique, 1992. Disponível em: <https://www.monde-diplomatique.fr/1992/10/GUATTARI/44749> . Acesso em: 10 out. 2022.

HOFMANNSTAL, Hugo. **As palavras não são desse mundo**. Veneza: Editora Âyné, 2020. 120 p.

INGOLD, Tim. **Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia**. Porto Alegre: Revista Educação, 2016. 404-411 p. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690/15179>. Acesso em: 27 mar. 2020.

INGOLD, Tim. **Da transmissão de representações à educação da atenção**. Educação, 2010. 1-20 p. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/6777>. Acesso em: 27 mar. 2020.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019. 392 p.

INGOLD, Tim. **Um mundo sem objetos**. Rio de Janeiro: Transaberes. Aula virtual pelo Youtube, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AROYrLwIUuE&t=7818s>. Acesso em: 12 jan. 2023.

KRENAK, Ailton. **Colóquios com Sidarta Ribeiro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>. Acesso em: 24 mai. 2020.

KRENAK, Ailton. **Conversas na rede com Viveiros de Castro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw>. Acesso em: 10 out. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 90 p.

KRENAK, Ailton. **Programa Provoca**. TV Cultura. Fundação de Padre Anchieta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dBk8gk-cOec>. Acesso em: 6 ago. 2019.

KRENAK, Ailton. **Programa Roda Viva**. TV Cultura de São Paulo/Fundação Padre Anchieta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4>. Acesso em: 19 abr. 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 729 p.

LAPOUJADE, David. **Arte e vitalidade**. Aula virtual e presencial por ocasião do aniversário de 10 anos da N-1 Edições, 2022. Atelier Paulista. São Paulo. S/p.

LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017. 128 p.

LINS, Daniel. **Bob Dylan, a liberdade que canta: ensaio**. Posfácio de Jean-Luc Nancy. Goiânia: edições Ricochete, 2017. 576 p.

MELVILLE, Herman. **Bartleby, o escrivão**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995. 86 p.

NANCY, Jean-Luc. **58 indícios sobre o corpo**. Revista UFMG, no. 1 e 2, v. 19. 42-57 p.

NEGRI, Antônio; HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005. 501 p.

NICOLATO, Marcello. **O imperfeccionista: a história de Yan Guest**. Filme disponível em: <https://globoplay.globo.com/o-imperfeccionista/t/KmgF2rxFtn/>. Acesso em: 21 set. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Lafonte, 2017. 287 p.

NOVELLO, Mário. **Do big bang ao universo eterno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 132 p.

NOVELLO, Mário. **O universo inacabado**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

PESSOA, Fernando. **136 pessoas de Pessoa**. São Paulo: Tinta-da-China Brasil, 2017. Edição de Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari. 736 p.

QI, Tang. **To the sky kingdom: literatura wuxia, baseada nos ensinamentos do Imperador Amarelo e em elementos divinos do Tao**. Kindle Edition: Amazon Crossing, 2016. 460 p.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 464 p.

RIBEIRO, Sidarta. **Sonho manifesto**. São Paulo: Companhia das Letras., 2022. 206 p.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 208 p.

ROVELLI, Carlo. **A ordem do tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 192 p.

ROVELLI, Carlo. **A realidade não é o que parece**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017. 290 p.

ROVELLI, Carlo. **Sete breves lições de física**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. 96 p.

SANTIAGO, Luís. **O Vale dos boqueirões: história do Vale do Jequitinhonha**. Almenara: Boca das Caatingas, 1999. 380 p.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2018. 232 p.

STENGERS, Isabelle. **Notas introdutórias para uma ecologia de práticas**. Revista Usina de 14 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://revistausina.com/2022/12/14/notas-introdutorias-para-uma-ecologia-das-praticas/>. Acesso em: 14 dez. 2022.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023. 216 p.

SOURIAU, Étienne. **Diferentes modos de existência**. São Paulo: N-1 Edições, 2020. 192 p.

SOURIAU, Étienne. **O cubo e a esfera: o teatro e sua estética**. Volume 2. Org. Redondo Júnior. Lisboa: Editora Arcádia, s/d. p 31-55. PDF.

SPINOZA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 176 p.

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 240 p.

TAVARES, Gonçalo M. **Atlas do corpo e da imaginação: teoria, fragmentos e imagem**. Porto Alegre: Dublinense, 2021. 528 p.

TAYLOR, Diana. **Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2023. 200 p.

TRANCOSO, Déa. **Exu: filosofia e produção**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999, vol. 1-21. 881 p.

TRANCOSO, Déa. **Tum tum tum: encarte CD**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Discos, 2006. 20 p.

TRANCOSO, Déa. **Metodologia das sutilezas: releituras autóctones da filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999. 35 p.

TRANCOSO, Déa. **Zambarado e Bemtevi: artes da existência, artes da presença**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999. 21 p.

TRANCOSO, Déa. **O mastro é o centro do mundo: a cosmologia de João do Lino Mar, Capitão dos Catopês de Nossa Senhora do Rosário de Bocaiúva, Minas Gerais**. Dissertação de mestrado disponível em: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/2003>. Acesso em: 27 mar. 2020.

TUGNY, Rosângela. **Cantos e histórias do gavião-espírito**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009. 512 p.

UNO, Kuniichi. **Artaud: pensamento e corpo**. Tese de doutorado defendida em 1980 e orientada por Gilles Deleuze. São Paulo: N-1, 2022. 280 p.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014. 192 p.

WUNDER, Alik. **Ouvir palavras, ler imagens, desenhar escritas: sopros indígenas em uma Universidade**. Jenipapos: diálogos sobre viver. Edição especial. Org. Daniel Munduruku, Darlene Yaminale Taukane, Isabella Rosado Nunes, Maurício Negro. Itaú Social, 2022. 52-61 p.

ZAMBARADO, Exu. **Cadernos filosóficos**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999, vol. 1-16. Org. Déa Trancoso&Bemtevi. 480 p.

ZAMBARADO, Exu. **Cadernos de sonhos**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 1995-1999, vol. 1-16. Org. Déa Trancoso&Bemtevi. 430 p.

ZÉ MULATINHO, Exu. **Processos ancestrais de camponagem para Exu**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 2012. Org. Déa Trancoso&Papoula. 21 p.

ZÉ PELINTRA, Exu. **Colóquios breves: pequenas notas supervisionadas por Tranca Ruas**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Edições, 2022. Org. Déa Trancoso&Nordestina. 11 p.

ZUNTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 324 p.

ZUNTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 354 p.

2. INTENSIVAS-RESSONANTES-IMEDIATAS

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 104 p.

AGAMBEN, Giorgio. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. 365 p.

AGAMBEN, Giorgio. **Autoritratto nello studio**. Milão: Nottetempo, 2017. 175 p.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. 191 p.

BÖHME, Jacob. **Textos completos**. Clube de Autores, 2022. 523 p.

CUMINO, Alexandre. **Exu não é o diabo**. Madras Editora, 2022. 192 p.

BERGSON, Henri. **Memória e vida: textos escolhidos por Gilles Deleuze para a abertura da VIII Conferência da Universidade de Paris**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 96 p.

BERGSON, Henri. **Riso: ensaio sobre o significado do cômico**. São Paulo: Edipro, 2018. 128 p.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2005. 202 p.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997. 171 p.

- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998. 342 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**. São Paulo: Editora 34, 2010. 552 p.
- EVANS-WENTZ, Walter. **O livro tibetano dos mortos**. São Paulo: Pensamento, 2020. 336 p.
- GAYOTTO, Lúcia Helena. **Voz: a partitura da ação**. São Paulo: Plexus Editora, 1998. 136 p.
- HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema**. São Paulo: N-1 Edições, 2023. 364 p.
- KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 128 p.
- KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 129 p.
- INGOLD, Tim. **Linhas: uma breve história**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022. 232 p.
- LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: N-1 Edições, 2015. 319 p.
- LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. São Paulo: N-1 Edições, 2017. 129 p.
- LAPOUJADE, David. **William James, a construção da experiência**. São Paulo: N-1 Edições, 2017. 130 p.
- LATOUR, Bruno. **Diante de Gaia**. São Paulo: Ubu Editora, 2020. 480 p.
- LEIBNIZ, G. W. **A monadologia e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2009. 120 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 456 p.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. Campinas: Papirus Editora, 1990. 336 p.
- MIGNOLO, Walter. **Decolonialidade como o caminho para a cooperação**. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Edição 431. Novembro de 2013.
- MIGNOLO, Walter. **O Pensamento decolonial: desprendimento e abertura**. In “El giro decolonial Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global”, de Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds). Nómadas (Col), no. 27, outubro de 2007, Universidad Central, Bogotá.
- NESTOR, James. **Respire**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. 380 p.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. 184 p.
- PENROSE, Roger. **Sombras da mente: em busca pela ciência perdida da consciência**. São Paulo: Editora Unesp, 2021. 576 p.

PRANDI, Reginaldo (org.). **Encantaria Brasileira: o livro dos Mestres, Caboclos e Encantados**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001. 383 p.

RANCIÈRE, Jacques. **Políticas da escrita**. São Paulo: Editora 34, 1995. 255 p.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas do poeta sobre a vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 272 p.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 384 p.

SILVA, Rubens Alves da. **Entre o espetáculo musical e a tradição ritual: restaurações da memória do Rei Galanga**. Culture-Kairós: Paris, n. 2261, p. 1-15, dez. Disponível em: <https://revues.mshparisnord.fr/cultureskairos/pdf/1431.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

TSÉ, Lao. **Tao te ching: o livro do caminho e da virtude**. Rio de Janeiro: Sociedade Taoísta do Brasil, 1993. 90 p.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas: Vera Maria Candau (org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. 228 p.

WALSH, Catherine. **Colonialidade e Pedagogia Decolonial: para pensar uma Educação Outra**. Arizona State University: AAPE, 2018, vol. 26, no. 83. Disponível em: https://www.academia.edu/37099996/Colonialidade_e_Pedagogia_Decolonial_Para_Pensar_uma_Educa%C3%A7%C3%A3o_Outra. Acesso em: 2 set. 2020.

WOOLF. Virgínia. **As ondas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023. 258 p.

WOOLF. Virgínia. **A arte da brevidade: contos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 136 p.

UNO, Kuniichi. **Hijikata Tatsumi**. São Paulo: N-1 Edições, 2018. 232 p.

VARGENS, Meran. **A voz articulada pelo coração**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013. 240 p.

3. PRINCIPAIS

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 210 p.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 78 p.

BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Brasília: Editora UnB, 2013. 84 p.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2010. 98 p.

CUNHA, João Paulo; RIBEIRO, Ludmila; Titane (Org). **Estado de arte: João das Neves e Minas Gerais**. Belo Horizonte: Titane, 2021. 405 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector**. Belo Horizonte: Relicário, 2021. 76 p.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Editora 34, 2016. 72 p.

GLEISER, Marcelo. **O caldeirão azul: o universo, o homem e seu espírito**. Rio de Janeiro: Record, 2019. 224 p.

GRANDPIERRE, Attila. **Biologically organized quantum vacuum and the cosmic origin cellular life**. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/267094114_Biologically_Organized_Quantum_Vacuum_and_the_Cosmic-Origin_of_Cellular_Life. Acesso em: 21 dez. 2020.

GREINER, Christine. **Fabulações do corpo japonês**. São Paulo: N-1 Edições, 2017. 160 p.

LÁSZLÓ, Ervin. **A ciência e o campo akáshico**. São Paulo: Cultrix, 2015. Kindle. 1444 KB.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2018. 360 p.

OLIVEIRA, Marcelo. **Estórias de luz: narrativas fotográficas do Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2009. 112 p.

OLIVEIRA, Marcelo. **Estórias de luz 2: outra narrativa fotográfica do Vale do Jequitinhonha**. Belo Horizonte: Tum Tum Tum Produções, 2012. 120 p.

ROSA, Luiz Pinguelli. **Tecnociências e humanidades – velhas questões, novos paradigmas: Newton e o mundo moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 452 p.

SACKS, Oliver. **Alucinações musicais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 368 p.

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes**. São Paulo: Cosac Naif, 2015. 213 p. PDF.

4. COMPLEMENTARES

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010. 492 p.

BARTH, John. **The last voyage of somebody the sailor**. São Paulo: Paperback, Martins Fontes, 2016. 573 p.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política – “o narrador”**. São Paulo: Brasiliense, 2012. 197-221 p.

BLAVATSKY, Helena Petrovna. **A doutrina secreta: volume I – cosmogênese**. São Paulo: Pensamento, 1980. 340 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre experiência e o saber de experiência**. Conferência proferida no I Seminário Internacional de Educação de Campinas, traduzida e publicada, em julho de 2001, por Leituras SME. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.

COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas**. Florianópolis: Cultura e Barbárie Editora, 2018. 160 p.

EINSTEIN, Albert. **A teoria da relatividade: sobre a teoria da relatividade especial e geral**. Porto Alegre: L, 2016. 192 p.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Ponta Grossa: Editora Monstros dos Mares, 2020. Edição artesanal comemorativa em papel vergê. 88 p.

HERRIGEL, Eugen. **A arte cavalheiresca do arqueiro zen**. São Paulo: Editora Pensamento, 1975. 95 p.

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017. 252 p.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2007. 144 p.

KLEIST, Heinrich Von. **Sobre o teatro de marionetes**. Revista USP, n. 17, p. 196-201, 1993.

JOB, Nelson. **A ontologia onírica**. Rio de Janeiro: Cassará, 2013. 254 p.

JOB, Nelson. **Vórtex: modulações na Unidade Dinâmica**. Rio de Janeiro: Edite, 2021. 132 p.

LEÃO, Lúcia. **Memória e método**. Anais do 15º. Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, Universidade de Brasília, p. 118-127. 2016.

LORCA, Federico García. **Juego y teoría del duende**. Biblioteca Virtual Universal. Disponível em: <https://biblioteca.org.ar/libros/1888.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2020.

LUCAS, Glauro. **“Vamo fazer maravilha!”: avaliação estético-ritual das performances do Reinado pelos congadeiros**. Per Musi, Belo Horizonte, v. 201, n. 24, p. 62-66, mar. 2016.

MAGNANI, Maria Cláudia Almeida Orlando. **Sibilas: da Babilônia ao Brasil**. Revista Portuguesa de Humanidades, Braga, v. 20, p. 115-128, mar. 2016.

MARQUES, Dércio. **Segredos vegetais: uma dramaturgia musical**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dwi5U1vi9Xw>. Acesso em: 27 mar. 2020.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, 1997. 252 p.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna**. São Paulo: Summus Editorial, 2022. 128 p.

- MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 243 p.
- NISBET, Robert. **A sociologia como forma de arte**. Plural Sociologia (USP), n. 7, p. 111-130, fev. 2000.
- PELBART, Peter Pál. **Ensaio do assombro**. São Paulo: N-1 Edições, 2019. 304 p.
- PESSOA, Fernando. **Poesia completa de Alberto Caieiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 264 p.
- PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. São Paulo: Globo, 2006. 323 p.
- QUIJANO, Aníbal. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. In A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Argentina (Ciudad Autónoma de Buenos Aires): Colección Sur Sur, CLACSO, 2005.
- RICARDO, Beto; RICARDO, Fanny. **Povos indígenas no Brasil: 2006-2010**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. 763 p.
- ROSA, João Guimarães. **O recado do morro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. 53 p.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 240 p.
- SARAMAGO, José. **A bagagem do viajante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 207 p.
- SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**. São Paulo: Editora Global, 2003. 240 p.
- TAYLOR, Diana. **Arquivo e repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: UFMG, 2013. 430 p.
- TORRES, Mônica; OLIVEIRA, Marcelo; GIFFONI, Marcelo. **Manuscritos: cadernos de músicas devocionais**. Rio de Janeiro: Catopês Devocionais, 2002. 23p.
- TORRES, Mônica; OLIVEIRA, Marcelo; GIFFONI, Marcelo. **Manuscritos: Catopês de Bocaíúva – dança, música e resistência**. Rio de Janeiro: Catopês Devocionais, 2002. 100 p.